

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO  
RAMO C: MEDIAÇÃO PATRIMONIAL

A cidade criativa e o  
patrimônio cultural: a Casa  
da Memória Italiana em  
Ribeirão Preto – SP, Brasil  
Nicole Aparecida Santos  
Abbondanza Toth

**M**

2016



**Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth**

**A cidade criativa e o patrimônio cultural: a Casa da Memória  
Italiana em Ribeirão Preto – SP, Brasil**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Patrimônio, orientada pela  
Professora Doutora Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2016





A cidade criativa e o patrim6nio cultural: a Casa da Mem6ria  
Italiana em Ribeir6o Preto – SP, Brasil

Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth

Disserta7o realizada no 6mbito do Mestrado em Hist6ria e Patrim6nio, orientada pela  
Professora Doutora Maria In6s Ferreira de Amorim Brand6o da Silva

Membros do J6ri

Professora Doutora Maria Helena Cardoso Osswald  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria In6s Ferreira de Amorim Brand6o da Silva  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor S6rgio Gon7alo Duarte Neto  
Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do S6culo XX (CEIS20) – Universidade  
de Coimbra

Classifica7o obtida: 18 valores

*Dedicatória*

*Ao meu querido marido Ighor Toth*

*Aos meus pais e irmã, Iara, Waldomiro e Giovana*

*Abbondanza*

*À memória de meus avós, em particular à Anna*

*Abbondanza*



## Sumário

Agradecimentos.....	9
Resumo.....	11
Abstract .....	12
Índice de ilustrações.....	13
Índice de quadros .....	15
Lista de abreviaturas e siglas.....	16
Introdução .....	18
Capítulo 1 – Ribeirão Preto – formação da cidade e mudanças da paisagem.....	24
1.1 Formação da cidade.....	24
1.2 O Café .....	28
1.3 A indústria, o comércio e a prestação de serviços .....	32
1.4 Desenvolvimento urbano e cultural de Ribeirão Preto.....	37
1.5 Imigração Italiana e Crescimento Populacional – o capital humano .....	42
1.6 População de Ribeirão Preto – séculos XX e XXI.....	48
Capítulo 2 – As Cidades Criativas e o Patrimônio Cultural.....	53
2.1 Cidades Criativas – alguns conceitos correlacionados.....	54
2.2 A Gestão e Preservação do Patrimônio Cultural e Criatividade.....	63
2.3 Ribeirão Preto Criativa: quais as potencialidades da cidade? .....	69
Capítulo 3 – Planejamento Criativo: a Casa da Memória Italiana .....	83
3.1 História e Memória: o patrimônio imaterial.....	83
3.1.1. O patrimônio material.....	89
3.2 Gestão e Mediação Patrimonial/Cultural – O Museu Casa.....	91
3.3 Museus e Criatividade.....	105
3.4 Propostas Criativas: dar vida e promover experiências.....	109
Considerações Finais.....	115
Referências Bibliográficas .....	120
Anexos.....	142
Anexo 1: Cartas entregues à Diretoria da Casa da Memória Italiana.....	143
Anexo 2: Entrevista com Adriana Silva.....	145
Anexo 3: Entrevista com Maurílio Biagi Filho .....	158
Anexo 4: Entrevista com Antônio Henrique Sartore.....	170
Anexo 5: Termo de cessão de direitos de uso de material transcrito – Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração.....	177

Anexo 6: Mapas da evolução da cidade de Ribeirão Preto .....	183
Anexo 7: Tabelas - População.....	190
Anexo 8: Lista de bens culturais tombados e em processo de tombamento, em Ribeirão Preto .....	192
Anexo 9: Gráfico sobre a avaliação da importância das ações culturais propostas para Ribeirão Preto .....	203
Anexo 10: Árvore genealógica da família Meirelles.....	204
Anexo 11: Entrevista realizada pela Casa da Memória Italiana com Francisco Machado de Souza Neto, sua esposa Regina Maria Carvalho e filhas Maria Marta e Carmem Rita .....	207
Anexo 12: Plantas originais da Casa da Memória Italiana.....	216
Anexo 13: Árvore genealógica da família Biagi .....	224
Anexo 14: Memórias escritas por Maria Augusta Scatena Lopes (Piccina), em 2014, sobre a Casa da Rua Tibiriçá, 776 .....	225
Anexo 15: Fotografias dos cômodos da Casa da Memória Italiana .....	247
Anexo 16: Partes dos materiais informativos (fôlderes) da Casa da Memória Italiana .....	250
Anexo 17: Seja um amigo da Casa da Memória Italiana .....	252
Anexo 18: Formulário aplicado aos adultos.....	254
Anexo 19: Formulário (folha de atividades) aplicado às crianças .....	256
Anexo 20: Painel apresentado por Alice Registro Fonseca, em 2016 na 24ª. Conferência Geral do ICOM .....	257

## **Agradecimentos**

Gostaria de iniciar com o mais sincero e especial agradecimento à minha orientadora Professora Doutora Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva, pelo valioso conhecimento que transmite de forma tão sábia e motivante, pela confiança, paciência e orientações.

Minha admiração e gratidão à Professora Doutora Maria Helena Cardoso Osswald, pela ajuda e confiança, assim como agradeço a todos os professores do Mestrado em História e Patrimônio pela partilha e momentos especiais, com os quais tive a grande oportunidade de vivenciar.

Agradeço profundamente a toda minha família, em especial ao meu marido Ighor Toth – pelo amor, paciência de cada dia e apoio para a realização deste Mestrado, meus pais Waldomiro e Iara Abbondanza, irmã Giovana Abbondanza, cunhado Jadiel Junior e sogra Vanda Toth, pessoas essenciais em minha vida e que muito contribuíram durante estes dois anos, de forma a aliar minha vida no Porto e na minha cidade Ribeirão Preto.

Meu profundo sentimento de carinho a todos meus colegas de sala do Mestrado e todos que tive a oportunidade de conhecer em Portugal, em especial, a Melanie Lopes (por todos os dias de ajuda recíproca), Filipa Moure e Maria João Figueira, pelos momentos inesquecíveis compartilhados e pela verdadeira amizade.

Agradeço à minha madrinha e Professora, no Brasil, Doutora Nainôra Maria Barbosa de Freitas, pelo incentivo e ajuda contínua.

Agradeço à todos da Diretoria da Casa da Memória Italiana que permitiram meu estudo na instituição, particularmente à atenção e ajuda de Alice Registro Fonseca, Maria Augusta Scatena Lopes e Raquel Jacob.

Agradeço aos entrevistados Adriana Silva, Maurílio Biagi Filho e Antonio Henrique Sartore, pela disponibilidade e preciosa contribuição com este estudo.

Por fim, agradeço as pessoas vinculadas às instituições que contribuíram na recolha de informações para esta pesquisa:

- Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto [APHRP]: Arthur Barros e Mauro Porto
- Museu da Imigração: Henrique Trindade Abreu
- Museu da Imagem e do Som “José da Silva Bueno”, em Ribeirão Preto: Michelle Cartolano
- Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural [CONPPAC] – Patrícia Alessandra de Souza
- Shundi Iwamizu Arquitetos Associados [SIAA] – Leonardo Nakaoka Nakandakari.



## Resumo

Este estudo versa sobre conceitos e práticas criativas. Partindo da análise histórica da cidade de Ribeirão Preto – SP, Brasil, cuja trajetória econômica, social e cultural está relacionada ao cultivo do café e à imigração italiana, é possível reconhecer as potencialidades culturais da cidade. Frente às mudanças contemporâneas sobre a economia, planejamento urbano e cultural, os conceitos de cidades criativas, economia criativa, indústrias criativas, turismo criativo, entre outros, surgem como forma de trazer à discussão soluções ou alternativas para o desenvolvimento das cidades. O conhecimento, sustentabilidade, inovação, conectividade e criatividade são termos comuns a tais conceitos. De forma a aplicar, na prática, esta teoria, um planejamento criativo foi proposto para uma instituição museológica/cultural situada em Ribeirão Preto, a Casa da Memória Italiana. A importância deste trabalho direciona-se à relação traçada entre o patrimônio cultural e a criatividade, à apresentação de iniciativas na cidade para transformá-la em cidade criativa e à necessidade de dinamizar e reavivar a história, memória e identidade da população.

**Palavras-chave:** Cidades Criativas; Patrimônio Cultural; Mediação Patrimonial; Casa da Memória Italiana; Ribeirão Preto

## **Abstract**

This study deals with concepts and creative practice. Starting from the historical analysis of the city of Ribeirão Preto - SP, Brazil, whose economic, social and cultural history is related to the coffee cultivation and Italian immigration, it is possible to recognize the cultural potential of the city. In the face of contemporary changes on the economy, urban and cultural planning, the concepts of creative cities, creative economy, creative industries, creative tourism, among others, arise as a way to bring the discussion or alternative solutions for the cities development. Knowledge, sustainability, innovation, connectivity and creativity are common terms such concepts. In order to apply in practice this theory, a proposal of creative planning has been made for a museum/cultural institution located in Ribeirão Preto, the Italian Memory House. The importance of this work directs to the relationship drawn between the cultural heritage and creativity, presentation of initiatives in the city to transform it into a creative city and the need to stimulate and revive the history, memory and identity of the population.

**Keywords:** Creative Cities; Cultural Heritage; Heritage Mediation; Italian Memory House; Ribeirão Preto

## Índice de ilustrações

Figura 1: Teatro Carlos Gomes, ou teatro conforme grafia original. Vista do prédio a partir da Praça XV de Novembro e Rua Duque de Caxias. No fundo, prédios da Rua Barão do Amazonas. Data: 1933 .....	40
Figura 2: Joaquina Evarista Meirelles .....	84
Figura 3: Joaquina Evarista Meirelles e família na casa da Rua Tibiriçá, em 1925/1926.....	84
Figura 4: O casal, Pedro Biagi e Eugenia Viel Biagi, e filhos, na casa da Rua Tibiriçá, nº. 776, em 1942.....	88
Figura 5: Fachada Casa da Memória Italiana, casa da Rua Tibiriçá, nº. 776.....	89
Figura 6: Visita agendada, em 2016.....	98
Figura 7: Visita agendada, em 2016.....	98
Figura 8: Visita por escola, em 2015.....	99
Figura 9: Visita por escola, em 2015.....	99
Figura 10: Divulgação de atividades nas Férias de 2016 .....	99
Figura 11: Montagem das casas de papel, realizada com crianças em 2016.....	99
Figura 12: Cartinhas com imagem dos objetos da Casa da Memória Italiana.....	100
Figura 13: Atriz, na Casa da Memória Italiana, atuando em visita, como Joaquina Evarista Meirelles, em 2015 .....	100
Figura 14: Atriz, na Casa da Memória Italiana, atuando e interagindo com as crianças ao fazer macarrão no cilindro, em visita, como Eugenia Viel Biagi, em 2015 .....	100
Figura 15: Recital de Natal 2015.....	101
Figura 16: Recital de Natal 2015.....	101
Figura 17: Programação da 14ª. Semana Semana de Museus da Casa da Memória Italiana, em 2016.....	102
Figura 18: Mostra fotográfica, resultado da curadoria coletiva, na programação da 14ª. Semana Nacional de Museus, em 2016 .....	102
Figura 19: Palestra “Lugar de Morada versus Lugar de Memória: a construção museológica de uma Casa Museu”, com Rosaelena Scarpeline, na programação da 14ª. Semana Nacional de Museus, em 2016.....	102
Figura 20: Apresentação do Coral Memorie d’Itália, na programação da 14ª. Semana Nacional de Museus, em 2016.....	102
Figura 21: Obra Sonho em metros, 2016, decalque sobre prato de porcelana, sobre mesa de jantar. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Weimar Amorim .....	103
Figura 22: Pintura sobre azulejo, sem título, 2016. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Adriana Amaral.....	103
Figura 23: Obra Ricordi, 2016, monóculo (com impressões de fotos, desenhos com grafite e caneta nanquim, aquarela e lápis de cor), barra de ferro e metrônomo. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Eny Aliperti.....	104
Figura 24: Obra Tudo se Transformou, 2016, espelho sobre a fachada da residência. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Yolanda Cipriano.....	104
Figura 25: Entrada principal.....	247
Figura 26: Cozinha .....	247

Figura 27: Sala de jantar.....	248
Figura 28: Sala de visita.....	248
Figura 29: Quarto do casal .....	249

## Índice de quadros

Quadro 1: Localização de Ribeirão Preto.....	25
Quadro 2: Mapa das ferrovias históricas no Estado de São Paulo .....	30
Quadro 3: Região Administrativa de Ribeirão Preto.....	36
Quadro 4: Esquema da Organização de Assistência aos Imigrantes e Trabalhadores Nacionais	44
Quadro 5: Divisão por nacionalidade dos requerentes Núcleo Antônio Prado 1892 .....	45
Quadro 6: Alta Mojiana: população total – 1874-1934.....	46
Quadro 7: A População do Município de Ribeirão Preto por nacionalidade .....	47
Quadro 8: Taxas anuais de crescimento populacional – Estado de São Paulo, Região Administrativa de Ribeirão Preto e Município de Ribeirão Preto – 1991-2010.....	49
Quadro 9: Scales of Creativity .....	55
Quadro 10: Cultural Resources .....	65
Quadro 11: UNCTAD classification of creative industries.....	67
Quadro 12: The World City – Regional Economy .....	68
Quadro 13: The shift from tangible to intangible tourism resources.....	69
Quadro 14: Ilustração gráfica sobre o ponto de vista do público sobre os destaques da coleção, em porcentagem, e o desenho de uma criança de 8 anos de idade .....	111
Quadro 15: Opinião e expectativas do público.....	111
Quadro 16: Mapa da cidade no ano de 1874.....	183
Quadro 17: Primeira planta oficial de Ribeirão Preto, em 1884, elaborada pelo Engenheiro da Companhia Mogiana Dr. Augusto Greimensen .....	184
Quadro 18: Evolução da mancha urbana de Ribeirão Preto até o início da década de [1930?] 185	
Quadro 19: Evolução da mancha urbana de Ribeirão Preto até 1975 e o traçado ferroviário... 186	
Quadro 20: Mapa original do Núcleo Antônio Prado .....	187
Quadro 21: Acessos da “cidade” ao Núcleo Colonial Antônio Prado.....	188
Quadro 22: Traçado do Núcleo Colonial Antônio Prado sobreposto à malha urbana de Ribeirão Preto .....	189
Quadro 23: Evolução da População Urbana, Rural e Total segundo municípios Polo de Ribeirão Preto, 1970/2007 .....	190
Quadro 24: Crescimento Absoluto Populacional, Crescimento Vegetativo e Saldo Migratório – Polo de Ribeirão Preto, 1970/2007.....	191
Quadro 25: Gráfico sobre avaliação da importância das ações culturais propostas para Ribeirão Preto .....	203
Quadro 26: Planta da fachada posterior, 1923.....	216
Quadro 27: Planta Cortes transversal e longitudinal, 1923 .....	217
Quadro 28: Planta da fachada lateral, 1923.....	218
Quadro 29: Planta da fachada da garagem/gradil, 1923.....	219
Quadro 30: Planta do pavimento baixo, 1923 .....	220
Quadro 31: Planta do pavimento alto, 1923 .....	221
Quadro 32: Planta da fachada principal, 1923.....	222
Quadro 33: Planta da fachada lateral, 1923.....	223

## **Lista de abreviaturas e siglas**

ABPF – Associação Brasileira de Preservação Ferroviária  
AEAARP – Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto  
ALESP - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo  
APDR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional  
APHRP – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto  
CBN – Central Brasileira de Notícias  
CECA - Committee for Education and Cultural Action  
CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina  
COMPPHANC – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural  
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo  
CONPPAC - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural  
EIU - The Economist Intelligence Unit  
ESALQ-LOG - Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz  
FCA – Ferrovia Centro Atlântica  
FEAPAM - Feira Agropecuária da Alta Mogiana  
FEPASA – Ferrovia Paulista S.A.  
FERROBAN – Ferrovia Bandeirantes S.A.  
IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus  
ICMS – Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços  
ICOM - International Council of Museums  
IGC - Instituto Geográfico e Cartográfico  
INCI - Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração  
INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais  
INTELI – Inteligência em Inovação - Centro de Inovação  
IPCCIC - Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais  
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
MinC – Ministério da Cultura do Governo Federal  
MIS – Museu da Imagem e do Som “José da Silva Bueno”  
MIT – Massachusetts Institute of Technology  
NAJURP – Núcleo de Assessoria Jurídica Popular de Ribeirão Preto

NEHD - Núcleo de Estudos em História Demográfica  
NET – Empresa de Telecomunicações Brasileira  
PIB – Produto Interno Bruto  
ProAC – Programa de Ação Cultural  
RAI – Radiotelevisione Italiana Spa.  
REDE ou Rede - Rede de Cooperação Identidades Culturais  
RMRP - Região Metropolitana de Ribeirão Preto  
S.A. – Sociedade Anônima  
SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados  
SIAA - Shundi Iwamizu Arquitetos Associados  
SICG - Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão  
SP – São Paulo  
TV - televisão  
UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

## Introdução

O presente trabalho pauta-se pelo desenvolvimento conceitual e prático da chamada cidade criativa, tema em voga nas áreas acadêmica e política, nas últimas décadas. Com o surgimento de conceitos e propostas de transformação das cidades em lugares criativos, surge a busca por potencialidades que possam dinamizar a chamada economia criativa. Estas potencialidades podem ser encontradas em fatos históricos, recursos materiais e imateriais das localidades, nos chamados patrimônios culturais. Este fato é uma possível justificção para o aumento do esforço de pesquisadores em investigar as identidades e referências culturais dos lugares, como é o objetivo deste estudo, em torno da cidade de Ribeirão Preto – SP, Brasil.

O mundo contemporâneo confronta-se com a emergência da chamada nova era, caracterizada pela importância da expansão do conhecimento, da criatividade e da inovação (consideradas forças-motrices para o desenvolvimento territorial, econômico, social e cultural), juntamente com o fenômeno da globalização e disseminação da informação, comunicação e tecnologias de mídia. Neste contexto, surge o conceito de “ecossistema criativo”, que designa um ambiente fundamentado em ativos capazes de gerarem o crescimento socioeconômico e o desenvolvimento. São três os componentes: a Economia - indústrias criativas, o Lugar - espaços criativos e as Pessoas - talentos criativos (Inteligência em Inovação - Centro de Inovação [INTELI], 2011, pp. 16-26).

A economia criativa tem sido compreendida como uma potencial alavanca para o desenvolvimento de muitas nações, sendo que mais de 60 países já realizam procedimentos sistemáticos de mapeamento do seu setor criativo. Em estágio mais amadurecido encontram-se os países desenvolvidos, notadamente os Estados Unidos, as principais economias européias – com destaque para o Reino Unido - e a Austrália. Porém, mesmo estes ainda vislumbram as perspectivas de expansão do setor, inserindo o tema estrategicamente com papel de destaque em suas agendas econômicas (Meleiro & Fonseca, 2012, p. 37).

Existe a imprescindibilidade e a urgência de um diálogo constante entre os projetos e atividades de reestruturação das cidades, criações criativas e inovadoras, sustentabilidade e as referências culturais, memórias e patrimônios das comunidades e cidades. Tendo em vista este fato, este trabalho é uma iniciativa para se conhecer a cidade de Ribeirão Preto, que tem demonstrado o interesse, através do Instituto Paulista de Cidades Criativas e Referências Culturais - IPCCIC<sup>1</sup>, criado em 2013, em transformá-la em uma cidade criativa.

---

<sup>1</sup> Website do IPCCIC: <<http://www.ipccic.com>>. Acesso em: 30 de março de 2016.



É importante perceber e ressaltar o desenvolvimento socioeconômico e as mudanças na paisagem cultural, em Ribeirão Preto e região, para a elaboração desta dissertação de Mestrado, que investiga de que forma o patrimônio cultural insere-se nestes projetos de transformação ou construção de cidades criativas ou qual o seu poder na consolidação destas cidades.

Justifica-se, este estudo, pela necessidade de estudos interdisciplinares que relacionem os conceitos que são abordados (criatividade, patrimônio cultural, tecnologia, inovação, entre outros) e a prática efetiva. Percebe-se uma carência de trabalhos nacionais que conectem o patrimônio cultural e a criatividade e existe um recente processo e iniciativas para transformar a cidade de Ribeirão Preto em uma cidade criativa. Considera-se, por isso, ser importante estabelecer um diálogo entre passado (história e patrimônio), presente e futuro (memórias e identidades), assim como a transformação do tradicional patrimônio cultural em um patrimônio criativo, que traz vida às memórias, identidades e permite a sustentabilidade das mesmas.

Por se tratar de um trabalho de conclusão do Mestrado em História e Patrimônio, ramo de Mediação Patrimonial, considerou-se a possibilidade de um estudo de caso (concretização do trabalho teórico), em Ribeirão Preto, que fosse um patrimônio cultural na cidade, não necessariamente tombado (classificado) mas que trouxesse à memória a história da cidade.

Assim, consideraram-se objetivos gerais e específicos. No primeiro caso pode-se indicar:

- Compreender as ações culturais e as potencialidades de Ribeirão Preto para torná-la uma cidade criativa;
- Compreender a atuação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (CONPPAC) e as políticas públicas existentes (gestão do patrimônio cultural);
- Conhecer os projetos voltados para a cultura e patrimônio que foram concluídos e os que não foram concluídos;
- Investigar o planejamento e as estratégias criativas para a cidade e, mais especificamente, para o patrimônio cultural;
- Distinguir/comparar as estratégias culturais existentes das possíveis estratégias criativas. Além de conhecê-las, analisar a efetividade e sustentabilidade das mesmas;
- Conhecer os agentes propagadores da ideia criativa na cidade e averiguar a existência de uma agenda criativa;
- Analisar o uso criativo da história e do patrimônio da cidade;
- Comparar a iniciativa ou processo de “transformação” de Ribeirão Preto em cidade criativa com outros exemplos, nos quais o foco deu-se na história e patrimônio local;

- Sugerir um produto final voltado para a propagação criativa da história e patrimônio da cidade.

Desta forma, durante o percurso investigativo, as hipóteses de trabalho futuro, específicas, foram equacionadas, como se pode ler, nos pontos seguintes:

1. O Palacete Jorge Lobato<sup>2</sup>, uma construção de 1922, do período áureo da produção do café na cidade e região, no início de 2015 foi adquirido por uma família de Ribeirão Preto e com parceria com o Centro Universitário Moura Lacerda, iniciaram um processo de investigação a fim de restaurar e revitalizar o imóvel. Por se tratar de um projeto bem no início, ainda sem uma definição, optou-se por novas buscas para este trabalho de Mestrado;
2. O Solar ou Chácara Villa Lobos, conhecida como Casa Caramuru<sup>3</sup>, uma das construções mais antigas da cidade ainda existente, datada de 1880 e tombada pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo, em 1988, através da Resolução nº. 61. A Casa teve um projeto de restauração vencedor, realizado pelo escritório de arquitetura SIAA – Shundi Iwamizu Arquitetos Associados, no concurso do Programa de Ação Cultural, o qual tem por objetivo promover o apoio a projetos de restauração de imóveis tombados pelo CONDEPHAAT, pelo edital nº. 23/2012. No entanto, devido a um problema jurídico, este projeto encontra-se parado, sem previsão para início da execução. Este, também, foi o motivo pelo qual não foi possível integrar este patrimônio cultural neste projeto de mediação.
3. Outras hipóteses foram o Museu do Café “Francisco Schmidt” e o Museu Histórico e de Ordem Geral “Plínio Travassos dos Santos”, antiga Fazenda Monte Alegre, edificada nas últimas décadas do século XIX. Na década de 1950, uma área de 17 mil m<sup>2</sup> foi doada ao município de Ribeirão Preto, o que incluía a sede da antiga fazenda, na qual tornou-se o Museu Histórico e de Ordem Geral “Plínio Travassos dos Santos” e um outro edifício construído, posteriormente, para abrigar o Museu do Café “Francisco Schmidt”

---

<sup>2</sup> Sobre o projeto do Palacete Jorge Lobato vide os sites: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/06/restauracao-de-palacete-em-ribeirao-resgata-esplendor-da-decada-de-1920.html>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=i3gHOogI-QA&feature=youtu.be>>. Acesso em: 23 de maio de 2016.

<sup>3</sup> Sobre o projeto da Casa Caramuru vide os sites: <[http://www.cbnribeirao.com.br/noticias/noticias\\_internaNOT.aspx?idnoticia=1062572](http://www.cbnribeirao.com.br/noticias/noticias_internaNOT.aspx?idnoticia=1062572)> e <<http://www.siaa.arq.br/2014/02/casa-caramuru/#>>. Acesso em: 23 de maio de 2016. Algumas informações sobre o projeto, mais recentes, foram cedidas, gentilmente, por e-mail pelo arquiteto da equipe da SIAA, Leonardo Nakaoka Nakandakari.

(Rosa & Silva, 2013, p. 71). Ao longo da análise da possibilidade de se propor um estudo de caso nesses museus, surgiu outra hipótese, a qual despertou maior interesse e atenção para este trabalho de Mestrado.

4. Após diversas ideias e tentativas, surgiu a oportunidade de estudo na Casa da Memória Italiana, casa esta do período do café (1923/1925) e que carrega a história deste momento e da imigração italiana, pois pertenceu a duas famílias. A primeira, família Meirelles, relacionada ao café e a segunda, família de imigrantes italianos, a Biagi. Em 2013, a casa foi transformada em uma instituição denominada Casa da Memória Italiana, cuja trajetória museológica é incipiente. Por se tratar de um espaço rigorosamente preservado e por ser uma instituição que engatinha quanto ao planejamento de mediação patrimonial e/ou museológico, acreditou-se que este era o local adequado para um estudo de caso. Sendo assim, os objetivos, para esta escolha, foram investigar o papel e ações criativas que a Casa da Memória Italiana tem ou deverá ter na reconstituição ou no reavivar da memória, história e patrimônio, particularmente, relacionados com a imigração italiana e período cafeeiro; criar um planejamento ou agenda criativa para o Museu Casa, para que possa promover e afirmar e identidade e a referência cultural italiana ou, até mesmo, dos imigrantes, de forma mais ampla; e sugerir a integração de tal proposta nos projetos da Rede de Cooperação Cidade Criativa, estabelecida pelo IPCCIC.

Definido o universo de pesquisa, teórico e empírico, o investimento metodológico exigiu uma investigação bibliográfica, documental, um estudo de caso e entrevistas. As recolhas bibliográficas ocorreram ao longo dos dois anos de Mestrado, sendo os autores-chave, a nível internacional, Allen Scott (2006); Charles Landry (2008, 2011, 2013); Greg Richards e Julie Wilson (2007); Richard Florida (2005); Sharon Zukin (1995); e, nacionalmente (Brasil), consideram-se os trabalhos de Ana Carla Fonseca Reis (2011a, 2011b); e Adriana Silva, Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa e Nainôra Maria Barbosa de Freitas (no prelo). Estes pesquisadores são fundamentais na conceitualização e desenvolvimento dos temas cidades criativas, economia criativa e turismo criativo, assim como no estabelecimento da relação entre estes e a história e patrimônio cultural das cidades. A busca pelo desenvolvimento social, cultural e econômico, por meio da criatividade, precisa pautar-se em aspectos como a história, potencialidades e identidade dos lugares, caso contrário erros serão cometidos e a transformação em cidades criativas estará fracassada. Esses detalhes serão vistos no segundo capítulo, quando serão dados exemplos concretos como Paulínia, no Brasil, e Bilbao, na Espanha. Outro conceito que será

abordado, neste trabalho, refere-se ao museu criativo, com algumas experiências mencionadas no terceiro capítulo.

Durante, aproximadamente, seis meses (janeiro a junho), o contato com a Casa da Memória Italiana<sup>4</sup> foi constante, quando foi possível analisar algumas fontes documentais e compreender o cotidiano e atividades da Casa. Os documentos vistos são compostos por: Estatuto Social de criação do Instituto (2013); projeto de arquitetura e ocupação dos espaços da Casa da Memória Italiana; levantamento completo do mobiliário, objetos e fotografias, organizado em três volumes não publicados e para uso interno do Museu Casa; livros de presença; e materiais das atividades educativas desenvolvidas, documentos estes que possibilitaram conhecer melhor o local a ser estudado e o processo de conversão em Museu Casa.

Também, foram realizados trabalhos voluntários, especialmente, nas atividades da 14ª. Semana de Museus: “Museus e Paisagens Culturais”, que teve duração de 14 a 22 de maio de 2016, promovida pela Casa da Memória Italiana e fomentada pelo IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus e pelo MinC - Ministério da Cultura do Governo Federal, que proporcionou uma experiência concreta de mediação criativa através da utilização da fotografia para dialogar e estabelecer relação entre a Casa da Memória Italiana com outros patrimônios culturais do centro histórico de Ribeirão Preto (casarões/palacetes do período cafeeiro, igrejas, edifícios, largo, ruína, etc.) e da curadoria coletiva que ocorreu, ao interagir com os participantes na escolha das fotografias que participariam da exposição na Casa.

Ao longo da trajetória de investigação, considerou-se necessária a utilização de fontes primárias (orais), ou seja, a realização de entrevistas semiestruturadas, que seguiram um roteiro aberto e que foram elaboradas de acordo com o perfil de quem seria entrevistado, pessoas relacionadas às instituições que contribuem, diretamente, para os objetivos deste estudo. Os entrevistados foram: Adriana Silva – Presidente do Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais e Diretora Administrativa da Casa da Memória Italiana; Maurílio Biagi Filho – 1º. Vice-Presidente da Casa da Memória Italiana; e Antonio Henrique Sartore – em maio de 2016, era Assessor da Diretoria da Società Dante Alighieri de Ribeirão Preto, posteriormente eleito Diretor Presidente para o período 2016-2020. As transcrições destas entrevistas estarão disponibilizadas nos anexos 2,3 e 4, respectivamente, desta dissertação e os detalhes serão abordados nos capítulos 2 e 3, conforme o assunto a ser desenvolvido.

---

<sup>4</sup> Cartas destinadas à Diretoria da Casa da Memória Italiana, com solicitação para incluir um estudo de caso sobre a Casa nesta dissertação de Mestrado, disponíveis no anexo 1.

Foram consultadas outras fontes orais, cinquenta entrevistas com imigrantes italianos e/ou descendentes, cujas transcrições foram realizadas e cedidas, amavelmente, via e-mail em 04 de fevereiro de 2016, pelo INCI - Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração, organização vinculada à Secretaria de Estado da Cultura do Estado de São Paulo e gestora do Museu da Imigração, em São Paulo – Brasil. Esta consulta teve por objetivo a busca pelo entendimento de trajetórias, hábitos e experiências de tais imigrantes e descendentes<sup>5</sup>.

O resultado deste estudo está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo “Ribeirão Preto - formação da cidade e mudanças da paisagem”, apresenta-se uma contextualização da cidade, desde sua formação (século XIX) até os dias atuais (século XXI), destacando-se as características e mudanças sociais, econômicas, culturais e populacionais. Neste capítulo é possível observar a importância que a produção do café teve no desenvolvimento da cidade, assim como a imigração, especialmente, a italiana, na composição populacional.

O segundo capítulo, “As Cidades Criativas e o Patrimônio Cultural”, desenvolve-se de forma mais teórica, com a abordagem dos conceitos de cidades criativas, economia criativa e turismo criativo, na visão de diversos autores. Alguns destes foram acima mencionados. Posteriormente, delimita-se este capítulo ao escopo deste trabalho, com a apresentação das potencialidades da cidade de Ribeirão Preto, no âmbito de cidade criativa.

No terceiro capítulo, “Planeamento criativo: a Casa da Memória Italiana”, apresenta-se a história da Casa, das famílias proprietárias, a institucionalização da mesma e o projeto de transformação em Museu Casa. São mencionadas algumas das atividades educativas já executadas. Neste capítulo, também, são propostas atividades criativas para o Museu Casa da Memória Italiana. Serão expostos os resultados das entrevistas e considerada a possibilidade de parcerias entre as instituições entrevistadas para, desta forma, propor a troca de experiências e a afirmação da memória e identidade italiana.

Espera-se que este trabalho possibilite o despertar, em Ribeirão Preto, de uma cidade e instituições mais criativas, que avistem as potencialidades encontradas no patrimônio cultural; promova um diálogo contínuo através de parcerias ou redes; e proporcione aprofundar o conhecimento em tais conceitos por meio de novos estudos que almejem a prática criativa efetiva.

---

<sup>5</sup> O Termo de Cessão de Direitos de Uso de Material Transcrito, assinado para garantir a autorização para uso do material cedido, apresenta os nomes dos cinquenta entrevistados e está disponível no anexo 5.

# **Capítulo 1 – Ribeirão Preto - formação da cidade e mudanças da paisagem**

Este capítulo tem o objetivo de perceber a evolução da cidade de Ribeirão Preto, mencionando aspectos desde sua formação até os dias mais recentes, passando por características sociais, culturais e econômicas. O que existe é fruto de um percurso, tem o seu contexto e suporta o passo seguinte, introduz o tema das cidades criativas e economia criativa, relacionando-os com o patrimônio cultural. Passando pelo café e pela imigração italiana alcançar-se-á a Casa da Memória Italiana, objeto de estudo desta pesquisa, pelos traços que terá ou não deixado. É importante perceber e ressaltar o seu desenvolvimento socioeconômico e as mudanças na paisagem cultural da cidade e região, que suporta o desenvolvimento desta dissertação de Mestrado, que investigará de que forma o patrimônio insere-se nestes projetos de transformação ou construção de cidades criativas ou qual o seu poder na consolidação destas cidades.

## **1.1. Formação da cidade**

O marco zero de Ribeirão Preto localiza-se nas coordenadas de 21°10'30" S e 47°48'38" W, a nordeste do estado de São Paulo (Silva & Rosa, 2012, p. 23). Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>6</sup>, a cidade ocupa uma área de 650,916 km<sup>2</sup>. A população estimada em 2015 era de, aproximadamente, 666.323 habitantes e a densidade de 928.92 habitantes por km<sup>2</sup>. A sua evolução, dinâmica e significado, fulcral para se perceber como se foi criando a imagem, que hoje herdamos, será visto no último ponto deste capítulo. Até explicaremos o que mudou e porquê, a paisagem urbana.

---

<sup>6</sup> Informações disponíveis em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354340>>. Acesso em: 08 de abril de 2016.



Quadro 1: Localização de Ribeirão Preto. Fonte: Criado pela autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, no Google Maps em 05 novembro, 2015.

A formação e ocupação inicial da região de Ribeirão Preto está relacionada com a mineração em Goiás, principalmente com a descoberta do ouro em 1725 e a ligação com São Paulo, possibilitando a ocupação das terras ao longo deste caminho. Os pioneiros a povoarem este território foram famílias mineiras (vindos de Minas Gerais) e paulistas (São Paulo). Estas famílias formaram fazendas nas quais criavam gado bovino, suíno e cultivavam outros produtos. Mas a região tem condições globais potenciais. O clima da região é tropical, relevo suave e plano, possui água em abundância, pois sedia um dos maiores reservatórios de água doce do mundo, o Aquífero Guarani. Os terrenos são férteis e drenados pelas Bacias Hidrográficas dos Rios Mogi-Guaçu e Pardo, pelo que, se se associarem outras condições, entre as quais as condições geográficas favoráveis e excelente infraestrutura viária, concentração de população, capitais, etc., poderá atingir bons resultados (no século XX especializar-se-á no agronegócio) (Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional, 2012, p. 9). Na década de 1870, chegaram a Ribeirão Preto produtores de café do Vale do Paraíba, de São Paulo e de Campinas. Devido ao grande desenvolvimento do café na região, milhares de trabalhadores se deslocaram para a região de Ribeirão Preto, cafeicultores do Vale do Paraíba, onde vivia-se o declínio do café, assim como imigrantes europeus (Foresti, 2012, pp. 22-26).

Estas foram as primeiras alterações na paisagem de Ribeirão Preto e região, com a ocupação das primeiras populações, a formação das fazendas, inicialmente, criadoras de animais e cultivo

de produtos para uso próprio. Posteriormente, com a chegada do café na região, as plantações predominam e, conseqüentemente, observa-se o rápido aumento populacional.

A história política administrativa de Ribeirão Preto sempre esteve relacionada com a história religiosa da cidade (Freitas, 2011, p. 13). Inicialmente os habitantes estavam sob a jurisdição da Paróquia de São Simão. Em meados do século XIX a população expandiu-se. As primeiras doações para constituir o patrimônio dedicado ao santo São Sebastião ocorreram entre os anos 1845, 1852 e seguintes, com as tentativas de estabelecerem uma capela, primeiramente na Fazenda das Palmeiras e, depois na Fazenda do Retiro (fazendas localizadas no local onde encontra-se, hoje, a cidade de Ribeirão Preto). Pretendia-se estabelecer uma nova capela na qual pudessem ser celebrados todos os ofícios religiosos que, na época, aconteciam somente na matriz de São Simão, distante destas fazendas a, mais ou menos, oito a doze léguas<sup>7</sup> e ao redor da capela deveria surgir a Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto (Cione, 1989, p. 65).

As primeiras tentativas de doação não obtiveram êxito porque os doadores não podiam satisfazer os requisitos exigidos pelas autoridades religiosas, que eram a comprovação da posse judicial das terras por seus proprietários e do valor destas que, quando doadas para a construção de qualquer capela, deveriam valer, no mínimo, 120 mil réis. De 1853 a 1856 houve divisões judiciais de terras e foi nomeado um “fabriqueiro”, responsável por zelar pelos interesses materiais ligados ao culto ao santo São Sebastião. Assim, em 19 de junho de 1856 foi demarcado o local a ser construída a capela (Cione, 1989, pp. 67-75).

Esta questão está associada ao modelo de apropriação de terras no Brasil. No período colonial, o sistema de capitânicas hereditárias, adotado pela Coroa Portuguesa em 1534, como forma de administrar indiretamente o Brasil, passava as responsabilidades a particulares, donatários, os quais, entre seus direitos e deveres constava a realização de doações de sesmarias a outros colonizadores, tal como aconteceu em Portugal, com algumas adaptações, significando terras conquistadas, não ocupadas economicamente, doadas pelos capitães donatários e, mais tarde, pelos capitães governadores, com posteriores confirmações, para exploração de particulares, ou seja, território disponível para colonização de terceiros, com permissão governamental. Quanto ao substantivo sesmeiro, passou a significar donatário de sesmaria,

---

<sup>7</sup> Léguas era a unidade de medida utilizada em Portugal e em alguns de seus domínios coloniais, como no Brasil, até a introdução do sistema métrico, neste país, que foi adotado na prática em 1872. A légua correspondia a, aproximadamente, cinco ou seis quilômetros. Informações sobre a légua e o sistema métrico brasileiro podem ser vistas em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/l%C3%A9gua>> e <[http://www.ipem.sp.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=341&Itemid=270](http://www.ipem.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=341&Itemid=270)>. Recuperado em 08 abril de 2016. Também sugere-se: Costa, 1994.



diferentemente de Portugal, onde denominava o agente do poder público, encarregado da repartição de terras por esse regime (Neves, 2001, pp. 119-120).

Com o sistema de sesmarias, buscava-se, entre outros objetivos, o melhor aproveitamento do solo e aumento da produtividade através da exploração agrícola direta ou, até mesmo, indireta (o arrendamento). Este sistema causou grandes dificuldades para a regularização de terras no Brasil, principalmente, devido às grandes extensões das terras desocupadas e povoamento, ainda em fase inicial. Como consequência disso, surgiram muitos latifúndios e terras pouco ou nunca cultivadas. A Coroa buscou medidas para minimizar estes efeitos, através de estatutos, cobranças, normas e limitações à extensão das sesmarias, mas não obteve sucesso (Paula, 2009, pp. 17-18).

Paralelamente a este sistema, surgiu a prática da posse, ou seja, ocupação sem estatuto jurídico que a regulamentasse. Era o caso de pequenos lavradores que necessitavam garantir o próprio sustento e não conseguiam obter as concessões das sesmarias. Ao final do século XVIII e início do XIX, o sistema de sesmarias já estava em crise e com a independência do Brasil em 1822, este sistema foi abolido. Em 1850 foi aprovada a “Lei de Terras” e a compra passou a ser a única forma de ter a propriedade da terra (Paula, 2009, p. 19).

Nota-se que estas apropriações de terras, tanto através da regulamentação de sesmarias como pela simples ocupação (sem estatutos) ou pela “Lei de Terras”, configuram mudanças na paisagem das regiões do país, de acordo com os usos dados ao solo e surgimento de novas povoações.

Por meio do conhecimento destas formas de aquisição da propriedade da terra, pode-se entender as diversas repercussões e tentativas de doações frustradas à Igreja, em Ribeirão Preto, e as dificuldades de regularização das terras, pois a cidade formou-se ao longo de todo o processo de mudanças nas questões relacionadas com a posse de terras. Inicialmente, quando os primeiros posseiros chegaram, a ocupação das terras de Ribeirão e região foi desordenada e sem demarcação de limites claros. Primeiro se apossavam da terra e depois se preocupavam com a regularização que, muitas vezes, demorava a acontecer, devido às distâncias dos centros administrativos e jurídicos.

Posteriormente, a legitimação da posse de terras era feita pela Igreja, como Silva, (2008, p. 32) denomina de “troca de favores”, ou seja, a família interessada em formar um povoado doava parte de suas terras, em nome de um santo, e a Igreja tornava-se a “tutora”.

Ribeirão Preto foi organizada administrativamente na segunda metade do século XIX. A princípio, denominada Freguesia do Ribeirão Preto, pertencente ao município de São Simão, pela Lei nº. 51 de 2 de julho de 1870. Posteriormente, elevada a Vila em 12 de abril de 1871 e

Cidade de Ribeirão Preto em 1º. de abril de 1889 (Freitas, 2011, p. 13). A data oficial de comemoração do aniversário da cidade é 19 de junho de 1856, ano registrado como o de fundação de Ribeirão Preto, em razão da demarcação da área patrimônio da capela, a partir da qual se desenvolveu a cidade (Costa, 1955, p. 10).

A criação da Paróquia de São Sebastião ocorreu em 1870 e quase meio século depois, Ribeirão Preto já sediava uma diocese, em 1908. O rápido crescimento da cidade e sua escolha para formação da diocese se deu em virtude ao incrível desenvolvimento econômico e sociocultural derivado do cultivo do café. No momento em que o Papa Pio X criou a diocese na cidade, esta contava com alta produtividade de café e recebia imigrantes de várias partes da Europa. No início do século XX, diversas cidades do interior da Província de São Paulo enviaram projetos ao Vaticano com o intuito de sediarem a diocese. Ribeirão não enviou nenhum projeto ao Vaticano pois não detinha os elementos considerados imprescindíveis para instalar um bispado (patrimônio, catedral, residência para o bispo), mas mesmo com tais obstáculos, foi eleita sede. Justificativas para o ocorrido remetem ao projeto de divisão do bispado de São Paulo, quando o então bispo da época Dom Duarte Leopoldo e o cardeal Joaquim Arcoverde acrescentaram Ribeirão Preto como possível sede. Podem tê-lo feito devido ao elevado crescimento urbano, à grande riqueza gerada pela cafeicultura e à excelente posição geográfica (Freitas, 2011, pp. 20-34).

## **1.2 O Café**

Os locais de cultivo do café no mundo incluem o Brasil, sublinhado por Botelho na Revista Brazil Magazine (1911, s/p) que publicou:

Os principaes paizes que o cultivam são, o Brazil que por si só produz as três quartas partes do consumo universal; vindo depois: Java, Sumatra, Ceylão Arabia, Abyssinia, a ilha da Reunião, as Antilhas, Venezuela e a America central, que todos reunidos alcançam apenas como producção a quarta parte restante do consumo mundial.

O café chegou ao Brasil no início do século XVIII e o seu cultivo ocorreu, primeiramente, no norte e nordeste do país. Na segunda metade do mesmo século, o plantio do café ingressou no Rio de Janeiro, em quantidades pequenas e como planta ornamental e exótica, plantado em hortas e pomares de fazendeiros. Após este período de adaptação, o café expandiu-se para o Vale do Paraíba Fluminense (região entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo). Na primeira metade do século XIX, passou a ser plantado em proporções comerciais, assim chegou à região de São Paulo e Minas Gerais por meio de tropeiros, comerciantes e viajantes que

carregavam as mudas. Na década de 1870, o café, no Rio de Janeiro, entrou em decadência, principalmente, em razão da falta de mão-de-obra e, na mesma época, expandiu-se em grandes proporções em São Paulo (Lopes, 2011, pp. 9-10).

Em São Paulo, o avanço do café sempre esteve relacionado com o da ferrovia. Havia ocasiões em que o café direcionava a ferrovia e, em outras, acontecia o contrário. Em Ribeirão Preto, o café chegou antes da ferrovia<sup>8</sup>. Os próprios cafeicultores investiam em companhias ferroviárias como acionistas, conselheiros e fundadores. O cultivo do café também mudava de localização de acordo com o empobrecimento do solo, quando os terrenos argilosos perdiam a sua matéria orgânica. Assim, finalmente, chegou a Ribeirão Preto entre 1860 e 1870. A região foi considerada excelente devido ao clima, altitude e qualidade do solo, da chamada terra roxa, rica em ferro. A disponibilidade de capital e mão-de-obra, também, foram fatores fundamentais (Lopes, 2011, pp. 12-14).

Nesta época, o café tornou-se fonte de renda e a principal atividade econômica do Estado de São Paulo, o que possibilitou à Ribeirão Preto ser um centro produtor mundial de café e permitiu intitulá-la de “Eldorado do Café” (Haddad, 2011, p. 15). Ribeirão Preto transformou-se na maior exportadora mundial de café.

Outro fator importante para a cidade e região foi a chegada, em 1883, da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. A região percorrida pelos trilhos desta empresa ficou conhecida como “Alta Mogiana”. Além da significativa função de transporte da produção ao Porto de Santos, a linha ferroviária promovia a migração e imigração intensa. A ferrovia gerou mudanças no perfil da cidade e trouxe o crescimento demográfico (Haddad, 2011, p. 15).

A Companhia Mogiana percorria o trajeto Mogi - Ribeirão Preto – Franca e a Companhia Paulista, fazia o percurso Campinas – Rio Claro – São Carlos – Araraquara – Catanduva. Toda a área abordada por estas duas companhias ferroviárias foi chamada de “Oeste Paulista”, região caracterizada pelo solo vermelho, a terra roxa (Milliet, 1939, p. 18 como citado em Silva, Rosa, Silva, & Registro, 2010, p. 16). A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, foi fundada em 18 de março de 1872, teve quase 2.000 quilômetros de linhas e serviu aos estados de São Paulo e Minas Gerais até 1971, quando foi incorporada à Fepasa - Ferrovia Paulista S.A. (Cury, 2000, s/p)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> De acordo com Silva e Rosa (2012, p. 91): “No Novo Oeste Paulista o café precedeu a ferrovia. Zamboni, em seu livro “A Mogiana e o Café”, afirmou que, entre 1880 e 1890, quando o café já era cultivado por essas paragens, houve um grande desenvolvimento da rede ferroviária paulista. A Estrada de Ferro ia atrás da expansão da cafeicultura, a serviço dos fazendeiros já instalados.”

<sup>9</sup> Informações recuperadas em 12 abril, 2016, de <<http://www.cmef.com.br/>>. Sobre as ferrovias paulistas vide <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao\\_ferrovias](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias)>. Acesso em: 12 abril, 2016.

Inicialmente denominada Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação, teve seus primeiros 50 anos, marcados pela expansão de suas linhas ou tentativas de fusão com a Companhia Paulista. [...]

Dos 2.000 km de linhas que possuía em 1922, em 1970 restaram apenas 1.500 km, sendo que vários ramais foram desativados entre 1956 à 1970.

A Fepasa, privatizada em fins de 1998, não consegue manter os níveis de serviços prestados, principalmente no transporte de passageiros, provocando a total extinção dessa modalidade (Cury, 2000, s/p).

Os fundadores da Companhia Ferroviária Mogiana, com sede em Campinas, foram grandes plantadores de café, entre eles: o Barão, Visconde e Conde de Parnaíba Antônio de Queiroz Telles, a família Silva Prado, José Estanislau do Amaral e o Barão de Tietê, presidente da empresa de seguros Companhia União Paulista. Outros fazendeiros, também, participaram nas expansões da ferrovia. (Cury, 2000, s/p). Vide mapa:



Quadro 2: Mapa das ferrovias históricas no Estado de São Paulo. Fonte: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária – ABPF – Regional São Paulo, recuperado em 12 abril, 2016, de <<http://www.abpfs.com.br/ferrovias/ferrovias19.htm>>.

Nota-se mudanças na paisagem de acordo com expansão da ferrovia e das plantações de café, que migravam de uma área a outra, devido à fertilidade ou empobrecimento do solo. Fatores estes que configuravam e criavam novas paisagens econômicas, sociais e culturais.

A partir dos anos 1960 começaram os investimentos no setor rodoviário. A ideia de progresso transferiu-se da ferrovia para a rodovia. Concomitantemente, a expansão da indústria automobilística e a falta de inovações tecnológicas no setor ferroviário, assim como o mau gerenciamento pelas esferas federal (Brasil) e estadual (estado de São Paulo) foram os principais motivos que culminaram na decadência e privatização do que restou das ferrovias (Souza, Soriani, & Zampollo, 2012, pp. 34-35).

O sistema ferroviário de Ribeirão Preto passou pelos processos de estatização e privatização e teve a seguinte cronologia de gestão: foi fundada e gerida pela Companhia Mogiana de Estrada de Ferro e Estrada de Ferro São Paulo e Minas; passou para a FEPASA – Ferrovia Paulista S.A.; depois para a FERROBAN – Ferrovia Bandeirantes S.A.; e, por fim FCA – Ferrovia Centro Atlântica. A FCA foi responsável pelo transporte de carga, à partir de 2002, e o transporte de passageiros foi desativado em setembro de 1997, porque a média mensal de embarque não ultrapassava 800 passageiros (Souza, Soriani, & Zampollo, 2012, p. 36).

Com a ferrovia, surgiu a iniciativa de implantação de um projeto de desenvolvimento urbano. A cidade, governada pelos chamados “Coronéis do Café” e pelo Partido Republicano Paulista, através da difusão de ideias e discursos progressistas, passou a exigir as mesmas características da modernidade da *Belle Époque*, período da história europeia marcada por diversas transformações culturais, entre as quais estão a expansão do modo de vida urbano e industrial, consolidação dos ideais burgueses, por exemplo o liberalismo, o nacionalismo e a democracia (Caun, 2012, p. 19).

Com efeito, o salto técnico-científico e industrial da Inglaterra vitoriana, que propiciou os melhoramentos de novos potenciais energéticos como a eletricidade, a higiene, veículos automotores, cinema, etc., e as revoluções de Paris em 1848 e 1871, implementadores dos signos burgueses de ordenação urbana (razão e técnica) e liberdade de consumo (modas, teatros, cafés ...), serviram de objeto de desejo e inspiração de uma elite local que queria transformar Ribeirão Preto na *Petit Paris*, apelido cedido à cidade ao gozo das elites locais (Caun, 2012, p. 23).

No início do século XX, nota-se a intensa imigração em Ribeirão Preto cuja finalidade era o trabalho nas lavouras de café. Com o aumento significativo da população ocorre uma nova configuração cultural (Mello, 2011, p. 21).

Em 1888 terminou, definitivamente, a escravidão no Brasil. Até este momento era possível diferenciar as pessoas que compunham a sociedade aristocrática. Com a necessidade do trabalho imigrante e o convívio na cidade, apura-se a diferenciação da aristocracia perante as outras classes sociais (os comerciantes, os prestadores de serviços e os de baixa renda). Diante desta realidade, os cafeicultores, portadores de fortunas e alta qualidade de vida

buscavam se satisfazerem com o que havia de mais moderno, usufruíam de luxo e conforto nas fazendas e procuravam criar locais de convivência social diversificada na cidade (Haddad, 2011, pp. 16-17).

A era do café perdurou entre a década de 1880 até a crise em 1929 (crise econômica mundial, com a quebra da Bolsa de Nova York e, em 1930, com a revolução política nacional<sup>10</sup>). A produção do café, apesar de não ter sido interrompida por completo, caiu sua importância na economia da cidade, conforme indicadores apontavam: “[...] em Ribeirão Preto, o número de pés de café caiu de aproximadamente 30 milhões, na década anterior a 1930, para 13 milhões em 1940, 10 milhões em 1950 e 8 milhões em 1960. A ênfase do café do município diminuía notadamente em ritmo bastante acelerado.” (Walker & Barbosa, 2000, p. 43).

Grande parte dos lucros do café, também, foram investidos no comércio, indústria e infraestrutura de serviços médicos e educacionais. Mesmo com o impacto da depressão mundial na economia local e no cultivo do café, o município, com a poderosa economia construída baseada no comércio, serviços e indústria, pôde se expandir (Walker & Barbosa, 2000, p. 44).

O capital decorrente do café, juntamente com o poder dos fazendeiros, os “Coronéis do Café”, possibilitaram a construção de diversos edifícios, os quais configuram o patrimônio ou, como autores mais recentes denominam a “Paisagem Cultural do Café”, que será abordada mais à frente, no segundo capítulo, quando fala-se sobre o Inventário de Referências Culturais de Ribeirão Preto. Alguns patrimônios da época do café já não mais existem. No entanto, é possível identificar os que ainda resistem na cidade. Adiante serão levantadas outras características econômicas de Ribeirão Preto e região, os desdobramentos culturais, patrimoniais e os dados populacionais, ao longo dos séculos XIX a XXI.

### **1.3 A indústria, o comércio e a prestação de serviços**

Não é possível desarticular o processo da economia do café de outros desenvolvimentos econômicos, em Ribeirão Preto. Ao longo do percurso bibliográfico estudado constatou-se a manifestação de outros setores da economia, como a indústria e o comércio ribeirãopretanos, que surgiram nos anos em que o café estava em seu auge.

O perfil urbano modificou-se, tendo em vista os novos serviços necessários para atender as demandas, principalmente, do segmento de cafeicultores. Assim, criaram-se as oficinas e lojas comerciais (Silva *et al.*, 2010, p. 52).

---

<sup>10</sup> Sobre a história política do período, em Ribeirão Preto, vide Walker e Barbosa (2000, pp. 65-75).

Constata-se que, até mesmo imigrantes, conhecedores dos hábitos da elite ribeirãoopretana, investiam, da forma que conseguiam, na indústria de produtos considerados difíceis de serem trazidos da Europa. Por exemplo, Conde Matarazzo instalou edifícios de beneficiamento de algodão e azeite, extração de querosene e barracões para armazenamento (Silva *et al.*, 2010, p. 52).

Existiam sim imigrantes, cujas condições de estrangeiro e de analfabeto faziam com que estes aceitassem contratos de trabalho que ofereciam baixas rendas e, que se tornassem dependentes financeiramente dos fazendeiros pelo endividamento como, por exemplo, nos armazéns que vendiam os produtos essenciais a preços altíssimos. O controle social era exercido com as dívidas anotadas nas cadernetas (Silva *et al.*, 2010, p. 33).

No entanto, outros imigrantes que vinham com melhores condições para Ribeirão Preto tornavam-se fornecedores de serviços e produtos. Eram artífices, artesãos, proprietários de pequenas fábricas e outros negócios. “Durante os primeiros anos do século XX estavam estabelecidos na cidade: Hotel De Martino; a Fotografia Passig, do alemão João Passig; a marcearia dos Irmãos Delloiagono; o arquiteto construtor Emílio Fagnani; a Drogaria e Pharmacia Italiana, de Felice Pelosi & Cia; a marmoaria Italiana de Roselli & Gelli; a Farmacia Del Leone, de Rafaelle di Zinno; o empresário e construtor Vicente LoGiudice; a Rainha da Moda, de propriedade de Brancato e Sassi, entre outros” (Silva *et al.*, 2010, p. 53).

A indústria de grande importância à época, inaugurada em 1921, foi a Electro Metallúrgica Brasileira S.A, cuja matéria-prima vinha de São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais. A industrialização do ferro durou nove anos, pois com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, as vendas de ferro despencaram, a situação piorou com a Revolução de 1930 e, em 1931 a metalúrgica pediu concordata (Pinto, 1997<sup>11</sup>).

A Companhia Antártica Paulista, sediada em São Paulo e de propriedade do alemão João Carlos Antônio Zerrenner e do dinamarquês Adam Ditrik Von Büllow, também inaugurou uma fábrica de bebidas, em Ribeirão Preto, no ano 1911 e passou a distribuir seus produtos em várias regiões de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Em 1935, esta fábrica criou o pinguim dos rótulos das garrafas de cerveja e no ano seguinte inaugurou o bar e restaurante “Pinguim” no Edifício Diederichsen. O chopp<sup>12</sup> do local tornou-se muito famoso e possibilitou a nomeação de Ribeirão Preto de “Capital do Chope” (Silva *et al.*, 2010, p. 53).

---

<sup>11</sup> Contactei a autora da monografia e ela afirmou que perdeu o ficheiro inicial, pelo que se mantém o encontrado no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP (Caixa 46, Pasta 109). Estas informações estão no capítulo 2, página 10, da monografia. Importante destacar que a numeração das páginas inicia a cada capítulo.

<sup>12</sup> Chopp ou chope, tipo de cerveja servida à partir de barris sob pressão. É equivalente ao fino ou imperial, em Portugal. Recuperado em 23 agosto, 2016, de <<http://www.priberam.pt/dlpo/chope>>. Algumas informações sobre

A vida noturna tornou-se bastante agitada, com os cassinos, teatros, cinematógrafos, serviços trazidos à cidade para o convívio social da elite (Haddad, 2011, pp. 16-22).

Outros serviços surgiram em Ribeirão Preto. No ano de 1924 fundou-se a Faculdade de Odontologia e Farmácia e o Instituto Comercial, ainda nos anos 20. Havia também na cidade: fábrica de joias, casas de tecidos finos e artigos de luxo, alfaiatarias, entre outros (Pinto, 1997<sup>13</sup>).

[...]. O setor de serviços experimentou crescimento espetacular. Ostentando oito escolas de níveis primário e secundário em 1913, o Município, ao final da década de 1920, já possuía uma faculdade de farmácia e odontologia, quatro instituições de ensino técnico, cinco ginásios e 52 escolas primárias. [...]. Além disso, o número de hospitais em Ribeirão Preto saltou de um, em 1911, para 11, em meados da década de 1950. A cidade havia-se tornado um centro médico e educacional para todo o interior de São Paulo, Minas Gerais e outros Estados vizinhos.

Durante o mesmo período, o setor industrial também cresceu. Em 1913, como descrito anteriormente, existiam 22 indústrias principais e muitas outras pequenas fábricas. No início da década de 1920, empresários locais, com alguma assistência do governo, haviam construído a primeira siderúrgica elétrica da América Latina, e estavam convencidos de que Ribeirão Preto estava destinado a ser “gravado nos anais da História Nacional como um importante centro industrial.” [...]. O número de estabelecimentos industriais cresceu de 181, em 1940, para 293, em 1950, e 390, em 1960 (Walker & Barbosa, 2000, p. 44).

É importante mencionar que, em meados de 1900, fazendeiros, também, investiram em algumas plantações de cana-de-açúcar, engenhos, enfim usinas. O primeiro foi o imigrante italiano Alexandre Balbo que plantou cinquenta alqueires de cana em um sítio adquirido por rendas do café. Como o negócio não teve sucesso, em 1903 ele vendeu o sítio a Francisco Schmidt (um dos Reis do Café), o qual tornou-se o primeiro usineiro da região. Deste momento em diante, outros fazendeiros continuaram a investir em plantações de cana-de-açúcar e usinas, mas a indústria canavieira só tomou impulso na região a partir de 1950 e 1960, com Pedro Biagi, João Marchesi e Adelino Fortunato Simioni (Foresti, 2012, p. 31).

Muitas famílias imigrantes foram fundamentais na formação da agroindústria canavieira na região de Ribeirão Preto. Muitas delas vieram para a região direcionadas ao trabalho

---

o chopp podem ser encontradas em: Mello, 2008, p. 43 e <<http://www.chopptime.com.br/curiosidades-sobre-o-chopp>>, recuperado em 23 agosto, 2016. Sobre o bar e restaurante “Pinguim”, de Ribeirão Preto, vide: <<http://www.pinguimochopp.com.br/>>. Acesso em: 23 agosto, 2016.

<sup>13</sup> Contactei a autora da monografia e ela afirmou que perdeu o ficheiro inicial, pelo que se mantém o encontrado no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP (Caixa 46, Pasta 109). Estas informações estão no capítulo 2, página 9, da monografia. Importante destacar que a numeração das páginas inicia a cada capítulo.



cafeeiro, conseguiram acumular capital e transformaram-se em importantes usineiros (Foresti, 2012, p. 32).

Com a crise do café, em 1930, alguns produtores deixaram a região e foram para o Paraná, outros faliram, e tiveram aqueles que se dedicaram a outras culturas como a da cana-de-açúcar (por exemplo a família Junqueira). Os fazendeiros que continuaram na zona de Ribeirão tiveram a situação suportada por políticas dos governos (preços mínimos pré-estabelecidos, quota de sacrifício e desvalorização cambial) de Washington Luiz e Getúlio Vargas. Tentavam resgatar a importância do café, juntamente com o cultivo de outros produtos, o algodão, milho e arroz, entre outros, absorvendo parte da mão-de-obra do período cafeeiro (Pinto, 1997<sup>14</sup>).

Segundo a autora Luciana Suarez Galvão Pinto, 1997<sup>15</sup>:

Nos dias de hoje, apesar do desenvolvimento da cidade, podemos dizer que em comparação com o que ocorria na década de 30, não podem ser localizadas muitas diferenças. A cidade continua essencialmente comercial, prestadora de serviços, servindo de suporte a outra atividade agroindustrial: a cana-de-açúcar.

Através desta citação, pode-se notar que a cidade de Ribeirão Preto não dependia somente do café e, por isso, não ficou tão abalada com a crise de 1930, o que justifica a construção, por exemplo, do Teatro Pedro II nesta mesma década.

As condições econômicas estabelecidas, entre a metade do século XX até o século XXI, mudaram, com consequências no panorama administrativo, sendo que a região administrativa de Ribeirão Preto é composta por 25 municípios em uma área de 9.348 km<sup>2</sup> (Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional, 2012, p. 9).

Desde os anos de 1950, diversos acontecimentos marcaram a cidade e região: criação de políticas incentivadoras como do Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA, melhorias na rede de transportes (asfaltamento da Rodovia Anhanguera em 1948), modernização do setor sucroalcooleiro, implantação de inovações tecnológicas, desenvolvimento do setor terciário,

---

<sup>14</sup> Contactei a autora da monografia e ela afirmou que perdeu o ficheiro inicial, pelo que se mantém o encontrado no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP (Caixa 46, Pasta 109). Estas informações estão no capítulo 2, páginas 12-14, da monografia. Importante destacar que a numeração das páginas inicia a cada capítulo.

<sup>15</sup> Contactei a autora da monografia e ela afirmou que perdeu o ficheiro inicial, pelo que se mantém o encontrado no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP (Caixa 46, Pasta 109). Estas informações estão nas considerações finais da monografia, sem página.

migração da população do campo para a cidade (Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional, 2012, p. 11).



Quadro 3: Região Administrativa de Ribeirão Preto. Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico – IGC, 2007, recuperado em 13 abril, 2016, de <[http://www.igc.sp.gov.br/produtos/mapas\\_ra.aspx?ra=5](http://www.igc.sp.gov.br/produtos/mapas_ra.aspx?ra=5)>.

O setor agroindustrial (as usinas encontram-se nas cidades vizinhas), da região administrativa de Ribeirão Preto, cresceu de forma gigantesca, destacando-se, tanto a nível nacional como internacional.

De acordo com estudos da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (2011), a Região Administrativa de Ribeirão Preto é um dos pólos econômicos mais importantes do Brasil, apresentando uma produção agropecuária de alto nível tecnológico com destaque para o setor sucroenergético. O elevado desempenho desse setor na região pode ser associado a alguns fatores: ao solo fértil da região que propicia elevada produtividade agrícola, a localização geográfica privilegiada, a boa infra-estrutura de transportes (alicerçada em importantes malhas rodoviárias como a Anhanguera, a linha tronco da Ferrobarragem e um aeroporto de grande porte), a presença de grandes centros de ensino e pesquisa, além de um grande mercado consumidor que engloba a região mais populosa do Brasil (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2011, como citado em Costa, 2011, p. 9).

Existe uma importante articulação entre a agropecuária e a indústria na região, constituída pelo setor sucroalcooleiro, o que favorece o desenvolvimento da indústria de máquinas e equipamentos e traz efeitos positivos para todas as atividades econômicas (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2011, como citado em Costa, 2011, p. 9).

O setor terciário (comércio e serviços) está concentrado em Ribeirão Preto. Existe uma grande rede de saúde composta por hospitais públicos, filantrópicos e particulares; clínicas médicas e odontológicas; laboratórios e comércio de equipamentos e material de saúde. Destaca-se o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que é centro de referência em atendimento médico e pesquisas. A rede de educação também é extensa. Além da rede municipal, existem escolas técnicas e profissionalizantes, muitas universidades particulares e uma pública, a Universidade de São Paulo (Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional, 2012, p. 13).

O turismo de negócios é forte e promove a economia local através da realização de congressos e feiras de negócios agroindustriais como, por exemplo, a FEAPAM (Feira Agropecuária da Alta Mogiana), criada em 1978 e não mais realizada desde 2002<sup>16</sup>, e a Agrishow<sup>17</sup>, desde 1994, considerada uma das três principais feiras de tecnologia agrícola do mundo e a maior e mais importante da América Latina, e que teve a 23ª. edição no ano de 2016.

#### **1.4 Desenvolvimento urbano e cultural de Ribeirão Preto**

Durante a expansão do café, ao longo da província de São Paulo, o seu cultivo transformou a região, definiu povoamentos, criou cidades, fomentou o surgimento de ferrovias, ditou práticas sociais e criou a Paisagem Cultural do Café.

Em Ribeirão Preto, no contexto de atração populacional decorrente do café, novos serviços e infraestruturas como iluminação, água, esgoto, implantação de jardins públicos e calçamento impõem-se. A elaboração das obras foi feita pelo poder público, principalmente, ao redor da área onde localizava-se a Igreja. Com a chegada da ferrovia, novas configurações de vida urbana surgiram condicionadas ao fluxo de passagem, do caminho e redor da estação, com edificações comerciais e residenciais (Rosa & Silva, 2013, pp. 20-22).

---

<sup>16</sup> O motivo dado, pela prefeitura de Ribeirão Preto e pela empresa terceirizada para a organização do evento, para a não realização da feira, em 2002, foi a falta de recursos financeiros. Vide em Agência Estado, 2002). Feapam pode não se realizar neste ano. *Estadão*. Recuperado em 13 abril, 2016, de <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,feapam-pode-nao-se-realizar-neste-ano,20020702p32942>>.

<sup>17</sup> Sobre a Agrishow vide <<http://www.agrishow.com.br/pt/a-feira/a-agrishow>> e <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/04/agrishow-encerra-com-reacao-de-2-no-volume-de-negocios-diz-direcao.html>>. Acesso em: 23 agosto, 2016.

Foram dois eixos iniciais de expansão da cidade. A primeira ocorreu entre 1874 e 1883, dentro dos limites geográficos definidos pelos córregos do Retiro (hoje, Avenida Francisco Junqueira) e do Preto (chamado atualmente Ribeirão Preto) subindo até o Largo da Matriz (local onde hoje está a Fonte Luminosa na Praça XV de Novembro), o que constituiu o centro da cidade. A área do entorno da Igreja transformou-se em um território de sociabilidade da comunidade, com festividades e celebrações religiosas. Após a vinda do trem, em 1883, o crescimento foi direcionado para outra área, estendida do Largo da Matriz até a Estação Mogiana, constituindo o segundo eixo de expansão, percorrendo o curso d'água do córrego Ribeirão Preto (Rosa & Silva, 2013, pp. 20-22). Vide mapas sobre a evolução da mancha urbana de Ribeirão Preto no anexo 6.

O projeto de desenvolvimento urbano para Ribeirão Preto voltava-se, de forma direta, para as transformações culturais da Europa, na segunda metade do século XIX. A chamada *Belle Époque*, que precedeu a Primeira Guerra Mundial, foi considerada a época de ouro, com grandes acontecimentos e inovações a níveis material, tecnológico e cultural, entre o final do século XIX e início do XX. Isto causou o desejo e inspiração da elite local em transformar Ribeirão Preto na *Petit Paris* (Caun, 2012, p. 23). Importavam o *champagne* francês, a boemia, os jogos dos cassinos, os espetáculos de ópera, a arquitetura, a culinária e o gosto musical (Haddad, 2011, p. 22).

Quanto à arquitetura, de acordo com Valadão (1997, pp. 97-100) a análise de documentação iconográfica permite concluir que o padrão arquitetônico predominante nas casas populares da Vila de São Sebastião, assemelhava-se à tipologia da arquitetura das residências urbanas do período colonial, seguindo assim até o princípio da década de 1880, “[...]. A Igreja Matriz dominando a paisagem urbana, em seu entorno um casario uniforme, ocupando as primeiras ruas e travessas.”

Neste período, os fazendeiros ainda viviam em suas residências suntuosas e confortáveis, localizadas nas fazendas e chácaras limítrofes ao povoado. A partir da instalação da ferrovia, já mencionada, começaram a estabelecer os fundamentos econômicos e políticos do crescimento urbano, assim como a importância social que a Vila alcançou, definindo a identidade própria da arquitetura até a década de 1940. Nas duas últimas décadas do século XIX, através da riqueza gerada pelo café, grandes empreendimentos arquitetônicos foram iniciados (Valadão, 1997, pp. 101-107).

Nessa época não havia arquiteto na cidade, mas com a chegada dos imigrantes, portadores de um novo “saber fazer”, são introduzidos usos e costumes, assim como novas

técnicas. Além do mais, as classes mais abastadas inspiravam-se nos “modelos arquitetônicos” difundidos pela literatura europeia, adquirida pelos coronéis do café em suas viagens à Europa. Existiam, também, os arquitetos e engenheiros, brasileiros, que haviam estudado na Europa, entre eles pode-se citar Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Hippolyto Gustavo Pujol Júnior e os imigrados Carlos Ekman, Ricardo Severo e outros, que além de desenvolverem grandes projetos na capital São Paulo, foram responsáveis por importantes construções ecléticas em Ribeirão Preto (Valadão, 1997, pp. 107-108).

O local de grande destaque, para a história social, cultural, econômica e da paisagem de Ribeirão Preto, é a Praça XV de Novembro, onde aconteceram importantes acontecimentos para a cidade, como a construção da primeira Igreja Matriz, em 1868, e ponto inicial para os primeiros eixos de ruas (Sunega, 2011, pp. 12-27).

As obras de melhoramento, na cidade, incluíam a higiene e saneamento (tendo em vista a epidemia de febre amarela que ocorreu por volta de 1896), acompanhando a modernização. Modernizar, higienizar e civilizar os cidadãos, eram metas da República recém instaurada no Brasil e palavra de ordem da elite brasileira. O objetivo era apagar o cenário da pobreza e miséria, e construir uma realidade luxuosa e civilizada (Mello, 2011, pp. 27-32), ou seja, de um lado a elite e do outro a pobreza dos trabalhadores.

O edifício do Teatro Carlos Gomes localizava-se nas imediações da Praça XV de Novembro e foi um marco para a imagem que a sociedade de Ribeirão Preto desejava exteriorizar. Construído com recursos financeiros dos cafeicultores, como de Francisco Schmidt, foi inaugurado em 1897, tinha uma arquitetura monumental e o objetivo de evidenciar o poderio econômico da elite cafeeira. Foi demolido entre 1944 e 1946 (Rosa & Silva, 2013, p. 94). De acordo com a Rede (2010, p. 48), a demolição deste teatro significou muito para os moradores da cidade, mas não há registros precisos sobre o ocorrido porque após a destruição nada foi construído no local, por muito tempo, até que na década de 1980 edificaram um terminal de ônibus. Atualmente (2016)<sup>18</sup>, o terminal não está mais neste lugar, restando apenas a Praça.

Até 1908, o teatro Carlos Gomes apresentava somente espetáculos artísticos mais requintados, tais como peças teatrais italianas, as quais eram assistidas principalmente pelos imigrantes. A partir desse ano, contudo, começa a

---

<sup>18</sup> Lepera, M. (2016, junho, 07). Veja o antes e o depois de 7 lugares históricos de Ribeirão Preto. Fábricas, cinemas, palacetes e teatros deram lugar a supermercados, salgaderias, shoppings, bancos e lojas. *A Cidade On Ribeirão Preto*. Recuperado em 24 agosto, 2016, de <<http://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/especiais/ribeirao160anos/NOT,2,2,1176285,Veja+o+antes+e+o+depois+de+7+lugares+historicos+de+Ribeirao+Preto.aspx>>.

funcionar também como cinema, diversificando, deste modo, o tipo de recreação oferecido ao ribeirãopretano (Borges, 1999, p. 31).



Figura 1: Teatro Carlos Gomes, ou teatro conforme grafia original. Vista do prédio a partir da Praça XV de Novembro e Rua Duque de Caxias. No fundo, prédios da Rua Barão do Amazonas. Data: 1933. Fotógrafo: Não identificado. Fonte: APHRP - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

O edifício do Mercado Municipal construído em 1900 foi substituído por outro, na metade do século XX (em 1958) pois o anterior foi destruído por um incêndio (1942), mas sempre teve a mesma função: comercializar produtos perecíveis originários do meio rural e utensílios de uso cotidiano (Rosa & Silva, 2013, p. 85).

Em 1905, a Igreja Matriz, que já estava em ruína sem as duas torres que foram atacadas por cupins, foi demolida e construída a nova Matriz, que passou a ser Catedral em 1909<sup>19</sup>, na atual Praça das Bandeiras (Sunega, 2011, p. 27). Vale ressaltar que parte da pintura decorativa desta Catedral foi feita por Benedito Calixto, pintor especialista em arte sacra, durante o período entre 1916 e 1922. O artista decorou a Catedral e pintou telas sobre a vida de São Sebastião, padroeiro da diocese (Freitas, 2011, pp. 79-80). Outros pintores contribuíram para a sua decoração: Rodolfo Mosselo, Caetano Abate, Romolo Borzi, o português Joaquim Gonçalves Netto D'Athaide e o descendente de italianos José Nicolau Biagini (Borges, 1999, pp. 50/116).

---

<sup>19</sup> Sobre a criação da diocese de Ribeirão Preto vide Freitas (2006).

Foi inaugurado, em 1917, o Paço Municipal, uma edificação que se tornou a sede do poder político local, a Câmara e a Prefeitura, que em 1948, através de lei, passou a se chamar Palácio Rio Branco. Ao longo das praças, nas proximidades do Teatro Carlos Gomes surgiram belos sobrados, palacetes, residências da elite como o Palacete Innechi, as residências de Camilo de Mattos, Sinhá Junqueira, Albino de Camargo, entre outros. O marco arquitetônico para o final deste período (em 1930) foi a construção do Quarteirão Paulista, com o capital da indústria cervejira, composto pelo Teatro Pedro II, Edifício Meira Junior e Palace Hotel (Rosa & Silva, 2013, p. 96). Na verdade,

“Em 1934, em plena e aguda crise, quando todos pensavam que o ciclo evolutivo de Ribeirão Preto se findara ante o corte de 26 milhões de cafeeiros, Antônio Diederichsen (próspero empresário nos ramos de serralheria, fundição e mecânica) adquiriu uma área na rua General Osório, Álvares Cabral e São Sebastião e ali ergueu um monumento de fé e marco de civilização - o ‘Edifício Diederichsen’. Foi o alento novo à cidade.” (Jornal A Tarde, 1953, como citado em Valadão, 1997, p. 90)

Entre os anos 1920 e 1930, os investimentos em embelezamento, construções de belíssimos edifícios e constituição de um polo de lazer definiram limites entre o perímetro urbano da cidade, o que hoje é o centro da cidade. O restante tornava-se a “periferia”, onde habitava a população mais pobre e que não havia prioridade na melhoria da infraestrutura (Rosa & Silva, 2013, pp. 27-28). Vide mapas 5 e 6, no anexo 6.

Com o declínio do café, a partir de 1930, outros tipos de produtos começaram a predominar como o algodão e a cana-de-açúcar, conseqüentemente os terreiros de café começaram a ser abandonados. Assim, como a zona rural, a área urbana passou por grandes transformações, marcado pelo crescimento populacional e um forte processo de urbanização. Entre 1940 e 1970 foram aprovados diversos loteamentos, fator que gerou a necessidade de novas infraestruturas, serviços públicos e trabalho (Rosa & Silva, 2013, pp. 28-29).

Na década de 1980, iniciou-se o “abandono” do Centro Histórico, pela elite que residia lá e, principalmente, pelo Poder Público, que passou a investir em outras áreas da cidade. As classes altas se deslocaram para a zona sul, onde surgiram, por exemplo, os shoppings centers (Rosa & Silva, 2013, pp. 28-30). Acredito que a transição do investimento público para a zona sul seja justificada pelo deslocamento da elite para esta área e, conseqüentes interesses econômicos.

Para complementar o “abandono” mencionado, Rubem Cione (1993, pp. 410-422) escreveu sobre a demolição de monumentos arquitetônicos, durante o século XX, o que ele chamou de “alma de Ribeirão Preto”. Alguns destes monumentos foram o Palacete Innechi (destruído para



a construção do edifício do Banco Itaú), o Teatro Carlos Gomes, o prédio da sociedade Legião Brasileira, entre outros.

Ribeirão Preto enfrenta esse problema, justamente num tempo em que o mundo todo grita e pede socorro ao equilíbrio ecológico, para tornar a vida, nas grandes cidades, suportável ao menos. Destruindo o aspecto urbano mais intimamente ligado ao homem, está se destruindo a alma da cidade. Não é possível deixar morrer a alma de Ribeirão Preto (Cione, 1993, p. 410).

## **1.5 Imigração Italiana e Crescimento Populacional – o capital humano**

As pessoas são as que, verdadeiramente, fazem uma cidade. Vão e vêm e estes movimentos traçam fisionomias, certamente. A evolução da população, migrações e identidades estarão unidas. Tal pesquisa faz-se necessária para a compreensão ou tentativa da mesma sobre como as sociedades recordam-se, esquecem-se, vivem ou criam o patrimônio e, conseqüentemente, embasar a gestão do patrimônio Casa da Memória Italiana.

No século XIX, a mão-de-obra utilizada nas lavouras cafeeiras era a escrava e, segundo os autores A. C. B. da S. Manhas e M. P. G. Manhas (2011, p. 2), “A expansão cafeeira pelo chamado ‘Oeste Paulista’ agravou a crise do sistema escravocrata”, e com o declínio da escravidão, o Governo Imperial Brasileiro buscava o “embranquecimento”, ou uma nova estruturação social da população brasileira, através da atração de imigrantes europeus e da criação dos Núcleos Coloniais, os quais funcionariam como o início de futuras cidades.

Segundo COLBARI (1997), ambos os propósitos, povoamento e formação de contingente de mão-de-obra, estavam cimentadas por outra questão: a necessidade de regeneração física do povo e a reforma moral da sociedade. Essa reforma aconteceria a partir da formação do “brasileiro ideal”, que era o do imigrante: branco, camponês e resignado. (Colbari, 1997, como citado em Silva & Fernandes, 2000 pp. 2-3).

O Brasil já havia tido experiências com a imigração europeia, antes mesmo da abolição da escravatura, devido à necessidade de mão-de-obra para a lavoura e ao aumento do preço do escravo. Os fazendeiros foram obrigados a buscar o trabalho de imigrantes europeus, os quais passavam por condições precárias no Velho Mundo. O sistema empregado foi o de Parceria, que consistia na divisão do lucro líquido entre o fazendeiro - proprietário da terra e o agricultor – trabalhador. Por exemplo, a primeira fazenda a empreitar tal intento foi a Ibicaba, em Limeira – interior da Província de São Paulo, pelo Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, em 1841, quando importou noventa colonos portugueses pobres do Minho. No entanto, com tantas ilegalidades, como as tentativas de aliciamento de autoridades brasileiras e portuguesas com intenção de trazerem menores de quatorze anos (com falsificação de passaportes, emissão de



contratos falsos e corrupção de capitães de navios), a fiscalização pelo Governo Português intensificou-se e foi proibida a saída de emigrantes daquele país (Heflinger & Levy, 2010, pp. 15-21).

Outros imigrantes acabaram por vir ao Brasil, mas o Sistema de Parceria não obteve êxito<sup>20</sup> e foi, com o tempo, sendo substituído pelo Sistema de Salários (Heflinger & Levy, 2010, p. 74).

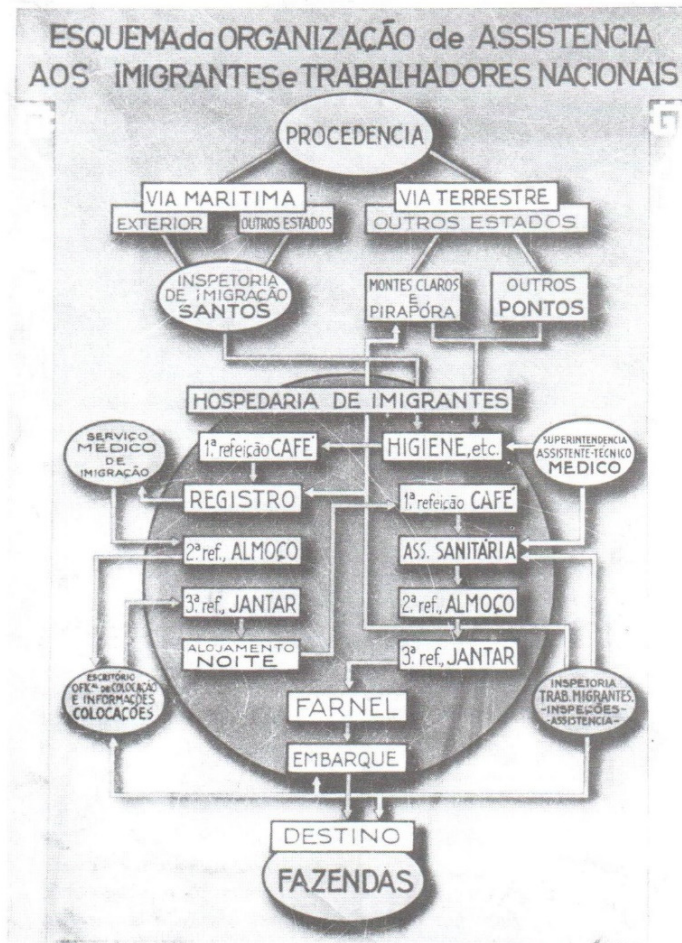
Em 1871, quando foi aprovada a Lei do Ventre Livre, que dispunha sobre a libertação dos filhos de escravas, já era certo que a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil viria a se tornar realidade, mas só não aconteceu antes por causa dos cafeicultores e senhores de engenho. A solução para o problema da mão-de-obra nas lavouras era a imigração. Assim, algumas medidas foram tomadas para regulamentar e fiscalizar a vinda dos imigrantes. A Assembleia Provincial decretou, em março de 1871, uma lei autorizando a Província de São Paulo a emitir apólices como forma de subsidiar os fazendeiros que quisessem empregar imigrantes, como incentivos para pagar passagens e outras despesas aos colonos. O Governo Imperial organizou a Inspetoria Geral de Terras e Colonização, através do decreto nº. 6.129 de 23 de fevereiro de 1876, que fixava as bases de fiscalização e gerenciamento dos serviços de imigração e colonização (órgão responsável por controlar as embarcações, saúde, vestimenta, alimentação, entrega de bagagens e dirigir os imigrantes às colônias). E, a Assembleia Provincial de São Paulo autorizou o crédito para construção de Núcleos Coloniais, que teriam a função de escolas agrícolas, através das leis nº. 108, de 25 de abril de 1880, e a nº. 36, de 21 de fevereiro de 1881 (Heflinger & Levy, 2010, p. 77).

Vale ressaltar as Hospedarias de Imigrantes, que foram criadas para receber, fazer triagem e encaminhar os imigrantes às fazendas. Destaca-se a Hospedaria de São Paulo, inaugurada em 1888, mas que teve seu funcionamento entre 1887 a 1978. Lá os imigrantes recebiam controle médico-sanitário (banho, desinfecção e troca de roupas), alimentação e direcionamento para as oportunidades de trabalho. A permanência média, na Hospedaria, era de uma semana (Paiva & Moura, 2008, pp. 11-30).

Segue o Esquema da Organização de Assistência aos Imigrantes e Trabalhadores Nacionais da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo:

---

<sup>20</sup> Sobre os motivos pelos quais a colonização pelo Sistema de Parceria não teve êxito na Província de São Paulo vide Heflinger e Levy, 2010, p. 69.



Fonte: Acervo Iconográfico do Memorial do Imigrante.

Quadro 4: Esquema da Organização de Assistência aos Imigrantes e Trabalhadores Nacionais. Fonte: Acervo Iconográfico do Memorial do Imigrante, como citado em Paiva e Moura, 2008, p. 31.

Muitos Núcleos Coloniais foram implantados no sul do Brasil, em decorrência ao clima que possibilitava a melhor adaptação dos imigrantes europeus, e à não oposição da elite pecuarista, fato que ocorreu no interior paulista, pois os fazendeiros, que monopolizavam as terras com o café, temiam a concorrência destes novos trabalhadores. No entanto, quando estes agricultores paulistas perceberam que os Núcleos Coloniais poderiam atrair, aumentar a quantidade de mão-de-obra nas lavouras de café e diminuir o valor da mesma, fixando-os ao solo e ao trabalho, concordaram com vinda de imigrantes (Silva & Fernandes, 2000, p. 3).

Em Ribeirão Preto, foi inaugurado o Núcleo Colonial Antônio Prado<sup>21</sup>, em 1887. Tratava-se de terras devolutas, que foram destinadas à construção de núcleos coloniais, com o principal

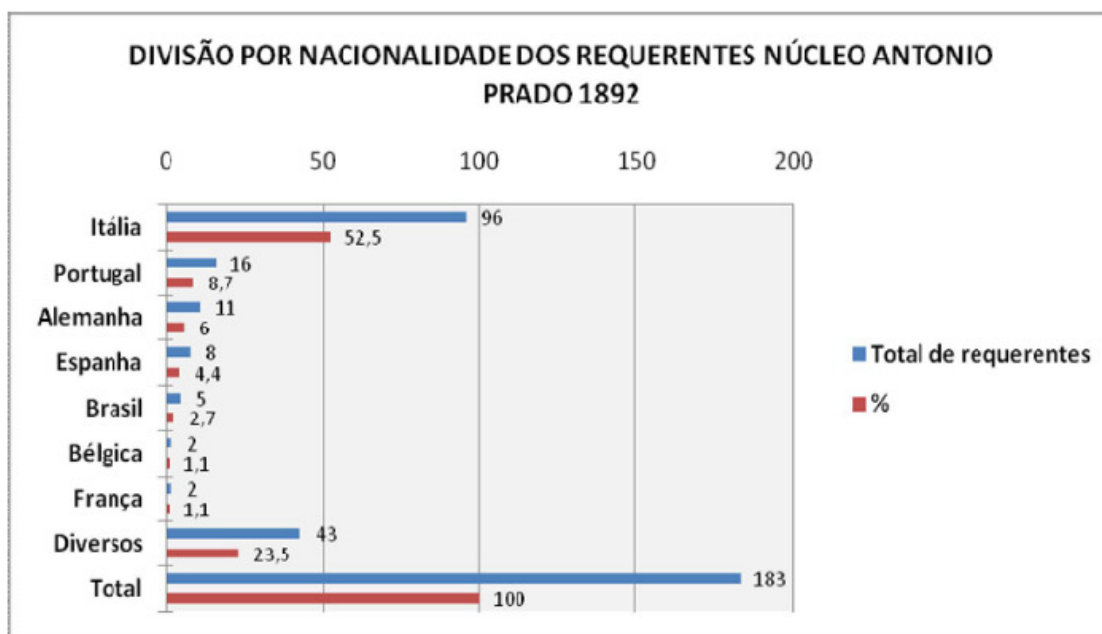
<sup>21</sup> No Site do Arquivo Público do Estado de São Paulo <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/nucleos\\_coloniais](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/nucleos_coloniais)>, ao selecionar Ribeirão Preto no campo localidade, é possível visualizar documentos relacionados ao Núcleo Colonial Antônio Prado, são folhas dos cadastros das famílias de colonos. Acesso em 16 abril, 2016.

objetivo de receber imigrantes, o que Silva (2008, p. 9) chama de “viveiro de mão-de-obra” para a lavoura, área que serviu para satisfazer o desejo da elite, o qual era isolar os pobres e operários, assim como os equipamentos urbanos como fábricas, hospitais, asilos, manicômios, cemitérios, entre outros. Vide mapas 5, 6 e 7, anexo 6.

Este Núcleo Colonial atraiu trabalhadores tanto para a atividade cafeeira como para diferentes serviços profissionais, por exemplo, estabelecimentos comerciais de secos e molhados, pequenas indústrias alimentícias e de produtos de primeira necessidade, fábricas de caramelo (que atendia a indústria de bebidas), fábricas de sabão, olarias, entre outros (A. C. B. da S. Manhas & M. P. G. Manhas (2011, pp. 9-10).

O Núcleo Colonial estava localizado na área onde existia a antiga Fazenda do Ribeirão Preto, a qual fez parte na formação do patrimônio de São Sebastião, na constituição da vila. O nome do Núcleo foi uma homenagem ao avô de Matinho Prado Junior, família mineira que veio para o Oeste Paulista. Antônio da Silva Prado foi vereador, deputado provincial e imperial, senador e ministro da Imigração e das Obras Públicas e Agricultura, Indústria e Comércio (Calsani, 2010, p. 57).

Na tabela a seguir observa-se a nacionalidade dos requerentes de lotes de terra no Núcleo Colonial Antônio Prado, em 1892.



Quadro 5: Divisão por nacionalidade dos requerentes Núcleo Antônio Prado 1892. Fonte: Calsani, 2010, p. 59.

Neste momento ocorreu o primeiro grande crescimento populacional em Ribeirão Preto, com a atração de trabalhadores para as fazendas cafeicultoras. Na tabela abaixo é possível visualizar este fato, no período entre 1874 a 1934.

<i>Alta Mojiana: população total - 1874-1934</i>					
Município	1874	1886	1900	1920	1934
Altinópolis	—	—	—	8.823	11.047
Batatais	13.464	19.915	19.164	21.816	24.772
Brodósqui	—	—	—	9.188	9.169
Cajuru	5.394	6.497	10.850	19.294	19.277
Cravinhos	—	—	30.050	26.551	19.780
Franca	21.419	10.040	15.491	44.308	60.237
Guará	—	—	—	—	8.324
Igarapava	—	7.638	12.585	32.678	28.268
Ituverava	—	4.585	6.158	23.552	26.535
Jardinópolis	—	—	14.579	18.699	18.593
Morro Agudo	—	—	—	—	14.654
Nuporanga	—	—	6.635	5.830	7.925
Orlândia	—	—	—	37.930	16.998
Patrocínio Paulista	—	2.248	4.853	9.321	12.636
Pedregulho	—	—	—	—	18.382
Ribeirão Preto	5.552	10.420	59.195	68.838	81.565
Santa Rosa	—	—	—	10.620	8.092
Santo Ant. da Alegria	—	—	4.705	6.673	6.668
São Joaquim	—	—	—	9.130	19.643
São Simão	—	6.367	24.850	29.455	24.906
Serra Azul	—	—	—	—	6.248
Sertãozinho	—	—	10.940	30.522	31.039
Subtotal	—	63.229	186.165	355.171	414.499
Estado de São Paulo	—	1.221.380	2.279.608	4.592.188	6.450.931

Quadro 6: Alta Mojiana: população total – 1874-1934. Fonte: Bacellar e Brioschi, 1999, p. 153.

Ribeirão Preto, dentre as cidades da sua região, foi a que teve o maior crescimento populacional. Por exemplo, saiu de 5.552 habitantes em 1874 para 68.838 em 1920, um aumento, aproximadamente, de 1.200% neste intervalo de tempo.

A diversidade étnica e cultural da população também era ampla, constatada através da próxima tabela. Nela é possível identificar os valores totais de brasileiros e estrangeiros, assim como seus respectivos percentuais. Constata-se, contudo, que a quantidade de italianos na cidade era, em 1912, muito superior às outras etnias, correspondendo a 25,01% do total de habitantes (brasileiros natos e estrangeiros natos) e 59,77% do total de estrangeiros natos. Pode-se perceber ainda que, ao longo dos anos (1912 a 1950), o número de italianos diminuiu, no entanto, continuou expressivo com relação aos outros estrangeiros.



TABELA 4

A População do Município de Ribeirão Preto por Nacionalidade

	Total	Brasileiros Natos	Estrangeiros Natos	Estrangeiros Natos, por país de origem					
				Itália	Espanha	Portugal	Japão	Oriente Médio	Outras localidades
1912	58.220	33.862	24.358	14.561	2.558	4.913	Dados não disponíveis	481	1.845
	100,00	58,16	41,83	25,01	4,39	8,43		0,82	3,16
			(100,00)	(59,77)	(10,50)	(20,16)		(1,97)	(7,57)
1920	68.838*	47.089	21.748	10.907	5.407	2.706	1.232	234	1.262
	100,00	68,40	31,59	15,84	7,85	3,93	1,78	0,33	1,83
			(100,00)	(50,15)	(24,86)	(12,44)	(5,66)	(1,07)	(5,80)
1940	79.783*	70.681	9.066	4.408	1.574	1.440	442		1.202
	100,00	88,63	11,36	5,52	1,97	1,80	0,55	Dados não disponíveis	1,50
			(100,00)	(48,62)	(17,36)	(15,88)	(4,87)		(13,25)
1950	92.160	86.035	6.125						
	100,00	93,35	6,64	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis	Dados não disponíveis
			100,00						

Nota: Os números apresentados entre parênteses correspondem ao percentual apenas sobre os estrangeiros natos.

\* Esses valores totais são maiores que a soma dos valores das colunas 2 e 3 porque havia uma pessoa, em 1920, e 36 pessoas, em 1940, cujas nacionalidades não estavam determinadas. Por esse motivo, os valores percentuais foram calculados com base no valor total menos o número de indivíduos sobre os quais faltava informação.

Quadro 7: A População do Município de Ribeirão Preto por Nacionalidade. Fonte: Walker e Barbosa, 2000, p. 46.

De acordo com Walker e Barbosa, 2000, p. 41:

[...]. Segundo censo local de 1912, 41,83% da população do Município eram estrangeiros. Os imigrantes causaram tremendo impacto social em Ribeirão Preto. Existiam organizações étnicas para cada nacionalidade representativa, jornais em língua estrangeira e, além disso, os recém-chegados, certamente, trouxeram consigo uma variedade de novos costumes e preferências. Em geral, o ambiente de Ribeirão Preto naquele período havia-se tornado bastante cosmopolita. A classe alta consistia-se dos fazendeiros e seus aliados: advogados, médicos, banqueiros, educadores e compradores. A classe baixa era composta de trabalhadores rurais e de um pequeno proletariado urbano. A mobilidade de uma classe a outra era surpreendentemente livre. Sendo as pessoas valorizadas especialmente em função de sua situação financeira, e sendo abundantes as oportunidades econômicas, eram comum empreendedores pobres – nativos ou estrangeiros – fazerem fortuna em pouco tempo e, portanto, ganharem ao menos limitada aceitação na classe alta.

Muitos estrangeiros acabaram por deixar a ocupação na lavoura de café e foram exercer outras atividades. Em particular, alguns italianos, que foram trabalhar na indústria e no comércio. Aqueles mais bem-sucedidos, acumulavam fortunas (Walker & Barbosa, 2000, p. 26). Estes, que conseguiram guardar capital, nos últimos anos da República Velha, depois de 1929, tinham condições de comprar as propriedades da aristocracia falida. Entre os anos 1940 e 1950, existiam muitos empreendimentos (agrícolas, industriais e comerciais) comandados por

pessoas com nomes estrangeiros, como Biagi, Marchesi, Innechi, Kujawski, entre outros (Walker & Barbosa, 2000, p. 49).

Segundo este mesmo autor, com o passar dos anos (mostrados na tabela anterior), a principal causa da “brasilinização” da população, que fez a quantidade de estrangeiros decair, gradualmente, foi, possivelmente, a biológica, ou seja, nasciam a primeira e segundas gerações nacionais (descendentes) e os imigrantes morriam, conforme o tempo passava (Walker & Barbosa, 2000, p. 47).

Diversas pesquisas e trabalhos apresentam aspectos da chamada Grande Emigração Italiana (ocorrida entre o final do século XIX e início do XX) e a vinda ao Brasil. Alguns destes autores são: Angelo Trento (2000) com o livro “Os Italianos no Brasil – Gli Italiani in Brasile; Emilio Franzina (2006) no livro “A Grande Emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil”; João Fábio Bertanha (2010) com o livro “Os Italianos”; José Eduardo Heflinger Júnior e Paulo Masuti Levy (2010) em “E os Italianos chegaram”; e Paolo Angeleri (1981) que escreve um capítulo sobre este tema no livro “A História da Imigração no Brasil – As Famílias”.

Existem, também, trabalhos que abordam a Imigração Italiana na cidade de Ribeirão Preto<sup>22</sup>, a qual é responsável pelo grande aumento populacional e consequências sociais, culturais e econômicas. Neste campo, destacam-se os autores, Adriana Capretz Borges da Silva (2008); Antônio Brandão (2009); Liamar Izilda Tuon (1997) e (2010); Maria Elizia Borges (1999); Patrícia Gomes Furlanetto (2007); Rosana Aparecida Cintra (2001); Rodrigo de Andrade Calsani (2010); Thomas W. Walker e Agnaldo de Sousa Barbosa (2000); e Valéria Valadão (1997).

Estes pesquisadores contribuem de forma imprescindível para a história da cidade e, até mesmo, do Brasil. A seguir, este trabalho será complementado com alguns dados mais recentes sobre a população de Ribeirão Preto.

## **1.6 População de Ribeirão Preto – séculos XX e XXI**

Conforme já mencionado, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>23</sup>, estimou que a população em 2015, para a cidade de Ribeirão Preto, era de 666.323 habitantes, sendo que o último Censo, realizado em 2010, constatou 604.682 habitantes.

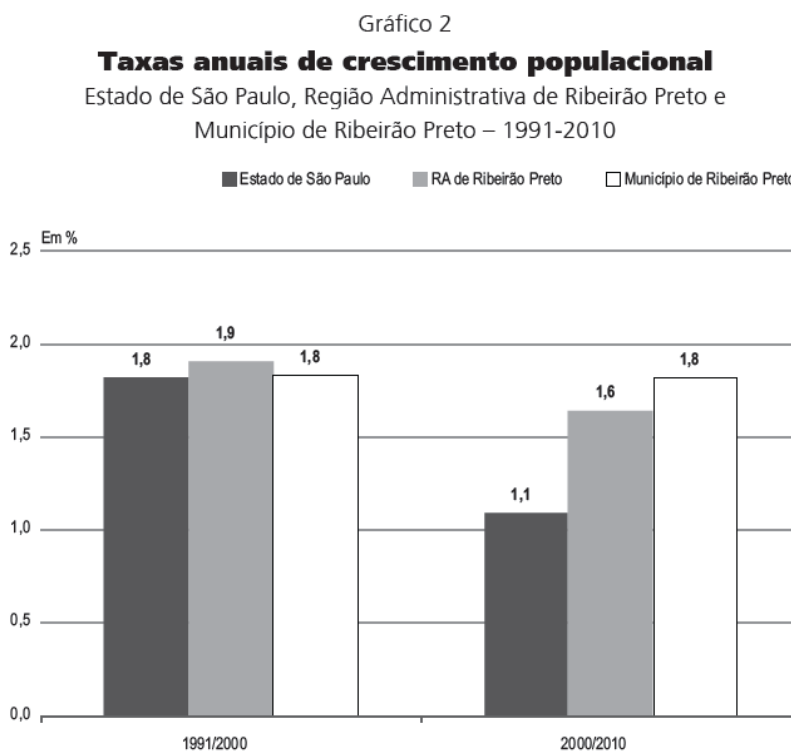
---

<sup>22</sup> O vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vv8MKcDcwZ4>>, acesso em: 01 março, 2016, complementa a Série Identidades Culturais sobre a Imigração Italiana em Ribeirão Preto e, aborda a história destes imigrantes por meio de entrevistas com os descendentes que ainda vivem na cidade. Foi produzido pelo Museu da Imagem e do Som, Secretaria da Cultura e Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.

<sup>23</sup> Informações disponíveis em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354340>>. Acesso em: 08 de abril de 2016.

Estudos populacionais, no Estado de São Paulo, como o da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE, dividem as regiões do estado em Regiões Administrativas compostas por diversos municípios. Desta forma, os dados e informações obtidas são divulgadas de modo geral, ressaltando aquelas cidades com maior destaque. Por exemplo, a Região Administrativa de Ribeirão Preto é composta por 25 municípios (conforme já citado), sendo a cidade de Ribeirão Preto o maior polo, onde reside a parcela mais significativa da população desta região, equivalente na época do estudo à, aproximadamente, 48% da população regional (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados [SEADE], 2011, p. 3).

De acordo com o gráfico abaixo é possível visualizar a taxa de crescimento anual do município de Ribeirão Preto com relação ao Estado de São Paulo e a Região Administrativa de Ribeirão Preto durante o período de 1991 a 2010. Percebe-se que o município tem uma taxa bastante alta se comparada com outras cidades da região e estado.



Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Quadro 8: Taxas anuais de crescimento populacional – Estado de São Paulo, Região Administrativa de Ribeirão Preto e Município de Ribeirão Preto – 1991 – 2010. Fonte: SEADE, 2011, p. 5.

Em julho de 2016, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo – ALESP aprovou a proposta de criação da Região Metropolitana de Ribeirão Preto – RMRP. Esta será composta por 34 municípios em um território de 14,8 mil quilômetros quadrados, equivalente a 6% do estado de São Paulo, com 1,6 milhão de habitantes e Produto Interno Bruto – PIB estimado em

48,38 bilhões<sup>24</sup>. Tal ação poderá ser favorável à Ribeirão Preto e região, tendo em vista o reconhecimento e possibilidade de captação de mais recursos, investimentos e oportunidades. Um aspecto negativo pode ser o despreparo na gestão.

Na região de Ribeirão Preto, a cultura da cana-de-açúcar e seu processamento têm gerado transformações marcantes na estruturação do espaço regional, nas relações de produção e trabalho, assim como nos movimentos populacionais (Baeninger *et al.*, 2010, p. 174).

[...]. Em um primeiro momento (1930-1950), o esvaziamento do campo devido à modernização da agricultura provocou intensa migração no sentido campo-cidade, bem como do interior para a metrópole, que estava em formação (Cano, 1988, como citado em Baeninger *et al.*, 2010, p. 173).

Já no período de 1950 a 1960, observa-se a recuperação demográfica da região, principalmente devido à elevada taxa de crescimento populacional urbano. Esta taxa foi superior a 3% ao ano e aproximou-se à taxa do Estado, que foi de 3,46% ao ano.

Entretanto, apesar da importância do setor sucroalcooleiro, a base agrícola de Ribeirão Preto é diversificada. Existe o cultivo do café (embora de menor relevância no valor da produção regional, o município de Altinópolis destaca-se pela produção dos grãos de café de alta qualidade), laranja, tomate, cebola e amendoim (SEADE, 2011, p. 8).

Vide a primeira tabela no anexo 7, que apresenta a evolução populacional da região de Ribeirão Preto entre o período de 1960 a 2007. É possível observar que a quantidade da população total do município de Ribeirão Preto, em destaque, aumentou, em 37 anos, cerca de 161,72%. Já a segunda tabela, também no anexo 7, expõe o crescimento absoluto populacional, o crescimento vegetativo e o saldo migratório.

O município de Ribeirão Preto apresentou o maior saldo migratório nos períodos intercensitários considerados: cerca de 62 mil pessoas, no período 1970-1980 (o que corresponde a quase 60% de seu crescimento populacional total nesta década); 47 mil pessoas, no período 1980-1991, e, aproximadamente, 24.500 pessoas, no período 1991-2000. Já no período 2000-2007, o município de Ribeirão Preto mantém sua preponderância, apresentando um saldo migratório que indica a entrada de cerca de 21 mil pessoas; ou seja, 7 mil pessoas em média.

A participação relativa do saldo migratório, no crescimento populacional total do município, oscila ao longo das décadas. Em 1980, por exemplo, o saldo migratório era responsável por 40,9% do crescimento populacional de Ribeirão Preto, enquanto que no período de 1991 a 2000, este valor cai para aproximadamente 35%. Entretanto, nos anos de 2000 a 2007, houve um aumento da participação relativa do saldo migratório, que passa a responder

---

<sup>24</sup> Informações sobre a Região Metropolitana de Ribeirão Preto recuperadas em 01 julho, 2016, de <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/06/regiao-metropolitana-de-ribeirao-preto-sp-e-aprovada-pela-alesp.html>>.



por 40,2% do crescimento populacional do município (Baeninger *et al.*, 2010, p. 186).

Conforme o estudo realizado, é possível compreender que Ribeirão Preto e municípios vizinhos, como Sertãozinho, são polos de desenvolvimento tecnológicos e industriais. O setor de serviços e comércio destacam-se na cidade, além de Ribeirão Preto ser referência em serviços ligados à saúde e possuir diversas universidades públicas e privadas, fatores estes que têm atraído muitas pessoas, nos últimos anos, tanto da capital (São Paulo), que buscam qualidade de vida e fogem da violência, como estrangeiros, por exemplo, os chineses que vêm trabalhar no comércio (Lopes, 2013, *s/p*)<sup>25</sup>.

Em entrevista com Adriana Silva (2016), transcrição disponível no anexo 2, Ex-Secretária da Cultura da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, atual Presidente do Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais – IPCCIC, Presidente da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto e Diretora Administrativa da Casa da Memória Italiana, foi afirmado pela mesma que Ribeirão Preto, além de possuir, aproximadamente, seiscentos mil habitantes, ela é o centro de outras cidades menores que se relacionam entre si, as pessoas vêm para desfrutar, principalmente, dos serviços e comércio de Ribeirão. Além disso, é uma cidade de transeuntes, ou seja, passantes, que vêm e trabalham algum tempo, desfrutam da cidade por certo período e vão embora. Outra característica do município é que, ao mesmo tempo que é moderno, rápido, com uma economia ágil, é conservador, com antagonismos na gestão pública. Este aspecto conservador da cidade, Adriana não explicou detalhadamente, mas entende-se que possa ser relacionado ao campo político, que por ser muito conservador, pode acabar não evoluindo ou modernizando a cidade, seja com novos projetos ou mesmo ao aspecto de governar.

Ainda que inovadora, já que pela pujança sempre era recompensada pelas novidades (energia elétrica, ferrovia, indústria metalúrgica, telefonia...) a cidade era também marcada pela passagem e não permanência. Assim tem sido com os seus cognomes. Primeiro Capital d'Oeste, então Eldorado do Café, Califórnia do Café antes até de Califórnia Brasileira, Capital da Cultura nos áureos tempos dos dois teatros no centro da cidade, Capital do Agronegócio e, mais recente, Capital do Etanol (Silva & Rosa, 2012, p. 14).

Títulos estes que identificam, rapidamente, o que contribuiu para a atração de pessoas, dos mais diversos tipos e locais, para a cidade. E está sempre em movimento. Tal fato pode ser favorável para Ribeirão Preto, como pode não ser, pois quanto aos aspectos sociais e culturais, com tudo sempre em mudança na cidade, as pessoas vindo e indo, as tradições podem se perder,

---

<sup>25</sup> Informações recuperadas em 20 abril, 2016, de <<http://agencia.fapesp.br/17914>>.

assim como as memórias e identidades da população. Embora outras possam, certamente, surgir. É este o desafio, porque o patrimônio não é o passado, mas o que este quer deixar para o futuro. Esta é a abordagem seguinte.

## Capítulo 2. – As Cidades Criativas e o Patrimônio Cultural

Este capítulo analisa o tema cidades criativas, economia criativa, turismo criativo e patrimônio cultural como conceitos que se relacionam e que hoje povoam o universo conceptual de qualificação urbana. Primeiramente trará ao conhecimento abordagens de autores referenciais e, em seguida, relacionará tais conceitos com a realidade da cidade de Ribeirão Preto. O objetivo é delinear este processo criativo, pincelando o seu estado da arte.

Levando-se em consideração o crescimento urbano, a certeza de uma crescente concentração da população mundial nas cidades, a proposição de que a origem do desenvolvimento urbano e o crescimento da sociedade contemporânea resultam da dinâmica da produção econômica e do trabalho (Scott, 2006, p. 2), traduz-se nalguns estudos<sup>26</sup> que apontam a necessidade de ultrapassar a possível desqualificação das cidades, massificadas e comoditizadas. A melhoria da vida quotidiana passará, como alguns propõem, pela valorização criativa das heranças culturais, baseadas na diferenciação, agregando valor. Um deles, denominado “Automated, Creative & Dispersed: the future of world in the 21st century”,<sup>27</sup> foi conduzido pela The Economist Intelligence Unit - EIU e patrocinado pela Ricoh Europa, em 2015. Uma série de entrevistas com especialistas e executivos das mais diversas áreas foram realizadas com a finalidade de identificar as principais tendências sobre o trabalho, para os próximos dez a quinze anos. Entre as conclusões apresentadas estão: qualquer lugar será um potencial ambiente de trabalho; a tecnologia digital irá dissolver o conceito de trabalho conhecido; a automação mudará a ênfase do trabalho humano para a criatividade e habilidades ou inteligência social; assim como a nova realidade do trabalho exigirá mudanças em seus padrões, exigindo uma nova abordagem e atenção com a gestão e, mais especificamente, com os talentos.

Além da economia da cidade, dos produtos e serviços gerados pelo trabalho, as cidades precisam ter qualidade de vida, responsável pela atração das pessoas, dos talentos criativos. Este fato pode ser exemplificado com outro estudo, realizado por Robert Half<sup>28</sup> e uma equipe de pesquisa do EIU, chamado “Career City Index Robert Half: The Best Cities to Live and Work”, no qual foram avaliadas vinte e cinco cidades americanas através de vinte e cinco

---

<sup>26</sup> Estudos mencionados por Ana Carla Fonseca Reis durante o evento Agenda Ribeirão, 3ª. edição, realizado em Ribeirão Preto, cujo tema foi “Cidades Criativas e Cidadania Ativa, em 03 de junho de 2016.

<sup>27</sup> Pesquisa disponível em <<https://www.eiuperspectives.economist.com/sites/default/files/EIU-Ricoh%20Future%20Work%20-%20report.pdf>>. Acesso em: 06 de junho de 2016.

<sup>28</sup> O estudo “Career City Index Robert Half: The Best Cities to Live and Work” está disponível em: <<https://www.roberthalf.com/workplace-research/career-city-index-the-best-cities-to-live-and-work>>. Acesso em: 06 de junho de 2016.

indicadores que medem o que os profissionais valorizam nas cidades e como estas se destacam, umas frente às outras. Os indicadores foram separados em 4 categorias: perspectivas de carreiras; qualidade de vida; custo de vida; e diversidade cultural.

Destacam-se duas categorias consideráveis para avaliação no estudo de caso desta dissertação, a qualidade de vida, que Robert Half relaciona com a infraestrutura das cidades, composta por educação, saúde e transporte; e a categoria diversidade cultural que mede as oportunidades artísticas, culinárias, culturais e o significado de comunidades estrangeiras a viverem nas cidades. A cultura, identidade e ambiente em geral podem influenciar o desejo de estar ou de mudar-se para uma cidade. Esta categoria, também, mede a conectividade com a internet, tendo em vista que esta permite a ligação entre os usuários e o mundo educacional, informativo, assim como, às oportunidades culturais<sup>29</sup>.

Assim, tendo em vista a frenesi das últimas décadas com relação à criatividade e transformação dos espaços e cidades em lugares criativos, inicia-se este capítulo com a busca pelo conhecimento das cidades criativas e alguns conceitos relacionados à mesma.

## **2.1 Cidades Criativas – alguns conceitos correlacionados**

O tema cidades criativas surgiu em meio aos debates sobre economia, no contexto de transformação industrial, no final do século XX. Num primeiro momento, o foco foi dado a aspectos mais econômicos e com o passar do tempo, absorveu abordagens diversificadas. Este assunto esteve, cada vez mais, centralizado nas análises acadêmicas e agendas políticas, com o foco em debates acerca do papel das atividades criativas no desenvolvimento dos territórios, operações de renovação urbana, crescimento econômico, competitividade, regeneração e qualidade de vida.

Entre a diversidade de conceitos, algumas noções são comuns como a do conhecimento, criatividade, inovação, conectividade, sustentabilidade e cultura, associadas a novos produtos ou serviços, pessoas e instituições, organizações ou governança.

Apesar deste renovado interesse e de toda(s) a(s) retórica(s) em torno do papel da criatividade no desenvolvimento das cidades e das regiões, o que é facto é que a relação entre actividades culturais/criativas e território, numa perspectiva mais ampla, tem várias e mais remotas origens e há muito tem vindo a ser estudada (cf. Costa *et al*, 2008). As novas abordagens em torno

---

<sup>29</sup> “[...]. Uma pesquisa da CEOs for Cities nos Estados Unidos mostra que, 15 anos atrás, 80% das pessoas educadas escolhiam a empresa ou o trabalho antes da cidade; agora 64% delas escolhem a cidade em vez do trabalho. A Cidade Criativa de conhecimento intensivo tem aspecto e sentimento diferentes de uma cidade industrial.” (Landry, 2013, p. 76).

das cidades criativas apenas as vieram evidenciar (o que já é bastante ...) e trazer para o centro da análise e do discurso acadêmico, mas também na prática política, onde ganharam uma grande visibilidade (Costa *et al.*, 2008, como citado em Costa, Seixas, & Oliveira, 2009, p. 2716).

Mas afinal o que é criatividade? Apropriando-se do significado apresentado no planejamento feito para a cidade de Toronto pela AuthentiCity (2008, p. 43), a criatividade é um processo mental e a habilidade na produção de ideias ou invenções originais e compostas por significados. Ela pode envolver novas ideias ou conceitos ou ser novas associações dos mesmos, realizada por uma ou mais pessoas.

O esquema seguinte traduz as conexões entre as escalas de criatividade de uma cidade criativa. Conhecê-las e distingui-las permite uma melhor identificação dos instrumentos de política, parcerias, recursos e ações, necessários para alavancar mudanças.



Quadro 9: Scales of Creativity. Fonte: AuthentiCity, 2008, p. 23.

A relação entre a criatividade e o ambiente urbano aparece na literatura desde a década de 1960, no entanto, foi à partir dos anos de 1990 que surgem condições concretas para esse debate (Reis, 2011a, p. 34).

[...]. The idea first put forward by Debord (1967) of the “city of the spectacle” can perhaps be seen as an early anticipation of some of these developments, especially in the matter of the new production spaces, cultural complexes, and dramatized visual environments that are proliferating in major metropolitan areas around the world (Mommás 2004; Zukin 1995) (Debord, 1967; Mommás, 2004; Zukin, 1995, como citado em Scott, 2006, p.15).

Das características relacionadas ao contexto de surgimento das cidades criativas vale destacar: a globalização e as reações de valorização dos diferenciais, como as identidades e

culturas locais; a dispersão das tecnologias de informação e comunicação junto às discussões sobre a localização dos talentos e a questão dos fluxos financeiros e tecnológicos globais; a divulgação de estatísticas globais sobre o crescimento urbano frente às insustentabilidades ambientais, sociais e culturais das cidades; a valorização dos ativos culturais cidadãos; os debates sobre a localização frente às virtudes das tecnologias da informação e comunicação e à fragmentação das cadeias produtivas; visões diversas sobre oportunidades e desigualdades nos acessos/inclusões tecnológicas e sobre a globalização como causa da diminuição das experiências nas localidades (Reis, 2011a, pp. 31-33).

No início dos anos de 1980, houve um esforço da comunidade artística, em justificar o valor econômico da arte. Isto progrediu nos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Europa e outros. Ao mesmo tempo, desde os anos de 1970, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO e o Conselho da Europa pesquisavam sobre as indústrias culturais. A partir de então, muitos autores desenvolveram conceitos e trabalhos relacionados com as indústrias culturais e depois criativas, economia criativa e cidades criativas, assim como, líderes políticos agendaram tais preocupações nas políticas nacionais. Como exemplos vejam-se: Nick Garnham, professor de Comunicações da Universidade de Westminster e participante do Conselho da Grande Londres (Greater London Council), que entre 1983/1984 criou uma unidade de indústrias culturais, inserindo-as na agenda política urbana de Londres; e na Austrália, o primeiro-ministro, Paul Keating, implantou, em 1994, uma política cultural chamada “Nação Criativa”, na qual valorizava a abertura do país ao mundo e à multiculturalidade. Essa foi a primeira vez que um país reconheceu a cultura como recurso identitário e econômico (Landry, 2011, pp. 7-8). Ana Carla Fonseca Reis (2011a, p. 33) menciona ainda, um programa do governo britânico do Primeiro-Ministro Tony Blair, em 1998, no qual buscava-se um desenvolvimento estratégico multissetorial pautado na criatividade, que além de recuperar cidades com história industrial, tinha como foco a transformação do Reino Unido “no polo criativo do mundo”. O fruto desta ação foi a publicação do livro “Creative Britain” (1998) cujo autor, Chris Smith, foi Secretário de Estado da Cultura, Mídia e Esporte.

Assim, ao longo dos anos, a noção de cidade criativa foi ampliada, excedendo o foco em atividades artísticas ou economia criativa. Foram inseridos debates multidisciplinares acerca do planejamento urbano, relacionando-o à criatividade e cultura.

[...]. Culture and creativity are intertwined. Culture is the panoply of resources that show that a place is unique and distinctive. The resources of the past can help to inspire and give confidence for the future. Even cultural heritage is reinvented daily whether this be a refurbished building or an adaptation of an old skill for modern times: today’s classic was yesterday’s

innovation. Creativity is not only about a continuous invention of the new, but also how to deal appropriately with the old. [...]. Cultural resources are the raw materials of the city and its value base; its assets replacing coal, steel or gold. Creativity is the method of exploiting these resources and helping them grow. The key problem was not how to identify them, but how to limit the imagination, as the possibilities were endless. The task of urban planners is to recognize, manage and exploit these resources responsibly. Culture, therefore, should shape the technicalities of urban planning rather than be seen as a marginal add-on to be considered once the important planning questions like housing, transport and land use have been dealt with. By contrast a culturally informed perspective should condition how planning as well as economic development or social affairs should be addressed (Landry, 2008, p. 7).

Para Ana Carla Fonseca Reis e André Urani (2011, p. 31), a economia criativa é um desdobramento da economia do conhecimento, e que além de agregar o saber e tecnologia engloba a cultura. Por isto, no mundo atual, em que os ciclos de desenvolvimento de produtos são, cada vez mais, curtos e, bens e serviços, extremamente padronizados, os ativos intangíveis tornam-se os diferenciais econômicos, a vantagem competitiva. Para estes pesquisadores, a economia criativa busca parâmetros, também, na economia da experiência.

Por sua vez, o World Bank (2007, pp. 23-24) menciona os quatro pilares da economia do conhecimento: trabalhadores instruídos e qualificados que compõem a força de trabalho (educação); infraestrutura de informação moderna e adequada que facilite a comunicação efetiva, a divulgação e o processamento da informação e do conhecimento (infraestrutura/tecnologia de informação e comunicação); sistema de inovação eficaz composta por empresas, centros de pesquisa, universidades, consultores e outras organizações que explorem o crescente conhecimento, assimile-o e adapte-o às necessidades locais (conhecimento e inovação); e um regime institucional, à nível país, que promova incentivos econômicos para possibilitar a mobilização e alocação de recursos de forma eficiente, estimule o empreendedorismo, a criação, a disseminação e o uso efetivo do conhecimento.

Quanto à economia da experiência, Valéria Barros (2008, pp. 82-85), afirma que esta é uma tendência mundial e é caracterizada pela exigência na revisão de valores de mercado e reconhecimento da maior relevância e valor econômico, que os produtos e serviços adquirem ao lidar com a componente emocional. As experiências passam a ser memoráveis quando são vivenciadas, experimentadas e relacionadas com a emoção. Destaca, assim, a comercialização de produtos e serviços que promovam a experiência, caracterizados pelo elevado valor simbólico, autenticidade, personificação, unicidade, capazes de agregarem valor à economia, como experiências relacionadas ao turismo.

Por isso, compreende-se que a economia criativa apresenta as características mencionadas. Desta forma, interpreta-se que o artesanal, o diferente e personalizado, o único ou o criativo, tornam-se os mais “procurados” e valorizados pelas pessoas. Assim como a essência do local e suas singularidades, que causam a distinção entre os lugares e cidades, as experiências diversas, a bagagem histórica, cultural, econômica, social e os processos de transformações decorridos ao longo do tempo, que permeiam as experiências, decisões e escolhas atuais, tanto no que se refere à vivência no local, como em passeios e turismo.

Existem três vertentes distintas que podem ser reconhecidas nas pesquisas sobre a relação entre criatividade e desenvolvimento dos espaços urbanos:

[...] (i) a ideia da necessidade de criatividade nos “instrumentos” para o desenvolvimento urbano, ou seja do desenvolvimento de ferramentas e soluções criativas associadas aos novos contextos socioeconômicos e culturais; (ii) o foco nas atividades/indústrias/sectores criativos (muitas vezes assimiladas, com maior ou menor abrangência às atividades culturais) como sendo uma base estrutural do desenvolvimento urbano, ou seja, a ideia de que as atividades “culturais e criativas”<sup>1</sup> têm um papel fundamental nas economias actuais e são uma aposta fulcral para o desenvolvimento urbano (assumindo o lugar de novo motor económico numa sociedade centrada no conhecimento, onde o valor simbólico é cada vez mais legitimado); e finalmente, (iii) a defesa da necessidade de atrair as competências criativas, ou seja, recursos humanos criativos (Costa *et al.* 2009, p. 2716).

Diante destas vertentes de estudos ou conceitualizações, julga-se necessário distinguir as abordagens sobre criatividade existentes, nas quais, uma considera que esta é transversal à economia, sociedade e vida urbana, é fonte de criação de valor, crescimento e desenvolvimento territorial. A outra abordagem foca-se nas atividades consideradas criativas (nas quais são empregues o requisito criatividade), que podem ter maior ou menor relação com as indústrias culturais e/ou criativas (Costa *et al.* 2009, p. 2718).

Na verdade a noção de cidades criativas vai-se moldando, mas sempre apontando no sentido do total, humano e infra-estrutural. Para Landry (2011, p. 14):

Uma cidade criativa demanda infraestruturas que vão além do hardware – edifícios, ruas ou saneamento. Uma infraestrutura criativa é uma combinação de hard e soft, incluindo a infraestrutura mental, o modo como a cidade lida com oportunidades e problemas; as condições ambientais que ela cria para gerar um ambiente e os dispositivos que fomenta para isso, por meio de incentivos e estruturas regulatórias.

O conceito de cidade criativa não deve limitar-se apenas a uma abordagem, seja ela urbana, econômica, cultural, ambiental ou social, mas deve alcançar todas estas, a fim de formar um novo paradigma de desenvolvimento urbano (Reis, 2011b, p. 28). Por sua vez, Richard



Florida (2005, p. 1) defende que nas últimas décadas a criatividade tornou-se a força motriz do crescimento e desenvolvimento das cidades, regiões e nações. O elemento mais importante de sua teoria é a ideia que “every human being is creative” (Florida, 2005, pp. 3-4).

From my perspective, creative people power regional economic growth, and these people prefer places that are innovative, diverse, and tolerant. It thus differs from the human capital theory in two respects: (1) it identifies a type of human capital, creative people, as being key to economic growth; and (2) it identifies the underlying factors that shape the location decisions of these people, instead of merely saying that regions are blessed with certain endowments of them (Florida, 2005, p. 34).

A “classe criativa” de Florida é composta por todas as pessoas capazes de criarem novos produtos ou atividades caracterizadas pelo valor simbólico e por significado; de solucionar criativamente problemas através de complexo conhecimento e inovação. São pessoas com alto grau de educação formal e elevado nível de capital humano. O núcleo dessa classe é formado por cientistas, engenheiros, professores universitários, poetas, escritores, artistas, animadores, atores, designers, arquitetos, assim como, formadores de opinião como editores, figuras culturais, pesquisadores e analistas. Este grupo criativo também inclui profissionais criativos que trabalham em indústrias de conhecimento intensivo como os setores de alta tecnologia, serviços financeiros, profissões legais/jurídicas, da área da saúde e de gestão de negócios (Florida, 2005, p. 34).

Este autor ressalta, ainda, que para atrair as pessoas criativas, gerar inovação, estimular o desenvolvimento econômico, os lugares precisam ter três características, o que ele chama de 3T’s, a tecnologia, o talento e a tolerância. A tolerância é a abertura, inclusão e aceitação de todas as etnias e diversidades; o talento é definido por aquelas pessoas que possuem graduação superior (bacharelado) e formações acima; e a tecnologia é a função da inovação e da alta tecnologia concentradas em uma região (Florida, 2005, p. 37). Os “3T’s” de Florida, são considerados as chaves do desenvolvimento econômico dos territórios, capazes de promover a fixação da “classe criativa” nestes lugares e, também, diferenciar um local do outro.

O trabalho de Florida foi muito criticado com o argumento de que a ideia de “classe criativa” parecia elitista e excludente. De acordo com este autor, a escolha deste termo foi por motivo pessoal, de frustração intelectual por considerar esnobes ou arrogantes outros termos usados na academia, como “*knowledge works*”, “*information society*”, “*high-tech economy*”, entre outros. Por isto, escolheu este termo – “creative class” – para definir, de forma mais precisa, a real fonte de criação de valor econômico, que é a criatividade humana e, também, porque a criatividade humana é um recurso ilimitado. Entretanto, Florida menciona que, para

ele, o fato mais perturbador é que apenas 1/3 da força de trabalho é empregada no setor criativo da economia (Florida, 2005, p. 4).

Da mesma forma que existem os “3T’s” de Florida, pode-se falar nos “3 C’s” de Charles Landry, segundo Martins (2011, p. 79): a cultura, a comunicação e a cooperação. A cultura, equivale à identidade, patrimônio, passado da cidade e a imagem que projeta no presente e influencia no futuro; a comunicação reflete a aproximação física e tecnológica dos habitantes e; a cooperação é a interação e aceitação da diversidade.

O autor Allen Scott (2006, pp. 7-8) diz sobre as cidades criativas:

Creative cities in the modern world are typically organized around production systems marked by shifting interfirm networks and flexible labor markets of the sorts described above. These structures provide an essential framework for high levels of information generation and interchange and for frequent experimentation by individual firms in regard to industrial processes and products. The very fluidity of the economies of cities like these means that the firms and workers that make them up come constantly into contact with one another in ways that help to unleash diverse innovative energies.

Scott (2006, p. 10) também afirma que em cidades em que grupos de trabalhadores criativos são empregados em diferentes setores, observa-se um possível equilíbrio entre o sistema de produção de um lado e o ambiente cultural urbano de outro. Em circunstâncias ideais, cada lado citado aumenta e potencializa o funcionamento qualitativo do outro e, juntos, constituem a base mais importante da cidade criativa. Os formuladores de política de diversas partes do mundo começaram a reconhecer esta interdependência e pressionam a combinação dos programas de desenvolvimento econômico locais com a promoção cultural de diversas maneiras. E ainda complementa:

[...]. Cities that are already well endowed with strong historical and cultural associations clearly have a marked advantage in this respect (cf., Philo and Kearns 1993), but even where historical experience would appear to militate against the formation of a new creative economic and cultural dispensation there is often a great deal that policymakers can accomplish (Scott, 2006, p. 10).

A autora Sharon Zukin (1995), faz uma análise do tema relacionado às cidades, como Pedro Costa (2008, p. 185) chama abordagens clássicas na área da sociologia. Zukin analisa as cidades através de uma abordagem mais cultural. Ela reflete acerca de três noções de cultura: a étnica, a estética e como ferramenta de marketing. Também analisa como a cultura promove a reformulação de políticas urbanas e dos conflitos de revitalização.

Yet culture is also a powerful means of controlling cities. As a source of images and memories, it symbolizes "who belongs" in specific places. As a

set of architectural themes, it plays a leading role in urban redevelopment strategies based on historic preservation or local "heritage." With the disappearance of local manufacturing industries and periodic crises in government and finance, culture is more and more the business of cities - the basis of their tourist attractions and their unique, competitive edge. The growth of cultural consumption (of art, food, fashion, music, tourism) and the industries that cater to it fuels the city's symbolic economy, its visible ability to produce both symbols and space (Zukin, 1995, pp. 1-2).

Como pode-se notar, existe uma diversidade de conceitos e noções relacionados às cidades criativas; indústrias culturais; indústrias criativas; classe criativa, as quais podem causar, o que Michael Hutter denomina de controvérsias. Distingue as controvérsias dos conflitos. Os conflitos são situações em que os interesses dos autores não são compatíveis. Enquanto as controvérsias ocorrem quando as decisões e julgamentos não são claros, geralmente, porque o problema discutido surgiu pela primeira vez e precisa ser estabelecido. No entanto, a distinção entre essas situações é analítica. As controvérsias, segundo Hutter, surgem de uma série de conflitos que ocorrem nos campos político, econômico, familiares e de interesses artísticos (2013, pp. 5-6). Como defende, o conceito de cidades criativas foi envolvido em controvérsia desde seu surgimento. Este foi visto como um meio para satisfazer interesses comerciais, pelo qual artistas se beneficiariam “a todo custo”, assim como uma forma de legitimar precárias condições de trabalho. Quanto ao campo das políticas urbanas, as estratégias de cidades criativas foram unidas a argumentos das indústrias criativas, com a finalidade de promover o desenvolvimento imobiliário. O conceito, também, é julgado e interpretado como uma extensão das agendas políticas e comerciais já existentes, sem nenhum benefício ao setor cultural.

Para o professor em Teoria Cultural, Malcom Miles (2012, pp. 9-10), o período do processo de formação destas cidades compreende a década de 1990 e interrompe-se em 2008, com a crise financeira mundial. Este autor critica tal conceito e a prática, por considerar a cidade criativa socialmente fragmentada, com uma economia cultural baseada no consumo e somente nas artes, em novos padrões de emprego flexíveis e caracterizado pela insegurança e pela elite de criativos (“classe criativa”), que fomentaram não somente as artes, mas outros domínios como bares, as marcas de design e estilos de vida. Miles (2012, p. 10) acredita, ainda, que a cidade criativa foi uma revolução urbana “invertida”, na qual os ricos expulsaram os pobres para as margens sociais, culturais e econômicas. Considera estas cidades fragilizadas por empreendimentos imobiliários, que beneficiam a desregulamentação e a redução da intervenção estatal na cidade. Por fim, ele defende a cidade pós-criativa, período no qual as pessoas começam a resistir e rejeitar a despolitização fomentada pelo neoliberalismo. Algumas ações contra a atual

conjectura das cidades criativas já começaram a aparecer, alguns exemplos de manifestações são o Movimento Ocupa e a Arte Ativista (Miles, 2012, pp. 25-26). Movimentos<sup>30</sup> estes, cujos objetivos são a resistência e o protesto contra desigualdades, corrupção e diversos outros aspectos sociais, políticos e/ou econômicos, e ocorrem em diversas cidades do mundo. Os meios de protesto são a ocupação de lugares da cidade e a apropriação da arte e criatividade como forma de reivindicar.

Outro exemplo de crítica à cidade criativa foi iniciado e financiado pelo Conselho de Artes e Humanidades do Reino Unido. Num documento, dividido em cinco pontos, estão as críticas e sugestões para uma nova e urgente reformulação da noção de cidade criativa. O primeiro, critica a forma como a criatividade tem sido definida e estabelecida ao valorizar e normalizar ocupações específicas e formas de emprego práticas e flexíveis, trabalhos de curto prazo, casuais e precários. As agendas políticas tornaram-se aquelas voltadas ao empreendedorismo, flexibilidade, crescimento econômico, ao invés de tratar preocupações mais importantes como emprego, direito, disparidades sociais e geográficas. As agendas criativas têm se tornado cúmplices da desigualdade urbana e marginalização (Harris, & Moreno, 2011, pp. 3-8). O segundo ponto criticado é a forma como a regeneração urbana/imobiliária tem sido praticada no Reino Unido, pois os pequenos artistas e startups acabam por não ter espaço, quando os grandes investimentos e financiamentos são necessários. A terceira abordagem menciona que, geralmente, após retrações econômicas surge a afirmação de mudanças pautadas pela criatividade, como uma história “colorida”, mas não é isso que ocorre e continuam chamando-as de regeneração. O quarto ponto afirma que a criatividade das cidades deve ser amplamente distribuída, e que esta não deve ater-se somente aos artistas, mas abranger a cidade como um todo. A última questão abordada reafirma a necessidade de revisão das noções econômicas urbanas e vida cultural. A cidade criativa atual é insatisfatória e não efetiva na solução de problemas como desemprego estrutural, disparidades educacionais e distinção urbana. É necessário repensar como os benefícios sociais e ecológicos podem ser desenvolvidos a fim de melhorar as perspectivas sociais e econômicas dos lugares a longo prazo. A criatividade deve ser revista e os interesses sociais restaurados, em toda a cidade, como um bem público (Harris, & Moreno, 2011, pp. 10-24).

---

<sup>30</sup> Sobre o Movimento Ocupa vide <<http://seuhistory.com/hoje-na-historia/movimento-ocupe-wall-street-comeca-em-nova-iorque>>. E sobre o Arte Ativista vide exemplos em <[http://culturalpolitics.net/social\\_movements/art](http://culturalpolitics.net/social_movements/art)> e <<https://exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf>>. Acesso em: 27 agosto, 2016.

Em resumo, os desafios contemporâneos são os de desenvolver, promover, relacionar e solucionar problemas das cidades através das novas ferramentas que surgem pela criatividade, e de forma ampla e inclusiva.

## 2.2 A Gestão e Preservação do Patrimônio Cultural e Criatividade

A cidade criativa pode ser pensada, planejada e praticada de uma forma mais abrangente e não vista apenas pela visão econômica.

[...]. Uma cidade pode ser criativa a partir de outras áreas de atuação que não especificamente a Economia da Cultura. Os aspectos urbanos, por exemplo, podem atuar de maneira expressiva na transformação de um lugar em um espaço criativo: as questões ligadas ao meio ambiente, à conservação de praças e jardins, a maneira como as pessoas se apropriam dos espaços vazios da localidade, como se relacionam com o fluxo do trânsito, como participam da vida política da cidade, como interagem no momento das tomadas de decisões, entre tantas outras ações advindas da Cidade Criativa e não determinantemente vinculadas à Economia (Silva, Rosa, & Freitas, no prelo, pp. 36-37).

No Brasil, algumas autoras trabalham o tema cidades criativas, cada uma segundo a sua área de formação e atuação. Por exemplo, os trabalhos de Ana Carla Fonseca Reis são baseados na economia, já os trabalhos dos pesquisadores do IPCCIC são pautados pela cultura<sup>31</sup> (a aprofundar no subcapítulo 2.3, sobre a cidade de Ribeirão Preto). Se se considerar o conceito de cultura, apropriando-nos do conceito mencionado por Dennis Rodwell (2013, p. 13), então tomem-se as características distintivas das sociedades, os recursos materiais/objetos; pensamentos, ideias, tradições e crenças; feitos, padrões comportamentais e modos de recreação; formas de relacionamento com o meio ambiente, seja ele natural ou artificial. Esta cultura é considerada um processo, não é restringível mas dinâmica e inclusiva.

Com efeito, o termo patrimônio cultural, apesar de ser bem mais antigo do que o de cidades criativas, passa também por discussões conceituais, ao longo de sua trajetória. Não é objetivo deste trabalho compor o seu estado da arte, mas acrescentamos uma linha de raciocínio que mais se aproxima ao propósito aqui apresentado.

Peralta e Anico (2006, p. 3) define o patrimônio cultural, de acordo com observações de outros autores:

---

<sup>31</sup> Entrevista realizada pela rádio CBN – Central Brasileira de Notícias com pesquisadoras do IPCCIC, sobre cidadania ativa e cidades criativas. Dois blocos disponíveis em: <<http://www.cbnribeirao.com.br/multimedia/podcasts/SOM,0,1,11884,Almanaque+CBN+discute+cidadania+ativa+e+cidades+criativas.aspx>> e <<http://www.cbnribeirao.com.br/multimedia/podcasts/SOM,0,1,11885,Almanaque+CBN+discute+cidadania+ativa+e+cidades+criativas.aspx>>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

Neste sentido, partimos do modelo analítico proposto por Llorenç Prats (1997), segundo o qual o património é uma “construção social” ou, se se preferir, construção cultural, que remete, primeiro, para a ideia de “invenção”, no sentido adstrito por Hobsbaw e Ranger (1983) e, depois, para a ideia de “universos simbólicos legitimados”, seguindo Berger e Luckman [1966], pois para que uma invenção se perpetue tem de se converter em construção, ou seja, alcançar um nível mínimo de consenso. Ou seja, é uma idealização construída ao serviço da representação simbólica de determinadas versões da identidade mediante o estabelecimento de umnexo entre o passado, o presente e o futuro de um determinado colectivo humano.

Sendo assim, considera-se o patrimônio cultural como um conjunto de símbolos e representações (passados de geração em geração), que um coletivo decide preservar, o qual motiva o reconhecimento de pertença (identidade) e ativação da memória (passado), mas consolida-se no presente e projeta-se ao futuro (Peralta, & Anico, 2006, p. 3).

O Património é uma herança, é a <<memória>> da comunidade e é o que lhe padroniza a qualidade de vida. A ligação do Património à comunidade é uma radicalidade mas ele só o é, verdadeiramente, quando esta assume e toma consciência dele (Almeida, 1993, p. 414).

Vale enfatizar, ainda, que resoluções da UNESCO e alguns Estados Nacionais, reconhecem a amplitude conceitual do patrimônio cultural, ratificando a relação existente entre a materialidade e imaterialidade (Souza, & Crippa, 2011, p. 247).

Observa-se este fato através da Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, da UNESCO, que teme pela perda de tal patrimônio, ao conceituá-lo:

Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 2003, p. 3).

Assim, os patrimônios culturais, sejam eles materiais e/ou imateriais, devem dialogar com a sociedade, com a finalidade de compreender as respectivas expressões culturais e corresponder à sua identificação, ao sentimento de pertença e, também, à vontade de salvaguardá-los. Feitas tais considerações, enfatiza-se o aspecto cultural das cidades criativas, mais particularmente voltado ao patrimônio cultural, o material e imaterial. E falar sobre o patrimônio cultural nas cidades criativas é referir-se a um dos recursos culturais das cidades, como pode-se observar na figura abaixo:



Quadro 10: Cultural Resources. Fonte: AuthentiCity, 2008, p. 29.

Segundo Charles Landry (2011, p. 15): “[...]. Levar a cultura em consideração nos ajuda a entender de onde um lugar vem, por que ele está como está e como pode criar seu futuro, por meio de seu potencial.” O mesmo autor afirma:

[...]. Os recursos culturais urbanos incluem o patrimônio histórico, industrial e artístico, bem como paisagens e marcos urbanos. Também incluem tradições locais de vida pública, festivais, rituais ou histórias, além de hobbies, entusiasmo e a capacidade de falar línguas estrangeiras, comida e cozinha, atividades de lazer, subculturas ou tradições intelectuais. E, claro, recursos culturais são a gama e os tipos de habilidades nas artes visuais e do espetáculo e nas indústrias criativas. Visto desse modo, é claro que a cidade criativa precisa ser considerada de modo holístico e interconectado. Uma cidade criativa é mais um processo do que um plano, é dinâmica, não estática.” (Landry, 2011, p. 15).

A criatividade é o método ou ferramenta para fomentar estes recursos culturais, conseqüentemente, desenvolver os espaços/cidades e prover maior qualidade de vida à sociedade. Por isso, como entendem estes autores, é dever dos planejadores urbanos, artistas, políticos e população, reconhecê-los, geri-los e desenvolvê-los, de maneira responsável.

O patrimônio cultural tem o “poder” de conectar o mundo contemporâneo e globalizado com as raízes dos territórios, as histórias, memórias coletivas e identidades. Mas, como afirma Landry, ser criativo não significa estar apenas preocupado com o que é novo, mas abrir-se a

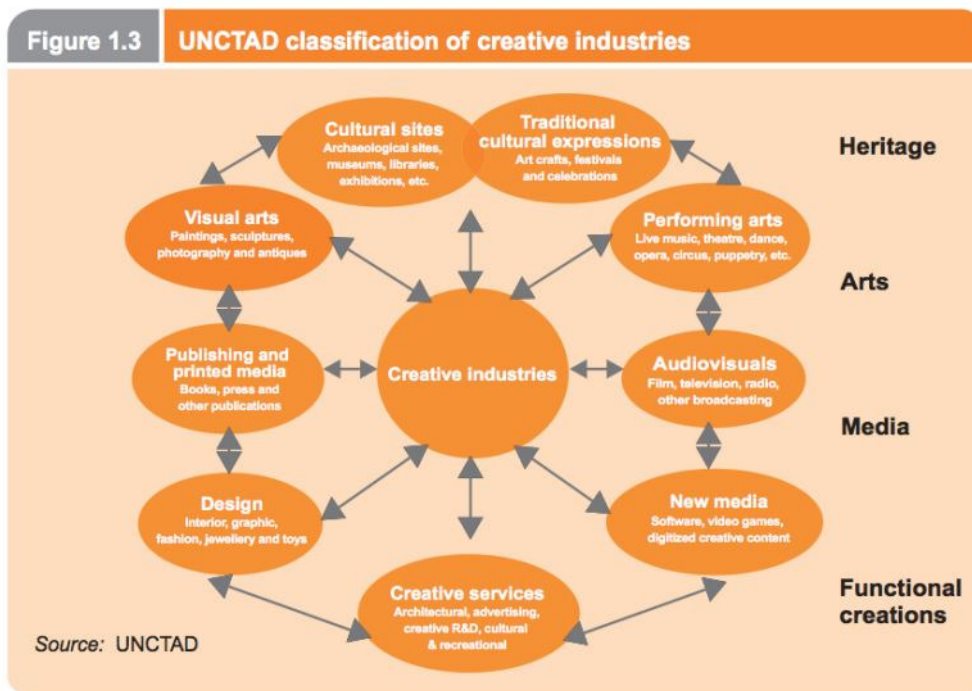
todas as possibilidades, entre as quais a História e a criatividade podem ser grandes parceiros, “[...] often, great achievements are combinations of the old and new” (Landry, 2008, p. XXIV).

Para Dennis Rodwell (2013, p. 14), a cultura é um componente do desenvolvimento sustentável dos espaços urbanos e os patrimônios culturais, principalmente aqueles que não são reconhecidos oficialmente (classificados), são as riquezas das histórias humanas, das memórias das comunidades, os verdadeiros patrimônios. São estes que determinam o senso de identidade, de lugar e de pertença. E, ainda, são o “coração” das comunidades sustentáveis. O autor afirma que para as cidades criativas, de muito maior interesse, deve ser uma visão antropológica, que se foca nos processos de salvaguarda da identidade geo-cultural e assegura a sua continuidade criativa, juntamente com as aspirações das pessoas e comunidades.

Rodwell (2013, p. 18) analisa o patrimônio como um direcionador para as cidades criativas e acredita que as cidades e as pessoas não podem estar dissociadas. Para que as cidades “históricas” (e não somente elas), sejam bem sucedidas, neste mundo competitivo, elas precisam “tirar vantagem” de suas individualidades e distinguir as suas qualidades. Sendo assim, a boa gestão do patrimônio cultural é fundamental. Uma forma criativa de inserir ou gerir o patrimônio nas cidades criativas, está intimamente relacionado com as chamadas indústrias criativas.

De acordo com o “The Creative Economy”, um relatório publicado pela United Nations Conference on Trade and Development [UNCTAD] (2010, p. 8), define indústrias criativas como ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam a criatividade e o capital intelectual como inputs primários. Estes inputs são baseados no conhecimento e resultam em bens tangíveis e serviços intelectuais com conteúdo criativo, valor econômico e atendem aos objetivos de mercado. O relatório citado classifica as indústrias criativas em quatro grupos, a saber: patrimônio, artes, mídia e criações funcionais.





Quadro 11: UNCTAD classification of creative industries. Fonte: UNCTAD, 2010, p.8.

A UNESCO<sup>32</sup> desenvolveu uma Rede de Cidades Criativas, em 2004, com os objetivos de trabalho e cooperação conjunta para o desenvolvimento urbano sustentável e diversidade cultural, divulgação e compartilhamento de experiências e, como forma de criar novas oportunidades, baseadas na economia criativa, turismo criativo e cidades criativas. A Rede possui temáticas culturais, as quais nomeiam as cidades: literatura, cinema, música, artesanato e artes folclóricas, design, artes de mídia e gastronomia.

No Brasil, existem cinco cidades integrantes da Rede de Cidades Criativas da UNESCO: Florianópolis<sup>33</sup>, membro desde 2014 – Cidade da Gastronomia; Curitiba<sup>34</sup>, membro desde 2014 – Cidade do Design; Santos<sup>35</sup>, membro desde 2015 – Cidade do Cinema/Filme; Salvador<sup>36</sup>, membro desde 2015 – Cidade da Música; e Belém<sup>37</sup>, membro desde 2015 – Cidade da Gastronomia.

Um exemplo da relação entre a criatividade e a cultura apresenta-se na Agenda Política Urbana para a Prosperidade de Toronto, a qual interpreta a “Creative & Cultural” como um dos

<sup>32</sup> Website da Rede de Cidades Criativas (Creative Cities Network), da UNESCO, disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/>>. Acesso em: 27 de junho de 2016.

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/node/32>>. Acesso em: 27 de junho de 2016.

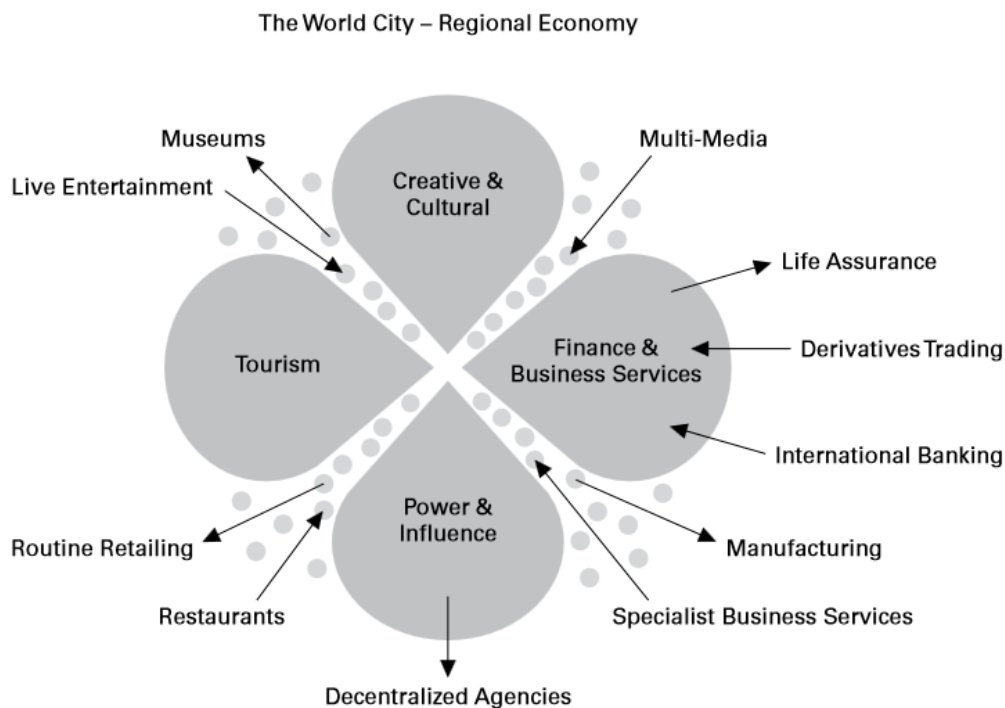
<sup>34</sup> Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/node/31>>. Acesso em: 27 de junho de 2016.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/node/386>>. Acesso em: 27 de junho de 2016.

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/node/382>>. Acesso em: 27 de junho de 2016.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/node/324>>. Acesso em: 27 de junho de 2016.

quatro fundamentos do sucesso de uma cidade mundial com economia regional. O próximo diagrama aponta para a importância das áreas que compõem os fundamentos e as interdependências entre elas.



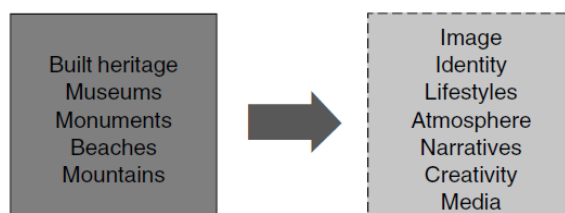
Quadro 12: The World City – Regional Economy. Fonte: AuthentiCity, 2008, p. 32.

Assim, compreende-se que o patrimônio cultural reflita a vida, experiências, memórias e identidade das pessoas. Não deve estar descontextualizado, mas necessita ser percebido e gerido corretamente. O patrimônio, quando trabalhado e planejado de forma criativa, torna-se ativo capaz de potencializar o desenvolvimento cultural e econômico das cidades criativas, através do turismo que adquire a designação de turismo criativo.

O turismo criativo surge no contexto de mudança da cultura e patrimônio tangível para intangível, associados à criatividade. Isto afeta os produtos turísticos, de todos os tipos, e não somente o campo do turismo cultural. Os destinos começam a ter que aprender a lidar com as novas formas de desenvolver produtos ou experiências, novas formas de consumo ou novos espaços turísticos, alterando os meios tradicionais de cultura para recursos mais diferenciados. Todas essas transformações resultam na criação de experiências que podem ser consumidas ou vivenciadas pelos turistas. O processo é complexo e necessita o envolvimento de alguns setores, que a bibliografia designa por hardware cultural e criativo, que são as infraestruturas ou espaços

da produção e consumo criativo; software criativo, refere-se à atmosfera, ambiente, qualidade de vida, diversidade, etc.; e orgware criativo, os diversos setores, indústrias, clusters, governos, entre outros (Richards, & Wilson, 2007, pp. 15-18).

Segue um quadro que simplifica o entendimento da transição dos recursos turísticos tangíveis para os intangíveis:



Quadro 13: The shift from tangible to intangible tourism resources. Fonte: Richards & Wilson, 2007, p. 18.

É importante perceber que a característica principal do turismo criativo é a produção/criação de experiências, quando o produtor/criador, muitas vezes, passa a ser o próprio turista. É um turismo de envolvimento mais ativo dos turistas, que participam e interagem com o ambiente. Os aspectos intangíveis estão presentes, pelo que surgem novas formas de vivenciar a cultura e o patrimônio cultural, deixando as formas rígidas e a solidificação das estruturas existentes para algo dinâmico e prazeroso. O desenvolvimento criativo necessita do reconhecimento da relação entre passado, presente e futuro, entre a alta cultura e a popular, e entre o espaço e o lugar. (Richards, & Wilson, 2007, p. 24).

Entende-se, portanto, que o cenário criativo será exitoso ao relacionar a criatividade e as singularidades dos locais, compreendendo o patrimônio cultural, material e imaterial, como o potencial ou a matéria-prima que possibilitem experiências transformadoras, o cidadão local se torna o cocriador de sua cidade e o turista o “prosumer”, de acordo com Greg Richards e Julie Wilson (2007, p. 16), ou seja, consumidor e produtor.

### **2.3 Ribeirão Preto Criativa: quais as potencialidades da cidade?**

Ribeirão Preto está em contrariedade com outras localidades, como Paris, a Cidade Luz, Buenos Aires, a Capital do Tango, Cannes, a Capital Mundial da Arte Cinematográfica que se fortalecem em suas tradições mantendo-se vinculadas às suas origens (Silva & Rosa, 2012, p. 14).

Veja-se como estes conceitos podem ter acolhimento, ou identificar-se na realidade patrimonial de Ribeirão Preto. A cidade, como exposto no primeiro capítulo, carrega em sua

origem e composição social, étnica, econômica e cultural, uma rica história. No entanto, assim como diversas outras cidades brasileiras, sofre com duas dificuldades principais e complementares: a primeira é a crise identitária que a contemporaneidade atravessa, decorrente de uma mudança estrutural nas sociedades caracterizada pela fragmentação e descentração das paisagens culturais, classes e gêneros (Hall, 2006 como citado em Netto, 2009, pp. 58-59), e a segunda provem da grande mescla cultural que se torna um obstáculo na definição de um perfil/identidade populacional (Zanirato, 2009, p. 80).

Para agravar esta situação, segundo Tânia Registro<sup>38</sup>, vive-se um momento paradoxal na cidade, com a existência de uma riqueza em termos de produção científica e questionamentos quanto à história e patrimônios culturais que contradiz com a condição física dos mesmos, caracterizada por problemas de conservação (abandono) e carência de ações e projetos pautados por responsabilidade técnica, transparência e acesso, tanto aos edifícios como aos acervos. Esta degradação física dos edifícios e acervos, além de falhas na gestão, são exemplificados com o Museu Histórico e de Ordem Geral “Plínio Travassos dos Santos” e Museu do Café “Francisco Schmidt” que foram interditados após queda de parte do teto e posterior furto de objetos do acervo<sup>39</sup>. Outro exemplo é o Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto – APHRP, que estava desde 1995 instalado num edifício cujas más condições deixavam em risco o acervo. O Arquivo começou a ser transferido para a nova sede em junho de 2016<sup>40</sup>. Outra questão, é a falta de uma política definida de defesa e preservação do patrimônio cultural, histórico, artístico, arquitetônico e paisagístico, consequência, principalmente, da especulação imobiliária. De acordo com Iole Almança<sup>41</sup>, conforme a cidade foi se urbanizando, as edificações antigas foram sendo demolidas para dar lugar a novos empreendimentos. Na área central da cidade, o valor dos terrenos são bem maiores do que os próprios imóveis, além de que o custo para restaura-

---

<sup>38</sup> Entrevista realizada pelo professor José Antônio Lages com Tânia Registro (historiadora e cientista da informação) e Iole Almança (arquiteta e membro do Conppac – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural), disponível em: <<https://www.facebook.com/professorlages/videos/1746425808913408/>>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

<sup>39</sup> Vide reportagens sobre os Museus em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/03/museu-historico-e-interditado-apos-desabamento-do-forro-em-ribeirao.html>>, <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/04/tour-mostra-degradacao-do-museu-historico-de-ribeirao-preto-veja-video.html>>, e <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/06/diretor-do-museu-historico-de-ribeirao-preto-e-exonerado-por-ma-gestao.html>>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

<sup>40</sup> Sobre o APHRP vide <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/i14index.php?pagina=/scultura/arqpublico/estrutura/i14estrutura.htm>>, e <<http://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,1177220,Arquivo+Publico+e+Historico+de+Ribeirao+Preto+tera+novo+endereço.aspx>>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

<sup>41</sup> Entrevista realizada pelo professor José Antônio Lages com Tânia Registro (historiadora e cientista da informação) e Iole Almança (arquiteta e membro do Conppac – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural), disponível em: <<https://www.facebook.com/professorlages/videos/1746425808913408/>>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

los é altíssimo e, ainda, existe a falta de interesse dos proprietários. Conseqüentemente, ocorre o abandono destes patrimônios e, até mesmo, a facilitação à sua degradação, como justificativa para a posterior demolição e construção de novos imóveis, com o consentimento do poder público municipal.

Institucionalmente, a gestão e preservação do patrimônio cultural tem algum enquadramento na Constituição Federal Brasileira<sup>42</sup>, de 1988, no Capítulo III, Seção II, Artigo 216, § 1º “O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.” Ainda, na Constituição, Capítulo IV, o Artigo 30 afirma que “Compete aos Municípios: IX - promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual.”

Sendo assim, a Constituição Brasileira prevê a proteção dos bens culturais nas três esferas do governo: federal, estadual e municipal<sup>43</sup>. As instituições responsáveis, respectivamente, são:

- **IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)**<sup>44</sup> – criado pela Lei nº. 378 de 13 de janeiro de 1937;
- **CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo)**<sup>45</sup> – criado pela Lei nº. 10.247 de 22 de outubro de 1968;
- **CONPPAC (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural)**<sup>46</sup> – criado pela Lei nº. 7521 de 04 de novembro de 1996.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

<sup>43</sup> A lista de bens culturais tombados e em processo de tombamento, de Ribeirão Preto, está disponível no anexo 8.

<sup>44</sup> Lei disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_378\\_de\\_13\\_de\\_janeiro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_378_de_13_de_janeiro_de_1937.pdf)>. Acesso em: 30 de junho de 2016. Website do IPHAN: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

<sup>45</sup> Lei disponível em: <[http://www.cultura.sp.gov.br/SEC/Condephaat/Legislacao/LEI%2010.247,%20DE%2022.10.1968\\_cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20CONDEPHAAT.pdf](http://www.cultura.sp.gov.br/SEC/Condephaat/Legislacao/LEI%2010.247,%20DE%2022.10.1968_cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20CONDEPHAAT.pdf)>. Acesso em: 30 de junho de 2016.

<sup>46</sup> Lei disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=8632>>. Acesso em: 01 de julho de 2016. Esta lei foi revogada pela Lei Complementar 2211 de 30/08/2007, que está disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=28681>>. Acesso em 01 de julho de 2016. Estas leis foram suspensas por ação direta de inconstitucionalidade nº. 2098553-29.2015.8.26.0000, até julgamento final. Os Decretos Legislativos de nº. 139/2016 e nº. 140/2016 foram publicados no DOM – Diário Oficial do Município de Ribeirão Preto no dia 07 de abril de 2016, p. 8. Para visualizar a publicação de tais Decretos é necessário realizar a pesquisa no site <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J015/pesquisa.xhtml>> preenchendo os campos número da edição: 9.932 e data: 07 de abril de 2016.

Quanto à atuação atual do Conppac, em Ribeirão Preto, este encontra-se impedido de exercer suas funções, pois as Leis nº. 7521/2016, de criação do Conselho, e nº. 2.211/2007, que revoga a lei anterior, foram consideradas inconstitucionais por violarem a Constituição do Estado de São Paulo<sup>47</sup> e a Constituição Federal, quando não garantem a ampla participação popular nas decisões do Conselho, além de extrapolar a competência legislativa municipal<sup>48</sup>. Um anteprojeto de lei<sup>49</sup>, foi apresentado para consulta pública (audiência pública marcada para 29 de junho de 2016 e suspensa), propondo a criação do COMPPHANC – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural (o qual substitui o CONPPAC) e do Fundo Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural. Este anteprojeto foi julgado com as mesmas inconstitucionalidades das leis anteriores, restringindo, ainda mais, a atuação da população, quando anuncia, por exemplo, que o/a Presidente do Conselho será o/a Secretário(a) Municipal da Cultura (Capítulo III, Artigo 9, Parágrafo 6), e o Fundo será administrado e gerido, também, pelo mesmo(a) (Capítulo VII, Artigo 45). Uma nova audiência pública deverá ser agendada, com novo texto de projeto de lei<sup>50</sup>.

O Plano Municipal de Cultura de Ribeirão Preto 2010-2020<sup>51</sup> (Lei nº. 12.253 de 2010, p. 28) define que “[...]. A escolha dos bens que se tornarão Patrimônio Cultural deve refletir os anseios da sociedade que os produzem”. Ao preservar bens, objetos, edifícios, entre outros, permite-se que as gerações futuras conheçam características e experiências passadas. Também cria-se uma memória coletiva que possibilita a união entre as pessoas e estas com o meio onde vivem. Proporciona-se a participação ativa e consciente. Alguns passos para a preservação são: conhecimento (através de inventários, pesquisas, cadastros, entre outros), educação e legislação, permeadas pelo Poder Público, responsáveis pela garantia dos meios necessários à preservação, tais como: educação, leis municipais de uso do solo, tombamento (classificação, em Portugal), inventários, política tributária de incentivo, entre outras.

Neste contexto, o citado Plano Municipal de Cultura 2010-2020, foi um importante instrumento de políticas públicas que orientou uma série de trabalhos, na gestão de 2009 a 2012.

---

<sup>47</sup> Disponível em: <[http://www.al.sp.gov.br/StaticFile/documentacao/cesp\\_completa.htm](http://www.al.sp.gov.br/StaticFile/documentacao/cesp_completa.htm)>. Acesso em: 01 de julho de 2016.

<sup>48</sup> Requerimento de novo anteprojeto e nova audiência pública feita pelo NAJURP – Núcleo de Assessoria Jurídica Popular de Ribeirão Preto, disponível em: <<https://www.facebook.com/Najurp/posts/1011729712255744>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

<sup>49</sup> Anteprojeto de lei disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/sccivil/p-cultural/2016-projeto.pdf>>. Acesso em: 05 de julho de 2016. Vídeo sobre anteprojeto e audiência pública disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xLXOrRVGClc>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

<sup>50</sup> Cronograma disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/sccivil/p-cultural/i32ind-aud-pcultural.php>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=32062>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

Neste documento é apresentado o planejamento para a transição da Secretaria da Cultura “realizadora de eventos para fomentadora e formadora de cidadãos críticos e agentes autônomos e sustentáveis a partir do fazer cultural” (Silva & Rosa, 2013, p. 3). Foi elaborado um plano estratégico de proteção e promoção do patrimônio material e imaterial com a proposta de criação de um sistema municipal de museus, um sistema municipal de arquivos e um sistema de informação de referências culturais (Silva & Rosa, 2013, p. 7).

Em novembro de 2009 foi criada a Rede de Cooperação Identidades Culturais, oficialmente instituída em janeiro de 2010, a qual fez parte das ações do Programa Café com Açúcar da Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto, dentre as quais estava a realização do inventário de referências culturais, a partir da metodologia e orientações técnicas do IPHAN: pelo INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais, Plano de Ação para as Cidades Históricas e SICG – Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (Silva, Rosa, Silva, Fiuza, & Oliveira, 2012, p. 87). Esta Rede resultou de um convênio/termo de cooperação entre pesquisadores de diversas instituições de ensino superior pública e privadas, empresas da iniciativa privada e técnicos do IPHAN, com a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto/Secretaria Municipal da Cultura (Tincani & Ferreira, 2011, pp. 1-2). Os estudos desenvolvidos foram de grande relevância à história e memória da cidade, pois tinham a finalidade de diagnosticar, inventariar, mapear e destacar as referências culturais de Ribeirão Preto, decorrentes do período cafeeiro e depois, da cana-de-açúcar, ações estas, também, previstas no Plano Municipal de Cultura 2010-2020 (2010, pp. 31-33).

O inventário teve como recorte territorial o município de Ribeirão Preto (abrangência: centro e bairros Campos Elíseos, Vila Tibério, Vila Virgínia (República) e Ipiranga (Barracão) e o distrito de Bonfim Paulista. O recorte temático/temporal compreendeu a fase áurea da cafeicultura na região durante o período entre 1870 a 1950. De acordo com a metodologia utilizada, INRC, as referências culturais foram divididas em cinco categorias: celebrações, formas de expressão, ofícios/modos de fazer, edificações e lugares (Rede de Cooperação Identidades Culturais [REDE], 2011, pp. 14-15).

Os trabalhos apresentados através deste inventário subsidiariam a proposta de reconhecimento/chancela da Paisagem Cultural do Café.

A chancela da Paisagem Cultural é o mais novo instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro, lançado em 2009 pelo Iphan. Conforme a Portaria Iphan nº 127/2009, que regulamenta essa chancela, Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], 2009, p. 13).

Entretanto, com o aprofundamento de tal conceito e com o decorrer da pesquisa, o grupo de pesquisadores percebeu que esta solicitação deveria ser corroborada com o desejo da população e que apesar do café ser um tema conhecido por esta, não fazia parte do dia a dia contemporâneo. A referência do café estava estabelecido na origem da história da cidade mas não se tornou permanente com o decorrer dos tempos. A Rede de Cooperação Identidades Culturais entendeu, assim, que por este motivo o objetivo da equipe deveria ser o de organizar o saber cultural de Ribeirão Preto e que este poderia resultar no pedido de tombamento federal do Patrimônio Cultural do Café da Terra Vermelha (Silva & Rosa, 2012, p. 12).

Em um momento preliminar, em 2010 (antes das fases de Inventário), foram coletados dados em pontos estratégicos de pesquisa, com grande fluxo de pessoas, por meio de formulários estruturados com questões abertas e fechadas. Entre os objetivos deste trabalho estavam a identificação do que a comunidade considera bens significativos à sua identidade; o que o conhecimento do sítio permitia destacar; o que podia se verificar por semelhança ou contraste com o que ocorre na região ao entorno da área inventariada e qual a permanência da referência, se nas práticas contemporâneas ou na memória (Tincani & Ferreira, 2011, p. 2).

Alguns resultados deste estudo prévio permitem visualizar a percepção restrita que os entrevistados possuem, quanto à história, personagens e lugares de referência na cidade. A população ribeirãopretana reconhece de modo artificial o patrimônio cultural da cidade, transparece a falta de conhecimento quanto à história, diversidade patrimonial e distinção dos períodos históricos vivenciados, como pode-se observar pela citação a seguir:

Perguntou-se também se o entrevistado conhecia a história de Ribeirão Preto e 78% responderam que sim. Mas, quando o entrevistador insistia se conhecia “bem” a história, somente 31% respondiam conhecer bem. Nesta sequência, várias perguntas foram feitas sobre personalidades culturais do município e os índices de resposta dos entrevistados foram na ordem de 80% de desconhecimento, entre eles, o próprio Cel. Francisco Schmidt, o maior produtor de café do período áureo e a autora do hino a Ribeirão Preto, Diva Tarlá, hino que tem letra de Saulo Ramos e afirma que a cidade é a terra do café, orgulho de São Paulo e do Brasil (Silva & Rosa, 2012, p. 15).

Apesar destes aspectos negativos detectados na pesquisa, interessante para este estudo de mestrado é a avaliação realizada sobre a importância das ações culturais propostas, aos entrevistados. Pode-se perceber no gráfico do anexo 9, que a proposta para realização de projetos que preservem a história da imigração italiana (H) ficou com a nota 4,02, numa escala de 0 a 5, sendo considerada importante para os ribeirãopretanos (Tincani & Ferreira, 2011, p.



9). Esta pesquisa prova a necessidade e a relevância de ações que propaguem a história da cidade e ampliem as relações de pertencimento (Silva & Rosa, 2012, p. 15).

Os resultados do Inventário de Referências Culturais foram apresentados em dois relatórios, o REDE 2010 e 2011. Outros estudos se seguiram, publicados durante os quatro anos de gestão mencionados (2009 a 2012). Importante destacar: Coleções Identidades Culturais (12 obras) e Nossa História (10 obras); o projeto História da Gente, realizado pelo MIS – Museu da Imagem e do Som (13 documentários de memória oral, sobre a cidade) e pedido de tombamento do Patrimônio Cultural do Café da Terra Vermelha (Silva & Rosa, 2012, p. 15).

Pode-se citar, também, o projeto/livro “Filhos do Café” criado pela Rede, resultado do entendimento de que a história relacionada ao café ainda significava uma referência à população mas que estava se perdendo. Foi realizada a revitalização do Museu do Café, elaboração de livro, vídeo e jogos temáticos destinados ao setor educativo do mesmo (Silva & Rosa, 2013, p. 9).

Em entrevista com Adriana Silva (anexo 2), secretária da Cultura na gestão 2009-2012, o que foi mais adverso no fazer e projetar, neste período, foi o aspecto financeiro. Segundo ela, muitas ideias boas são arquivadas por falta de qualquer possibilidade de financiamento. Por isso, ao longo de sua administração, teve que buscar alternativas para além do montante público para os projetos de gestão cultural. Isso a levou a encontrar na economia criativa a forma de realizar tais ideias<sup>52</sup>.

Dentro da economia criativa, a gente concebeu de que como a cidade é a menor unidade de política organizada, ela era o nosso local de trabalho, então a gente pensou em projetos de cultura com base na economia criativa visando uma cidade [...] Cidade Criativa é aquela que consegue fazer projetos que interagem com a sua localidade [...] Então, uma Cidade Criativa é essa cidade que se pauta em tomar decisões a partir do próprio potencial cultural daquela localidade (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2)

Em abril de 2014, as atividades da Rede de Cooperação Identidades Culturais foram encerradas por decisão da Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto e devido à falta de

---

<sup>52</sup> Adriana Silva não destacou iniciativas com baixos custos, entretanto, o IPCCIC avançou seus estudos e, em 08 de agosto de 2016, apresentou o 1º. Seminário “Micropolítica e identidades culturais: a busca pela cidade humana”, com a apresentação de cinco cadernos sobre pesquisa de três anos e propostas para tornar Ribeirão Preto uma cidade humana. O grupo de pesquisadores evoluiu do conceito cidade criativa para cidade humana, que tem o ser humano como o centro. No seminário, o IPCCIC se apresentou como articulador de redes, incentivando criações de redes capazes de desenvolver os projetos, além de cadeias produtivas. Também estimulou a resgatar um projeto de lei, “parado” na Câmara de Ribeirão Preto, que cria a Agência de Desenvolvimento do Nordeste Paulista, de forma a integrar e apoiar a participação dos representantes dos municípios componentes da Região Metropolitana (recém criada), além da criação de um Banco Social, instituição bancária com linhas de crédito específicas para projetos sociais, ambientais e culturais. Informações disponíveis no Jornal A Cidade, “Cidade Humana”, entregue no Seminário. Quatro cadernos estão disponíveis no site do IPCCIC: <<http://www.ipccic.com/seminrio>>. Acesso em: 13 de setembro de 2016.

estrutura desta Secretaria e foco na continuidade do projeto, juntamente com o término, em dezembro de 2013, do convênio firmado com o IPHAN e a sua não renovação, a pesquisa e a realização do Inventário Nacional de Referências Culturais da cidade foram interrompidas<sup>53</sup>.

Adriana Silva (anexo 2) comenta sobre o término da Rede:

Quando eu saí da Prefeitura, o grupo continuou, mas não houve tanta adesão, porque a gestão pública tem muito a ver com prioridade. A Rede era minha prioridade como gestora, quando eu deixo a Rede, o outro gestor não tratou a Rede como prioridade e ela foi esvaindo e, aí então, o IPCCIC absorveu todos esses pesquisadores.

Em janeiro de 2013<sup>54</sup>, o IPCCIC – Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais foi criado, “como uma resposta de continuidade” (Rosa & Silva, 2013, p. 10). O objetivo do Instituto é “estudar a realidade das cidades brasileiras e a partir de diagnósticos específicos, com base nas referências culturais dos locais, criar programas de ações integradas entre Poder Público e sociedade para a transformação das cidades em lugares criativos.” As metas são ampliar a experiência aplicada em Ribeirão Preto para outras cidades interligadas geográfica e/ou culturalmente; contribuir na elaboração do Inventário de Referências Culturais destas cidades e difundir a economia criativa, qualificando técnicos para aplicarem programas e ações<sup>55</sup>.

O IPCCIC adotou algumas metodologias de trabalho, entre elas a Teoria U (proposta por pesquisadores do MIT – Massachusetts Institute of Technology) e a ferramenta de apoio ao planejamento através da criatividade, denominada Design Thinking. Através dessa base teórica, criaram a Rede de Cooperação Cidade Criativa, a qual tem analisado Ribeirão Preto e as possíveis formas de gestão. O grupo de pesquisadores diagnosticou a necessidade de ações que transformem o comportamento da população da cidade, de um simples usuário da cidade para cidadão cocriador do lugar onde vive<sup>56</sup>.

Nós do IPCCIC, nós defendemos que o patrimônio tem a sua importância dado o seu grande significado, quem dá o significado para o patrimônio é o próprio humano, o próprio usuário, a própria comunidade (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2).

---

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://memoriaidentidadepoliticapublica.blogspot.com.br/2014/04/o-encerramento-das-atividades-da-rede.html>>. Acesso em: 08 de julho de 2016.

<sup>54</sup> Em algumas fontes encontra-se a criação do IPCCIC no ano de 2012 (Silva & Rosa, 2013, p. 10; Entrevista com Adriana Silva, anexo 2, no entanto outras fontes mencionam a criação em 2013 (Rosa & Silva, 2013, p. 10; Silva, Gleria, Rosa, Freitas, & Molina, 2014, p. 9; website disponível em: <<http://www.ipccic.com/#!/quem-somos/cee5>>. Acesso em: 08 de julho de 2016). Assim, optou-se nesta dissertação a utilização do ano de 2013, conforme o website do Instituto.

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.ipccic.com/#!/quem-somos/cee5>>. Acesso em: 08 de julho de 2016.

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://www.ipccic.com/#!/projeto centro/c14va>>. Acesso em: 08 de julho de 2016.

O Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais pensa e planeja a cidade à partir da cultura. Adriana observa a importância do reconhecimento do potencial cultural das cidades, pois o conhecimento cultural permite o acerto nas tomadas de decisões para qualquer área da cidade, seja na educação, comunicação, esporte, ambiente, entre outros (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2). O Instituto busca, ainda, um programa criativo estável que interligue os conceitos de rede, clusters, arranjos produtivos, atividades cooperadas, cidade criativa e políticas públicas. Por meio da análise das referências culturais, já mencionada, das potencialidades dos artistas, grupos e entidades organizadas, das propostas de ocupação urbana e preservação dos patrimônios culturais edificados, o IPCCIC trabalha na elaboração deste programa para Ribeirão Preto (Silva & Rosa, 2013, p. 15).

Segundo Silva e Rosa (2013, pp. 15-16), as perspectivas são positivas, porque a cidade possui muitas potencialidades, com a história do café como “fio condutor” para diversas iniciativas. Alguns exemplos podem ser citados: um roteiro do café já proposto pela antiga Rede de Cooperação Identidades Culturais<sup>57</sup> e, posteriormente o IPCCIC identifica e propõe trinta e três pontos da cidade de Ribeirão Preto como lugares com potencialidade para se tornarem criativos, o conjunto que chamam de “Paisagem Cultural do Café”, no livro de mesmo nome<sup>58</sup>.

São lugares remanescentes da cultura do café, que se forem restaurados, reutilizados, reurbanizados, eles podem gerar uma fonte de renda e a sua própria conservação pode ser fruto de sua fonte de renda (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2).

Enriqueceram este roteiro com o acréscimo das fazendas que podem ser transformadas em lugares turísticos/criativos com a criação de hotéis, restaurantes típicos ou somente com a exposição, criativamente, do acervo rural (Silva & Rosa, 2013, pp. 15-16), divulgadas no livro “Memórias dos Cafezais: a vida nas fazendas” e videodocumentário sobre as memórias da vida nas fazendas<sup>59</sup>.

Quanto ao turismo na cidade, conforme Adriana Silva (anexo 2), Ribeirão Preto tem um forte turismo de negócios e está entre as primeiras cidades com relação a este tipo de turismo do país, sendo os setores do comércio, da educação e da saúde, os mais significativos na atração turística. Sobre o turismo criativo, ela afirma que tem potencialidade, na cidade, mas não está potencializada, citando como exemplo o Teatro Pedro II, que é o segundo maior teatro de ópera

---

<sup>57</sup> Roteiro proposto na primeira fase do Inventário de Referências Culturais, disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/cafe-acucar/relatorio.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2016.

<sup>58</sup> Rosa & Silva, 2013.

<sup>59</sup> Silva *et al.*, 2014. Videodocumentário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=buW15i37tT0>>. Acesso em: 10 de julho de 2016.

do Brasil, mas não atrai público de outras cidades, por isso exige um projeto de economia criativa abrangente.

Outras instituições e projetos, em Ribeirão Preto, têm contribuído com a preservação e salvaguarda das referências e memórias, seja por meio do restauro dos antigos edifícios e/ou recolha de depoimentos orais e visuais, assim como na motivação cultural com a promoção de atividades culturais e artísticas. São exemplos de ações criativas que já são realizadas na cidade:

- MIS – Museu da Imagem e do Som – José da Silva Bueno<sup>60</sup>, de Ribeirão Preto, que além de possuir um acervo sobre os meios de comunicação, com equipamentos dos anos 40 e 50, com fotos, fitas K7 e VHS, rádios, gravadores, discos (vinil e acetato), vitrolas, televisores, filmes, entre outros, dispõe de documentários e depoimentos de história oral, através do “Projeto Memória Oral”;
- Projeto Museu Cidade Digital<sup>61</sup>, plataforma digital e on-line de longo alcance, criado pelo IPCCIC. Disponibiliza videodocumentários produzidos com o objetivo de registrar a história dos municípios do Estado de São Paulo. Tem o objetivo de guardar/registrar as histórias que poderiam ser perdidas e contribuir com o fortalecimento das relações de pertencimento/identidade da população com suas cidades.
- Estúdios Kaiser de Cinema<sup>62</sup>, cujo prédio abrigou, no século XX, a Companhia Cervejaria Paulista. Hoje a construção é tombada pelo Conppac e Condephaat. Desde 2001, o local tem sido utilizado para as mais diversas atividades culturais como para a produção cinematográfica, shows, palestras, festas, entre outros eventos;
- Centro Cultural Palace<sup>63</sup>, a construção do edifício teve início em 1924 e forma com o Teatro Pedro II e o Edifício Meira Junior (Pinguim), o famoso Quarteirão Paulista. Este local, também, tem um papel fundamental na área cultural e criativa da cidade com a oferta das mais variadas atividades culturais e artísticas, sendo uma oportunidade à população, através do acesso ao patrimônio cultural e à cultura, de forma mais ampla.

---

<sup>60</sup> O MIS foi criado pela Lei Municipal nº. 3.431 de 13 de abril de 1978. Disponível em: <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/i14museuimagem.php>>. Acesso em: 11 de julho de 2016. Alguns vídeo-documentários do “Projeto Memória Oral” estão disponíveis em: <<http://www.cultura.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/mis/i14memoria.php>>. Acesso em: 10 de julho de 2016.

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.museucidadedigital.com/#!/about/cee5>>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/07/1480767-secretaria-do-governo-de-ribeirao-compra-predio-historico-da-cidade.shtml>> e <<http://www.revide.com.br/editorias/especial/cenario-ilimitado753/>>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

<sup>63</sup> Disponível em: <[https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/palace/i14centro\\_cultural.php](https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/palace/i14centro_cultural.php)>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

- Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto<sup>64</sup>, entidade de direito privado constituída em 25 de fevereiro de 2004 com a denominação de Fundação Feira do Livro de Ribeirão Preto. Responsável juntamente com o Ministério da Cultura, do Governo Federal, o Governo do Estado de São Paulo e a Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, pela realização da Feira Nacional do Livro, que ocorre todos os anos, na semana que comemora-se o aniversário da cidade, em junho, este ano (2016) na 16ª Edição. A Fundação promove, também, outros projetos e atividades que estimulem a leitura, a difusão dos livros e da cultura, incentivam intercâmbios, seminários, fóruns, cursos, entre outros. Adriana Silva (anexo 2) é a atual presidente da Fundação e afirma que a literatura é um caminho para as questões culturais e identitária, quando formam-se leitores mais chances surgem de se ter cidadãos cocriadores para a cidade.
- Festival Tanabata<sup>65</sup>, festa tradicional da cultura japonesa, realizado pela Secretaria Municipal da Cultura, com participação da Associação Cultural Japonesa de Ribeirão Preto, Associação Nipo-Brasileira de Ribeirão Preto e Templo Budista Tohoku Nambei Honganji. É uma forma de divulgação da imigração e cultura japonesa no município. Em 2015 ocorreu a 23ª Edição, no entanto, em 2016, o evento foi cancelado por alegações de falta de suporte financeiro. A comunidade japonesa, artistas, expositores, colaboradores e público ficou entristecida com a não realização do evento e decidiu realizar um evento menor, sem a contribuição da Secretaria Municipal da Cultura.
- FestItália<sup>66</sup>, Festival da Cultura Italiana de Ribeirão Preto. É promovido pela Società Dante Alighieri da cidade, com o apoio da Secretaria Municipal da Cultura. Em 2016, realizou a 11ª Edição. No próximo capítulo será explanado um pouco mais sobre este evento e seus organizadores.

Importante destacar que as ações cujos objetivos são promover e preservar as memórias da cidade e transformá-la em um ambiente/cidade criativa têm aumentado nos últimos anos/meses. O IPCCIC tem realizado oficinas em diversas cidades da região, desde novembro de 2014, promovidas pela Oficina Cultural Cândido Portinari<sup>67</sup> (vinculada a um Programa da Secretaria

---

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://www.fundacaodolivroeleitarp.com/>> e <[http://media.wix.com/ugd/b1bc65\\_398667f4ca1446fe9fd32206735bd9a6.pdf](http://media.wix.com/ugd/b1bc65_398667f4ca1446fe9fd32206735bd9a6.pdf)>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

<sup>65</sup> Sobre o Festival Tanabata, quando realizado com o apoio da Secretaria Municipal da Cultura, vide: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/i14tanabata.php>>. Acesso em: 11 de julho de 2016. E, sobre o Festival Japonês realizado em 2016, vide: <<http://festasemribeirao.com.br/festivaljaponesribeiraopreto2016/>>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://festaliaribeiraopreto.blogspot.com.br/p/programacao.html>>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://www.oficinasulturais.org.br/resultado-da-busca/?oficina=10>>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

de Cultura do Estado de São Paulo) cujo tema é “O Patrimônio Cultural na Cidade Criativa”. O conteúdo de tais oficinas foi organizado em livro de mesmo nome, a publicar em 2016<sup>68</sup>.

Em junho aconteceu o Agenda Ribeirão 2016<sup>69</sup>, evento que tem como objetivo promover o debate de soluções para os problemas da cidade. Nesta terceira edição o tema foi sobre “Cidades Criativas e Cidadania Ativa” e a palestrante foi Ana Carla Fonseca Reis, referência mundial em economia criativa e autora de diversas obras (algumas indicadas neste trabalho).

Tais debates contribuem para incluir a população nas decisões e planejar uma cidade potencializada e criativa através de sua identidade e referências culturais. Entretanto, deve-se estar atento para alguns erros, ao observar casos de cidades que buscavam a criatividade ao transferir ou copiar ideias de outros lugares, sem levar em conta as potencialidades e identidade do próprio local.

Pode-se citar o município de Paulínia, no Brasil, e seu plano de transformação em polo cinematográfico (Silva & Rosa, 2013, p. 16); (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2). As primeiras discussões sobre criar um complexo cinematográfico nesta cidade, assim como a compra dos terrenos, aconteceram nos anos 1990, mas a oficialização e criação do chamado “Projeto Magia do Cinema” ocorreu em 2005, pela administração municipal, com o objetivo de proporcionar à cidade uma nova oportunidade no setor econômico-cultural. A base para tal projeto foram experiências em outros países e a ideia principal era a produção audiovisual com a formação de um público consumidor cultural e a criação de um complexo que permitisse à Paulínia se transformar no principal polo cinematográfico nacional. A fonte financeira auxiliar ao projeto foi proveniente do petróleo, pois a economia da cidade tem relação com as refinarias de petróleo instaladas no local (Oliveira, Sousa, Cazani, & Marques, 2015, pp. 114-115).

Apesar das iniciativas, com a intenção de ampliar a identificação da população local com o projeto cinematográfico, através da exibição de filmes em diferentes locais da cidade; a realização do Festival de Cinema de Paulínia, a Escola Magia do Cinema, que era responsável pela formação de mão de obra qualificada, a Paulínia Stop Motion e Paulínia Film Commission, encarregadas da produção de animações com o auxílio de crianças e jovens e de intermediar a relação entre produtoras com editais e o governo, o projeto não obteve êxito (Oliveira *et al.*, 2015, pp. 115-116).

Pesquisadores da Erasmus University, Aldo do Carmo Júnior, e da Universidade de São Paulo, Júlio Luchesi Moraes, examinaram o projeto de Paulínia, no ano de 2005,

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://www.ipccic.com/#!patrimnio-cultural/cs6x>>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

<sup>69</sup> Disponível em: <<http://www.agendaribeirao.com/paineis.aspx>>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

particularmente, a relação entre a sociedade e governo, e concluíram que o principal fator de fracasso foi a iniciativa ter partido do governo e a falta de envolvimento ou identificação da população com a proposta, justificada pelo fato de que a cultura cinematográfica e a produção audiovisual não integravam a história da localidade antes da implantação do projeto, fatores estes que impediram a classificação de Paulínia como cidade criativa<sup>70</sup> (Silva & Rosa, 2013, p. 16); (Oliveira *et al.*, 2015, p. 120);

Outro exemplo, internacional e polêmico que, segundo Ana Carla Fonseca Reis (2011a, pp.72-95), negligencia o aspecto cultural dentre as características de uma cidade criativa, foi o caso de Bilbao, na Espanha. A cidade passou por um processo de transformação urbana, econômica e social, após uma crise (entre as décadas de 1970 e 1980) econômica industrial, terrorismo separatista, inundações que destruíram a cidade e abandono de áreas marginalizadas. A conversão da imagem da cidade se deu com intervenções urbanas, novos modelos de governança, grandes investimentos em infraestrutura e planos estratégicos e operacionais, tendo a cultura e a arquitetura icônica como forma de inserir Bilbao no turismo mundial. O ícone do programa cultural para a cidade foi a construção do Museu Guggenheim (inaugurado em 1997), um museu-franquia pertencente à Fundação Solomon Guggenheim, que proporcionaria não somente a chancela internacional para a localidade, como também inseri-la-ia em uma rede com outros polos culturais ao redor do mundo, como Nova York, Berlim e Veneza.

O grande problema relacionado a esta ação transformativa de Bilbao refere-se à falta de sinergia, entre as alterações ocorridas, através do símbolo de mudança (o Museu Guggenheim) e a população local. A ausência de conexões aconteceu desde sua construção/realização, quando não envolveu as empresas regionais, por exemplo. O Museu atrai, em geral, o público estrangeiro e as suas exposições são, na grande maioria das vezes, relacionadas à cultura e arte internacional. Assim, no tocante à cultura, este caso exemplifica a sobreposição do mundo externo às raízes e referências da própria localidade, um distanciamento da sociedade com o seu lugar de origem (Reis, 2011a, pp. 92-95).

Através dessas experiências, cabe refletir sobre a transformação das cidades, a “criação” das cidades criativas. As cidades citadas não levaram em consideração as características

---

<sup>70</sup> Existem controvérsias entre as opiniões de pesquisadores. No corpo deste trabalho foi apresentado o caso da cidade de Paulínia como não exitoso à cidade criativa. Porém, o projeto Criaticidades (dirigido pelas empresas Garimpo de Soluções, que é liderado por Ana Carla Fonseca Reis, e Umana Comunicação Inteligente, administrado por Ricardo Mucci) que tem por missão a investigação das contribuições da economia criativa no desenvolvimento socioeconômico das cidades brasileiras, menciona a cidade de Paulínia como um exemplo prático e bem sucedido na busca por alternativas de desenvolvimento econômico. Disponível em: <<http://www.criaticidades.com.br/o-projeto/>> e <<http://tal.tv/video/paraty-e-paulinia/>>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

essenciais deste conceito, a inovação, a conexão e a cultura. Quando um desses aspectos é esquecido então não existe a cidade criativa, que deve ser planejada e executada de forma integrada (população e instituições, sejam públicas ou privadas) e ter a identidade cultural local como matéria-prima, para atingir a sustentabilidade e qualidade de vida. Assim devem seguir as cidades que buscam tal chancela.



## Capítulo 3 – Planejamento criativo: a Casa da Memória Italiana

Este capítulo buscará a relação entre as cidades criativas e o patrimônio cultural através do estudo de caso da Casa da Memória Italiana<sup>71</sup>. Patrimônio cultural este em fase de transformação em um Museu Casa, que poderá, transversalmente a um planejamento criativo, permitir que Ribeirão Preto caminhe na direção de se tornar uma cidade mais criativa, com o reconhecimento de sua identidade, história e memórias.

### 3.1 História e Memória: o patrimônio imaterial

A história da casa sede do atual Instituto Casa da Memória Italiana está concatenada à história da cidade, com referências tanto ao aspecto cafeeiro como à imigração. A casa foi propriedade de duas famílias de imigrantes, a primeira – Meirelles, de descendentes de portugueses, que se transformaram em grandes cafeicultores no Brasil, e a segunda – Biagi, de imigrantes italianos, que se tornaram empresários do setor sucroenergético.

A família Meirelles<sup>72</sup> provém da família dos Chacins, originários de Trás-os-Montes, da comarca da Torre de Moncorvo (Santos & Meirelles, 1992, p. 20). No entanto, a linhagem de Joaquina Evarista Meirelles, primeira proprietária da casa estudada, origina-se de uma ilha do arquipélago de Açores (Ilha de Faial), Antónia da Graça, que foi bisavó do bisavô de Joaquina e a primeira a chegar ao Brasil em 1722. Posteriormente, seu bisavô, João de Souza Meirelles, iniciou a vida familiar no Brasil (Santos & Meirelles, 1992, p. 31). Joaquina nasceu em 1873 na Fazenda Campo Grande, em Baependi – Minas Gerais, Brasil. Foi a décima primeira filha (total de quinze filhos) de Joaquim Victor de Souza Meirelles (1831-1916) e Blandina Laura de Souza Meirelles (1837-1905). Em torno de 1887 a família mudou-se para Santa Rita do Passa Quatro – São Paulo, onde Joaquina cresceu e casou-se com Francisco Machado de Souza. Joaquina, de família abastada, recebeu como dote de casamento uma gleba de terra na Villa Bonfim, atual Bonfim Paulista, distrito do município de Ribeirão Preto, da Fazenda Santa Rita<sup>73</sup>, onde ela e o marido construíram as edificações<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup> Cartas de intenção de pesquisa à diretoria do Instituto Casa da Memória Italiana disponíveis no anexo 1.

<sup>72</sup> Vide no anexo 10, a árvore genealógica da família Meirelles, criada pela Casa da Memória Italiana à partir das informações contidas no livro Santos e Meirelles, 1992.

<sup>73</sup> Em 2013, a Fazenda Santa Rita foi adquirida por Renato Aguiar (referência em organização de eventos em Ribeirão Preto) em parceria com a Stéfani Nogueira Incorporação e Construção, reformaram-na e criaram um Complexo de Eventos. Informações disponíveis em: <<http://www.renatoaguiarfestas.com.br/br/complexo-de-eventos/>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

<sup>74</sup> Entrevista realizada pelo Instituto Casa da Memória Italiana, em 19 de maio de 2014, com Francisco Machado de Souza Neto (neto de Joaquina Evarista Meirelles), sua esposa Regina Maria Carvalho e filhas Maria Marta, Carmem Rita e Maria Marta. A transcrição foi cedida, amavelmente, pela Casa da Memória Italiana em: 08 de abril de 2016. Vide anexo 11.

Joaquina Evarista Meirelles foi a segunda maior exportadora de café da região de Ribeirão Preto, fato comprovado por um quadro, de posse da família, com uma homenagem que o porto de Santos lhe fez<sup>75</sup>. Também foi destacada a importância que teve, à sua época, como mulher fazendeira, assim como a Junqueira (Iria Alves Ferreira – Rainha do Café)<sup>76</sup>, duas mulheres que tiveram relevância na sociedade ribeirãopretana. Joaquina ficou viúva muito cedo e quem ajudou na administração dos negócios, posteriormente, foi seu filho mais velho Joaquim Machado de Souza.



Figura 2: Joaquina Evarista Meirelles.  
Fonte: Acervo da Família Meirelles.



Figura 3: Joaquina Evarista Meirelles e família na casa da Rua Tibiriçá, em 1925/1926. Fonte: Acervo da Família Meirelles.

Além da Fazenda Santa Rita e outras fazendas da família, a pedido de Joaquina Evarista Meirelles e seu filho Joaquim, uma casa<sup>77</sup>, no centro de Ribeirão Preto ao lado da Catedral, na Rua Tibiriçá (atual Casa da Memória Italiana), foi projetada pelo arquiteto Arnaldo Maia Lello, em 1923, e sua construção finalizada entre 1925 e 1926 (Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto [AEAARP], 2015, p. 8); (Escritura de doação lavrada em 14 de fevereiro de 1925, transcrita sob n.º. de ordem 15.509. Arquivo do 1.º. Registro de Imóveis, Certidão Protocolo n.º. 549.683, 2014)<sup>78</sup>.

Em entrevista<sup>79</sup> realizada com a família Meirelles, pelo Instituto Casa da Memória Italiana, quando perguntada sobre a representação da casa para a família, à época:

<sup>75</sup> Informações obtidas por fonte oral, com a família. Não foi encontrada outra fonte que complementasse ou confirmasse as mesmas.

<sup>76</sup> Mello, 2009.

<sup>77</sup> As cópias da planta original da casa estão no anexo 12. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

<sup>78</sup> Nesta escritura encontra-se informação mais precisa sobre a Casa, datada de 1925, diz que a Casa estava “em construção quase finda”. Os móveis da Casa ainda possuem etiquetas da transportadora, datadas de 1926. Fatos estes que faz-nos concluir que entre 1925 e 1926 a Casa estava sendo finalizada.

<sup>79</sup> Vide anexo 11.

Regina responde que a casa era o centro da família. Os filhos e noras de Joaquina, os irmãos dela e sobrinhos como Ferrerinha, conhecido como Wladimir Meirelles Ferreira e a mãe dele conhecida como “tia mim” Blandina Souza Meirelles Ferreira. Como toda a família morava em fazenda, quando precisavam ficar na cidade a casa da Tibiriçá era a referência.

Sobre as lembranças da casa, a família, também, afirma que não se lembra à respeito da disposição dos quartos entre os moradores, mas se recorda que Joaquina oferecia muita festa.

Outra informação relevante refere-se à doação<sup>80</sup> da casa aos filhos, antes mesmo do término da construção, sendo o motivo principal a doença que Joaquina tinha, a diabete avançada.

Joaquina faleceu em 1941, em Bonfim Paulista. Neste mesmo ano, a casa foi vendida ao casal de imigrantes italianos Pedro Biagi e Eugenia Viel Biagi, que continuaram a residir com os filhos. A casa da Tibiriçá foi residência até 2012, quando a última filha solteira do casal, até então viva, faleceu (AEAARP, 2015, p. 8).

Pedro Biagi, segundo filho da família (total de oito filhos), nasceu em 31 de maio de 1881 na aldeia de Campagnola na localidade de Brugine, província de Padova, região do Vêneto, na Itália. Foi batizado com o nome de “Silvio Pietro”. Chegou ao Brasil com apenas seis anos de idade, em 18 de janeiro de 1888, acompanhado pelos seus pais, Natale Biagi e Elisabetta Ferin Biagi (Biagi, 1987, p. 67).

A família<sup>81</sup>, assim que chegou ao Brasil, à partir do porto de Santos, seguiu para o município de Itatiba (região de Campinas), onde Natale trabalhou na Fazenda Itatiba no fabrico de tijolos. Posteriormente, em 1890, a família seguiu para a região de Ribeirão Preto, para uma fazenda, do mesmo proprietário da anterior, na cidade de Sertãozinho. Nos anos seguintes, Natale trabalhou em diversas fazendas, sendo que, em 3 de fevereiro de 1899, em sociedade com Sante Barbieri, comprou terras em Campo de Itararé, em Sertãozinho. Esta foi a primeira aquisição de terras pela família Biagi no Brasil (Biagi, 1987, pp. 53-54).

A venda foi efetuada com prazo para pagamento de três anos, a contar da data da escritura, e em diversas prestações, a ser pagas em tijolos e telhas, com o abatimento de dois mil réis em cada milheiro. Segundo informações da família, havia também um pequeno engenho, movido a tração animal, para fabricação de aguardente. Como nada consta na escritura de venda a respeito desse engenho, acredito que o mesmo foi montado pelo próprio Natale Biagi, logo após a compra do sítio.

Para pagar essa propriedade, Natale e sua família se dedicaram arduamente, de sol a sol, durante anos, ao cultivo de cana-de-açúcar, do café, dos cereais, e à fabricação de aguardente, tijolos e telhas (Biagi, 1987, p. 54).

---

<sup>80</sup> Escritura de doação lavrada em 14 de fevereiro de 1925, transcrita sob nº. de ordem 15.509. Arquivo do 1º. Registro de Imóveis, Certidão Protocolo nº. 549.683, 2014.

<sup>81</sup> Vide no anexo 13, a árvore genealógica da família Biagi, criada pelo Instituto Casa da Memória Italiana à partir das informações contidas no livro Biagi, 1987.

Logo após a compra, os sócios se separaram e cada um ficou com sua parte das terras. Natale ficou viúvo em 1906 mas continuou a vida forte, morando com filhos e netos, até o falecimento em 1941 (Biagi, 1987, pp. 54-55).

Pedro Biagi, casou-se em 10 de setembro de 1904, em Sertãozinho, com Eugenia Viel Biagi. Ela, nascida em 27 de agosto de 1884 na província de Udine, região de Friuli-Veneza Giulia, ao norte da Itália, chegou ao Brasil, juntamente com sua família, aos doze anos de idade, em 1º de março de 1896. Conforme tradição italiana, os filhos, depois de casados, continuavam a residir com os pais e as filhas seguiam os maridos, por isso, Pedro continuou na fazenda do pai, trabalhando com o cultivo da lavoura, na fabricação de aguardente e na olaria. No entanto, sua peculiaridade era a comercialização. Com espírito empreendedor, em 1909, Pedro adquiriu sua primeira propriedade, um sítio na Vila de Pontal, saindo, definitivamente, da casa dos pais e renunciando a sua parte da herança, em favor de um dos seus irmãos (Biagi, 1987, pp. 67-68).

Por ocasião de uma grande chuva de pedras que assolou toda a região, destruindo os telhados de milhares de casas, trabalhou incansavelmente para o fornecimento de telhas. Sem se preocupar com o tempo saía de madrugada com sua motocicleta, viajando pelas estradas de terra de Sertãozinho, Ribeirão Preto, Cravinhos e Batatais, para comercializar as telhas e tijolos que fabricava em sua olaria. Nas épocas de geada ficava com a roupa toda coberta de gelo (Biagi, 1987, pp. 69).

Por esta citação é possível perceber a determinação e dedicação na busca de seus ideais e bem-estar de sua família. Este episódio marcou e transformou a vida da família. Ao longo do tempo, Pedro adquiriu terras e mais terras e, em 1917 comprou a Fazenda Barbacena, onde iniciou a sua primeira plantação de cana-de-açúcar, em 1931 fundou a Usina da Pedra, em Serrana e em 1936 foi possível a seus filhos comprarem a Usina Santa Elisa, em Sertãozinho. Sobre sua residência, como era um homem de visão, matriculou seus filhos (o casal teve doze filhos) no Colégio Santa Úrsula (o melhor da época), em Ribeirão Preto e, conseqüentemente, mudou-se com sua família para esta cidade, em 1924<sup>82</sup>. Viveu dezoito anos em uma casa na Rua Visconde de Inhaúma e, em 1941, comprou a casa na Rua Tibiriçá, como foi mencionado anteriormente. Pedro Biagi faleceu em 27 de setembro de 1973 e sua esposa, Eugenia Viel Biagi, em 02 de julho de 1974. Os dois foram velados na residência da Tibiriçá (Biagi, 1987, pp. 70-75).

---

<sup>82</sup> Memórias escritas, em 2014, pela neta de Pedro Biagi, Maria Augusta Scatena Lopes, apelidada de Piccina, pertencentes ao acervo do Instituto Casa da Memória Italiana e disponíveis no anexo 14. Essa informação também pode ser encontrada no livro Hasse, 2003, p. 149.

Maurílio Biagi Filho, neto de Pedro Biagi, relata, em entrevista<sup>83</sup>, sobre suas memórias da casa na Rua Tibiriçá:

[...]. Eu frequentava a casa, primeiramente como menino, vamos dizer assim, criança sem saber, sem saber mesmo, acompanhando meus pais e em visitas. Depois já como, já como jovem, já casado, etc, desfrutando do meu avô e, depois, mais velho, dando até suporte para as minhas tias, as últimas que ficaram lá, eu era um dos netos que, dos sobrinhos, vamos dizer assim, que mais ia lá na casa, visitava, gostava muito de vê-las, mesmo quando elas perderam a memória, mesmo quando elas já não estavam mais mantendo uma conversa, eu ia, conversava, batia papo e ficava, fazia companhia tal, até o falecimento, das duas últimas [...] (Entrevista com Maurílio, anexo 3).

Maurílio destaca, ainda, que na casa do avô aconteciam festas muito alegres, reuniões diversas da família, “o centro da família era a casa dele” (Entrevista com Maurílio, anexo 3). No acervo fotográfico da Casa da Memória Italiana é possível encontrar registros das festas realizadas na residência como, por exemplo, festa de ano, aniversários da família e café da manhã na comemoração do dia das mães.

Quando viva, uma de suas filhas, Osônia, também afirma que a casa estava sempre cheia de gente e que além dos filhos e filhas, os seus pais recebiam os amigos e parentes de fora que vinham tratar a saúde ou estudar na cidade e Pedro os recebia como se fossem da família e, em geral, eram quase todos italianos (Amorim, 2001, p. 131).

Segundo a neta Maria Augusta Scatena Lopes<sup>84</sup>:

Nesta casa o casal viveu momentos felizes, alegres, uma vida tranquila e harmoniosa colhendo os frutos do que plantaram sendo cuidados pelas filhas que solteiras ficaram residindo na casa com eles, cercados do carinho de toda a família que construíram até o fim desta vida de exemplo e dedicação.

Sobre os hábitos culturais da família Biagi, ela ainda menciona a música, tanto a popular como a clássica, com certa preferência às óperas. As filhas de Pedro, Angela e Osônia, tocavam instrumentos como o acordeão e o piano, na sala de música da casa. As mulheres realizam atividades manuais como o tricô e o crochê, gostavam de jogar damas, torrinha, escopa simples e XV, este último com baralho. Já Pedro Biagi jogava bocha, tradição italiana, com os amigos, em sua maioria italianos.

Quanto à alimentação da família, Maria Augusta Scatena Lopes, cita as receitas da região do Vêneto, na Itália. Entre elas, a polenta, verduras como almeirão e escarola, sopas e caldos como o brodo de galinha e brodo de carne bovina, sopa de feijão, cozidos (lesso – termo utilizado para denominar carnes, legumes e verduras cozidos na água) de galinha e de carne

---

<sup>83</sup> Entrevista realizada com Maurílio Biagi Filho em 02 de maio de 2016. Transcrição disponível no anexo 3.

<sup>84</sup> Memórias de Maria Augusta Scatena Lopes, 2014, cedida amavelmente pelo Instituto Casa da Memória Italiana, anexo 14.



bovina, massas (faziam todas em casa, para macarronada, pastéis, entre outros), rabanadas, crustole, roscas, balas de côco, etc. As bebidas referidas eram vinhos, licores e o cowboy – whisky sem gelo e puro, que as irmãs Angela e Osônia gostavam de tomar.



Figura 4: O casal, Pedro Biagi e Eugenia Viel Biagi, e filhos, na casa da Rua Tibiriçá, nº. 776, em 1942. Fonte: Acervo da Família Biagi.

Por esta introdução histórica e memorável é possível perceber o quanto a Casa da Memória Italiana, denominada inicialmente por casa da Rua Tibiriçá, foi importante para a vida das duas famílias, cenário para momentos alegres, como as festas e comemorações, e tristes, como no velório de integrantes das famílias. Da mesma forma, revela a história da cidade de Ribeirão Preto e não só, pode-se dizer do país – Brasil, marcada pela cafeicultura e imigração, que trazia hábitos e tradições dos diversos lugares do mundo, aqui, em especial, a italiana. Além da história recordada e contada por familiares (patrimônio imaterial), a casa confirma tais fatos por meio da arquitetura e móveis das duas famílias<sup>85</sup> (patrimônio material) tão bem preservados por todos estes anos. A questão é, como um patrimônio individual se torna patrimônio coletivo, como a memória individual se torna memória social.

---

<sup>85</sup> A casa da Rua Tibiriçá foi adquirida por Pedro Biagi com os móveis, o recheio que compõe os espaços de convivência social (Documento sobre Arte Decorativa do Bungalow, por Alice Registro Fonseca (2014); Memórias de Maria Augusta Scatena Lopes (2014)).

### 3.1.1 O patrimônio material



Figura 5: Fachada Casa da Memória Italiana, casa da Rua Tibiriçá, nº. 776. Fonte: Fotografia de Alice Registro Fonseca, 2015, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

Na planta original o imóvel foi denominado *Bungalow*<sup>86</sup>, palavra inglesa que no português se torna bangalô ou bangaló<sup>87</sup>.

[...]. O bangalô refere-se a qualquer residência pertencente a uma só família, típica das classes médias urbanas e, tanto na América do Norte quanto no Brasil, são casas caracterizadas por varandas [...]. Esses bangalôs, no início do século XX, possuem tendências arquitetônicas como: o ecletismo que constitui a arquitetura do liberalismo das aspirações européias, o art déco cosmopolita que denota novas formas urbanas e o estilo missões, de caráter nacionalista, que procura resgatar as origens. Estas tendências arquitetônicas foram apontadas como possíveis caminhos na arquitetura dos bangalôs, dentro do espírito de vanguarda da época. Segundo Lemos (1999), o ecletismo talvez fosse conhecido somente pelos letrados, e seu significado, ligado à tolerância ou a coexistência de mais um estilo arquitetônico, certamente não era do pensamento ou do linguajar do povo em geral. Sendo uma manifestação atrelada ao café, cujo dinheiro proporcionou à classe alta as novidades e confortos trazidos pelo avanço tecnológico, o novo gosto denominado ecletismo, alcançou até mesmo o mobiliário, os tecidos, dentre outros “delírios

<sup>86</sup> Pode-se confirmar o termo escrito nas plantas da casa.

<sup>87</sup> Definição pelo dicionário Priberam disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/bangal%C3%B3>>. Acesso em: 01 de agosto de 2016.

ornamentais”. Ou seja, ecletismo seria uma somatória de criações individuais e estilos já existentes (Fontana, Santos, & Ghirardello, 2012, pp. 122-123).

Desta forma, a casa estudada é caracterizada por varandas e ornatos cujas aspirações europeias são mescladas com estilos modernos, como o Art Nouveau. A influência estrangeira exercida nas casas da elite brasileira e, particularmente, da cafeeira, é notada pelas importações realizadas, por exemplo, na Casa da Memória Italiana as louças dos banheiros (casas de banho) e da cozinha são inglesas e o revestimento de azulejos são alemães. A parte elétrica (tomadas e espelhos) e a parte hidráulica (torneiras e chuveiros) foram importados dos Estados Unidos. A introdução de tais componentes nas casas da alta sociedade brasileira, datada do início do século XX, são justificadas, principalmente, por não existir ampla fabricação dos mesmos no Brasil. A fabricação nacional se resume aos tijolos e revestimentos de madeira e piso. Poucas são as alterações encontradas na casa com relação à planta original, entre elas a ausência de uma lareira na sala de jantar e na sala de vestir (denominada na planta como fogão) e a inexistência de um terraço sobre a cobertura da entrada nobre. No local foram acrescentados vitrais e o espaço possibilitou a instalação de uma escada de madeira maior (AEAARP, 2015, pp. 8-9).

Os diversos cômodos<sup>88</sup> (nas paredes e teto) são ornados com pinturas, cuja autoria é desconhecida, no entanto, suspeita-se por artistas italianos como Victório Gregolini, por ter sido quem contribuiu na decoração da Igreja Nossa Senhora do Rosário e na Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto, ajudando Benedito Calixto. Em 2014 foi realizada uma manutenção nas paredes, mas poucas áreas sofreram intervenções (AEAARP, 2015, p. 9).

O mobiliário é organizado em três grupos, cuja diferenciação refere-se ao estilo, artesão e época de aquisição. O conjunto maior foi produzido pela Fábrica de Móveis Miguel Nardella, em São Paulo, composto por móveis da sala de jantar e quartos, com detalhes de marchetaria e metal. Outro conjunto é o da sala de visitas que possui influência do estilo Luís XIV, com o refinamento da realeza francesa, produzido por Gino e Renato Ghilardi, mestres da Oficina de Tapeçaria do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Esses dois conjuntos mencionados eram da família Meirelles e adquiridos com o imóvel pela família Biagi. O último conjunto, trazido/adquirido pela família Biagi, foi produzido pela fábrica de móveis Delloiagono & Cia, oficina de Ribeirão Preto (AEAARP, 2015, p. 9).

---

<sup>88</sup> Fotografias de alguns cômodos da casa no anexo 15.



O que pode-se dizer dessa casa é que constitui um patrimônio cultural muito preservado, que só foi possível devido à constante manutenção e cuidado dos moradores ao utilizarem-na como residência até o ano de 2012<sup>89</sup>.

Por esta razão e outras que serão explicadas, à seguir, surgiu a ideia de criar o Instituto Casa da Memória Italiana, responsável pela administração do museu casa (ou casa museu, em Portugal) que está a se formar.

### **3.2 Gestão e Mediação Patrimonial/Cultural – O Museu Casa**

Em entrevista com Maurílio Biagi Filho (anexo 3), ele expõe o início de tudo:

Primeiro isso é uma história que vale a pena até talvez, vale a pena registrar. Como é que aconteceu isso? Primeiro não tinha nenhuma ideia de criar a Casa da Memória Italiana. Uns dez anos antes das minhas tias falecerem, uns dez anos antes, eu previa e comecei a conversar com minha mãe e minha tia, que eram as donas da casa, eu comecei a conversar que aquilo a gente precisava dar uma destinação para aquilo, eu não sabia que destinação, eu precisava pensar numa coisa qualquer, fazer uma doação, inicialmente eu pensava em doar para o município, doar para a prefeitura, com a condição que a prefeitura fizesse ali um museu, eu não sabia. Mas eu tinha para mim claro que aquilo a gente precisava preservar, claro. [...] um belo dia, depois já que minhas tias tinham morrido já um ano, dois anos, não lembro exatamente quanto tempo, eu marquei um domingo lá por total acaso, eu marquei um domingo de ir lá, convidei o Vincenzo, para conhecer a casa, que era cônsul italiano aqui, convidei minha mãe, convidei algumas pessoas que estavam interessadas, eu não sabia direito como fazer, o que fazer, e convidei a Weimar, que queria comprar uma casa [...] Eu certo, porque a Weimar é minha prima, eu certo de que ela conhecia a casa, eu certo que ali não tinha nenhuma surpresa. Não, ela não conhecia, conhecia mas não lembrava [...] E aí, a Weimar se encantou com aquilo e aí, vamos fazer, vamos fazer, e de repente, por um desses passe de mágica, essas coisas que acontecem, acho que não sei, uma inspiração do além, a minha mãe também resolveu doar a casa, para uma coisa qualquer que a gente nem sabia o que era, depois. [...] a Weimar comprou a parte da minha tia e eu comprei tudo o que tinha dentro da casa, tudo o que tem lá, tudo, tudo, o interior da casa, o miolo da casa, tudo, tem todas as mobílias, tudo, tudo, panela, fogão, prato, garfo, tudo.

Satisfazendo o desejo de Maurílio, registra-se aqui a gênese do Instituto Casa da Memória Italiana, uma ideia que não estava tão madura mas que se juntou à vontade de várias pessoas e se materializou. O que se percebe, através do depoimento, é como se estabelece um processo de patrimonialização, como o próprio, através do olhar de outros, dá um valor acrescido ao que sempre viveu e começa a estabelecer um programa para convencer algo de que se trata de um patrimônio social e não apenas pessoal ou individual e familiar, privado.

---

<sup>89</sup> Partes dos materiais informativos Casa da Memória Italiana, em anexo 16.

A intenção, de acordo com a entrevista, era criar uma casa da memória do imigrante, de uma forma mais ampla e que envolvesse todas as pessoas que imigraram e seus descendentes. E, apesar de ter sido nomeada Casa da Memória Italiana, Maurílio deixa claro que o intuito é a inclusão de todos, que floresça o sentimento de pertencimento.

Criado em 07 de dezembro de 2013, o Instituto Casa da Memória Italiana foi instituído na forma de Associação e é regido por um Estatuto Social e pelos dispositivos que lhe forem aplicáveis. De acordo com o artigo 3º. do Estatuto, os objetivos do Instituto são “promover a cultura, a defesa, a conservação e a difusão do patrimônio histórico, artístico e cultural, alusivo a história e memória da imigração italiana no Brasil, com ênfase na região de Ribeirão Preto” (Estatuto do Instituto Casa da Memória Italiana, 2013, pp. 1-2).

Entre as ações previstas no Estatuto, 2013, p. 2, encontram-se:

- 1- Realização de atividades museológicas especialmente voltadas para os espaços da casa sede do Instituto, localizada na Rua Tibiriçá, no número 776, como sua maior referência identitária e cultural;
- 2- Promoção de ações no campo das artes visuais, abrindo assim, a possibilidade de o espaço ser um amplo fomentador cultural, podendo desenvolver um programa de residências artísticas;
- 3- Realização, coordenação ou fomento de atividades relacionadas ao desenvolvimento do ser humano e de sua integração social por meio de atividades educativas, culturais e artísticas;
- 4- Apoio e realização de pesquisas e estudos sobre a imigração italiana;
- 5- Promoção de atividades de registro, preservação e difusão da história e memória da imigração italiana;
- 6- Promoção e realização de seminários, simpósios, congressos, palestras, exposições, assessorias e consultorias, entre outros, relacionados à cultura italiana;
- 7- Capacitação de indivíduos e grupos por meio da oferta de programas educativos, concessão de bolsas de estudo, de pesquisa e de estágio;
- 8- Criação de Redes de Cooperação com outras entidades de natureza cultural, educacional ou artística;
- 9- Criação e fomento de um Sistema de Informação para organizar, registrar e preservar as referências históricas da cultura italiana;
- 10- Realizar, apoiar e divulgar publicações de obras de imigrantes e seus descendentes, trabalhos de pesquisa, registros biográficos, ensaios, entre outras, para a difusão da história italiana no Brasil.

É disposto, ainda, sobre a possibilidade de celebração de convênios e contratos com entidades de quaisquer natureza, seja pública, privada, nacionais ou estrangeiras e cuja finalidade seja a prestação de serviços e atividades que respeitem o objetivo do Instituto da Casa da Memória Italiana (Estatuto do Instituto Casa da Memória Italiana, 2013, p. 2).

A administração do Instituto é realizada por três formas: 1 – Assembleia Geral; 2 – Conselho Técnico-Deliberativo; e 3 – Diretoria (Estatuto do Instituto Casa da Memória Italiana, 2013, p. 5).

O organograma da Diretoria da Casa da Memória Italiana é a seguinte: Presidente – Weimar Marchesi de Amorim; 1º. Vice-Presidente – Maurílio Biagi Filho; 2º. Vice-Presidente – Vincenzo Antonio Spedicato; Diretora Administrativa – Adriana Silva; Presidente Honorária: Edilah de Faria Lacerda Biagi; Conselheiros: Tânia Cristina Registro; Ângela Biagini de Amorim; Eduardo Marchesi Amorim; Nilton Campos; Maria do Carmo Silva Esteves; Edith Gonçalves; e Giulia Crippa.

Quanto à mediação patrimonial, esta é realizada pela Gestora Executiva da Casa, Alice Registro Fonseca, e por Maria Augusta Scatena Lopes.

Pode-se notar que Adriana Silva, além de ser a Presidente do IPCCIC também é Diretora Administrativa da Casa da Memória Italiana. Em entrevista (anexo 2), ela comenta sobre sua participação na casa e afirma que por causa da sua experiência, por exemplo na criação do IPCCIC e consequente conhecimento dos caminhos burocráticos, assim como da relação pessoal com a Presidente e Vice-Presidente, foi convidada para integrar a Diretoria. Diz, também, que tem atuado mais como Agente Cultural do que como Diretora Administrativa devido suas referências com a Cultura. Entretanto, pensando como Diretora Administrativa uma de suas metas é a sustentabilidade a longo prazo porque, por ser um projeto/instituto privado (sem parceria, até o momento, com a iniciativa pública), ele é mantido por seus responsáveis/mantenedores<sup>90</sup>. Adriana Silva menciona, ainda, que sua estratégia é trazer outras famílias de imigrantes italianos que possam contribuir com a casa.

O primeiro projeto, cujo objetivo pauta-se na sustentabilidade, foi aprovado e teve captação de recurso através do PROAC – Programa de Ação Cultural, vinculado à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo pelo ICMS- Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação<sup>91</sup>. Este Programa está previsto na Lei nº. 12.268 de 20 de fevereiro de 2006 e dispõe, no artigo 6º, que o contribuinte deste imposto “poderá, nos termos e condições estabelecidos pelo Poder Executivo, destinar a projetos culturais credenciados pela Secretaria de Estado da Cultura parte do valor do ICMS a recolher, apurado nos termos do artigo 47 da Lei nº 6.374, de 1º de março de 1989”<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> Atualmente os mantenedores da Casa da Memória Italiana são: Mantenedores Diamante: Pedra Agroindustrial S/A.; Edilah Lacerda Biagi; Maurílio Biagi Filho; e Weimar Marchesi Amorim. Sobre as formas de apoiar, patrocinar e manter o Instituto, ou seja, ser um amigo da Casa da Memória Italiana, vide anexo 17.

<sup>91</sup> Informações sobre o PROAC-ICMS disponíveis em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/PAC>>. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

<sup>92</sup> Lei nº. 12.268 de 20 de fevereiro de 2006 disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/proac/Lei%20n%C2%BA%2012.268,%20de%2020%20de%20fevereiro%20de%202006.pdf>>. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

Este projeto (2015-2016)<sup>93</sup> apresenta quatro vertentes:

- 1- Desenvolvimento do Plano Diretor para ocupação da casa sede do recém fundado Instituto Casa da Memória Italiana que abrigará um Museu com características de Museu Casa;
- 2- Realização de pesquisa e registro da memória oral da imigração italiana em Ribeirão Preto e região, com edição final em formato de videodocumentário;
- 3- Desenvolvimento de um programa de ocupação física da casa;
- 4- Difusão da pesquisa e dos videodocumentários por meio do sistema on-line, em uma página na internet, especialmente criada para dar visibilidade ao trabalho do Instituto Casa da Memória Italiana e garantir a visita virtual ao prédio histórico, sede da entidade.

Quanto aos videodocumentários serão realizados dez, com trinta minutos cada, cujo foco será dado na trajetória das famílias de imigrantes italianos, e um décimo primeiro vídeo que contará a história da Casa da Memória Italiana, desde as famílias proprietárias até a criação do Museu Casa<sup>94</sup>.

Segundo Adriana Silva, o projeto está dentro da lógica de gestão de economia criativa para manutenção e sustentabilidade da Casa da Memória Italiana. Quanto ao primeiro objetivo é a preservação da casa, e entendem que a melhor proteção é decorrente do uso, onde surge a relação com a criação do Museu. Sobre a relação arquitetônica da casa e o centro da cidade de Ribeirão Preto, Adriana diz que ao preservar a casa também estarão preservando o centro histórico. Acrescenta, ainda, que a casa tem uma linguagem bastante diversificada e trará outras ideias relacionadas à gastronomia italiana, língua italiana, arte italiana, de forma a ser abrangente e não estática, capaz de atrair o público a querer visitá-la mais de uma vez. Quanto a abrangência, deixa claro que apesar da relação da casa com os italianos, esta pode expandir suas atividades a outros imigrantes, pois é uma forma de difundir a cultura italiana e a brasileira.

Sobre a relação entre a Casa da Memória Italiana e o contexto das cidades criativas, Adriana Silva comenta que transformar a casa em um Museu já é um projeto criativo, de economia criativa e de sustentabilidade, porque se não houvesse essa ideia criativa, a casa poderia “ir para o chão”, ser destruída por não ser, até hoje, tombada. Existem diversas famílias de imigrantes que são expoentes para a história de Ribeirão Preto, por isso, ter uma casa que conta a história dessas famílias será a mesma coisa que contar a história da cidade (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2).

É preciso contar a história da imigração italiana por várias óticas, uma delas é o café. Foi o café que trouxe os imigrantes. A história do café é, toda ela arraigada com a história de Ribeirão, então, as coisas se misturam. Quando as

---

<sup>93</sup> Vide anexo 16.

<sup>94</sup> Projetos da Casa da Memória Italiana.

coisas se misturam, há conectividade, se há conectividade, você está falando de criatividade, que é um dos pilares da cidade criativa. Então, ter aquela casa naquele lugar, fazendo o que ela faz, é uma ação de economia criativa para uma cidade criativa (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2).

Para Adriana, o papel da Casa da Memória Italiana é guardar a memória e difundir a história para os que estão a vir, para ser contada e reproduzida, pois “Ninguém lembra daquilo que não viveu, ninguém lembra do que não sabe. A gente só lembra do que a gente sabe, alguém falou, alguém ensinou, a gente viu, a gente ouviu, a gente leu, a gente só lembra daquilo que a gente sabe” (Entrevista com Adriana Silva, anexo 2).

Quando questionado com a mesma pergunta, sobre o papel da Casa da Memória Italiana, Maurílio Biagi Filho (entrevista no anexo 3) diz que acredita que ela possa ser um centro de referência para todos os imigrantes, não só italianos, de preservação de memória das famílias. Conseqüentemente, preserva-se um conjunto de memórias do país, dentro da comunidade de uma cidade, no caso Ribeirão Preto e região.

Para ativar a identidade e memória dos imigrantes, Maurílio acrescenta que a Casa da Memória Italiana precisa “trazer mais gente para dentro”, ser inclusiva e encontrar pessoas que se interessem e desejem contribuir. Para ser o centro de referência que ele menciona, cada família interessada teria que fazer sua história, ou seja, pesquisar e reunir materiais e documentos que comprovassem a história, e conceder uma cópia dos mesmos para a Casa da Memória Italiana, o original ficaria com a família. Tendo isso guardado e catalogado na casa, seria possível ter uma sala de exibição para que as pessoas possam ir lá, pesquisar e conhecer as histórias das famílias.

Quanto ao maior desafio da Casa da Memória Italiana, Maurílio Biagi Filho acredita ser o desvincular a ideia de que a casa é da família Biagi e que isso possa causar certo receio nas pessoas de se aproximarem, contribuírem e levarem suas histórias para a casa.

Ele apoia, ainda, a ideia de criar parcerias com outras entidades, por exemplo, Governo Italiano, através do Vice-Consulado, presente em Ribeirão Preto, associações como a Dante Alighieri ou outras instituições. No que se refere à Società Dante Alighieri, Maurílio afirma que ela precisa se sentir partícipe, parceiro da casa e se tiver projetos será ótimo mas se não tiver, incentivou-a a criá-los ou adotá-los (Entrevista com Maurílio Biagi Filho, anexo 3).

Aquela Società Dante Alighieri foi fundada em 08 de junho de 1910, por um grupo de italianos que participavam da Società Patria e Lavoro, cuja intenção foi constituir um Comitê Nacional Dante Alighieri e, através da fusão, depois de alguns anos criaram a Società Dante

Alighieri, a qual foi reconhecida como entidade de utilidade pública pela Lei<sup>95</sup> n.º. 1456 de 02 de outubro de 1964, pela Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.

O objetivo do comitê era agregar os italianos residentes em Ribeirão Preto em ambiente onde tudo pudesse recordar a Itália, a sonoridade da língua, a importância da cultura, as emoções das músicas, criando ocasiões para conhecer-se, resolver os próprios problemas e de outros italianos, mas principalmente, ajudar-se a viver e inserir-se nesta nova realidade de imigrantes, distantes dos parentes e da pátria<sup>96</sup>.

Foi realizada uma entrevista<sup>97</sup> com Antonio Henrique Sartore, em 09 de maio de 2016, que era na data Assessor da Diretoria da Società Dante Alighieri e tinha a responsabilidade pela coordenação da maioria dos eventos sociais realizados pela Sociedade. Em 14 de junho de 2016 ocorreu a eleição de cargos para o próximo quadriênio, conforme o Estatuto Social da Società Dante Alighieri. Ganhou a chapa Itália, e assim Antonio foi eleito como Diretor Presidente para o período de 2016-2020 (Sartore, 2016, s/p).

Antonio Henrique Sartore (entrevista no anexo 4) comenta que a Società Dante Alighieri<sup>98</sup> foi fundada com o objetivo de dar apoio ao imigrante italiano, como uma forma de sociedade de socorros mútuos, que cuidava, na época, da inserção social do imigrante italiano dentro da cidade de Ribeirão Preto e dava, também, apoio material, caso fosse preciso.

Segundo Patricia Gomes Furlanetto (2007, p. 81), a Sociedade Dante Alighieri, desde sua fundação até o processo de nacionalização no Brasil, que ocorreu no final da década de 1930, se tornou a maior associação italiana da cidade de Ribeirão Preto. A sociedade não aceitou o processo de nacionalização imposta pelo governo e, por isso, foi ocupada pelo Poder Público e pela Sociedade Legião Brasileira. Fato este responsável, provavelmente, por não ter na Sociedade, livros de atas. Entretanto, existem os livros de presença do Conselho Diretor e da Assembleia Geral, que trazem ao conhecimento nomes dos integrantes da sociedade, além do Conselho Diretor. Estes documentos permitem comprovar que os participantes eram dos

---

<sup>95</sup> Lei disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=27735>>. Acesso em: 03 de agosto de 2016.

<sup>96</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.sociedadedantealighieri.com.br/services.html>>. Acesso em: 03 de agosto de 2016.

<sup>97</sup> Entrevista realizada com Antonio Henrique Sartore em 09 de maio de 2016. Transcrição disponível no anexo 4.

<sup>98</sup> A tese de doutorado de Patricia Gomes Furlanetto (2007) apresenta a história de algumas associações italianas responsáveis pela inserção social na cidade de Ribeirão Preto, no final do século XIX e início do XX, a Società Operaia di Mutuo Soccorso Unione Italiana, Società Italiana di Mutuo Soccorso Unione e Fratellanza, Società Unione Meridionale, Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza Patria e Lavoro e a Società Dante Alighieri. O trabalho de Nainôra Maria Barbosa de Freitas (2006, pp. 115-116), menciona, também, a Associação Santo Antônio, frequentada por colonos italianos católicos. Algumas associações permanecem na cidade, neste século XXI, por exemplo, a Sociedade Dante Alighieri e a Associação Unione Italiana de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto, que foram visitadas durante o percurso investigativo desta dissertação, o que representa possibilidades para projetos futuros de estudo sobre o papel e influência identitária dessas sociedades, na comunidade em Ribeirão Preto.

“chamados setores médios, profissionais liberais e grandes italianos da cidade”, que participavam de reuniões e representavam em eventos oficiais.

A sede das sociedades Dante Alighieri, chamadas de “Comitato”, foi fundada em Roma, em 1889, e seu maior objetivo era a criação de escolas de italiano no exterior. No Brasil, os comitês surgiram, expressivamente, na primeira década do século XX. Em 1915 haviam dez comitês por cidades do interior do estado de São Paulo. Em Ribeirão Preto, a sociedade abrigou o Real Vice-Consulado e a Organização do Circolo Italiano de Ribeirão Preto, em 1919, que funcionava como clube, um espaço sociocultural (Furlanetto, 2007, p. 82).

Hoje, a Sociedade conta com cerca de 150 sócios efetivos e 30 sócios colaboradores, ou seja, 180 sócios diretos. Somando os dependentes, acredita-se que o público interno da Dante Alighieri seja de 600 pessoas. Pode-se notar, assim como Antonio comenta, que é um número muito pequeno com relação à quantidade de pessoas que vivem em Ribeirão Preto. Explica, também, que os projetos da Sociedade são voltados à criação de festejos relacionados à identidade e cultura italiana (Entrevista com Antonio Henrique Sartore, anexo 4).

Entre os eventos que a Società Dante Alighieri organiza, estão: a comemoração do Dia da Befana<sup>99</sup>; o Dia Nacional do Imigrante Italiano<sup>100</sup>; FestItália<sup>101</sup>; curso de introdução à língua italiana (que é gratuito e aberto ao público, uma aula por semana durante um semestre); palestras eventuais (Entrevista com Antonio Henrique Sartore, anexo 4).

Até o momento, a Società Dante Alighieri possui parceria somente com a Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto, no desenvolvimento do FestItália, por exemplo, mas de acordo com Antonio Sartore (anexo 4) existe a possibilidade e a disponibilidade em atuar com a Casa da Memória Italiana em projetos que envolvam a cultura italiana, entretanto ressalta a falta de um

---

<sup>99</sup> Pela tradição italiana, é celebrado no dia 06 de janeiro a festa religiosa da Epifania e a comemoração pagã da bruxa Befana, esta que segundo a lenda se negou a seguir os três Reis Magos que foram visitar Jesus ou dar abrigo a eles, mas se arrependeu e na madrugada deste dia começou a deixar doces para as crianças que se comportassem bem e carvão para aquelas que se comportassem mal. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2016/01/06/italia-comemora-hoje-epifania-e-dia-da-befana.jhtm>> e <<http://brasilescola.uol.com.br/italiano/curiosita-di-natale-la-befana.htm>>. Acesso em: 04 de agosto de 2016.

<sup>100</sup> O Dia Nacional do Imigrante Italiano (21 de fevereiro) foi sancionado no Brasil pelo Vice-Presidente da República José Alencar Gomes da Silva em 02 de julho de 2008, através da Lei nº. 11.687. Lei disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11687.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11687.htm)>. Acesso em: 04 de agosto de 2016. A data recorda a chegada da primeira leva de imigrantes italianos ao Brasil, aproximadamente 380 famílias, que estavam a bordo do Vapor Sofia, em 21 de fevereiro de 1874. Informações disponíveis em: <<http://renatabueno.com.br/21-de-fevereiro-dia-imigrante-italiano/>>. Acesso em: 04 de agosto de 2016.

<sup>101</sup> O FestItália é comemorado, geralmente, na primeira quinzena agosto de cada ano. É um projeto que começou em 2006 que, inicialmente, foi realizado para o público interno da Società Dante Alighieri e, em 2010, com o apoio da Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto, passou a acontecer em ambiente aberto, voltado à população da cidade. É um festival que promove a cultura italiana, por meio da arte, música, gastronomia, dança, entre outras atividades. Informações disponíveis na entrevista com Antonio Henrique Sartore, anexo 4.

espaço central para atividades abertas ao público, como palestras, de ambas as partes, a Società Dante Alighieri e a Casa da Memória Italiana.

De forma a contextualizar a mediação patrimonial já desenvolvida na Casa da Memória Italiana desde sua institucionalização, apresentar-se-ão alguns pormenores.

Ao início deste estudo de caso, em janeiro de 2016, a Casa da Memória Italiana não possuía nenhum planejamento concreto de mediação patrimonial/cultural além de atividades pontuais, por estar em um processo de adaptação ao novo uso. Entre os exemplos de atividades que foram e são desenvolvidas, estão:

- Visitas agendadas: as pessoas interessadas em conhecer a casa ligam e agendam a visita em dias predefinidos. Estas visitas foram sendo aperfeiçoadas, um questionário ao final das visitas é aplicado aos participantes, com a finalidade de obter um feedback dos mesmos. O questionário também foi ajustado, com a ajuda de bolsistas/estagiários do curso de bacharelado em Biblioteconomia, Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da USP – Universidade de São Paulo (destaca-se a participação dos estagiários Raquel Jacob Pereira, Natália da Silva Elias e José Barbosa da Silva);



Figura 6: Visita agendada, em 2016. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 7: Visita agendada, em 2016. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



- Visitas por escolas: as turmas interessadas entram em contato com a Casa da Memória Italiana e agendam a visita;



Figura 8: Visita por escola, em 2015. Fonte: Fotografia de Heloisa Junqueira, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 9: Visita por escola, em 2015. Fonte: Fotografia de Heloisa Junqueira, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

- Atividades/Visitas nas Férias: as crianças são acompanhadas pelos pais nas atividades, entre as quais estão a interação com a casa através de cartinhas com imagens dos objetos e fotos antigas da casa, criação e montagem de casas de papel. Nas férias de julho de 2015, participaram da visita à casa duas atrizes que atuaram como se fossem as duas donas da casa (Joaquina Evarista Meirelles e Eugenia Viel Biagi), elas contaram a história da casa e as crianças puderam fazer macarrão, utilizando um cilindro;



Figura 10: Divulgação de atividades nas Férias de 2016. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 11: Montagem das casas de papel, realizada com crianças em 2016. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 12: Cartinhas com imagem dos objetos da Casa da Memória Italiana. Fonte: Fotografia da autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, 2016.

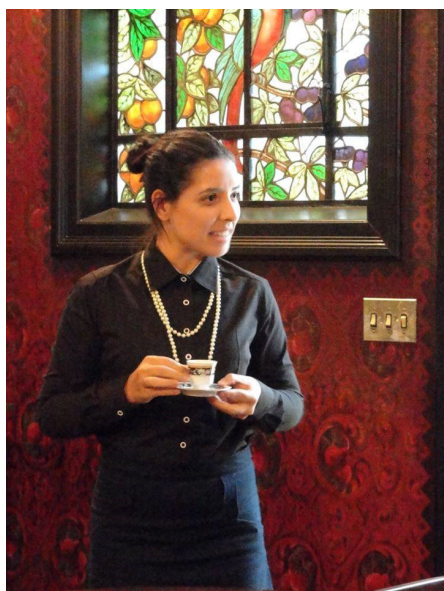


Figura 13: Atriz, na Casa da Memória Italiana, atuando em visita, como Joaquina Evarista Meirelles, em 2015. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 14: Atriz, na Casa da Memória Italiana, atuando e interagindo com as crianças ao fazer macarrão no cilindro, em visita, como Eugenia Viel Biagi, em 2015. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

- Recital de Natal: apresentação do coral que ensaia aos sábados na casa, o Coral Memorie d'Italia. São pessoas que já se conheciam e ficaram sem um lugar para ensaiar e como haviam contato com Adriana Silva, pediram para ensaiarem na

casa. No Natal de 2015 se apresentaram, pela primeira vez, em frente da Casa da Memória Italiana;



Figura 15: Recital de Natal 2015. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 16: Recital de Natal 2015. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

- Semana de Museus 2015 e 2016: A Semana Nacional de Museus acontece todos os anos em comemoração ao Dia Internacional de Museus em 18 de maio, e diversas instituições culturais, no país todo, realizam atividades especiais. A Casa da Memória Italiana participou da 13<sup>a</sup>. Semana de Museus, em 2015, cujo tema foi “Museus para uma Sociedade Sustentável” e da 14<sup>a</sup>. Semana de Museus, em 2016, com o tema “Museus e Paisagens Culturais”. As atividades realizadas foram visitas guiadas, oficinas e palestras. Destaca-se a programação do ano 2016, que proporcionou de forma criativa a interação entre os participantes, a Casa da Memória Italiana e outras moradas, através da fotografia e curadoria coletiva;



MUSEUS E PAISAGENS CULTURAIS

# 14ª SEMANA DE MUSEUS

**Programação\***  
Casa da Memória Italiana

**Arquitetura e História de Ribeirão Preto | Palestra**  
14/05, Sábado, 9h30 – 30 vagas

**Uma leitura visual da Casa da Memória Italiana por meio da Fotografia | Oficina**  
14/05, Sábado, 14h – 25 vagas

**Retratos Urbanos A Casa e as Outras Moradas**

**Olhar fotográfico nas Outras Moradas | Oficina**  
15/05, Domingo, 9h30 – 25 vagas

**Curadoria Colaborativa | Oficina**  
15/05, Domingo, 14h – 25 vagas

**Mostra Retratos Urbanos | Exposição**  
21/05, Sábado, 14h

**Visita Guiada pelo interior da Casa | Visita**  
18/05, Quarta-feira, 14h – 15 vagas

**Coro Memorie D'Italia | Apresentação**  
21/05, Sábado, 16h

**Lugar de Morada Versus Lugar de Memória | Palestra**  
22/05, Domingo, 10h – 30 vagas

Com exceção dos eventos do dia 21/05 é necessária a inscrição prévia, critério primeiros inscritos.

\* Maiores informações:  
facebook.com/casadamemoriaitaliana/

Contato:  
Tel. (66) 3625-0692  
casadamemoriaitaliana@gmail.com

**Atividades Gratuitas**

Realização: CASA DA MEMÓRIA ITALIANA, SHY, ibrami, Ministério da Cultura, BRASIL

Figura 17: Programação da 14ª Semana de Museus da Casa da Memória Italiana, em 2016. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 18: Mostra fotográfica, resultado da curadoria coletiva, na programação da 14ª Semana Nacional de Museus, em 2016. Fonte: Fotografia da autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, 21 maio 2016.



Figura 19: Palestra "Lugar de Morada versus Lugar de Memória: a construção museológica de uma Casa Museu", com Rosaelena Scarpeline, na programação da 14ª Semana Nacional de Museus, em 2016. Fonte: Fotografia da autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, 22 maio 2016.



Figura 20: Apresentação do Coral Memorie d'Italia, na programação da 14ª Semana Nacional de Museus, em 21 maio 2016. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

- Exposição Arte Contemporânea na Casa da Memória Italiana<sup>102</sup>: a ocorrer entre 25 de agosto à 28 de outubro de 2016, com exposições de projetos (Arte

<sup>102</sup> Disponível em: <<http://www.varaldiverso.com.br/editorias/exposicoes/13-exposicoes-gratuitas-para-visitatar-em-agosto-em-ribeirao>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

Contemporânea) de intervenção na sede do Instituto Casa da Memória Italiana. Os artistas convidados foram: Adriana Amaral, Cassio Soares, Célia Aloí, Celia Soares, Eny Alipert, Leda Braga, Rejane Tannous, Weimar Amorim e Yolanda Cipriano. Mediação de Nilton Campos. A exposição integra a programação do 41º. SARP – Salão de Arte Contemporânea Nacional – Contemporâneo promovida pelo Museu de Arte de Ribeirão Preto – Pedro Manuel Gismondi. Algumas obras são apresentadas a seguir.



Figura 21: Obra Sonho em metros, 2016, decalque sobre prato de porcelana, sobre mesa de jantar. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Weimar Amorim. Fonte: Fotografia da autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, 25 agosto 2016.



Figura 22: Pintura sobre azulejo, sem título, 2016. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Adriana Amaral. Fonte: Fotografia da autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, 25 agosto 2016.



Figura 23: Obra Ricordi, 2016, monóculo (com impressões de fotos, desenhos com grafite e caneta nanquim, aquarela e lápis de cor), barra de ferro e metrônomo. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Eny Aliperti. Fonte: Fotografia da autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, 25 agosto 2016.



Figura 24: Obra Tudo se Transformou, 2016, espelho sobre a fachada da residência. Intervenção realizada, na Casa da Memória Italiana, pela artista Yolanda Cipriano. Fonte: Fotografia da autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, 25 agosto 2016.

Ao final de julho de 2016, fui informada pela gestora executiva da Casa da Memória Italiana, Alice Registro Fonseca, que o Instituto iria elaborar uma proposta a enviar ao MinC – Ministério da Cultura do Governo Federal, para captação de recursos através da Lei nº. 8.313, conhecida como Lei Roaunet<sup>103</sup>, que instituiu o PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura, o qual estabelece as normativas para a disponibilização de recursos destinados ao fomento da cultura pelo Governo Federal, sendo um dos mecanismos a este fim o “Incentivo a projetos culturais” ou “Incentivo Fiscal”<sup>104</sup>.

Sobre a proposta, inclui um Plano Anual, para 2017, composta pelos seguintes programas: Institucional; Educativo e Cultural; Pesquisa e História.

O Plano está em fase de elaboração e quanto ao Programa Educativo e Cultural, interessante ao objetivo deste trabalho, estão sendo planejadas algumas atividades: visitas pelo público espontâneo; visitas por grupos específicos; visitas por escolas; formação de

<sup>103</sup> Lei nº. 8.313 ou Lei Roaunet disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8313cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm)>. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

<sup>104</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.cultura.gov.br/incentivofiscal>>. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

mediadores – workshops, encontros mensais, trabalhos de pesquisa e palestras; atividades de férias; domingo na casa – atividade artística, pela manhã, destinada às famílias; ciclo de filmes de produção italiana; conversação em italiano; e outras ações que visam preservar e democratizar a memória dos imigrantes na região de Ribeirão Preto.

Para o planejamento 2017, foi escolhida a temática: Artes e Ofícios de Italianos na Casa: Trabalhos em Madeira, cujas abordagens se darão através de ações de pesquisa e educativas voltadas para conhecimento dos saberes envolvidos, as fábricas e seus profissionais, localizados na região de Ribeirão Preto e com nacionalidade ou descendência italiana, inseridos no período de 1890 a 1950.

Os principais referenciais teóricos do setor educativo do Instituto Casa da Memória Italiana trabalham os temas educação patrimonial, arte educação, mediação e educação em museu. Alguns deles são: Desvallées e Mairesse (2013); Figueiredo e Vidal (2005); Grunberg (2007); Horta, Grunberg e Monteiro (1999); Martins, Navas, Contier e Souza (2013); Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, e Conselho Internacional de Museus (2015); Tozzi, Costa e Honório (2004); entre outros.

No próximo subcapítulo serão apresentadas algumas experiências relacionando museus e criatividade.

### **3.3 Museus e Criatividade**

[...]. Um Museu vivo será aquele que for capaz, não só de olhar para além das suas coleções materiais, mas também, de as equacionar não apenas em termos do passado, em alternativa deixando-se implicar pelas realidades contemporâneas e identidades em mudança das respectivas comunidades. Levando as pessoas a confrontarem-se não apenas com os materiais históricos da sua identidade, mas também, e de forma renovada, a conectarem-se com as facetas mais contemporâneas das suas identidades culturais, esse Museu vivo será capaz de auxiliar as próprias pessoas a descobrirem quem são e a desenvolverem sentimentos de pertença e comunhão (Duarte, 2010, p. 55).

Assim como referido na citação acima, o museu vivo será aquele capaz de dialogar com o passado, o presente e o futuro. Aquele que estará apto a se adaptar e conectar-se às mudanças e à diversidade de identidades culturais, abordando, desta forma, a materialidade e imaterialidade. O museu vivo ou criativo deverá desenvolver práticas



inovadoras de gestão e mediação, assim como buscar soluções para a sustentabilidade econômica, social, cultural e identitária do mesmo e a transformação do seu entorno.

A “onda” da criatividade na cultura e museus atingiu o mundo todo. Na reportagem “Um museu gera mais emprego e riqueza que um negócio?”<sup>105</sup> menciona-se que além dos fatores de identidade e inclusão, a cultura pode contribuir na revitalização econômica das cidades e na reconstrução da malha urbana. Na conferência “A hope for Europe! Culture, Cities and New Narratives”<sup>106</sup> que aconteceu em Bruxelas nos dias 20 e 21 de junho de 2016, promovida pelo Conselho Econômico e Social Europeu, foram citados exemplos de cidades que tiveram maior coesão social, valor acrescentado à economia e regeneração urbana, resultando em desenvolvimento sustentável. São os casos de Manchester, com a história de revitalização da Galeria de Withworth<sup>107</sup>; Estrasburgo, com a associação Apollonia<sup>108</sup> – Echanges Artistiques Européens; Lisboa, por meio da constituição de uma rica oferta cultural para cidadão e visitantes, além de eventos internacionais, planejados pela Câmara Municipal; e Castelo de Vide, em Portugal também, com o desenvolvimento do turismo religioso e de uma nova identidade à população, resultado do aprofundamento do conhecimento sobre a história do município sobre os judeus que lá foram viver após serem expulsos da Espanha no século XV. O diretor da European Creative Business Network, Bernd Fesel, afirmou, na ocasião, que um museu pode contribuir mais a uma cidade do que uma empresa, e deu como exemplo a automotiva.

De acordo com o ex-secretário da Secretaria da Economia Criativa do Governo Federal Brasileiro<sup>109</sup>, Marcos André Carvalho, em conferência no 6º. Fórum Nacional de

---

<sup>105</sup> Disponível em: <<http://observador.pt/2016/06/21/um-museu-gera-mais-emprego-e-riqueza-que-um-negocio/>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

<sup>106</sup> Website da conferência “A hope for Europe! Culture, Cities and New Narratives” disponível em: <<http://www.eesc.europa.eu/?i=portal.en.events-and-activities-europe-culture-cities>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

<sup>107</sup> Website da galeria Withworth disponível em: <<http://www.whitworth.manchester.ac.uk/>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

<sup>108</sup> Website de Apollonia disponível em: <<http://www.apollonia-art-exchanges.com/en/>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

<sup>109</sup> A Secretaria da Economia Criativa foi criada juntamente com o Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes, ações 2011 a 2014, em 2011. Entretanto foi encerrada, sem informações e datas precisas sobre o ocorrido. Algumas informações estão nos seguintes websites: <[http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/08/livro\\_web2edicao.pdf](http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/08/livro_web2edicao.pdf)>; <<http://oglobo.globo.com/cultura/minc-cria-secretaria-da-economia-criativa-segue-um-conceito-que->



Museus sobre o tema Museus Criativos, em 2014, “As cidades e seus equipamentos culturais, incluindo os museus, estão sendo reinventados. Nesse contexto, o museu deixa de ser visto como ‘depósito de coisas antigas’ para ser um espaço de interação com o território, transformação social e criação de novas narrativas”<sup>110</sup>.

Nesta conferência foram citados casos de museus criativos, no Brasil, são eles: Museu Lasar Segall<sup>111</sup>, em São Paulo, que recebeu prêmio internacional por integrar bebês, crianças e pais em atividades envolvendo obras de arte; Museu da Língua Portuguesa<sup>112</sup>, em São Paulo, que aborda a língua através da criatividade e tecnologia; Museu da Maré<sup>113</sup>, no Rio de Janeiro, projeto criativo ao preservar a memória de uma comunidade; Instituto Inhotim<sup>114</sup>, em Brumadinho (Minas Gerais), que trabalha com inovações e criatividade; além dos Pontos de Memória<sup>115</sup>, programa vinculado ao IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus<sup>116</sup>, cujo objetivo é o apoio a ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social.

Os museus adquiriram a função de articuladores de significados, educadores e formadores, pela promoção do diálogo sobre a memória dos lugares e identidade da população, proporcionando experiências simbólicas e sociais. Sendo assim, o “Encontros com o Futuro: prospecções do campo museal brasileiro no início do Século XXI”, conclui

---

ganha-forca-no-mundo-2834271>; < <http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/noticias/entrevista-com-claudia-leitao>>; <<http://www.ocafezinho.com/2013/08/10/economia-criativa-um-belo-projeto-que-nao-saiu-do-papel/>>; <<http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/ministerio-da-cultura-acaba-com-secretaria-de-economia-criativa-562106.html>>; e <<https://soundcloud.com/culturadevalor/claudia-leitao-economia-criativa-minc-e-a-recusa-a-secretaria-da-cultura-do-governo-temer>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

<sup>110</sup> Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/economia-criativa/>> e <<http://fnm.museus.gov.br/noticias/conferencia-aborda-economia-criativa-e-museus-no-6o-fnm/>>. Acesso em: 09 de agosto de 2016.

<sup>111</sup> Website do Museu Lasar Segall disponível em: <<http://www.museusegall.org.br/index.asp>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

<sup>112</sup> Website do Museu da Língua Portuguesa disponível em: <<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

<sup>113</sup> Website do Museu da Maré disponível em: <<http://www.museudamare.org.br/joomla/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

<sup>114</sup> Website do Instituto Inhotim disponível em: <<http://www.inhotim.org.br/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

<sup>115</sup> Informações sobre os Pontos de Memória disponíveis em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/pontos-de-memoria/programa-pontos-de-memoria/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

<sup>116</sup> O IBRAM foi criado pela Lei nº. 11.906, em 20 de janeiro de 2009. Lei disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm)>. Acesso em: 10 de agosto de 2016. Website do IBRAM disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

que as tendências para os museus e para o processo educativo dos mesmos deve levar em consideração a formação crítica e reflexiva do indivíduo, principalmente com a relação aos valores e sentidos do patrimônio cultural (Silva, Vieira, Ziviani, Turbay, & Passos, 2014, p. 83).

No Plano Nacional Setorial de Museus, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Museus (2010), é proposto o planejamento e uma agenda política do setor museológico e um dos pontos de ação refere-se à “Cultura e Economia Criativa”, que recomenda o fomento entre a relação do museu-comunidade, considerando a sua função social e produzindo perspectivas para geração de renda através de novos produtos e serviços, pautados nas potencialidades, saberes e fazeres (Morais, 2012, p. B5).

Entre os exemplos de ações de economia criativa que estão sendo introduzidas em museus brasileiros, apresenta-se o Museu Casa Magdalena e Gilberto Freyre, com o programa “Chá com Charme”<sup>117</sup>, que compreende a apreciação de chás durante a visita aos jardins do sítio ecológico da Fundação Gilberto Freyre<sup>118</sup>; e o Museu do Homem do Nordeste<sup>119</sup>, com o programa “Família nos Museus”, cujo objetivo é o estímulo às famílias a transformarem os museus em espaços de lazer através do divertimento e aprendizado. Estes são casos que demonstram a capacidade dos museus trabalharem com a economia criativa, sendo oportunidades de sustentabilidade econômica dos museus e geração de fluxo econômico para as comunidades (Morais, 2012, p. B5).

Outros exemplos de museus criativos são o Museu do Amanhã<sup>120</sup>, que dialoga e relaciona as questões atuais com o futuro; o Museu da Pessoa<sup>121</sup>, museu virtual e colaborativo que tem por objetivo o registro, a preservação e o transformar em informação, histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade; e o Museu da

---

<sup>117</sup> Reportagem sobre o programa “Chá com Charme” disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/09/cha-cult-traz-historia-do-caminho-das-especiarias-de-volta-ao-recife.html>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

<sup>118</sup> Página em rede social da Fundação Gilberto Freyre disponível em: <<https://www.facebook.com/fundacao.gilbertofreyre/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

<sup>119</sup> Website do Museu do Homem do Nordeste disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=250&Itemid=238](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=250&Itemid=238)>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

<sup>120</sup> Website do Museu do Amanhã disponível em: <<https://www.museudoamanha.org.br/pt-br/sobre-o-museu>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

<sup>121</sup> Museu da Pessoa disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/entenda/o-museu-da-pessoa>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

Imigração<sup>122</sup>, em São Paulo, que apresenta, de forma criativa, a imigração no passado e no presente.

São muitos os casos de sucesso que podem ser mencionados, no entanto, o foco à seguir será dado às propostas para a Casa da Memória Italiana.

### **3.4 Propostas Criativas: dar vida e promover experiências**

Sobre os Museus Casa<sup>123</sup>:

Em uma casa museu vemos esse mundo privado através das lentes do presente, repaginado e transformado em informação histórica e cultural. Estudaremos a casa como um lugar de memória procurando juntar todos os fios que compõem: a arquitetura, a distribuição dos ambientes, os móveis e equipamentos de uso doméstico, a apropriação do espaço por parte dos seus moradores, a simbologia do cotidiano e o uso social e cultural, e também em alguns casos os usos políticos e comerciais, que se faziam da residência. [...] A casa elemento de representação social, quando se transforma em Casa Museu, faz com que seja agregado também o valor de patrimônio e de representação cultural, passa a ser um monumento histórico, marco de uma identidade cultural, parte da memória coletiva de um local, cidade ou região, construindo um sentimento de pertencimento (Scarpeline, 2012, pp.87-88).

Neste sentido, ao utilizar a casa como lugar de memória que vai além da materialidade, utilizando-se da imaterialidade para recordar e identificar ou fazer-se identificar, não somente a família que ali viveu, mas uma comunidade, estaremos utilizando a criatividade.

As propostas aqui apresentadas têm o objetivo de reavivar a história e a memória da casa, da imigração italiana e do café. Acredito corresponderem à pesquisa e entrevistas realizadas por mim, assim como aos resultados dos formulários<sup>124</sup>, aplicados aos

---

<sup>122</sup> Website do Museu da Imigração disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

<sup>123</sup> Vale pesquisar o primeiro Museu Casa do Brasil, o Museu Casa Rui Barbosa, disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016. Outro exemplo interessante é o Museu Casa da Hera, casa do período cafeeiro fluminense. Livreto Casa da Hera disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/Livreto-Casa-da-Hera.pdf>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016. Acrescento o Museu Casa de Portinari, situado na cidade de Brodowski, vizinha de Ribeirão Preto. Cândido Portinari nasceu em 1903, filho de imigrantes italianos, nasceu numa Fazenda de Café. Pintor, desenhista e poeta, Portinari se destacou no Brasil e no mundo. Disponível em <<http://museucasadeportinari.org.br/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2016.

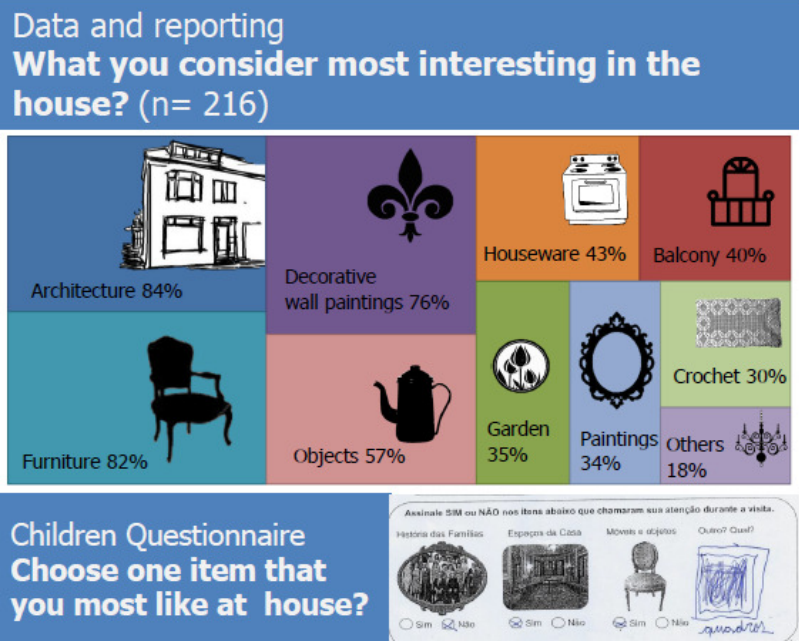
<sup>124</sup> Modelo do formulário aplicado aos adultos, pela Casa da Memória Italiana, disponível no anexo 18. Um outro questionário (folha de atividades) foi elaborado, especificamente, para as crianças, cujo foco foi dado à experiência estética das mesmas. No questionário existem espaços onde as crianças podem desenhar ao

visitantes após as visitas guiadas pelos profissionais da Casa da Memória Italiana, e disponibilizados, gentilmente, para esta dissertação. O questionário é formado por questões sobre o perfil do público, os destaques da coleção e o interesse em participação em eventos futuros.

Os formulários foram respondidos por 216 adultos e 5 crianças, em visita com a família, durante o período de dezembro de 2014 a setembro de 2015. Os questionários foram disponibilizados para os professores aplicarem aos alunos, em visitas por escolas, no ano de 2015, no entanto não o fizeram. Segundo a Gestora Executiva Alice Registro Fonseca, os profissionais da Casa da Memória Italiana acreditavam que esta atividade poderia ser realizada em sala de aula após a visita, mas por falta de informação ou de formar os professores, os mesmos não deram a devida importância à atividade. Por este motivo, optaram, para o primeiro semestre de 2016, em aplicar os questionários após a visita das escolas, pelos próprios profissionais da Casa da Memória Italiana. Vale ressaltar que os formulários aplicados, tanto aos adultos como às crianças, em 2016, estão sendo contabilizados e, por isso, não serão abordados, neste trabalho. Quanto aos resultados 2014-2015, nota-se que o público-alvo da Casa da Memória Italiana corresponde a, aproximadamente, 50% residentes locais, entre 25 a 65 anos; 30% estudantes universitários; e 20% crianças. Na ilustração abaixo, as respostas correspondem a 216 adultos e a resposta de uma das questões da folha de atividades de 1 criança.

---

invés de escrever. O formulário das crianças está disponível no anexo 19. Um painel foi apresentado pela Gestora Executiva da Casa, Alice Registro Fonseca, na 24ª Conferência Geral do ICOM – International Council of Museums, que aconteceu entre 3 a 9 de julho de 2016 em Milão, na Itália. O Painel está disponível no anexo 20.



Quadro 14: Ilustração gráfica sobre o ponto de vista do público sobre os destaques da coleção, em porcentagem, e o desenho de uma criança de 8 anos de idade. Fonte: Fonseca (2016). Painel apresentado na 24ª Conferência Geral do ICOM, anexo 20.

Os visitantes foram autorizados a escolher mais de uma opção, por isso, os resultados percentuais são individuais, para cada item escolhido. Nota-se que, em geral, todas as características da casa e sua coleção chamam a atenção dos visitantes adultos. Entretanto, a resposta da criança de 8 anos, escolhida para compor este painel, demonstra uma lacuna entre a relação da história das famílias da casa, com a história da cidade (patrimônio imaterial) e com os objetos e ambientes da casa (patrimônio material). A criança se interessa pelo patrimônio material, que é mais “palpável” e melhor compreendido do que pelo patrimônio imaterial.

**Evaluation**

Audience voice – open ended question  
 “WHAT IS YOUR EXPECTATION FOR THE MUSEUM HOUSE ITALIAN MEMORY?”  
 - "I would like to see the cars used by the family at the time they lived here."  
 - "I suggest that could happen parties like they used to."  
 - "In the next visit, I would like to find an exhibition about the clothes and fashion accessories used by this family." (Local residents between 25-65 years old )  
 - "Seminars on Italian immigration, art, cinema, music. Activities that correlate the historical development of Ribeirão Preto city and the immigration process." (University student )

Quadro 15: Opinião e expectativas do público. Fonte: Fonseca (2016). Painel apresentado na 24ª Conferência Geral do ICOM, anexo 20.

As propostas encontram-se nas expectativas e sugestões dos visitantes, acima citadas. Observa-se o interesse do público em conhecer ou experimentar a vida das famílias e/ou da sociedade da época em que a casa servia como moradia. Desta forma, a criatividade aqui, nas propostas, surge da simplicidade e, até mesmo, parece óbvia, mas reflete a carência sentida na busca das raízes familiares e sobreposição de referências culturais, da população em geral.

São nove propostas ou atividades elaboradas para a Casa da Memória Italiana. Assim, o primeiro projeto ou atividade chama-se “Reviver as origens”. É um projeto a longo prazo, que tem o objetivo de reunir informações e documentos sobre as famílias da cidade de Ribeirão Preto e região. Inicialmente, optar-se-á pelas famílias de italianos e seus descendentes, mas a Casa da Memória Italiana estará aberta a receber famílias de outras descendências. Com o intuito de se aproximar e cativar o público para esta atividade, serão visitadas as escolas de língua e cultura italiana da cidade, pelas quais serão convidados todos aqueles que queiram participar de encontros que ocorrerão uma vez por mês na sede da Casa da Memória Italiana. Poderá ser realizado o convite aos integrantes da Società Dante Alighieri e quaisquer outras instituições que se interessarem pelo projeto. O intuito destes encontros é desabrochar o interesse das pessoas pela pesquisa e diálogo sobre suas origens e histórias de família, o que possibilitará a troca de experiências e o estímulo ao início do cadastro das informações e doações de cópias de documentos das famílias à Casa da Memória Italiana. O cadastro será realizado através de um website que será desenvolvido. Vide esboço do site em <<https://casadamemoriaitaliana.wordpress.com/>>.

A segunda proposta é denominada “Cultura com Café”, em datas previamente estabelecidas, nas quais poderão ser realizadas as seguintes modalidades: Literatura com café, cinema com café, arte com café e música com café. O objetivo desta atividade é a divulgação da cultura italiana e a degustação do café, símbolo histórico da região de Ribeirão Preto. As modalidades deverão ser alternadas, por exemplo, em cada mês uma temática diferente é abordada e o tema imigração poderá ser inserido nas atividades.

Quanto ao interesse dos visitantes sobre as comemorações ocorridas na casa, sugere-se na terceira proposta, festas gastronômicas, nas quais ressaltarão os sabores

italianos. Estas festas serão agendadas, uma ou duas anuais, por exemplo, com número de público limitado (devido ao espaço da Casa da Memória Italiana) e um valor a ser pago por pessoa (de acordo com os custos da festa e como forma de contribuir com a Casa).

Sobre a curiosidade com relação ao vestuário, propõe-se a quarta proposta, grupos de estudos, que se interessarem pelo tema, vestuário do final do século XIX e século XX, compreendendo os anos relacionados à história das duas famílias proprietárias da casa e, também englobando o período cafeeiro de Ribeirão Preto e região (período estabelecido: de 1870 a 1980). Dependendo da motivação do grupo, outras pesquisas poderão ser realizadas, por exemplo, moda em Portugal (relacionado à descendência de Joaquina Evarista Meirelles) e na Itália (Pedro Biagi e Eugenia Viel Biagi).

A quinta proposta está relacionada às atividades de lazer da família Biagi. São propostas oficinas de crochê e de jogos como dama, escopa<sup>125</sup> e bocha<sup>126</sup>. Poderão ser agendadas competições destes jogos.

A sexta proposta é direcionada àqueles que tenham interesse por automóveis, cuja época selecionada também condiz com o período estabelecido na atividade de vestuário, 1870 a 1980. Serão elaborados encontros para discussões e trocas de experiência sobre os automóveis de época. Para esta atividade, poderão ser convidados pessoas vinculadas aos clubes automotivos da cidade e região.

A sétima proposta, comemoração de datas festivas nacionais<sup>127</sup> da Itália, por exemplo a Epifania, em 06 de janeiro, e a Festa da República, em 02 de junho, como forma de divulgação dos costumes italianos. Também poderá ser comemorado o Dia Nacional do Imigrante Italiano, em 21 de fevereiro.

A oitava proposta é direcionada às crianças, tendo em vista as atividades já realizadas com as mesmas. Propõe-se a fazer a reconstrução das famílias – um friso cronológico ou linha do tempo e, ainda, árvore genealógica – quando são investigadas as famílias e suas ações ao longo do tempo – desde a vinda de Portugal e Itália. Esta atividade

---

<sup>125</sup> Em italiano *scopa*, jogo de cartas de origem italiana. Informações em Maffei (2013, p. 5). Acesso em: 12 de agosto de 2016.

<sup>126</sup> Em italiano *bocce*, jogo, também, italiano. Informações em: <<http://revistabocha.com.br/historia-da-bocha/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

<sup>127</sup> Os dias festivos na Itália, disponíveis em: <[http://presidenza.governo.it/ufficio\\_cerimoniale/cerimoniale/giornate.html#festivita](http://presidenza.governo.it/ufficio_cerimoniale/cerimoniale/giornate.html#festivita)>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

pode ter como foco, num primeiro momento, as famílias relacionadas à Casa da Memória Italiana e, num segundo tempo, as próprias famílias das crianças, de forma a motivá-las a pensar na história de sua própria família.

Por fim, a nona proposta tem relação com os objetos e componentes da construção da casa, conforme referidos no subcapítulo 3.1.1. Muitos dos materiais utilizados na casa foram importados de outros países, assim como objetos e móveis trazidos de fábricas de São Paulo. Aproveitando as informações já pesquisadas, além das etiquetas contidas nos móveis, é possível criar a atividade denominada “Objetos e Histórias”. A cada mês será voltada a atenção a um objeto da casa e sua história. Assim, atividades com adultos e crianças poderão ser planejadas e, nas visitas guiadas, será ressaltado a importância do objeto escolhido no mês.

As atividades acima propostas possuem como características a continuidade, ou seja, o longo prazo, a conectividade, proporcionando a interação e inclusão entre/das pessoas, utilização de tecnologia (na primeira proposta), e a sustentabilidade, através do incentivo à criação de parcerias com outras instituições e a dinâmica das atividades. Poderão ser planejadas tanto para o público adulto como para as crianças. Acredito que sejam propostas criativas, não necessariamente devem ser executadas todas, ao mesmo tempo, mas são possibilidades e formas de dar vida à Casa da Memória Italiana.



## Considerações finais

Este trabalho buscou, de forma ampla, ilustrar o contexto econômico, social e cultural da cidade de Ribeirão Preto, desde sua formação até os dias mais recentes. Investigando conceitos contemporâneos que pautam mudanças de paradigmas nos campos referidos acima, caracterizados pela globalização, insustentabilidades e sobreposição de referenciais culturais, notou-se a transição de um modo industrial de viver para um modo permeado pelo conhecimento, inovação e criatividade.

Ribeirão Preto é um exemplo de cidade que teve todo seu desenvolvimento decorrente da economia agroindustrial e do comércio e serviços, com isso, reuniu um patrimônio espetacular mas observa-se que, muitas vezes, não soube e não sabe valorizá-lo, reconhecendo e mantendo para o futuro.

O percurso deste trabalho evidencia a riqueza cultural da cidade e a necessidade de uma boa gestão e mediação para perpetuá-la.

Na primeira parte da dissertação buscou-se traçar o percurso de desenvolvimento da cidade de Ribeirão Preto, desde sua formação, os primeiros povoamentos, passando pela vinda dos cafeicultores e imigrantes, modernização da cidade com infraestrutura, equipamentos e/ou estabelecimentos que delinearão a *Belle Epoque*, desejada pelos coronéis do café e trazida da Europa. Após a crise do café, pudemos perceber que Ribeirão Preto continua a desenvolver-se, pois outras atividades, já existentes antes na cidade, como comércio, serviços, indústria, complementadas com o particular crescimento do cultivo da cana-de-açúcar, permitem essa evolução.

A Paisagem Cultural do Café, tratada neste trabalho, reflete as mudanças ocorridas na cidade durante o período cafeeiro e posterior. Patrimônios culturais foram edificados e destruídos, ao longo do tempo, permanecendo alguns que ilustram a imponência e potência que a cidade foi, que marcaram a história e memórias e que ainda tentam resistir nos dias atuais.

A diversidade étnica e cultural da população foi e continua a ser um fator de grande importância para a configuração econômica, social e cultural de Ribeirão Preto.

Inicialmente influenciada, principalmente, pelos italianos que superaram em quantidade outros estrangeiros. Trouxeram costumes, preferências, modos de fazer, viver e se divertir. Traços que perduram na arquitetura, gastronomia, música, entre outros, nas ruas da cidade (ocultos ou esquecidos) e nas casas dos descendentes das famílias que vieram.

Observadas tais considerações sobre Ribeirão Preto, o trabalho encaminha-se para a discussão sobre os conceitos que permeiam a sociedade e cidades contemporâneas. A criatividade e inovação são fontes para a melhoria da vida cotidiana, mediadas pelas heranças culturais e singularidades dos lugares, ao mesmo tempo diferenciando-os e valorizando-os.

[...]. Princípios pela definição do economista brasileiro Ladislau Dowbor, segundo a qual “o fator-chave de produção no século passado era a máquina. Hoje, é o conhecimento.” (2011, [s.p.]). Essa mudança de paradigma rompe com a economia convencional pautada na exploração predatória dos recursos naturais e da força de trabalho e a substitui, paulatinamente, por modelos diferenciados em que se sobressaem a colaboração, a produção compartilhada e a predominância do conhecimento, da expertise e da criatividade (Argenta, 2013, p. 157).

Neste contexto, citado acima, surgiu o conceito de cidade criativa, em meio aos debates econômicos e políticos, assim como, às análises acadêmicas sobre o desenvolvimento e renovação urbana, competitividade e qualidade de vida. A cultura foi reconhecida como recurso econômico e a criatividade foi inserida em diversas escalas, sendo a mais ampla, a cidade criativa, passando e especificando, a economia criativa, as indústrias criativas e os distritos ou hubs criativos. As experiências, ao envolver e acrescentar o componente emocional, identidade, narrativas, criatividade, acaba por distinguir, personalizar, autenticar e simbolizar os locais, produtos e serviços, apresentando um novo tipo de turismo, o criativo.

Por serem conceitos recentes, autores diversos apresentaram seus estudos, configurando três vertentes, o modelo que enfatiza soluções criativas para o contexto socioeconômico, cultural e urbano; aquele que foca as atividades e indústrias criativas e; por último, aquele que diferencia os profissionais, criando a classe criativa. De qualquer forma, todos esses conceitos se complementam e têm como matéria-prima a criatividade. Muitos aspectos tiveram controvérsias e críticas que, ao longo do tempo, formaram um

conjunto de discussões, apresentadas no segundo capítulo deste trabalho, e que enriquecem e amadurecem a prática da teoria.

Cultural heritage and contemporary expressions of it have provided a worldwide focus for urban renewal. In the midst of economic development we find inspiration in the buildings, artefacts, traditions, values and skills of the past. Culture helps us to adapt to change by anchoring our sense of being; it shows that we come from somewhere and have a story to tell; it can provide us with confidence and security to face the future. Cultural heritage is more than buildings – it is the panoply of cultural resources that demonstrate that a place is unique and distinctive. Culture lies at the core of creative invention. Culture is thus, ironically, about a living way of life that is reinvented daily (Landry, 2008, p. 39).

O patrimônio cultural abordado neste estudo, como um recurso das cidades, é visto como um potencial meio que aliado à criatividade, é capaz de conectar o mundo contemporâneo ao passado, além de conseguir promover de forma sustentável os lugares, assegurando o senso de identidade, lugar e pertença. As indústrias criativas fazem bem esse papel ao utilizar o patrimônio, artes e mídia, por exemplo, como inputs, e ao agregar a criatividade e conhecimento, gerando bens e serviços criativos, que possuam valor econômico. Outro exemplo dado foi a Rede de Cidades Criativas da UNESCO, cujas temáticas (literatura, cinema, música, artesanato, artes folclóricas, design, artes de mídia e gastronomia) permitem a interação entre a essência dos territórios e as pessoas, sustentando-a para as gerações futuras, assim como geram renda para a população local e, conseqüentemente desenvolvem estes lugares.

Em Ribeirão Preto, os grandes problemas que atingem a questão patrimonial são a falta de identidade da população com o meio em que vivem e as falhas de gestão pública. O primeiro aspecto pode ser decorrente de múltiplos fatores, desde a sobreposição ou rápida transição cultural, como afirma Adriana Silva na entrevista, cidade que passa, pessoas que vêm e vão embora, e o segundo aspecto condiz com a condição física do patrimônio cultural da cidade, que mesmo suportado por legislação específica de proteção, sofre com a degradação.

Apesar desses problemas, é reconhecível o potencial cultural da cidade, através da pesquisa que, como foi visto, resultou no roteiro da Paisagem Cultural do Café, criado após o Inventário de Referências Culturais, realizado entre 2009 a 2012, pela primeira

Rede estabelecida na cidade, a Rede de Cooperação Identidades Culturais, vinculada à Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. A segunda iniciativa criada, após o desvincular de pesquisadores da Secretaria da Cultura, foi o IPCCIC, que evoluiu em pesquisas e projetos ao buscar transformar Ribeirão Preto e cidades da região em cidades criativas, à partir da cultura, ou seja, das referências culturais das localidades. É possível perceber que todo o trabalho do IPCCIC buscou integrar as pessoas e incentivou-as a tornarem-se cocriadoras de sua própria cidade. Os resultados destas pesquisas e algumas propostas de projetos, centradas nas pessoas, foram recém publicados no site do IPCCIC, que buscam além da cidade criativa, uma cidade humana. Esta transição é um interessante objeto para novos projetos de pesquisa.

Entre as instituições e projetos que compõem as potencialidades de Ribeirão Preto foram apresentadas, por exemplo, a Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, o Museu da Imagem e do Som, o FestItália, entre outros, importantes fios condutores para a cidade criativa.

Também foi proposto nesta dissertação um planejamento criativo para a Casa da Memória Italiana, instituição que, como pôde-se notar, está diretamente interligada com a história da cidade de Ribeirão Preto, através do café e da imigração italiana, e que tem transitado da situação de patrimônio individual para patrimônio coletivo e/ou memória individual a memória coletiva, com a criação do Museu Casa. As propostas condizem com as memórias das famílias e expectativas dos visitantes que responderam ao formulário aplicado pela instituição.

Este trabalho, ao mesmo tempo que divulga o Museu Casa da Memória Italiana, documenta o trajeto da Casa, de morada à instituição museológica. Por meio do acompanhamento em atividades educativas/patrimoniais realizadas, assim como pelas entrevistas realizadas com Adriana Silva e Maurílio Biagi Filho, visualiza-se uma instituição criativa que busca dialogar com a cidade e população de forma criativa e inclusiva. Por este motivo, a terceira entrevista, com Antonio Henrique Sartore, que possui vínculo com a Società Dante Alighieri, associação italiana na cidade, possibilitou a abertura à ideia de parcerias, entre as instituições, em atividades que possam divulgar e dinamizar a cultura italiana.

Por fim, o percurso investigativo possibilitou aprofundar a história e memória da cidade, do café, da imigração italiana e da Casa da Memória Italiana. As propostas aqui apresentadas a esta instituição demonstram a importância do vínculo às raízes e essência da localidade para reavivar e promover instituições e cidades criativas de forma integral, assim como incentivam estudos futuros que pautem-se no conhecimento e criatividade, através da transdisciplinaridade, que dialogue com as mais diversas áreas e possibilite cidades sustentáveis, potencializadas e com qualidade de vida.

## Referências bibliográficas

Almeida, C. A. F. de (1993). Patrimônio – Riegl e Hoje. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (Vol. 10, Série 2). Recuperado em 15 de junho, 2016, de <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2249.pdf>>.

Amorim, G. (Org.). (2001). *Os Desbravadores*. Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica.

Angeleri, P. (1981). A Imigração Italiana no Brasil. In Carpigiani, W. (Ed.). *História da Imigração no Brasil – As famílias*. (Vol. 1, 2a ed.). São Paulo: Editora Cultura Brasileira.

Argenta, D. (2013). Museus e Economia Criativa: apontamentos para perspectivas futuras. *Revista Cadernos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina “Cultura e Sociedade – [CEOM]”, v. 26, nº. 39, pp. 149-167*. Recuperado em 22 agosto, 2016, de <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1737/955>>.

Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto. (2015). Resgatando Patrimônios. *Revista Painel*, ano 18, nº. 243. Recuperado em 19 julho, 2016, de <[http://www.aeaarp.org.br/images/revista/20160112\\_143225\\_painel-243.pdf](http://www.aeaarp.org.br/images/revista/20160112_143225_painel-243.pdf)>.

AuthentiCity (2008). *Creative City: planning framework. A supporting document to the agenda for prosperity: prospectus for a great city*. Toronto: AuthentiCity. Recuperado em 06 junho, 2016, de <<http://www.torontoartscouncil.org/TAC/media/tac/Reports%20and%20Resources/City%20of%20Toronto/creative-city-planning-framework-feb08.pdf>>.

Bacellar, C. de A. P., & Brioschi, L. R. (Org.). (1999). *Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista*. São Paulo: Humanitas/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

Baeninger, R., Dedecca, S., Montali, L., Troncoso, E., Telles, S. B. S., & Baltar, C. S. (2010). *Polos Regionais – São José dos Campos, Sorocaba e Ribeirão Preto*. (Coleção Por dentro do Estado de São Paulo, v. 3). Campinas: Núcleo de Estudos de População/Núcleo de Estudos de Políticas Públicas/Instituto de Economia-Unicamp. Recuperado em 20 abril, 2016, de <[http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/colecaosp/VOLUME\\_03.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/colecaosp/VOLUME_03.pdf)>.

Barros, V. (2008). Economia da Experiência e Termo de Referência em Economia da Cultura. In A. C. F. Reis & L. Deheinzeln (Orgs.) (2008). *Cadernos de Economia Criativa: Economia Criativa e Desenvolvimento Local*. Vitória: Sebrae/Espírito Santo e Secretaria da Cultura do Espírito Santo. Recuperado em 07 junho, 2016, de <<http://vix.sebraees.com.br/arquivos/biblioteca/Cadernos%20de%20Economia%20Criativa.pdf>>.

Bertonha, J. F. (2010). *Os Italianos*. (2a ed., 1a reimp.). São Paulo: Contexto.

Biagi, L. L. (1987). *A família Biagi: os primeiros cem anos, 1888-1988*. São Paulo: Laserprint.

Borges, M. E. (1999). *A pintura na “capital do café”*. (História Local, 10). Franca: UNESP/Franca.

Botelho, M. (1911). Ribeirão-Preto “Le Pays du Café”. Brazil Magazine - Revista Periódica e Ilustrada d’Arte e Actualidades. Publicação de Propaganda Brasileira no Estrangeiro, Ano 5, n.57. Paris: composto e impresso nas oficinas graphicas de luxo de Cussac e Chaponet.

Brandão, M. A. (2009). *Uma contribuição ao debate sobre a formação do empresariado industrial no Brasil: de laboratori na Itália a Padrone em Ribeirão Preto (1890-1930)*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil.

Calsani, R. de A. (2010). *O imigrante italiano nos corredores dos cafezais: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914)*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil. Recuperado em 16 abril, 2016, de <<http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/rodrigo-a-calsani.pdf>>.

Caun, E. C. (2012). *O engenheiro Antônio Soares Romêo e a modernização urbana de Ribeirão Preto nos tempos do café*. (Coleção Nossa História, n. 9) Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Cintra, R. A. (2001). *Italianos em Ribeirão Preto: Vinda e Vida de Imigrante (1890-1900)*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil.

Cione, R. (1989). *História de Ribeirão Preto*. (Vol. 1, 2a ed.). Ribeirão Preto: “IMAG” Gráfica e Editora.

Cione, R. (1993). *História de Ribeirão Preto*. (Vol. 2, 2a ed.). Ribeirão Preto: Summa Legis.

Costa, O. E. da (1955). *História da Fundação de Ribeirão Preto*. (Coleção da Revista de História). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Costa, I. del N. da. (1994). Pesos e medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações. *Boletim de História Demográfica. Núcleo de Estudos em História Demográfica (NEHD). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo*. Recuperado em 08 abril de 2016, de <[http://historia\\_demografica.tripod.com/bhds/bhd1.htm#pesos](http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd1.htm#pesos)>.

Costa, P. (2008). Creativity, innovation and territorial agglomeration in cultural activities: the roots of the creative city. In P. Cooke & L. Lazzeretti (2008). *Creative cities, cultural clusters and local economic development*. Cheltenham: Edward Elgar.

Costa, P., Seixas, J., & Oliveira, A. R. (2009). Das cidades criativas à criatividade urbana? Espaço, criatividade e governança na cidade contemporânea. 1º. *Congresso de desenvolvimento regional de Cabo Verde/15º. Congresso da APDR – Associação portuguesa para o desenvolvimento regional/2º. Congresso lusófono de ciência regional/3º. Congresso de gestão e conservação da natureza*. Cabo Verde: Redes e desenvolvimento regional. Recuperado em 06 junho, 2016, de <<http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2028/97A.pdf>>.

Costa, G. F. (2011). *Caracterização do Setor Sucroalcooleiro na Mesorregião de Ribeirão Preto*. Piracicaba, SP. Estudo do Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” - ESALQ-LOG, Departamento de Economia, Administração e Sociologia, Universidade de São Paulo, Piracicaba, SP, Brasil. Recuperado em 13 abril, 2016, de <<http://esalqlog.esalq.usp.br/?p=1254>>.

Cury, P. R. (2000). *História e imagens da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro*. Recuperado em 12 abril, 2016, de <<http://www.cmef.com.br/>>.

Desvallées, A., & Mairesse, F. (2013). *Conceitos-chave de Museologia*. (B. B. Soares, & M. X. Cury, Trad. e Comentários). São Paulo, SP: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura. Recuperado em 05 agosto, 2016, de <[http://icom.museum/fileadmin/user\\_upload/pdf/Key\\_Concepts\\_of\\_Museology/Conceito-s-ChavedeMuseologia\\_pt.pdf](http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceito-s-ChavedeMuseologia_pt.pdf)>.

Duarte, A. (2010). O desafio de não ficarmos pela preservação do património cultural imaterial. *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, volume 1, pp. 41-61*. Porto, Portugal. Recuperado em 05 agosto, 2016, de <[https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=443975](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=443975)>.

Figueiredo, B. G., & Vidal, D. G. (Orgs.). (2005). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Florida, R. (2005). *Cities and the creative class*. New York: Routledge.

Fonseca, A. R. (2016). The creation of the House Museum of Italy Memory and the visitors. *Conference of International Council of Museums – ICOM/ Committee for Education and Cultural Action - CECA: Museums and Cultural Landscapes*. Milan, Italy.



Fontana, A., Santos, K., & Ghirardello, G. (2012). Resgatando o patrimônio arquitetônico dos bangalôs do início do século XX: influência europeia no Brasil. *XI Congresso Internacional de rehabilitación del patrimonio arquitectónico y edificación*. Cascais, Portugal, pp. 120-127. Recuperado em 19 julho, 2016, de <[http://www.todopatrimonio.com/pdf/cicop2012/11-actas\\_cicop2012.pdf](http://www.todopatrimonio.com/pdf/cicop2012/11-actas_cicop2012.pdf)>.

Foresti, I. J. S. (2012). *Relações de trabalho agrícola na região de Ribeirão Preto 1945 a 1985*. (Coleção Nossa História, n. 7). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Franzina, E. (2006). *A Grande Emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. (E. Toledo & L. Biondi, Trad.). Campinas, SP: Editora Unicamp.

Freitas, N. M. B. de (2006). *A criação da diocese de Ribeirão Preto e o governo do primeiro Bispo: D. Alberto José Gonçalves*. Tese de doutorado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil. Recuperado em 25 agosto, 2016, de <[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103122/freitas\\_nmb\\_dr\\_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103122/freitas_nmb_dr_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>.

Freitas, N. M. B. de (2011). *Rivi Nigri: a criação da diocese na nova Eldorado*. (Coleção Nossa História, n. 2). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - Seade, 2011. *Região Administrativa de Ribeirão Preto*. Publicação integrante do Diagnóstico para Ações Regionais da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo. Recuperado em 17 abril, 2016, de <[http://produtos.seade.gov.br/projetos/simtrabalho/foco\\_2011/RA\\_RibeiraoPreto.pdf](http://produtos.seade.gov.br/projetos/simtrabalho/foco_2011/RA_RibeiraoPreto.pdf)>.

Furlanetto, P. G. (2007). *O associativismo como estratégia de inserção social: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-1920)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 01 setembro, 2016, de <[http://scholar.google.com.br/scholar\\_url?url=http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-133033/publico/TESE\\_PATRICIA\\_GOMES\\_FURNALETTO.pdf&hl=pt-BR&sa=X&scisig=AAGBfm23QfRAMqtbneh-XStctBR92IHmcA&nossl=1&oi=scholar&ved=0ahUKEwijk8nR8fHOAhWFg5AKHa59CFUQgAMIJCgAMAA](http://scholar.google.com.br/scholar_url?url=http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-133033/publico/TESE_PATRICIA_GOMES_FURNALETTO.pdf&hl=pt-BR&sa=X&scisig=AAGBfm23QfRAMqtbneh-XStctBR92IHmcA&nossl=1&oi=scholar&ved=0ahUKEwijk8nR8fHOAhWFg5AKHa59CFUQgAMIJCgAMAA)>.

Grunberg, E. (2007). *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Haddad, G. L. (2011). *Orquestra sinfônica de Ribeirão Preto – representações e significado social*. (Coleção Nossa História, n. 5). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Harris, A., & Moreno, L. (2011). *Creative City Limits: Urban Cultural Economy in a New Era of Austerity*. Reino Unido: Arts & Humanities Council. Recuperado em 23 junho, 2016, de <<http://www.ucl.ac.uk/urbanlab/news/urbanlab/docs/creativecitylimits>>.

Hasse, G. (2003). *Maurílio Biagi: o semeador do sertão*. São Paulo: editora Céu e Terra.

Heflinger, J. E., Jr., & Levy, P. M. (2010). *E os italianos chegaram*. Limeira, SP: Unigráfica.

Horta, M. de L. P., Grunberg, E., & Monteiro, A. Q. (1999). *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial.

Hutter, M. (2013). Controversies about and in Creative Cities. In Europe as Scientific Institute (ESI). *The idea of Creative City/ The urban policy debate*. Cracow: Dobroszlawa Wiktor-Mach and Piotr Radwanski. Retrieved June 23, 2016, from <<http://eujournal.org/files/journals/1/books/Cracow2013.pdf>>.

Inteligência em Inovação - Centro de Inovação (2011). *Creative-based strategies in small and medium-sized cities: guidelines for local authorities*. Retrieved March 30, 2016, from <[http://urbact.eu/sites/default/files/import/Projects/Creative\\_Clusters/documents\\_media/URBACTCreativeClusters\\_TAP\\_INTELI\\_Final\\_01.pdf](http://urbact.eu/sites/default/files/import/Projects/Creative_Clusters/documents_media/URBACTCreativeClusters_TAP_INTELI_Final_01.pdf)>.

Instituto Brasileiro de Museus. (2010). *Plano nacional setorial de museus – 2010-2020*. Brasília, DF: Ministério da Cultura (MinC), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2009). *Paisagem Cultural*. Brasília: IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional DEPAM - Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização. Recuperado em 06 julho, 2016, de <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto\\_paisagem\\_cultural.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf)>.

Landry, C. (2008). *The Creative City: a toolkit for urban innovators*. (2nd ed.). London: Comedia/Earthscan.

Landry, C. (2011). Prefácio Cidade Criativa: a história de um conceito. In A. C. F. Reis, & P. Kageyama (Orgs.). *Cidades Criativas – Perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções. Recuperado em 07 junho, 2016, de <[https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro\\_70516/Livro\\_Cidades\\_Criativas\\_Perspectivas\\_v1.pdf](https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro_70516/Livro_Cidades_Criativas_Perspectivas_v1.pdf)>.

Landry, C. (2013). *Origens e futuros da cidade criativa*. São Paulo: SESI-SP editora.

Lopes, L. S. (2011). *Ribeirão Preto – a dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930*. (Coleção Nossa História, n. 1). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Lopes, N. (2013, setembro 24). *Mudanças na dinâmica populacional paulista*. São Paulo: Agência Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Recuperado em 20 abril, 2016, de <<http://agencia.fapesp.br/17914>>.

Maffei, R. (2013). *Teoria dei Giochi ed Applicazione all’Ingegneria dell’Informazione*. Tesi di Laurea Triennale. Università degli Studi di Padova, Padova, Italia. Recuperado il 12 agosto, 2016, di <<http://tesi.cab.unipd.it/42568/1/Tesi.pdf>>.

Manhas, A. C. B. da S., & Manhas, M. P. G. (2011, maio). Traçado urbano e funcionamento do núcleo colonial Antônio Prado em Ribeirão Preto (SP), 1887. *Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica - Passado, Presente nos Velhos Mapas: Conhecimento e Poder*, Paraty, RJ, Brasil, pp. 1-18. Recuperado em 15 abril, 2016, de <[https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CAPRETZ\\_ADRIANA\\_E\\_MANHAS\\_MAX\\_PAULO.pdf](https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CAPRETZ_ADRIANA_E_MANHAS_MAX_PAULO.pdf)>.

Martins, R. B. (2011). Lisboa, Criativa? In A. C. F. Reis, & P. Kageyama (Orgs.). *Cidades Criativas – Perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções. Recuperado em 07 junho, 2016, de <[https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro\\_70516/Livro\\_Cidades\\_Criativas\\_Perspectivas\\_v1.pdf](https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro_70516/Livro_Cidades_Criativas_Perspectivas_v1.pdf)>.

Martins, L. C., Navas, A. M., Contier, D., & Souza, M. P. C. de (2013). *Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais*. São Paulo: Percebe.

Meleiro, A., & Fonseca, F. (2012). Economia criativa: análise setorial. *Pragmatizes - Revista Latino-americana de Estudos em Cultura*. Ano (2) nº. (2). Recuperado em 30 março, 2016, de <<http://www.pragmatizes.uff.br/revista/index.php/ojs/article/view/14>>.

Mello, R. C. de (2009). *Um “Coronel de saias” no interior paulista: a “Rainha do Café” em Ribeirão Preto (1896-1920)*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil. Recuperado em 19 julho, 2016, de <<http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/mello.pdf>>.

Mello, R. C. de (2011). *As flores do café: por uma história das mulheres de Ribeirão Preto*. (Coleção Nossa História, n. 3). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Mello, T. B. (2008). *Condições competitivas e estratégicas de mercados na indústria cervejeira no Brasil: um estudo de caso da companhia de bebidas das Américas – AMBEV - de Santa Catarina*. Monografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado em 23 agosto, 2016, de <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/123452/Economia291935.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

Mesquita, A. (2006). Arte ativismo: interferência, coletivismo e transversalidade. *Revista Linguagens*, 3. Recuperado em 27 agosto, 2016, de <<https://exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf>>.

Miles, M. (2012). Uma cidade pós-criativa? (I. D. Botto, Trad.) *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 99, colocado online no dia 03 Setembro 2013. Recuperado em 23 junho, 2016, de <<http://rccs.revues.org/5091>>.

Ministério da Cultura. (2011). *Plano da Secretaria da Economia Criativa. Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014*. (2ª. ed. Revisada). Brasília: autor.

Netto, J. A. A. (2009). Arte e cidade: a cidade como suporte das intervenções artísticas na modernidade e pós-modernidade. In L. H. Magalhães, E.R. Zanon, & P. M. C. Branco (Orgs.). *A construção de políticas patrimoniais: ações preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do país*. Londrina: EdUniFil. Recuperado em 27 junho, 2016, em <<http://www.unifil.br/portal/images/pdf/documentos/livros/ii-cidades-novas.pdf>>.

Neves, E. F. (2001). Sesmarias em Portugal e no Brasil. *POLITEIA: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, 1(1), 111-139. Recuperado em 30 março, 2016, de <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/view/141>>.

Oliveira, B. J. de, Sousa, J. F. de, Cazani, L. E. Jr., & Marques, P.C. de M. (2015). Economia Criativa e Cidades Criativas: delimitação de conceitos e um breve estudo sobre o Polo Cinematográfico de Paulínia (SP). *Temática*, 11(8), 109-121. Recuperado em 12 julho, 2016, de <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/25243/13731>>.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2003). *Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial*. Paris: autor. Recuperado em 15 junho, 2016, de <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, & Conselho Internacional de Museus. (2015). *Como gerir um museu: manual prático*. (P. J. Boylan - Coord. e Ed.). Brodowski, SP: Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari; São Paulo, SP: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

Paiva, O. da C, Moura, S. (2008). *Hospedaria de imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra.

Paula, F. N. de (2009). *Violência na Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto (1874-1888): livres e escravos nas barras da justiça*. Dissertação de mestrado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil. Recuperado em 11 abril, 2016, de <

[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93228/paula\\_fn\\_me\\_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93228/paula_fn_me_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>.

Peralta, E., & Anico, M. (Org.). (2006). *Patrimónios e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras, Portugal: Celta Editora.

Pinto, L. S. G. (1997). *Crise e ajustamento da economia de Ribeirão Preto, 1930 - 1956*. Monografia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil. (Encontrada somente no APHRP, Caixa 46, pasta 109).

Ralf, R., & The Economist Intelligence Unit. (2016). *Robert Half Career City Index*. Retrieved June 06, 2016, from <<https://www.roberthalf.com/workplace-research/career-city-index-the-best-cities-to-live-and-work>>.

Rede de Cooperação Identidades Culturais (2010). *Relatório da Fase 1 do Inventário Nacional de Referências Culturais – Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Secretaria Municipal da Cultura.

Rede de Cooperação Identidades Culturais (2011). *Relatório da Fase 2 do Inventário de Referências Culturais – Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Secretaria Municipal da Cultural.

Reis, A. C. F. (2011a). *Cidades criativas: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo*. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 07 junho, 2016, de <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-08042013-091615/pt-br.php>>.

Reis, A. C. F. (2011b). Introdução. In A. C. F. Reis, & P. Kageyama (Orgs.). *Cidades Criativas – Perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções. Recuperado em 07 junho, 2016, de <[https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro\\_70516/Livro\\_Cidades\\_Criativas\\_Perspectivas\\_v1.pdf](https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro_70516/Livro_Cidades_Criativas_Perspectivas_v1.pdf)>.

Reis, A. C. F., & Urani, A. (2011). Cidades Criativas – perspectivas brasileiras. In A. C. F. Reis, & P. Kageyama (Orgs.). *Cidades Criativas – Perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções. Recuperado em 07 junho, 2016, de <[https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro\\_70516/Livro\\_Cidades\\_Criativas\\_Perspectivas\\_v1.pdf](https://www.santander.com.br/portal/wps/gcm/package/cultura/livro_70516/Livro_Cidades_Criativas_Perspectivas_v1.pdf)>.

Richards, G., & Wilson, J. (Eds.) (2007). *Tourism, Creativity and Development*. New York: Routledge (Taylor & Francis Group).

Rodwell, D. (2013). Heritage as a driver for Creative Cities. In Europe as Scientific Institute (ESI). *The idea of Creative City/ The urban policy debate*. Cracow: Dobroszlawa

Wiktor-Mach and Piotr Radwanski. Recuperado em 23 junho, 2016, de <<http://eujournal.org/files/journals/1/books/Cracow2013.pdf>>.

Rosa, L. R. de O., & Silva, A. (Org.). (2013). *Paisagem cultural do café*. Ribeirão Preto – São Paulo: IPCCIC – Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais / Rede de cooperação Identidades Culturais.

Santos, R. A. M. Dos, & Meirelles, M. Z. (1992). *Família Souza Meirelles – Estudo Genealógico*. Valinhos – SP: Gráfica São José.

Scarpeline, R. (2012, junho). Lugar de morada versus lugar de memória: a construção museológica de uma Casa Museu. *Revista Musear, ano 1(número 1)*, pp. 77-91. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <<http://www.museologia.ufop.br/musear/wp-content/uploads/2012/06/8-Lugar-de-morada-versus-lugar-de-mem%C3%B3ria-a-constru%C3%A7%C3%A3o-museol%C3%B3gica-de-uma-Casa-Museu.pdf>>.

Scott, A. J. (2006). Creative Cities: conceptual issues and policy questions. *Journal of Urban Affairs*, 28(1), 1-18. Recuperado em 22 junho, 2016, de <<http://escholarship.org/uc/item/77m9g2g6>>.

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional – Unidade de articulação com municípios – Planejamento regional (2012). *Caracterização Socioeconômica das regiões do Estado de São Paulo - Região Administrativa de Ribeirão Preto*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Recuperado em 20 fevereiro, 2015, de <[http://www.planejamento.sp.gov.br/noti\\_anexo/files/uam/trabalhos/Ribeir%C3%A3o%20Preto.pdf](http://www.planejamento.sp.gov.br/noti_anexo/files/uam/trabalhos/Ribeir%C3%A3o%20Preto.pdf)>.

Silva, A. C. B. da, & Fernandes, A. C. de A. (2000). Imigração e Urbanização: o Núcleo Colonial Antônio Prado em Ribeirão Preto. *Revista Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, 6 (3), 1-15. Recuperado em 15 abril, 2016, de <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/826/801>>.

Silva, A. C. B. da (2008). *Expansão urbana e formação dos territórios de pobreza em Ribeirão Preto: os bairros surgidos a partir do núcleo colonial Antônio Prado (1887)*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. Recuperado em 11 abril, 2016, de <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1409/1820.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

Silva, A., Rosa, L. R. de O., Silva, M. C. de C., & Registro, T. C. (2010). *Filhos do café - Ribeirão Preto da terra roxa - tradicional em ser moderna*. (Curadoria Histórica do Museu do Café). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Silva, A., & Rosa, L. R. de O. (Orgs.). (2012). *Patrimônio cultural do café da terra vermelha*. (Rede de Cooperação Identidades Culturais). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Silva, A., Rosa, L. R. de O., Silva, M. C. de C., Fiuza, J. V., & Oliveira, M. J. de (2012). Projeto Paisagem Cultural do Café: experiências com a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). *Revista Labor & Engenho*, 6(2), Campinas, SP, Brasil. (77-96). Recuperado em 05 julho, 2016, de <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/15/1753>>.

Silva, A., & Rosa, L. R. de O. (2013). Identidade Cultural e Cidade Criativa: relações entre Estado e Sociedade Civil na construção de políticas públicas de patrimônio cultural. *Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: aproximando agendas e agentes*, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em 05 julho, 2016, de <<http://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/participacaodemocraciaepoliticaspUBLICAS/encontrosinternacionais/pdf-st08-trab-aceito-0079-2.pdf>>.

Silva, A., Gleria, A. C., Rosa, L. R. de O., Freitas, N. M. B. de, & Molina, S. R. (2014). *Memórias dos Cafezais: a vida nas fazendas*. Ribeirão Preto, SP: Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais.

Silva, F. B. da, Vieira, M. E. de M., Ziviani, P., Turbay, P., & Passos, R. (2014). *Encontros com o futuro: prospecções do campo museal brasileiro no início do século XXI*. (Coleção Museu, economia e sustentabilidade, 1). Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/EncontrosFuturo\\_Ibram2014.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/EncontrosFuturo_Ibram2014.pdf)>.

Silva, A., Rosa, L. R. de O., & Freitas, N. M. B. de (no prelo). *O Patrimônio Cultural na Cidade Criativa: conceitos e vivências para gestão*. São Paulo: Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC)/Oficina Cultural Cândido Portinari.

Souza, W. E. R. de, & Crippa, G. (2011). O Patrimônio como processo: uma ideia que supera a oposição material-imaterial. *Em Questão*, 17(2), 241-255. Recuperado em 15 de junho, 2016, de <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/17609>>.

Souza, C. V. F. de, Soriani, M. B., & Zampollo, M. da S. (2012). *Pare, olhe e escute: Patrimônio Ferroviário de Ribeirão Preto*. (Coleção Identidades Culturais, n. 11). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

Sunega, R. A. (2011). *Quarteirão Paulista: um conjunto harmônico de edifícios monumentais*. (Coleção Identidades Culturais, n. 8). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

The Economist Intelligence Unit. (2015). *Automated, creative & dispersed. The future of work in the 21st century*. Retrieved June 06, 2016, from <<https://www.eiuperspectives.economist.com/sites/default/files/EIU-Ricoh%20Future%20Work%20-%20report.pdf>>.

Tincani, D. P., & Ferreira, D. (2011). Percepções e entendimentos da população de Ribeirão Preto sobre a sua identidade cultural: pesquisa preliminar. *VII ENECULT – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*, Salvador, Ba, Brasil, 1-14. Recuperado em 05 julho, 2016, de <<http://www.slideshare.net/redeidentidadesculturais/percepes-e-entendimentos-da-populao-de-ribeiro-preto-sobre-sua-identidade-cultural>>.

Tozzi, D. (Coord.), Costa, M. M., & Honório, T. (2004). *Educação com arte*. (Série Ideias, nº. 31). São Paulo, SP: Fundação para o desenvolvimento da Educação, Diretoria de Projetos Especiais.

Trento, A. (2000). *Os italianos no Brasil – Gli Italiani in Brasile*. São Paulo: Embaixada da Itália e Instituto Italiano de Cultura de São Paulo.

Tuon, L. I. (1997). *O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil.

Tuon, L. I. (2010). *Italianos em Ribeirão Preto*. (Coleção Identidades Culturais, n. 3). Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro.

United Nations Conference on Trade and Development (2010). *Creative Economy Report 2010*. Geneva: author. Recuperado em 16 junho, 2016, de <[http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ditctab20103\\_en.pdf](http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ditctab20103_en.pdf)>.

Valadão, V. (1997). *Memória Arquitetônica de Ribeirão Preto: planejamento urbano e política de preservação*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP, Brasil.

Walker, T., & Barbosa, A. de S. (2000). “*Dos coronéis à metrópole*”, *fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX*. (M. C. Magri, Trad. da primeira parte escrita por Thomas Walker). Ribeirão Preto: Palavra Mágica.

World Bank (2007). *Building knowledge economies: advanced strategies for developments*. WBI Development Studies. Washington, DC: World Bank. Recuperado em 07 junho, 2016, de <<https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/6853/411720PAPER0Kn101OFFICIAL0USE0ONLY1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

Zanirato, S. H. (2009). O patrimônio cultural em cidades novas. Leituras da política patrimonial paranense. In L. H. Magalhães, E.R. Zanon, & P. M. C. Branco (Orgs.). *A construção de políticas patrimoniais: ações preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do país*. Londrina: EdUniFil. Recuperado em 27 junho, 2016, em <<http://www.unifil.br/portal/images/pdf/documentos/livros/ii-cidades-novas.pdf>>.



Zukin, S. (1995). *The Cultures of Cities*. Cambridge: Blackwell Publishers.

### **Legislação/Escuritura Pública**

BRASIL. Lei nº. 378 de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Recuperado em 30 junho, 2016, de <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei\\_n\\_378\\_de\\_13\\_de\\_janeiro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_378_de_13_de_janeiro_de_1937.pdf)>.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado em 30 junho, 2016, de< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>.

BRASIL. Lei nº. 8.313 de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Recuperado em 05 agosto, 2016, de <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8313cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm)>.

BRASIL. Lei nº. 11.687 de 02 de julho de 2008. Dispõe sobre a instituição do “Dia Nacional do Imigrante Italiano” e dá outras providências. Recuperado em 04 agosto, 2016, de <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11687.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11687.htm)>.

BRASIL. Lei nº. 11.906 de 20 de janeiro de 2009. Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm)>.

RIBEIRÃO PRETO. Lei nº. 1456 de 02 de outubro de 1964. Considera de utilidade pública municipal, a Sociedade Dante Alighieri, com sede nesta cidade. Recuperado em 03 agosto, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=27735>>.

RIBEIRÃO PRETO. Lei nº. 3.431 de 13 de abril de 1978. Cria Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml>>.

RIBEIRÃO PRETO. Lei nº. 7521 de 04 de novembro de 1996. Dispõe sobre a criação do Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Ribeirão Preto e dá outras providências. (Revoga a Lei nº 2.508/71). Recuperado em 01 julho, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=8632>>.

RIBEIRÃO PRETO. Lei Complementar 2211 de 30 de agosto de 2007. Institui junto a Secretaria Municipal da Cultura, o Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Ribeirão Preto - CONPPAC/RP e revoga a Lei nº 7521/96 e suas

alterações. Recuperado em 01 julho, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=28681>>.

RIBEIRÃO PRETO. Lei nº. 12253 de 24 de março de 2010. Institui o Plano Municipal de Cultura de Ribeirão Preto - SP para o exercício de 2010-2020. Recuperado em 05 julho, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J321/pesquisa.xhtml?lei=32062>>.

RIBEIRÃO PRETO. Anteprojeto de lei. Sistema Municipal de Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto. Recuperado em 05 julho, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/sccivil/p-cultural/2016-projeto.pdf>>.

SÃO PAULO. Lei nº. 10.247 de 22 de outubro de 1968. Dispõe sobre a competência, organização e o funcionamento do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado, criado pelo Artigo 128 da Constituição Estadual e dá outras providências. Recuperado em 30 junho, 2016, de <[http://www.cultura.sp.gov.br/SEC/Condephaat/Legislacao/LEI%2010.247,%20DE%2022.10.1968\\_cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20CONDEPHAAT.pdf](http://www.cultura.sp.gov.br/SEC/Condephaat/Legislacao/LEI%2010.247,%20DE%2022.10.1968_cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20CONDEPHAAT.pdf)>.

SÃO PAULO. Constituição do Estado de São Paulo. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1989, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº. 1/1990 a 28/2009. Recuperado em 01 julho, 2016, de <[http://www.al.sp.gov.br/StaticFile/documentacao/cesp\\_completa.htm](http://www.al.sp.gov.br/StaticFile/documentacao/cesp_completa.htm)>.

SÃO PAULO. Lei nº. 12.268 de 20 de fevereiro de 2006. Institui o Programa de Ação cultural – PAC, e dá providências correlatas. Recuperado em 02 agosto, 2016, de <<http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/proac/Lei%20n%C2%BA%2012.268,%20de%2020%20de%20fevereiro%20de%202006.pdf>>.

4º. Tabela de Notas de Ribeirão Preto. Escritura Pública de constituição da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto. Recuperado em 11 julho, 2016, de <[http://media.wix.com/ugd/b1bc65\\_398667f4ca1446fe9fd32206735bd9a6.pdf](http://media.wix.com/ugd/b1bc65_398667f4ca1446fe9fd32206735bd9a6.pdf)>.

## **Periódicos**

A Cidade ON (2016, junho, 12). Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto terá novo endereço. *A Cidade ON Ribeirão Preto*. Recuperado em 30 junho, 2016, de <<http://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,1177220,Arquivo+Publico+e+Historico+de+Ribeirao+Preto+tera+novo+endereço.aspx>>.

Agência Estado (2002, julho, 02). Feapam pode não se realizar neste ano. *Estadão*. Recuperado em 13 abril, 2016, de <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,feapam-pode-nao-se-realizar-neste-ano,20020702p32942>>.

Agencia Nazionale Stampa Associata (ANSA). (2016, janeiro, 06). Itália comemora hoje Epifania e Dia della Befana. *Uol Notícias*. Recuperado em 04 agosto, 2016, de < <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2016/01/06/italia-comemora-hoje-epifania-e-dia-da-befana.jhtm>>.

Anônimo (2011, setembro, 17). Movimento “Ocupe Wall Street” começa em Nova Iorque. *History*. Recuperado em 27 agosto, 2016, de < <http://seuhistory.com/hoje-na-historia/movimento-ocupe-wall-street-comeca-em-nova-iorque>>.

Assessoria de Comunicação do *Instituto Brasileiro de Museus* (2014, novembro, 26). Museus Criativos foi tema de conferência ontem (25) em Belém, por Instituto Brasileiro de Museus. *Portal do Instituto Brasileiro de Museus*. Recuperado em 09 agosto, 2016, de < <http://www.museus.gov.br/tag/economia-criativa/>>.

Belém, G. (2012, setembro, 12). Chá ‘cult’ traz a história do caminho das especiarias de volta ao Recife. *Globo G1 – Pernambuco, PE*. Recuperado em 11 agosto, 2016, de < <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/09/cha-cult-traz-historia-do-caminho-das-especiarias-de-volta-ao-recife.html>>.

Cultura de Valor. Entrevista com Cláudia Leitão – Economia Criativa, MinC e a recusa à Secretaria da Cultura do Governo Temer. Recuperado em 09 agosto, 2016, de < <https://soundcloud.com/culturadevalor/claudia-leitao-economia-criativa-minc-e-a-recusa-a-secretaria-da-cultura-do-governo-temer>>.

Douek, D. (2013, maio, 03). Entrevista com Cláudia Leitão: Secretária da Economia Criativa do Ministério da Cultura. *Centro de Pesquisa e Formação Sesc São Paulo*. Recuperado em 09 agosto, 2016, de < <http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/noticias/entrevista-com-claudia-leitao>>.

EPTV (2016, março, 05). Museu Histórico é interditado após desabamento do forro em Ribeirão. *Globo G1 – Ribeirão e Franca EPTV*. Recuperado em 30 junho, 2016, de < <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/03/museu-historico-e-interditado-apos-desabamento-do-forro-em-ribeirao.html>>.

EPTV (2016, junho, 07). Diretor do Museu Histórico de Ribeirão Preto é exonerado por má gestão. *Globo G1 – Ribeirão e Franca EPTV*. Recuperado em 30 junho, 2016, de < <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/06/diretor-do-museu-historico-de-ribeirao-preto-e-exonerado-por-ma-gestao.html>>.

EPTV (2016, junho, 15). Região Metropolitana de Ribeirão Preto, SP, é aprovada pela Alesp. Lei prevê fundo financeiro próprio para conglomerado de 34 municípios. Criação da 6ª. RM do Estado ainda precisa ser sancionada por Alckmin. *Globo G1 – Ribeirão e Franca EPTV*. Recuperado em 01 julho, 2016, de < <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/06/regiao-metropolitana-de-ribeirao-preto-sp-e-aprovada>>.

pela-alesp.html>.

Falcão, C. (2016, junho, 21). Um museu gera mais emprego e riqueza que um negócio? *Observador*. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://observador.pt/2016/06/21/um-museu-gera-mais-emprego-e-riqueza-que-um-negocio/>>.

Folha Uol (2014, julho, 04). Secretária do governo de Ribeirão compra prédio histórico da cidade. *Folha Uol*. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/07/1480767-secretaria-do-governo-de-ribeirao-compra-predio-historico-da-cidade.shtml>>.

Guimarães, A. C. (2015, março, 03). Ministério da Cultura acaba com a Secretaria de Economia Criativa. *O Globo*. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/ministerio-da-cultura-acaba-com-secretaria-de-economia-criativa-562106.html>>.

Lepera, M. (2016, junho, 07). Veja o antes e o depois de 7 lugares históricos de Ribeirão Preto. Fábricas, cinemas, palacetes e teatros deram lugar a supermercados, salgaderias, shoppings, bancos e lojas. *A Cidade ON Ribeirão Preto*. Recuperado em 24 agosto, 2016, de <<http://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/especiais/ribeirao160anos/NOT,2,2,1176285,Veja+o+antes+e+o+depois+de+7+lugares+historicos+de+Ribeirao+Preto.aspx>>.

Lopes, N. (2013, setembro, 24). Mudanças na dinâmica paulista. *Agência Fapesp*. Recuperado em 20 abril, 2016, de <<http://agencia.fapesp.br/17914>>.

Machado, F. (2015, junho, 19). Restauração de palacete em Ribeirão resgata esplendor da década de 1920. *Globo G1 – Ribeirão e Franca (EPTV)*. Recuperado em 23 maio, 2016, de <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/06/restauracao-de-palacete-em-ribeirao-resgata-esplendor-da-decada-de-1920.html>>.

Morais, I. (2012, abril, 03). Economia criativa dos museus. *Diário de Pernambuco*, p. B5. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <[https://www.ufpe.br/agencia/clipping/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4692:economia-criativa-dos-museus&catid=212&Itemid=228](https://www.ufpe.br/agencia/clipping/index.php?option=com_content&view=article&id=4692:economia-criativa-dos-museus&catid=212&Itemid=228)>.

Mimessi, C. (2015, MARCO, 19). Cenário ilimitado. Concebido originalmente como um local de produção cinematográfica, versátil e charmoso, os Estúdios Kaiser de Cinema tem sido palco para os mais variados eventos festivos e culturais. *Revide*. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.revide.com.br/editorias/especial/cenario-ilimitado753/>>.

Miranda, A. (2011, janeiro, 23). MinC cria Secretaria da Economia Criativa e segue um conceito que ganha força no mundo. *O Globo*. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://oglobo.globo.com/cultura/minc-cria-secretaria-da-economia-criativa-segue-um->

conceito-que-ganha-forca-no-mundo-2834271>.

Rosário, M. do (2013, agosto, 10). Economia Criativa: um belo projeto que não saiu do papel. *O cafezinho*. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://www.ocafezinho.com/2013/08/10/economia-criativa-um-belo-projeto-que-nao-saiu-do-papel/>>.

Santos, B. (2014, novembro, 25). Conferência aborda economia criativa e museus no 6º. FNM. *6º Fórum Nacional de Museus: Museus Criativos*. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://fnm.museus.gov.br/noticias/conferencia-aborda-economia-criativa-e-museus-no-6o-fnm/>>.

Sartore, A. H. (2016, abril). Eleição na Sociedade Dante Alighieri: o que muda no quadro dirigente. *Corriere della Dante: informativo trimestrale dela Società Dante Alighieri di Ribeirão Preto, SP, Brasile, 41ª. edizione*.

Tiengo, R. (2016, abril, 29). Agrishow encerra com reação de 2% no volume de negócios, diz direção. *Globo G1 – Ribeirão e Franca EPTV*. Recuperado em 23 agosto, 2016, de <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/04/agrishow-encerra-com-reacao-de-2-no-volume-de-negocios-diz-direcao.html>>.

Tiengo, R. (2016, abril, 04). G1 mostra degradação do Museu Histórico de Ribeirão Preto; veja vídeo. *Globo G1 – Ribeirão e Franca EPTV*. Recuperado em 30 junho, 2016, de <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/04/tour-mostra-degradacao-do-museu-historico-de-ribeirao-preto-veja-video.html>>.

### **Sítios eletrônicos:**

Adoção do sistema métrico decimal, por Instituto de pesos e medidas do estado de São Paulo. Recuperado em 08 abril, 2016, de <[http://www.ipem.sp.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=341&Itemid=270](http://www.ipem.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=341&Itemid=270)>.

Agenda Ribeirão 2016: “Cidades Criativas e Cidadania Ativa”. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.agendaribeirao.com/paineis.aspx>>.

Agrishow. Recuperado em 23 agosto, 2016, de <<http://www.agrishow.com.br/pt/a-feira/a-agrishow>>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Ribeirão Preto. Recuperado em 08 abril, 2016, de <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354340>>.

Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Recuperado em 30 junho, 2016, de <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/i14index.php?pagina=/scultura/arqpublico/estrutura/i14estrutura.htm>>.

Art Activism. Retrieved August 27, 2016, from <[http://culturalpolitics.net/social\\_movements/art](http://culturalpolitics.net/social_movements/art)>.

Associação Apollonia – Echanges Artistiques Européens. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://www.apollonia-art-exchanges.com/en/>>.

Audiência Pública Sistema Municipal de Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto – cronograma. Recuperado em 05 julho, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/sccivil/p-cultural/i32ind-aud-pcultural.php>>.

Bangaló ou Bangalô – Priberam dicionário. Recuperado em 01 agosto, 2016, de <<http://www.priberam.pt/dlpo/bangal%C3%B3>>.

Belém – Creative Citi of Gastronomy. Retrieved June 27, 2016, from <<https://en.unesco.org/creative-cities//node/324>>.

Centro Cultural Palace. Recuperado em 11 julho, 2016, de <[https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/palace/i14centro\\_cultural.php](https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/palace/i14centro_cultural.php)>.

Chope – Priberam dicionário. Recuperado em 23 agosto, 2016, de <<http://www.priberam.pt/dlpo/chope>>.

Chopp – Portal Chopp Time. Recuperado em 23 agosto, 2016, de <<http://www.chopptime.com.br/curiosidades-sobre-o-chopp>>.

Choperia Pinguim. Recuperado em 23 agosto, 2016, de <<http://www.pinguimochopp.com.br/>>.

Conference: A hope for Europe! Culture, Cities and New Narratives. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://www.eesc.europa.eu/?i=portal.en.events-and-activities-europe-culture-cities>>.

Creative Cities Network. Retrieved June 27, 2016, from <<https://en.unesco.org/creative-cities/>>.

Curiosità di Natale: la Befana. Recuperado em 04 agosto, 2016, de <<http://brasilecola.uol.com.br/italiano/curiosita-di-natale-la-befana.htm>>.

Curitiba – Creative City of Design. Retrieved June 27, 2016, from <<https://en.unesco.org/creative-cities//node/31>>.

Fazenda Santa Rita, Renato Aguiar Festas. Recuperado em 20 junho, 2016, de <<http://www.renatoaguiarfestas.com.br/br/complexo-de-eventos/>>.

Ferrovias Paulistas. Recuperado em 12 abril, 2016, de <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao\\_ferrovias](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias)>.

FestItália. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://festitaliaribeiraopreto.blogspot.com.br/p/programacao.html>>.

Festival Japonês Ribeirão Preto. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://festasemribeirao.com.br/festivaljaponesribeiraopreto2016/>>.

Festival Tanabata. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/i14tanabata.php>>.

Festività e Giornate Nazionale. Recuperado em 12 agosto, 2016, de <[http://presidenza.governo.it/ufficio\\_cerimoniale/cerimoniale/giornate.html#festivita](http://presidenza.governo.it/ufficio_cerimoniale/cerimoniale/giornate.html#festivita)>.

Florianopolis – Creative City of Gastronomy. Retrieved June 27, 2016, from <<https://en.unesco.org/creative-cities//node/32>>.

Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.fundacaodolivroeleiturarp.com/>>.

Fundação Gilberto Freyre. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <<<https://www.facebook.com/fundacao.gilbertofreyre/>>>.

Galeria Withworth. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://www.whitworth.manchester.ac.uk/>>.

História da Bocha. Recuperado em 12 agosto, 2016, de <<http://revistabocha.com.br/historia-da-bocha/>>.

História e imagens da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Recuperado em 12 abril, 2016, de <<http://www.cmef.com.br/>>.

Incentivo a projetos culturais ou Incentivo Fiscal. Recuperado em 05 agosto, 2016, de <<http://www.cultura.gov.br/incentivofiscal>>.

Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <<http://www.museus.gov.br/>>.

Instituto Inhotim. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <<http://www.inhotim.org.br/>>.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Recuperado em 30 junho, 2016, de <<http://portal.iphan.gov.br/>>.

Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais - IPCCIC. Recuperado em 30 março, 2016, de <<http://www.ipccic.com>>.

Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais – IPCCIC. Quem somos. Recuperado em 08 julho, 2016, de <<http://www.ipccic.com/#!quem-somos/cee5>>.

Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais - IPCCIC. Projeto para o centro da cidade prevê criação de cadeias produtivas. Recuperado em 08 julho, 2016, de <<http://www.ipccic.com/#!projetoCentro/c14va>>.

Léngua – Priberam dicionário. Recuperado em 08 abril, 2016, de <<http://www.priberam.pt/dlpo/l%C3%A9gua>>.

Museu Casa de Portinari. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <<http://museucasadeportinari.org.br/>>.

Museu Casa Rui Barbosa. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>>.

Museu Cidade Digital – IPCCIC. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.museucidadedigital.com/#!about/cee5>>.

Museu da Cana. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <<http://www.museudacana.org.br/>>.

Museu da Imagem e do Som - José da Silva Bueno. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/i14museuimagem.php>>.

Museu da Imigração. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <<http://museudaimigracao.org.br/>>.

Museu da Língua Portuguesa. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>>.

Museu da Maré. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <<http://www.museudamare.org.br/joomla/>>.

Museu da Pessoa. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <<http://www.museudapessoa.net/pt/entenda/o-museu-da-pessoa>>.

Museu do Amanhã. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <<https://www.museudoamanha.org.br/pt-br/sobre-o-museu>>.

Museu do Homem do Nordeste. Recuperado em 11 agosto, 2016, de <[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=250&Itemid=238](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=250&Itemid=238)>.

Museu Lasar Segall. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <<http://www.museusegall.org.br/index.asp>>.

Oficina Cultural Cândido Portinari. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.oficinasulturais.org.br/resultado-da-busca/?oficina=10>>.



Oficinas prototipam Cidades Criativas com foco no Patrimônio Cultural - IPCCIC e Oficina Cultural Cândido Portinari. Recuperado em 11 julho, 2016, de <<http://www.ipccic.com/#!patrimnio-cultural/cs6x>>.

Pesquisa sobre Decretos Legislativos de nº. 139/2016 e nº. 140/2016, publicados no DOM – Diário Oficial do Município de Ribeirão Preto no dia 07 de abril de 2016, p. 8. Recuperado em 01 julho, 2016, de <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J015/pesquisa.xhtml>>.

Pontos de Memória. Recuperado em 10 agosto, 2016, de <<http://www.museus.gov.br/acessoinformacao/acoes-e-programas/pontos-de-memoria/programa-pontos-de-memoria/>>.

Programa de Ação Cultural: ProAC – ICMS. Recuperado em 02 agosto, 2016, de <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/PAC>>.

Projeto Criaticidades. Recuperado em 12 julho, 2016, de <<http://www.criaticidades.com.br/o-projeto/>>.

Rede de Cooperação Cidades Criativas (2014, abril, 08). O encerramento das atividades da Rede de Cooperação Identidades Culturais e a criação do grupo Memórias, Identidades e Políticas Públicas. Recuperado em 08 julho, 2016, de <<http://memoriaidentidadepoliticapublica.blogspot.com.br/2014/04/o-encerramento-das-atividades-da-rede.html>>.

Requerimento de novo anteprojeto e nova audiência pública feita pelo Najurp – Núcleo de Assessoria Jurídica Popular de Ribeirão Preto. Recuperado em 05 julho, 2016, de <<https://www.facebook.com/Najurp/posts/1011729712255744>>.

Ribeirão Preto – dados do IBGE. Recuperado em 08 abril, 2016, de <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354340>>.

Salvador – Creative City of Music. Retrieved June 27, 2016, from <<https://en.unesco.org/creative-cities//node/382>>.

Santos – Creative City of Film. Retrieved June 27, 2016, from <<https://en.unesco.org/creative-cities//node/386>>.

Società Dante Alighieri di Ribeirão Preto. Recuperado em 03 agosto, 2016, de <<http://www.sociedadedantealighieri.com.br/services.html>>.

1º. Seminário “Micropolíticas e identidades culturais: a busca pela cidade humana”. – IPCCIC. Recuperado em 13 setembro, 2016, de <<http://www.ipccic.com/seminrio>>.

14 exposições gratuitas para visitar em agosto Ribeirão, por Analídia Ferri e Paulo Gallo. Recuperado em 09 agosto, 2016, de <

<http://www.varaldiverso.com.br/editorias/exposicoes/13-exposicoes-gratuitas-para-visitar-em-agosto-em-ribeirao>>.

21 de fevereiro, Dia do Imigrante Italiano, por Susanna Galli. Recuperado em 04 agosto, 2016, de < <http://renatabueno.com.br/21-de-fevereiro-dia-imigrante-italiano/>>.

### **Documentários e entrevistas**

Almanaque CBN – Entrevista com pesquisadoras do IPCCIC sobre Cidades Criativas e Cidadania Ativa, em 28 de maio de 2016. Recuperado em 15 junho, 2016, de < <http://www.cbnribeirao.com.br/multimedia/podcasts/SOM,0,1,11884,Almanaque+CBN+discute+cidadania+ativa+e+cidades+criativas.aspx>> e < <http://www.cbnribeirao.com.br/multimedia/podcasts/SOM,0,1,11885,Almanaque+CBN+discute+cidadania+ativa+e+cidades+criativas.aspx>>.

Jornal da Clube (2016, junho, 27) – Prefeitura lança novo anteprojeto para o Conppac + Link Jornal da Clube. Recuperado em 05 julho, 2016, de < <https://www.youtube.com/watch?v=xLXOrRVGClc>>.

Palacete Jorge Lobato, em Ribeirão Preto, será revitalizado, por Revista Revide. Recuperado em 23 maio, 2016, de < <https://www.youtube.com/watch?v=i3gHOogI-QA&feature=youtu.be>>.

Professor Lages – Entrevista com Tânia Registro e Iole Almança sobre O patrimônio cultural e histórico de Ribeirão Preto. Recuperado em 30 junho, 2016, de < <https://www.facebook.com/professorlages/videos/1746425808913408>>.

Vídeo-documentário - Memória dos Cafezais. Recuperado em 10 julho, 2016, de < <https://www.youtube.com/channel/UCOpbMVwTte3sM-48QIDh0Ow>>.

Vídeo-documentário – “Paraty e Paulínia”, dirigido por Andréa Pinto. Recuperado em 12 julho, 2016, de <<http://tal.tv/video/paraty-e-paulinia/>>.

Vídeo-documentários – “Projeto Memória Oral”, do Museu da Imagem e do Som, de Ribeirão Preto. Recuperado em 10 julho, 2016, de < <http://www.cultura.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/mis/i14memoria.php>>.

### **Outras fontes:**

#### **Arquivo Público do Estado de São Paulo**

- Acesso ao acervo sobre Núcleos Coloniais. Recuperado em 16 abril, 2016, de < [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/nucleos\\_coloniais](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/nucleos_coloniais)>.

### **Instituto Casa da Memória Italiana**

- Estatuto Social de criação do Instituto Casa da Memória Italiana, 2013;
- Fotografias;
- Folders;
- Levantamento completo do mobiliário, objetos e fotografias (3 volumes não publicados, para uso interno do Museu Casa), 2013-2014;
- Livros de presença (visitas e eventos);
- Materiais utilizados nas atividades educativas;
- Material sobre Arte Decorativa do Bungalow: Alice Registro Fonseca, 2014;
- Memórias de Maria Augusta Scatena Lopes, 2014;
- Projeto de arquitetura e ocupação dos espaços da Casa da Memória Italiana, 2015;
- Transcrição da entrevista com Francisco Machado de Souza Neto (neto de Joaquina Evarista Meirelles), sua esposa Regina Maria Carvalho e filhas Maria Marta e Carmem Rita – 19 de maio de 2014;
- 1º. Registro de Imóveis. Escritura de doação. Lavrada em 14 de fevereiro de 1925, transcrita sob nº. de ordem 15.509. Certidão Protocolo nº. 549.683, 2014. Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

### **Museu da Imagem e do Som**

- Vídeo Imigração Italiana em Ribeirão Preto, produzido pelo Museu da Imagem e do Som, Secretaria da Cultura e Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, divulgado por Antonio Sartore. Recuperado em 01 março, 2016, de <<https://www.youtube.com/watch?v=vv8MKcDcwZ4>>.

### **Museu da Imigração – São Paulo**

- Transcrições de cinquenta entrevistas/depoimentos sobre imigração italiana.

### **Fontes primárias (entrevistas realizadas pela autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth)**

- Adriana Silva: Presidente do Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais e Diretora Administrativa da Casa da Memória Italiana, realizada em 14 de março de 2016.
- Maurílio Biagi Filho: 1º. Vice-Presidente da Casa da Memória Italiana, realizada em 02 de maio de 2016.
- Antonio Henrique Sartore: Ex-Assessor da Diretoria da Società Dante Alighieri de Ribeirão Preto, atual Diretor Presidente para o período 2016-2020, realizada em 09 de maio de 2016.

## **Anexos**

## Anexo 1: Cartas entregues à Diretoria da Casa da Memória Italiana



À Diretoria da Casa da Memória Italiana,

Excelentíssimos senhores,

Porto, Portugal, 4 de Fevereiro de 2016

Inês Amorim, Professora Associada com Agregação, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, diretora do Departamento de História, de Estudos Políticos e Internacionais, orientadora da dissertação de mestrado de Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, estudante do Mestrado em História e Património – Ramo Mediação Patrimonial, desta mesma Faculdade, vem, pela presente carta, solicitar autorização para incluir um estudo de caso sobre a Casa da Memória Italiana na sua dissertação de Mestrado.

O projeto, em execução, será um contributo para o enriquecimento do seu trabalho final, que procurará colaborar com os interesses da Instituição que V<sup>a</sup> Ex<sup>as</sup> dirigem, como é justificado e definido na carta que ela própria escreve e que segue com esta minha solicitação.

Grata por toda atenção, certa do bom acolhimento deste pedido, com os mais cordiais cumprimentos, disponível para qualquer esclarecimento adicional

[https://sigarra.up.pt/flup/pt/func\\_geral.formview?p\\_codigo=214899](https://sigarra.up.pt/flup/pt/func_geral.formview?p_codigo=214899)  
<http://orcid.org/0000-0002-3649-8256>  
<http://www.citcem.org/linhas-de-investigacao/culturas-maritimas-e-ambiente>

**À Diretoria da Casa da Memória Italiana,**

**Excelentíssimos senhores,**

Ribeirão Preto, Brasil, 04 de fevereiro de 2016

Eu, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth, estudante do Mestrado em História e Patrimônio – Ramo Mediação Patrimonial, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal, e minha orientadora, professora Dra. Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva, da mesma Universidade, vimos, pela presente, solicitar autorização para incluir um estudo de caso sobre a Casa da Memória Italiana em minha dissertação de Mestrado.

Esta pesquisa tem como objetivos principais: compreender as ações culturais e potencialidades de Ribeirão Preto para tornar-se uma Cidade Criativa, analisar o uso criativo da História e Patrimônio Cultural da cidade e investigar o papel e ações criativas que a Casa da Memória Italiana têm ou deverá ter na reconstituição ou no reavivar da memória da História e Patrimônio da Imigração Italiana e Período do Café.

O estudo de caso na Casa da Memória Italiana será realizado através do levantamento da História da Casa e Famílias a quem ela pertenceu (possíveis entrevistas com as mesmas e integrantes da Diretoria da Casa) e, das atividades culturais desenvolvidas até o momento, além de um possível planejamento de uma agenda criativa para o Museu Casa.

Espera-se, com esta pesquisa, uma reflexão histórica, sócio-cultural, criativa e, até mesmo, econômica, do processo criativo na Casa da Memória Italiana e suas consequências para a cidade.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em minha dissertação de Mestrado, na publicação de artigos científicos e/ou na participação em eventos científicos.

A qualquer momento, o(s) senhor(es), poderá(ão) solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que estará sendo realizado.

Contamos com vossa colaboração e autorização.

Atenciosamente,



Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth

## Anexo 2: Entrevista com Adriana Silva



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora Adriana Silva,

Sou estudante do Mestrado em História e Patrimônio – Ramo Mediação Patrimonial, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Dra. Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva, cujo objetivo é compreender as ações culturais e potencialidades de Ribeirão Preto para tornar-se uma Cidade Criativa, analisar o uso criativo da História e Patrimônio Cultural da cidade e investigar o papel e ações criativas que a Casa da Memória Italiana têm ou deverá ter na reconstituição ou no reavivar da Memória, da História e Patrimônio da Imigração Italiana e Período do Café.

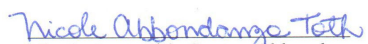
Vossa participação é voluntária e consistirá em conceder uma entrevista que será gravada (audiovisual) e transcrita.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em minha dissertação de Mestrado, na publicação de artigos científicos e/ou na participação em eventos científicos.

A qualquer momento, a senhora, poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que estará sendo realizado. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, pelo telefone +55 16 988014202 ou pelo e-mail: nicoleasg@gmail.com.

Conto com vossa colaboração e autorização.

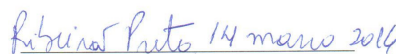
Atenciosamente,

  
Nicole Aparecida Santos Abbondanza  
Toth

  
Local e Data

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

  
Adriana Silva

  
Local e Data

## **Transcrição da entrevista com Senhora Adriana Silva**

**Local:** Sede do Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC) – (<http://www.ipccic.com>) – Rua José Zarzenon, n. 657, Ribeirânia, Ribeirão Preto – SP, Brasil.

**Data:** 14 de março de 2016.

**Duração:** 2 vídeos: 1º. 24:52 + 2º. 12:40 = 36 minutos e 52 segundos

**N = Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth (entrevistadora)**

**A = Adriana Silva (entrevistada)**

**N-** Olá, boa tarde.

**A-** Boa tarde.

**N-** Bom, essa entrevista tem o intuito meu trabalho de Mestrado sobre Ribeirão Preto e as Cidades Criativas, o transformar Ribeirão Preto em uma cidade criativa, com o estudo de caso que seria a Casa da Memória Italiana. Tentar entender esta relação entre cidade criativa, Ribeirão Preto, e como meu trabalho é o Ramo Mediação Patrimonial teria que ter uma parte mais concreta que é a Casa da Memória Italiana, no tentar propor uma agenda criativa para a Casa. Com isso, hoje vamos entrevistar Adriana Silva. Começaremos com sua apresentação, qual sua formação, seu percurso profissional? Qual relação com a universidade e com instituições públicas e privadas? Assim, seu trajeto.

**A-** Eu sou formada na primeira graduação de Jornalismo, aí eu fiz mestrado e doutorado em Educação, meu pós-doutorado foi em Gestão Pública, na área de Administração. Eu tenho vivência cultural a muito tempo, fui Secretária da Cultura do município de Ribeirão Preto por quatro anos, antes disso eu já estive na Prefeitura na área de literatura. Atualmente eu sou Presidente do IPCCIC, o Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais e sou Presidente da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, que realiza a Feira do Livro, que é a segunda feira maior do livro do Brasil a céu aberto. O IPCCIC foi criado em 2012, ele é uma organização privada sem fins lucrativos, o objetivo dele foi reunir pessoas de diversas áreas para a gente pensar um pouco sobre as identidades culturais. Como ao longo da prática da gestão cultural, a gente entendeu a necessidade de fazer gestão, a gente incluiu a identidade cultural com a economia criativa como sendo a economia o modelo de gestão para poder fazer as ações que fortaleçam as identidades culturais. Então isso tudo foi muito casado. O Instituto existe a três anos e a gente vem pesquisando, em especial, como transformar simples moradores das cidades em cocriadores. Isso porque a gente depois de um longo processo de busca de dados, a gente entendeu que nenhum projeto será implantado com sucesso se não houver cocriação, se as pessoas, para quem esse projeto foi criado não interagirem de uma forma muito direta, muito precisa desse projeto. Então, esse é o momento de pesquisa que a gente está. Até junho do ano de 2016 a gente vai entregar para a cidade de Ribeirão Preto, um projeto de Cidade Criativa, para Ribeirão Preto, com esses preceitos, de uma cidade que tenha cidadãos cocriadores.



**N-** Certo, atualmente, em que trabalha? Quais são os seus projetos?

**A-** É, fora do IPCCIC, que é onde a gente faz esse momento de pesquisa, eu faço parte de um grupo de consultores e eu presto consultoria na área de Educação e Comunicação, que a gente chama de EduComunicação, no governo do Estado da Paraíba.

**N-** E como surgiu o interesse pelo tema cidades criativas? De acordo com sua opinião, também, o que significa ser uma cidade criativa?

**A-** É, como eu disse, eu tive uma experiência na gestão de Políticas Públicas, à frente da Secretaria de Cultura do município de Ribeirão Preto por quatro anos. Ao longo desse período, o que foi mais antagonizado dentro do fazer e do projetar é o financeiro. Muitas boas ideias são arquivadas, não são nem defendidas por falta de qualquer possibilidade de financiamento. Então, ao longo desses quatro anos, a gente teve que o tempo inteiro buscar alternativas para além dos cofres públicos, para fazer projetos de gestão cultural. Isso me levou à economia criativa. A economia criativa é uma economia que tem base a transformação social, ela só é criativa se além dela fazer todas as relações de trabalho e renda, ela também proporcionar a transformação social, caso contrário, ela entra na economia tradicional. Dentro da economia criativa, a gente concebeu de que como a cidade é a menor unidade de política organizada, ela era o nosso local de trabalho, então, a gente pensou em projetos de cultura com base na economia criativa visando uma cidade, que também vem por conta da economia e da cultura como sendo uma cidade criativa. Cidade criativa é aquela que consegue fazer projetos que interagem com a sua localidade, são três pilares que sustentam, é a inovação, a conectividade, uma cidade que está conectada, as pessoas de lugares diferentes que estão sempre conectados, uma cidade que as coisas entrelaçam, e o cultural. Então, uma cidade criativa é essa cidade que se pauta em tomar decisões a partir do próprio potencial cultural daquela localidade. Existem pessoas que pensam diferente, o nosso grupo de pesquisa defende que uma cidade só pode ser criativa se trabalhar com a sua própria identidade cultural, não um projeto cultural migrado de outros lugares.

**N-** Quando, como e quem teve a ideia de criar o Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais?

**A-** Todo grupo que fez parte inicialmente do IPCCIC, que é a sigla que denomina o Instituto, ele já esteve, ele já estava junto nos quatro anos do governo. Eu era Secretária, eu tinha uma Diretora de Patrimônio, e a gente criou no governo, até como uma iniciativa de economia criativa, nós desejávamos fazer um Inventário de Referências Culturais do município de Ribeirão Preto, só que para fazer isso, a gente tinha que seguir toda uma metodologia científica e precisava de professores, arquitetos, historiadores, historiadores da arte, gestores sociais, cientista social, e não tinha esses cargos, não tinham esses cargos na prefeitura. A gente fez um convênio com as instituições de ensino, a gente montou uma Rede, chamada Rede de Cooperação e Identidade Cultural. Esses pesquisadores todos vieram para dentro do Poder Público, com hora-aula paga pelas suas instituições de ensino, e por três anos seguidos eles trabalharam no projeto de fazer o

Inventário de Referências Culturais. Quando eu sai da prefeitura, o grupo continuou, mas não houve tanta adesão, porque a gestão pública tem muito a ver com prioridade. A Rede era minha prioridade como gestora, quando eu deixo a Rede, o outro gestor não tratou a Rede com prioridade e ela foi esvaindo e, aí então, o IPCCIC absorveu todos esses pesquisadores. O IPCCIC é formado por pesquisadores que já se conheciam vindos da Rede de Cooperação e Identidades Culturais.

**N-** E fale um pouco sobre o IPCCIC, quais os projetos e quais são as expectativas futuras? Qual é o objetivo do Instituto e onde ele quer chegar?

**A-** A gente foi, a gente balizou o começo do IPCCIC muito nesse casamento, da identidade cultural com a cidade criativa. Hoje a gente atua mais na identidade cultural porque não há cidade criativa sem identidade cultural, então se a gente fizer muito pela identidade cultural, automaticamente a gente está fazendo pela cidade criativa. Então, a gente começou no universo da pesquisa, nós já temos, em três anos, seis obras publicadas, que são obras resultados de pesquisa. Por exemplo, “Paisagem Cultural do Café”, é um livro que identifica trinta e três pontos da cidade de Ribeirão Preto como lugares criativos, como lugares de potencialidade para serem lugares criativos. São lugares remanescentes da cultura do café, que se forem restaurados, reutilizados, reurbanizados, eles podem gerar uma fonte de renda e a sua própria conservação pode ser fruto de sua fonte de renda. O segundo livro que nós fizemos é o “Memórias dos Cafezais”, a gente diagnosticou quantas fazendas do café ainda existem na cidade, e a gente entrevistou pessoas que ainda moram nas fazendas e que nunca saíram das fazendas, nasceram e ainda moram nas fazendas, para entender quais são as relações. A importância desse projeto está, em especial, em dizer que nós entrevistamos os últimos moradores de fazenda, os filhos de todos os moradores que nós entrevistamos já moram na cidade. Depois dessa geração que a gente entrevistou, todo mundo já está na cidade, pode até trabalhar na fazenda mas vai e volta. Esses nossos entrevistados nasceram na fazenda, viveram uma vida inteira na fazenda e são senhores e senhoras que ainda vivem, na sua faixa de setenta, oitenta anos. E a gente pesquisou com eles todo um referencial dessas fazenda. Enfim, fizemos memórias do teatro, que era para contar a história de um teatro na cidade muito importante, só que arquitetonicamente muita gente já tinha escrito sobre ele, mas a memória humana desse teatro poucas pessoas, ou nada, então a gente entrevistou cinquenta e seis pessoas para que elas contassem porque aquele teatro era importante. Porquê? Nós do IPCCIC, nós defendemos que o patrimônio tem a sua importância dado o seu grande significado, quem dá o significado para o patrimônio é o próprio humano, o próprio usuário, a própria comunidade. Então, só significa um patrimônio arquitetônico se significar para sua coletividade, então, por isso, a gente quis entrevistar. E aonde a gente quer chegar? É, essa experiência, nos últimos três anos, nos mostrou que há uma lacuna aberta, que é a de qualificação de gestores. Os gestores que vão para o poder público não necessariamente entendem sobre cultura, e vão ser gestores, são gestores, podem até ser bons gestores mas não necessariamente entendem sobre a cultura. A gente

entendeu que é um lugar para nós que é o de formação de quadros para os gestores públicos na área de cultura.

**N-** E sobre os projetos futuros?

**A-** É, nesse momento, a gente está trabalhando com a possibilidade de circular essas cidades todas fazendo seminários e oficinas. Patrocinados pelo Governo do Estado, a gente foi em nove cidades, o ano passado, fazer uma oficina chamada “O Patrimônio Cultural na Cidade Criativa”. Esse material gerou um livro, que vai ser lançado agora em 2016, com o mesmo nome, só que com o subtítulo a gestão, “O projeto de Gestão”, ele chama para a gestão. A gente narra toda a experiência que a gente teve nas cidades, a ideia é continuar com isso, a gente quer fazer convênios com as cidades da nossa região, para contribuir com que eles façam os seus próprios inventários de referência cultural, para que eles possam entender o quanto é importante reconhecer todo o potencial cultural de uma cidade, para qualquer iniciativa, não só para a cultural, iniciativas na área da educação, na área da comunicação, na área do esporte, meio ambiente. Quanto mais você sabe sobre sua cidade culturalmente, mais chance você tem de acertar nas tomadas de decisões, é isso que a gente está pregoando nas nossas oficinas. Então, a ideia é a gente continuar circulando com essa temática, formando pessoas para as gestões.

**N-** E, especificamente para Ribeirão, assim?

**A-** Em especial para Ribeirão, que é nosso local sede, nós estamos trabalhando já nesse período todo de três anos, num projeto de cidade criativa, que a gente vai entregar para o município em junho, que é o mês do aniversário da cidade. A gente está muito avançado, a gente tem uma tecnologia social própria, tecnologia social, vou tentar resumir uma definição para ela, é um jeito de fazer, uma metodologia, um modelo de ação, um conjunto de passos na elaboração de um projeto. Na nossa tecnologia social, a gente entendeu cinco cadernos, que a gente tem que cumprir. O primeiro caderno é o de identidades culturais, você tem que ir na localidade onde você vai interagir e entender as identidades culturais daquele local. A partir desse caderno e nunca desvinculando do primeiro caderno, a gente vai para o segundo caderno, que é o caderno de diagnósticos, como é que você potencializa tudo isso que você descobriu como identidade cultural, aí o terceiro caderno é quando você transforma isso em potencialidades, onde você transforma isso em projetos de economia criativa, num terceiro, num quarto caderno você faz redes de cooperação pra materializar tudo que você pensou no primeiro, no segundo e no terceiro, e o quinto caderno é a unidade de medida, como é que você transformou aquele lugar a partir da aplicação dos quatro cadernos, ou seja, das quatro fases, então é, para Ribeirão a gente já produziu o primeiro caderno, o segundo caderno, nós estamos produzindo o terceiro e vamos entregar os três cadernos em junho para a cidade.

**N-** Além do IPCCIC, existem outras Instituições para as quais você participa ou colabora?

**A-** Como eu disse eu sou vice-presidente, eu sou, desculpa, eu era vice-presidente, agora eu assumi a presidência da Fundação do Livro e Leitura. É uma Fundação que dialoga muito com o IPCCIC, porque ela foi criada especialmente para fazer

a Feira do Livro. Desde a minha presidência, a gente mudou, ela chamava Fundação Feira do Livro, hoje ela chama Fundação do Livro e Leitura, porque a literatura é um caminho aberto para as questões culturais, para as questões de identidades culturais, então quanto mais a gente formar leitores mais chance a gente tem de ter cidadão cocriador, porque o processo de cocriação vem da consciência, a consciência vem do conhecimento e o conhecimento dorme nos livros, então essa relação toda pra gente é muito automática, muito prática e acho que é por isso que eu consigo ser presidente das duas instituições, a gente assina projetos juntos porque tem tudo a ver. Então eu consigo fazer muita coisa que eu penso no IPCCIC, eu consigo materializar na Fundação, porque a Fundação tem quinze anos, tem mais maturidade de gestão, tem mais financiamento, do que o IPCCIC que tem três anos, está iniciando. Então é um casamento perfeito.

**N-** E qual a relação entre a cidade criativa, frisando essa questão da cidade criativa e a economia criativa e, também, o turismo criativo?

**A-** Ok, eu vou ter que dizer com palavras muito próprias, porque existem vários autores trabalhando com isso e agente diverge de alguns, concorda com outros, então eu vou te dizer as definições que nós guardamos aqui para a gente do IPCCIC, tá. É, para nós, para nós tudo o que for economia criativa cabe dentro de cidade criativa, nem tudo que é cidade criativa é economia criativa, porque eu posso fazer outras coisas criativas dentro da cidade que não economia, eu posso fazer gestão de saúde criativa, eu posso fazer gestão de negócios, negócios sempre será economia, eu posso fazer gestão esportiva criativa. Posso fazer outros modelos criativos de gestão que casam com a definição de cidade criativa e que não necessariamente seja economia criativa. Então, recapitulando, tudo que é economia criativa cabe dentro de uma cidade criativa, nem tudo que é uma cidade criativa dorme na economia criativa, podem ter lugares diferentes. Então, essa relação para mim está muito, muito intrínseca. Não acreditamos que seja favorável para nenhum município se fazer criativo, caso ele não seja, à partir de projetos que se copia e cola, eu vi numa tal cidade, eu vou fazer aqui, eu tenho um exemplo para dar que é Paulínia. Paulínia é uma cidade brasileira, que tinha muito dinheiro por conta das relações petrolíferas e eles resolveram fazer um polo de cinema, mas não tinham atores, não tinham diretores, não tinha escola de cinema, não tinha escolas de técnicos de áudio e vídeo, eles trouxeram tudo de fora. Então, enquanto o prefeito queria, aconteceu, porque as pessoas vinham, gravavam em Paulínia e iam embora, elas não são moradoras de Paulínia. Então, o projeto criativo precisa mudar a sua localidade. Paulínia teve uma ideia que de imediato parece que é criativa porque é cinema, mas não foi criativa, porque ele trouxe coisas de fora. Para a gente do IPCCIC, uma ideia só é criativa se você trabalhar com suas próprias referências, com as suas próprias raízes, se você mudar a sociedade do seu lugar, não só trazer dinheiro, se for só trazer dinheiro ela só é economia, ela não é a cidade criativa. Então, essa acho que é a grande diferença entre um projeto exitoso e um não exitoso.

**N-** E o turismo criativo, Ribeirão Preto tem potencial para um turismo criativo?

A- É, Ribeirão Preto tem potencial mas não tem turismo criativo, ele tem turismo de negócio. É uma das cidades que transfigura, travega entre as primeiras cidades de turismo de negócio no Brasil, está entre as primeiras cidades de turismo de negócio no Brasil mas não tem outro turismo, nós temos muitas pessoas que vêm de fora pra Ribeirão Preto, mas pro comércio, pra saúde e pra educação. Pra cultura também, mas não tanto quanto a gente gostaria, nós temos o segundo maior teatro de ópera do Brasil está em Ribeirão, então ele tem muitos espetáculos, você imagina que sua plateia está cheia de gente de fora, não, isso não é verdade. Então, ele não consegue expandir o seu turismo de cultura mas o seu turismo de negócio é muito compreendido. Fora esse turismo, a gente tem muitas pessoas que vêm na cidade pra consumir, que é um turismo de compras, vem compra e vai embora, são pessoas que estão próximas de Ribeirão, a gente tem muitas redes de shopping, então elas vêm compra e vai embora, que pode ser entendido como turismo, que pode ser entendido só como comércio e, a gente tem muitas pessoas que vêm para estudar, não é turismo mas traz uma outra pessoa para cá e a gente tem a saúde que traz muita gente para cá. O nosso turismo tem potencialidade mas não está potencializado por isso, que pode exigir um projeto de economia criativa com bastante abrangência.

N- Qual a sua relação com a Casa da Memória Italiana? Você foi convidada para ser a Diretora Administrativa? Como foi contactada? Porquê? Talvez devido ao IPCCIC ou influência e conhecimento na área da cultura? Qual é a função, também, da Diretora Administrativa? Seria mais uma consultora, mais executiva ou científica?

A- Acho que a primeira relação vem de uma relação com a cultura. Eu tinha acabado de montar o Instituto do IPCCIC, tinha dado tudo certo. Amigos do outro lado queriam, também, fazer da Casa da Memória, ela nasceu como Instituto, Instituto Casa da Memória. Burocraticamente eu tinha os caminhos, então eu me somei a eles para fazer burocraticamente. Por conta dessa experiência e relações pessoais com o presidente e vice-presidente, eu fui convidada para assumir a Diretoria Administrativa. O Instituto ainda é novo, ele tem dois, vai fazer, tem dois anos, é bem novo, e como eu tenho referências na cultura, eu tenho atuado muito mais como um agente cultural dentro do Instituto do que realmente uma Diretora Administrativa. Como Diretora Administrativa, uma das minhas, das minhas metas é sustentabilidade para o Instituto. O Instituto é uma ideia privada, é um projeto privado, ele não tem parceria, no momento, com a iniciativa pública, então, ele é mantido por os seus responsáveis, ele precisa, para manter a longo prazo, um projeto sustentável e essa é minha meta. A minha estratégia, pra manter um projeto sustentável, é trazer outras famílias de imigrantes italianos pra contribuir com a Casa. Pra fazer isso, nós tivemos a ideia de fazer vídeo documentários sobre essas famílias, então, eu montei um projeto de incentivo fiscal, aprovamos o projeto, agora nós estamos captando recurso pra executar. Tudo dentro de uma lógica de gestão, mas de uma lógica de gestão de economia criativa, porque é o lugar de onde eu falo, então, as minhas relações passam pela proximidade com as pessoas, eu conhecia todo mundo já, daí vem o convite, mas é um lugar onde eu exercito a economia criativa na prática, eu estou tentando fazer

um projeto de economia criativa para manutenção e sustentabilidade da Casa da Memória Italiana.

**N-** Bom, voltando também um pouco, quais são os objetivos e projetos para a Casa Museu? Seria, mais especificamente, fora o projeto dos vídeo documentários, existe mais projetos assim, qual seria o objetivo da Casa, o que também entra naquela questão, o que, onde a Casa gostaria alcançar, a Casa Museu?

**A-** Bem, a Casa Museu tem o objetivo primeiro de preservação da casa onde ela está instalada, que é bastante base, a base da estrutura está em proteger a casa. É, a gente entende que a melhor proteção é o uso, quando você tá usando, você cuida, se você não está usando, não tá importante, então você descuida, então, usar o patrimônio para a gente é o caminho da conservação. É, a Casa então precisa ser usada, daí o Museu. Ela tem uma linguagem de bastante diversidade, ela vai trazer outras coisas, como a gastronomia italiana; a língua italiana; a arte italiana; mas também vai trazer outras coisas como arte, exatamente para ser abrangente, para ela não ser estática, para ela ter essa coisa de mobilidade, para eu querer ir visitar essa casa mais de uma vez, porque quando eu for, outras coisas vão estar acontecendo, mas ela tem essa preocupação arquitetônica, a casa é um bem arquitetônico, ela tem a proteção do centro da cidade, porque ela está instalada no centro, preservá-la no centro da cidade significa preservar o centro histórico. Então, a abrangência é grande, amplia para a questão dos italianos, porque a família que toma conta dessa casa, a maior parte do tempo dela, é uma família de imigrantes italianos, daí os italianos, mas podem crescer para outros imigrantes, ela não necessariamente precisa só cuidar dos italianos, ela nasce com isso por conta da sua relação muito próxima e íntima com os italianos. É uma difusão de cultura, a cultura italiana e a cultura brasileira, acho que é esse o lugar dela.

**N-** E, em que medida a Casa da Memória Italiana e a comunidade italiana se inserem nesse contexto das cidades criativas, no transformar Ribeirão em cidade criativa? Existe essa relação?

**A-** Se você pensar que a Casa se não tivesse uma administração, poderia ser comprada por alguém que a colocasse no chão, fazer um Museu nela é um projeto criativo. É um projeto de economia criativa de sustentabilidade de uma casa, que tem importância arquitetônica, que tem importância referencial sobre o ponto de vista da história dessa casa, de como ela se deu, as famílias que moraram nela, tudo isso é importante para aquela casa. Se você não tem uma ideia criativa, ela não é, se ela não é um Museu, ela pode ir para o chão, ela não é tombada, até hoje ela não é tombada. Então, qualquer pessoa poderia ter comprado, transformado ela numa outra coisa. Então, é uma ideia criativa de proteger o patrimônio: comprar a casa pra instalar nela uma Casa da Memória, ou ela foi comprada e foi imediatamente doada pelo Instituto, hoje ela é propriedade do Instituto, por isso então ela já é e sempre será o Instituto, até porque tem cláusulas legais que sustentam isso. Então, essa é uma iniciativa. Os italianos, para Ribeirão Preto, são imigrantes referenciais. Para você ter uma ideia, numa época da história de Ribeirão Preto se falava mais italiano do que português, tinha a maior parte dos habitantes da cidade eram de imigrantes italianos do que de brasileiros nascidos

em Ribeirão Preto. Então, a referência é muito grande, tanto para os que vieram trabalhar nas lavouras, tanto para os que vieram cuidar das lavouras, serem donos das lavouras, que é um tempo depois. Eles vêm primeiro para trabalhar e se consolidam na sua localidade, e se tornam pessoas de grande poder econômico na cidade. Existem vários imigrantes que são expoentes, imigrantes italianos que são expoentes em Ribeirão Preto. Então, ter uma Casa que conta a história dele é intrinsecamente contar a história de Ribeirão. Ao fazer isso, ao ter essa Casa, quando você contar da imigração italiana, você está automaticamente contando da cidade, porquê? É preciso contar a história do imigrante italiano por várias óticas, uma delas é o café. Foi o café que trouxe os imigrantes. A história do café é, toda ela arraigada com a história de Ribeirão, então, as coisas se misturam. Quando as coisas se misturam, há conectividade, se há conectividade, você está falando de criatividade, que é um dos pilares da cidade (24:52 - término do primeiro vídeo e início do segundo) criativa. Então, ter aquela casa naquele lugar, fazendo o que ela faz, é uma ação de economia criativa para uma cidade criativa.

**N-** E qual é o papel da Casa para a cidade hoje e para a comunidade, também, italiana?

**A-** Guardar a memória é importante. Ninguém lembra daquilo que não viveu, ninguém lembra do que não sabe. A gente só lembra do que a gente sabe, alguém ensinou, alguém falou, a gente viu, a gente ouviu, a gente leu, a gente só lembra daquilo que a gente sabe. Então, a gente precisa contar a história da imigração, para a gente poder lembrar da história da imigração, mesmo que eu lembre da história por outras pessoas, que eu não a tenha vivido. Então, a importância da Casa é guardar e difundir essa história para os que estão por vir. Porque senão essa história se perde, se todo mundo que conhece a história morre e ninguém conta, não sobra história para ser contada e a gente vai apagar essa história da imigração do café, da Casa em Ribeirão Preto. Então, a importância da Casa está em guardar essa história para ser contar e reproduzida.

**N-** É, como e por que foram selecionados os italianos ou descendentes de italianos para este projeto dos vídeo documentários?

**A-** É, a Casa, na verdade, a construção dela não foi baseada nas questões dos italianos, mas a mobília toda vem do fabrico pelos italianos e a segunda família, que é a família que fica mais tempo na Casa é a família Biagi e a família Biagi é de imigrante italiano. Então, era uma forma de homenagear os donos da Casa, homenageando a própria Casa e a família. Então, a imigração italiana surgiu como uma lógica. Era lógico que se cuidasse da Casa e se fizesse isso à partir da imigração italiana e tinha o desejo, as famílias que estavam fazendo negócio com a Casa, como eu disse é uma iniciativa privada, eram pessoas da imigração italiana. Então foi uma homenagem aos seus, aos seus antepassados, os que estão hoje na gestão e por isso que ela nasceu Memória da Casa Italiana.

**N-** E os próximos vídeo documentários, já tem, assim, selecionadas as famílias italianas?

**A-** É, a gente fez uma relação maior do que doze, maior do que dez que é o número de vídeos, e aí a gente vai afunilar na medida em que a gente começar a fazer esses documentários, algumas famílias, também, vêm dentro desse universo da lógica. Não dá para falar na imigração italiana sem falar dos Balbos, não dá para falar da

imigração italiana sem falar dos Marchesis, não dá para falar sem falar dos Boninis, então algumas famílias, pela sua importância, pela sua lógica ...

**N-** São ícones ...

**A-** ... elas se tornaram ícones nesse processo de construção da cidade, de fortalecimento da cidade. Então, é lógico, mas existem tantas outras famílias que foram trabalhar para outras famílias e que não tiveram tanta potencialidade econômica para estar no universo mais conhecido, mas que são importantes quanto e a ideia, então, é abarcar todo mundo nesse projeto.

**N-** E o que que pode-se esperar de Ribeirão na área cultural e criativa? Qual o potencial da cidade para se tornar uma cidade criativa?

**A-** O potencial da cidade é maior do que ela mesma, em termos de economia criativa. Eu digo isso porque é um potencial desconhecido. As pessoas não sabem do que Ribeirão é capaz no universo cultural, por isso não conseguem potencializar. Por exemplo: a gente tem uma área geográfica muito representativa. Geograficamente Ribeirão é centro de outras cidades, são seiscentos mil habitantes em Ribeirão Preto, mas que a cem quilômetros, a gente tem pequeninas cidades, de noventa, oitenta, quinze, vinte mil habitantes que têm uma relação muito íntima. Se eu souber trabalhar isso, eu tenho uma cidade com seiscentos mil que pode trabalhar para quatro milhões de habitantes. Então, isso é uma potencialidade não potencializada. A gente tem o melhor sol do Brasil para fazer cinema, a gente poderia ser um polo de cinema, a gente tem cineastas na cidade, a gente teve escolas de teatro, a gente tem mais de quarenta grupos de teatro, a gente poderia ser um polo de cinema com muita facilidade. Nós temos escolas de música, nós temos uma orquestra sinfônica com oitenta anos, a gente tem uma faculdade de música, eu poderia ter festivais de música, eu tenho muito potencialidade não potencializada nessa área e esse é o nosso trabalho, colocar tudo numa folha e mostrar para todo mundo: olha o que nós podemos vir a ser, vir a ser depende de um monte de gente, mas dizer que a gente vir a ser depende de alguns grupos e é o que a gente está fazendo.

**N-** Já, continuando, acrescentando uma questão aqui, porque existe a Rede de Cidades Criativas da UNESCO e existem os campos criativos: artesanato, cinema, gastronomia, entre outros. Qual seria, assim, fazendo uma relação, qual poderia ser, qual seria o campo de Ribeirão Preto, assim, o campo criativo? Poderíamos integrar Ribeirão Preto nessa Rede de Cidades Criativas?

**A-** É, eu acho que a gente poderia integrar nessa Rede no futuro, e acho que o grande fascínio de Ribeirão é a diversidade dessas possibilidades. A gente tem a segunda maior feira a céu aberto, então a gente tem potencial de literatura, a gente tem prêmios Jabutis, a gente tem muitos escritores, a gente tem muitas livrarias, então a gente tem um universo de economia no livro que é expressivo ...

**N-** A literatura então ...

**A-** É, a literatura, por exemplo. A gente tem, por exemplo, é, o fabrico da cerveja como uma cadeia produtiva e a gente pensa: mas é só negócio, não! É o fabrico artesanal da cerveja, hoje é uma rede bastante explorada em Ribeirão Preto. Ah



mas a gente tem isso porque a gente tem isso, a gente tem isso porque industrialmente a gente já foi ao passado uma grande cidade produtora de cerveja. Então, existem antepassados que foram ensinando, que foram ensinando, hoje a gente tem um grupo grande de pessoas fazendo artesanalmente a cerveja. A gente, a gente tem o que a gente não tem, é uma questão de, a gente tem potencialidades. Talvez esse seja o exercício. A gente, por exemplo, é um universo de educação. Muitas e muitas e muitas pessoas estudam em Ribeirão e moram em outras localidades, porque a gente tem muitas escolas, então, eu posso ser uma rede criativa na área da educação, eu posso ter mais e mais escolas, trazer mais e mais pessoas, e ser um polo educacional. Ter um monte de formação. Nessas formações, eu posso ter formações de arte e eu posso, enfim, é uma questão de potencialidade não potencializada ainda. Então, quando a gente tiver o projeto pronto, fica mais fácil de ver, mas é bastante abrangente. Então, na formação de agentes culturais é muito legal, nós temos muitos eventos musicais, que acontecem em Ribeirão e eles reúnem vinte, trinta, quarenta, cinquenta mil pessoas e essas pessoas vêm de fora, vêm daqui, então, a gente pode ter um turismo cultural com o passar do tempo. Nós temos muitos museus que são acanhados, mas nós temos quatro museus na rede pública, dois museus na rede privada e cinco novos projetos de museus. Se todos eles se consolidarem, a gente teria uma grande rede de museus. Mas cada um, hoje, trabalha muito de forma acanhada, mas se eu juntar todo mundo e fazer uma rede de museu, eu posso potencializar. Então, é uma coisa que eu ainda não tenho, o projeto criativo mas eu tenho a base para criar um projeto criativo, e isso é muito rico.

**N-** E para finalizar, quais são os desafios para que tudo isso aconteça?

**A-** É, a gente entendeu que nenhum projeto vai ser exitoso se não houver adesão. É o resultado dos projetos, é quanto mais gente envolvida mais sucesso, mais compartilhado, mais compartilhado. Por isso que a gente chama de cocriadora, a gente precisa de pessoas que se entendam cocriadoras nesse processo. A gente precisa gerar renda. Por exemplo, a gente tem um universo imenso de costureiras, eu posso fazer moda, a gente tem universidade de moda, a gente tem muitos shoppings que vendem moda, a gente tem muitas lojas que vendem moda. A minha dificuldade é unir todas essas pessoas numa cadeia produtiva de moda. Eu tenho muitos museus, mas eu não tenho uma cadeia produtiva dos museus, eu tenho muita gente fazendo cerveja, mas eu não tenho uma cadeia produtiva da cerveja. É a união dessas pessoas em prol de um projeto macro. Eu tenho unidades, eu preciso ter coletivos, acho que esse é o grande desafio: transformar a unidade em coletivo, esse coletivo em cidade e essa cidade com relações de pertencimento para que as pessoas se defendam, e se gostem e se queiram mais, que eu queira comprar da minha cerveja. Ao invés de eu comprar uma roupa de grife, eu queira comprar das produtoras do meu próprio local. Eu acho que essa relação, ela é necessária e é o grande desafio.

**N-** E integrar as pessoas que já estão vindo, assim, porque Ribeirão cresceu muito ...

**A-** Isso ...

**N-** ... nos últimos anos e as pessoas que ...

- A- ... que estão chegando precisam ser integradas nesses projetos ...
- N- ... e se identificar, também, com a história da cidade ...
- A- Isso, o diagnóstico que a gente fez quando a gente fez o primeiro caderno de Ribeirão Preto, é que ela é uma cidade de transeuntes, uma cidade de passantes, as pessoas vêm, se curam num médico aqui que é bom, na USP que é boa, no HC que é bom e vão embora. Elas vêm, trabalham em bancos, porque a gente tem uma rede bancária imensa, e elas vão embora depois porque os bancos ficam transferindo. Elas vêm, são professoras nas universidades particulares, passam em concursos públicos e vão embora. Elas vêm, elas montam uma loja, aí elas montam uma segunda, uma terceira, e vão embora. Elas vêm, estudam por quatro, cinco anos e vão embora. Então, a comunidade ribeirãopretana, pode ser ruim pode ser bom isso, a comunidade ribeirãopretana, ela se forma e se transforma e se forma e se transforma. Ela é transeunte. Então, as coisas são muito passantes para nós ribeirãopretanos e isso nos dificulta ter tradição. A gente tem, a gente tem uma cidade que tenta ser moderna, rápida, com uma economia ágil, mas ela acaba sendo conservadora, enfim, então a gente tem algumas, alguns antagonismos de gestão pública são muito evidentes, são possíveis de entender num diagnóstico como esse, quando você vai fundo pra poder compreender sua cidade. Então, nosso projeto de cidade criativa dialoga com tudo isso, a gente tem propostas que potencializam essas questões que podem ser muito ruins. É muito ruim você ter pessoas que vêm e vão, porque elas nunca serão literalmente ribeirãopretanas. Elas vêm e vão embora, vêm e vão embora, mas ao mesmo tempo, se quando elas vêm você dá um projeto muito interessante, pode ser que elas fiquem ou pode ser que elas nunca precisem sair, por isso então não precisa vir ninguém novo porque elas não estão saindo, enfim, então tem essa relação toda que a gente tem que entender muito bem para pensar um projeto criativo, porque o projeto criativo para gente só é importante se dialogar com as potencialidades da sua cidade, com o diagnóstico das referências culturais da sua cidade. A gente entendeu que isso é uma referência. Por exemplo, no passado disseram que Ribeirão Preto é uma cidade que é a “Califórnia Brasileira”, isso não foi muito bom naquele momento, porque trouxe muita gente para explorar a economia da cidade. Inclusive pessoas que vieram para trabalhar nas lavouras, para ser funcionários, para serem servidores da cidade e aí a gente não tinha todo esse número de empregos e essas pessoas acabaram, alguns casos, indo até pra criminalidade, então, isso não foi bom para cidade. Mas, a gente não fez uma leitura de que quando você chama uma cidade de “Califórnia Brasileira”, “Califórnia” não é cidade, “Califórnia” é estado. Se você está chamando uma cidade de “Califórnia Brasileira” é porque você está vendo nela uma potencialidade de estado e Ribeirão Preto tem potencialidade de estado. Por isso que ela tem seiscentos mil habitantes, dialoga com quinhentos outros mil habitantes, seiscentos, outros milhões de habitantes na região, porque a região vem muito para Ribeirão. Então, ela é uma cidade meio que como a gestão de estado, ela tem nas outras cidades uma relação de dependência, na área da saúde e na área da educação mais do que qualquer outra coisa. Então, ela precisa saber trabalhar com isso, essas cidades precisam compor com Ribeirão como se

Ribeirão fosse o seu microestado, isso é uma lógica que está posta, então a gente precisa saber trabalhar com isso. Mas você só pensa nisso, se você pensou na cidade na sua base, então, os nossos projetos de economia criativa e cidade criativa só são autênticos porque eles estão dialogando com tudo isso que a gente estudou ao longo de quatro, três, oito anos que a gente está estudando Ribeirão. Então, nesses oito anos estudando Ribeirão, é daqui que a gente tira projetos criativos. Eles são intrínsecos a toda a história, são bastante relacionados com a identidade da cidade.

**N-** Tudo bem, obrigada pela entrevista!

**A-** Eu que agradeço. (12:40 – Segundo vídeo)

### Anexo 3: Entrevista com Maurílio Biagi Filho



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor Maurílio Biagi Filho,

Sou estudante do Mestrado em História e Patrimônio – Ramo Mediação Patrimonial, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Dra. Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva, cujo objetivo é compreender as ações culturais e potencialidades de Ribeirão Preto para tornar-se uma Cidade Criativa, analisar o uso criativo da História e Patrimônio Cultural da cidade e investigar o papel e ações criativas que a Casa da Memória Italiana têm ou deverá ter na reconstituição ou no reavivar da Memória, da História e Patrimônio da Imigração Italiana e Período do Café.

Vossa participação é voluntária e consistirá em conceder uma entrevista que será gravada (audiovisual) e transcrita.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em minha dissertação de Mestrado, na publicação de artigos científicos e/ou na participação em eventos científicos.

A qualquer momento, o senhor, poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que estará sendo realizado. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, pelo telefone +55 16 988014202 ou pelo e-mail: nicoleasg@gmail.com.

Conto com vossa colaboração e autorização.

Atenciosamente,

Nicole Abbondanza Toth  
Nicole Aparecida Santos Abbondanza  
Toth

Ribeirão Preto, 02 maio 2016.  
Local e Data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento. *okupado.*

Maurílio Biagi Filho

Rib. Preto 02 MAIO 2016  
Local e Data

## **Transcrição da entrevista com o Senhor Maurílio Biagi Filho**

**Local:** Sede do Grupo Maubisa ([http://www.maubisa.com.br/\\_pt/index.html](http://www.maubisa.com.br/_pt/index.html)) - Avenida Maurílio Biagi, 800 – 14º. andar, Condomínio Spasse Corporate. Ribeirão Preto – SP, Brasil.

**Data:** 02 de maio de 2016.

**Duração:** 3 vídeos: 1º. 03:36 + 2º. 23:04 + 3º. 14:37 = 40 minutos e 77 segundos.

**N = Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth (entrevistadora)**

**A = Maurílio Biagi Filho (entrevistado)**

**N-** Hoje é o dia 2 de maio de 2016, entrevistaremos o Senhor Maurílio Biagi Filho, que é o primeiro Vice-Presidente da Casa da Memória Italiana. Boa noite Senhor Maurílio.

**M-** Boa Noite Nicole, primeiro é um prazer estar aqui com você, obrigado pela visita. Eu não sei se vou corresponder mas estou às suas ordens.

**N-** Muito obrigada! Começaremos com a apresentação do senhor, fale um pouquinho sobre a origem do senhor, a formação e também o que faz atualmente.

**M-** É, eu nasci aqui em Ribeirão Preto, na época meus pais moravam na fazenda, moravam numa zona rural em Sertãozinho, pertinho daqui e minha mãe veio aqui, exclusivamente, para o parto e depois, em seguida, voltou para a fazenda, então me criei numa fazenda, me criei, essa talvez seja o maior, a coisa, para mim é a coisa mais importante da minha vida porque eu aprendi a conviver, os meus amigos eram todos, a fazenda, naquela época era uma coisa quase que fechada, todos os trabalhadores da empresa moravam na fazenda, era uma comunidade e eu estudei ali, estudei no começo numa escolinha, naquelas escolinhas mistas primárias, que tem primeiro, segundo e terceiro ano, todos os alunos, todos numa classe só, uma professora só que ensina português, matemática, geografia, história. Não tinha água encanada, não tinha banheiro, uma coisa bem precária e eu, então, isso me, foi muito importante na minha vida. Depois, eu tinha lá uma aula de reforço, no período da tarde, com a mesma professora que dava fazia a escola de manhã. Cresci, me desenvolvi e depois, quando chegou na hora de estudar, tive que sair de lá, ai mais pra frente, quando tinha mais irmãos estudando, meus pais mudaram para Ribeirão em função, exclusivamente, do estudo dos filhos. Estudei, terminei, terminei já trabalhando o meu curso de Administração de Empresas e, enfim, trabalhei a vida toda, fui um empresário, relativamente, bem sucedido e hoje eu tenho uma empresa, nós fomos fazendo, a gente era, nós éramos um conglomerado, tinha um grupo grande de empresas, eu fui me afastando, fui saindo desse conglomerado, fiquei com as minhas coisas separadas e, hoje, eu administro uma empresa, junto com os meus filhos, uma empresa familiar, uma holding familiar, que tem uma ramificação muito grande, tem investimentos em diversas áreas e, enfim, aí uma coisa que acho que não é, não interessa muito para esse caso aqui da entrevista agora. Mais ou menos, mais ou menos isso. Sou casado, tenho quatro filhos, sete netos, moro no mesmo bairro que você, na Ribeirânia, coisa, coisa boa. (término do 1º. Vídeo = 03:36 e início do 2º.)

**N-** Bom, conte-me, um pouco sobre sua família, avós, pais. Lembranças de uma típica família italiana.

**M-** Olha, eu tenho, do lado da minha mãe, eram meus, meu avô era, era descendente de, eram descendentes de portugueses, tanto é que eu contava pra você agora que eles estão lá perto do Porto, lá onde você esteve estudando e tal, e do lado do meu pai, italianos. Então, tanto é que uns eram os meus avós e outros eram os meus “nonnos”. Então eu tinha, engraçado que a gente o tempo inteiro eu sempre, o meu avô eram o pai e a mãe da minha mãe e, os meus “nonnos” eram o pai e a mãe do meu pai, então a gente já não precisava dar nomes aos avós, porque um era “nonno” e o outro avô. Interessante isso, eu nunca tinha pensado nisso, primeira vez que eu pensei nisso falando com você aqui, agora. Então meu avô era italiano, veio pra cá com, muito, muito jovem ainda, veio com o pai, migraram da Itália naquela imigração de 1886, chegaram aqui todos, mais ou menos, naquela mesma história e é aquela história de todos os italianos, foram, saíram do porto de Santos, foram subindo, passaram, pularam São Paulo ali, mas ficaram por ali, por perto, depois vieram para essa região, tiveram em um lugar, noutro lugar até que se estabeleceram, definitivamente, lá pertinho de Sertãozinho, Pontal, onde meu avô tinha lá uma olaria e uma porção de fatos curiosos da vida dele. E, em 1922, ele tinha sociedade com, um amigo dele tinha uma usina aqui na região, era a Usina Barbacena e aí, daí pra diante ele foi progredindo e fez um progresso grande até chegar na guerra, na Segunda Guerra Mundial, ele não quis se naturalizar e então foi perseguido e tiraram o rádio dele, esvaziaram o pneu do carro, essas coisas e ele resolveu passar tudo para os filhos e não trabalhar mais, fazer quatro estações de água por ano, uma coisa curiosa, ele era um filósofo, meu avô e eu tive um contato com ele muito grande, eu convivi muito com ele, tive muito, eu tive um relacionamento muito gostoso com ele, muito eficiente do ponto de vista de troca de ideias e de experiências. Ele ia muito às empresas, antes de eu trabalhar, depois que eu já estava trabalhando, eu vinha muito à casa dele e conversava muito com ele. Então o meu contato com ele foi muito forte. Com a minha avó, com a minha “nonna”, aí eu tive um contato com a minha avó muito maior do que com a minha “nonna”. Minha “nonna”, depois ela já ficou doente e já foi se afastando, etc., e, então eu tinha muito mais com o meu avô, com minhas tias, uma família de doze filhos, e foi um contato muito bom, muito gostoso, eu diria muito carinhoso com ele e aprendi muito com o meu avô, trocávamos ideias, ele queria me ouvir, eu queria ouvi-lo, foi sempre muito bom.

**N-** Algo assim que traz lembrança para o senhor relacionado com a Itália, assim, experiências, assim, digamos relacionado com alimentação ou festa, dança, música.

**M-** Eu sempre fui muito pragmático, eu, música italiana, principalmente, a música italiana da minha época, essa é uma lembrança que ficou para sempre, toda vez que você ouve aquelas músicas da sua época, são músicas que para a gente é quase que um hino, então, a casa, a família, então, lá nós tínhamos algumas reuniões na casa que eram muito marcantes, por exemplo, dia das mães, a gente se reunia lá, eu morava na fazenda, vinha da fazenda especialmente para isso e tal, a gente morava, a casa era ali no centro da cidade, na praça da catedral, então ali era muito pertinho pra você ir no centro, etc. Então tinham as datas marcantes, o Natal,

Réveillon, até um determinado ponto o Natal e Réveillon era lá, depois passou a ser na casa dos filhos, o Natal era na casa de um filho, o Réveillon era na casa de outro filho, um na casa dos pais do Pedro, que mora ali, mora ali na Ribeirão também, perto de você, que era o Baudílio e a outra festa na casa do meu pai, depois de um determinado período na casa do Gaudêncio, que morava ali na rua, Campos Sales não, na Rui Barbosa e, então eram reuniões muito marcantes, eram reuniões muito italianas, eles todos muito alegres e alguns irmãos, alguns tocavam uma coisa e outra, todos gostavam de cantar, enfim, o vinho fazia aflorar todas essas virtudes e qualidades e dotes que eles tinham. Então, eram festas, eu me lembro de festas muito alegres, na casa do meu avô, reuniões, as mais diversas que tinham lá, enfim, o centro da família era a casa dele, dos meus “nonnos”, esse era o centro familiar e depois a família vai crescendo e aí é inviável você ter, então tenho essas recordações. Da Itália, tenho ótimas recordações, quando eu casei, de lua de mel, eu fui, um dos lugares que eu fui com bastante tempo, foi na Itália, quando eu casei fiz uma viagem de sessenta dias, porque naquela época você tinha que aproveitar, depois fiquei dez anos sem sair, então não era como hoje que você viaja toda hora e tem muito mais facilidade de viajar, era uma coisa muito mais programada. Mas antes de casar, eu fui na Itália, primeira vez na minha vida em sessenta e dois ou três, eu tive uma temporada grande na Itália. Então, eu tenho ótimas recordações da Itália, depois eu fiquei, logo que eu casei, aquele jeito italiano irreverente, eu impliquei com aquilo, fiquei um tempo sem, fiquei bravo com os italianos, fiquei um tempo sem ir lá. Hoje, isso está totalmente resgatado na minha memória e tal, e isso hoje, eu vou pra lá, o que me diverte é esse jeito irreverente deles, esse jeito palpiteiro, esse jeito de se meter nas coisas tal, que é muito característico dos italianos. Então, e a casa, com a morte do meu avô, até a morte do meu avô, a casa era o centro, depois com a morte dele isso vai, aos poucos, isso vai, depois começam a falecer os outros filhos, etc., e ficaram só duas filhas que moraram na casa até falecer, as duas últimas irmãs. Ele ainda tem duas irmãs vivas, hoje, quando eu estou falando com você, mas elas eram casadas e moravam fora. As duas que moravam na casa eram solteiras, ficaram lá até a morte.

**N-** Sim, na verdade, então, nós já entramos na terceira pergunta que era, quais lembranças, memórias, o senhor tem da casa, da casa na Rua Tibiriçá, visitava-a com frequência, morou nela por algum tempo, festas ou outro.

**M-** Não, isso que eu acabei de falar. Eu nunca morei na casa. Eu frequentava a casa, como eu falei, já comentei, eu frequentei, e tenho as melhores recordações da casa. Eu frequentava a casa, primeiramente como menino, vamos dizer assim, criança sem saber, sem saber mesmo, acompanhando meus pais e em visitas. Depois já como jovem, já casado, etc., desfrutando do meu avô e, depois, mais velho, dando até suporte para as minhas tias, as últimas que ficaram lá, eu era um dos netos que, dos sobrinhos, vamos dizer assim, que mais ia lá na casa, visitava, gostava muito de vê-las, mesmo quando elas perderam a memória, mesmo quando elas já não estavam mais mantendo uma conversa, eu ia, conversava, batia papo e ficava, fazia companhia tal, até o falecimento das duas últimas. Uma faleceu

primeiro, a outra em seguida. Eu sempre levava os meus netos lá, elas adoravam ver os meninos, etc., então, eu tenho as melhores recordações desse tempo.

**N-** O senhor participa de alguma associação étnica, por exemplo, Sociedade Dante Alighieri ou outra?

**M-** Não, você sabe que eu nunca participei da Dante Alighieri, sempre tive ali, sempre tive por perto, conheço os, na época, conheço os diretores da Dante Alighieri, mas nunca participei de nenhuma dessas associações ou entidades.

**N-** Hoje a família do senhor perpetua alguma tradição familiar italiana? Por exemplo: festas, comidas, música, dança.

**M-** Olha, a minha família, quer dizer, eu e meus filhos, não. A minha família, eu com meus filhos e meus netos, não. As questões italianas me rodearam muito, porque eu tenho, o meu filho é casado com uma, o pai da, o sogro, ou seja, o pai da minha nora é italiano, então isso fez com que as memórias italianas se reavivassem, ele vem aqui de vez em quando, etc., muito agradável, nome completamente italiano, Luciano, então isso ajuda você manter vivo essa questão, até da língua, etc. Por outro lado, da família dos doze irmãos do meu pai, quem eu tinha mais afinidade, tinha mais relacionamento, era com o tio Baudílio, que é casado com uma italiana, tia Déa, veio para o Brasil com dezesseis anos de idade, e ela está viva e é uma pessoa que eu vejo muito menos do que eu gostaria, mas tenho uma afinidade enorme com ela, para você ter uma ideia da afinidade, eu batizei o filho mais moço deles, que tem hoje cinquenta anos, e fui padrinho de batismo, que naquela época a turma só convidava os mais velhos para batizar, então ele ter me convidado como sobrinho, então por esse lado, também, eu tenho um relacionamento. Por outro lado, os meus primos, tem um lá quando a gente era mais moço, então, a gente fez umas viagens para a Itália e tal, ele é muito mais italiano que eu, porque a mãe dele é, como diz, é “veramente” uma italiana. Então, essa questão italiana sempre teve, eu sempre tive muito próximo dela.

**N-** E como surgiu a ideia de criar o Instituto Casa da Memória Italiana? De quem foi a iniciativa?

**M-** Primeiro isso é uma história que vale a pena até talvez, vale a pena registrar. Como é que aconteceu isso? Primeiro não tinha nenhuma ideia de criar a Casa da Memória Italiana. Uns dez anos antes das minha tias falecerem, uns dez anos antes, eu previa e comecei a conversar com minha mãe e minha tia, que eram as donas da casa, eu comecei a conversar que aquilo a gente precisava dar uma destinação para aquilo, eu não sabia que destinação, a gente precisava pensar numa coisa qualquer, fazer uma doação, inicialmente eu pensava em doar para o município, doar para a prefeitura, com a condição que a prefeitura fizesse ali um museu, eu não sabia. Mas eu tinha para mim claro que aquilo a gente precisava preservar, claro. E aí vieram uma série de, isso a dez anos antes da casa estar pronta, depois de cinco anos eu intensifiquei essa, dois anos eu intensifiquei, quando minha última tia morreu eu aí intensifiquei, porque no fundo quando minha última tia morreu, porque quem já cuidava da casa, quem fazia toda a manutenção da casa, já era minha mãe, e minhas tias, tudo o que precisava na casa,



elas falavam com minha mãe, minha mãe e minha tia, que eram as duas donas da casa, agora minha mãe se envolvia mais, minha tia não se envolvia, porque ela nem gosta desse tipo de participação. Minha mãe é que gosta e ela sambarca. E, eu sempre conversando com ela e quando, um belo dia, depois já que minhas tias tinham morrido já um ano, dois anos, não lembro exatamente quanto tempo, eu marquei um domingo lá por total acaso, eu marquei um domingo de ir lá, convidei o Vincenzo, para conhecer a casa, que era cônsul italiano aqui, convidei minha mãe, convidei algumas pessoas que estavam interessadas, eu não sabia direito como fazer, o que fazer, e convidei a Weimar, que queria comprar uma casa, aqui em Ribeirão, já tinha me convidado para comprar uma casa agora, eu falei o dia que você comprar uma casa pode me, eu participo com você, uma casa qualquer que ela queria comprar aqui na Rua São José, eu nem lembro. E a Weimar não queria ir lá, era um domingo à tarde, aquelas coisas que só eu faço no domingo à tarde, e ela falou “oh não quero ir não”, ai no final ela falou “oh se você passar aqui e me pegar, eu vou”. Eu passei lá na casa dela e peguei, e ela ficou encantada. Eu certo, porque a Weimar é minha prima, eu certo de que ela conhecia a casa, eu certo que ali não tinha nenhuma surpresa. Não, ela não conhecia, conhecia mas não lembrava, tinha ido só numa sala lá, que era onde minhas tias ficavam quando alguém ia visitar, ficavam só naquela sala lá, então ela não tinha nenhuma.

**N-** Ela não frequentava, assim, muito a casa então?

**M-** Não, não, não, porque o avô dela era cunhado do meu, o “nonno” dela era cunhado do meu “nonno”. Mas eram dois ramos diferentes, etc., etc., eu frequentava, muito mais, lá os Marchesi do que a Weimar frequentava os Biagi. Então, são coisas, são relatos, assim, pura. E ai, a Weimar se encantou com aquilo e ai, vamos fazer, vamos fazer, e de repente, por um desses passe de mágica, essas coisas que acontecem, acho que não sei, uma inspiração do além, a minha mãe também resolveu doar a casa, para uma coisa qualquer que a gente nem sabia o que era, depois. Essas coisas vão acontecendo assim, então olha depois a gente vai ver se faz cá, se faz um instituto, o que que faz, faz uma fundação, o que que faz, vamos fazer. O Vincenzo se entusiasmou e falou que era muito importante e tal. E as outras pessoas que estavam juntas se entusiasmaram. E aquele dia que nasceu essa ideia, que foi depois que doou, ai a Weimar, ai a minha mãe doou, ai minha tia, a Weimar comprou a parte da minha tia e eu comprei tudo o que tinha dentro da casa, tudo o que tem lá, tudo, tudo, o interior da casa, o miolo da casa, tudo, tem todas as mobílias, tudo, tudo, panela, fogão, prato, garfo, tudo. Eu comprei, porque eu também não sabia, aquilo era das minhas, família italiana, família italiana as mulheres são, então aquilo tudo era herança das mulheres e eu não sabia daquilo. Quando eu soube, eu falei então vamos fazer isso, fiz lá uma coisa que eu acho que foi uma coisa muito justa, ficou todo mundo satisfeito, fizemos uma reunião, para cada um receber a sua parte, todo mundo, as tias vivas foram a essa reunião, porque para mim era importante essas pessoas estarem, a gente poder. Cada momento, a gente quer desfrutar daquele convívio familiar, eu tenho, eu gosto muito da família, de família, eu sempre tive muito, sempre procurei ser um catalizador e obviamente que na vida, uma hora você não é catalizador, uma hora você dispersa mas eu sempre fui catalizador, num determinado momento por

questões outras dispersou mas juntou outra vez, enfim, e foi uma coisa muito boa que aconteceu, ai começou se estudar o que faz, o que não faz, conversa com um, conversa com outro e ai surgiu a história da Casa da Memória Italiana, que não é um. Nossa ideia lá não é fazer uma casa da memória italiana, é claro que o italiano, porque o italiano, porque é predominante aqui nessa região, mas a ideia é fazer uma casa da memória do imigrante e talvez, lá atrás, a gente pudesse ter feito uma coisa mais ampla, não só da memória do italiano. Mas, enfim, ficou esse nome e a ideia é fazer uma Casa da Memória do Imigrante, para que outras pessoas façam esse trabalho maravilhoso que você está fazendo de levantar e de depois, qual é a ideia, se você tivesse lá quinhentos depoimentos de famílias italianas, com a história de cada uma, um “vtzinho”, um vídeo de cada uma, com a história, os personagens, etc., todo mundo tem fotografia, fazia aquilo que você viu aquele dia que você chegou lá, aquele filme passando na garagem e tal, a historinha, para que aquilo possa, efetivamente, ser um centro de memória, de imigrantes. Aquilo que, eu não sei se já te falei, tem um trabalho, eu não lembro que me mandou esse trabalho, mas acho que é 1902 ou 1920, não lembro bem, Ribeirão tinha 52 mil habitantes sendo que 27 mil eram italianos. E ai se pegar Alemanha. Moral da história, brasileiros só tinham oito mil, nove mil, o resto eram todos estrangeiros, então. E essa região teve um privilegio muito grande, recebeu uma imigração muito, muito diferenciada, então, por isso que essa região é uma região desenvolvida, você pega algumas cidades daqui tem características, Sertãozinho tem muito mais famílias italianas, muito mais nomes italianos do que aqui, então, você, daí surgiu a Casa da Memória Italiana, daí a Weimar resolveu, então eu e a Weimar, por enquanto, a gente dá um suporte financeiro, para que a Casa possa, meus primos lá da Usina da Pedra fizeram uma doação, uma só, e agora nós estamos buscando patrocinadores, buscando meios para ver se a gente consegue fazer com que aquilo sobreviver, e até com os incentivos fiscais que existem, etc., mas nós estamos muito devagar com isso, isso ai é uma pena porque podia estar mais adiantado, mas vamos, vamos, vamos no passo que a gente consegue ir.

**N-** Sim, e como o senhor vê o papel da Casa da Memória Italiana para a cidade, em particular, digamos assim, os italianos e os seus descendentes?

**M-** Eu diria para os imigrantes. Eu vejo na Casa da Memória Italiana, eu vejo se a gente conseguir fazer acontecer, eu acredito que vá no seu tempo, eu acredito que possa ser um centro de referência, você está entendendo, de preservação de memória, de memória de famílias. Você tem um monte de formas de preservar a memória, mas quando você preserva a memória de famílias, você preserva um pouco, você preserva um conjunto de memórias, aí nesse conjunto de memórias tem pessoas que foram fundamentais, então você vai preservando a memória do país, dentro da comunidade de uma cidade que no caso é Ribeirão Preto e região. Então, não é só Ribeirão Preto, é essa região, é uma região do Estado de São Paulo. Então, eu acredito que isso possa ser uma referência para ficar, um legado para ficar aí como uma cidade que tem memória, que tem referência, porque ao resgatar a história de família, você resgata, ao resgatar a história do meu avô, ao resgatar a história da minha família, estou falando agora só da minha família, seriam centenas de famílias, você resgata um pouco a história de Ribeirão, porque tem

um monte de coisas que a família fez, fundou, ajudou, criou, que tem tudo a ver com a história da cidade. Então, se você for estudar a cidade, você vai ver que nas raízes de uma série de, tem muita coisa da família. Então, e como a nossa família, tem centenas de outras famílias que estão na raiz do desenvolvimento, na raiz da fundação, na raiz dessa região. Então, cada um com uma história, cada um com uma, você pega no passado a família Bianchi, por exemplo, a família Bianchi teve aqui uma indústria de base enorme, uma coisa super importante, etc., que hoje pouca gente conhece, porque eu tenho, eu conheço, a bem que eu conheço a família, mas é uma história que já está mais apagada, então porque não resgatar essa história. Lembrei de um nome, aqui agora, porque estou falando, pensando na minha família, pensando numa parte de bens de capital, então, à partir daí vem uma historiadora, vem um historiador, vem alguém que consiga condensar isso, então você faz um, você contrata um bom diretor, você faz um, você faz uma peça linda, eu digo, se quiser fazer um filme, você faz um, porque nessa região tem, você vai ver que não é italiano, o Santos Dumont, mas que hoje e, gente dessa região que desenvolveu assuntos e tecnologias, etc., as mais importantes, que estão servindo para o mundo hoje, e o Brasil.

**N-** Sim (23:04 – término do 2º. vídeo e início do 3º.). Bom, na próxima questão, a gente remete um pouco para a de cima, que são quase iguais. De que forma a Casa da Memória Italiana poderá ativar essa identidade e memória dos imigrantes, digamos assim.

**M-** Ah sim, para que ela atinja isso, a gente precisa abrir muito a Casa da Memória Italiana, precisa ter pessoas que façam como você está fazendo, a Adriana tem dado uma contribuição enorme e tantas pessoas tem contribuído, a Alice que pegou aquilo, a Weimar, enfim. Mas, a gente precisa abrir, precisa trazer mais gente para dentro, precisa ter mais, você precisa ter mais gente que se apaixone por aquilo e que procure contribuir, não é contribuição financeira, as contribuições, se tivessem duzentas famílias ribeirãopretanas que quisessem fazer suas memórias, fazer sua história, e cada família tem que fazer sua história. Então, isso que eu tenho insistido, cada família tem que fazer sua história. E, um investimento que uma família faria na história dela. Aí, a família ficaria com uma cópia, e a Casa da Memória Italiana ficaria com uma cópia, a família ficaria com o original, do resgate da história, da memória, e tal. Então, nós precisamos ter algumas famílias que a gente consiga fazer isso, que eu tenho falado, mas hoje essas coisas ficam meio de lado. É difícil você levar uma coisa dessa adiante. Então, ontem, sábado eu tive na Weimar, “então, eu quero fazer a história do “nonno” Joanim, que é o avô dela, e vou falar com meu irmão, que não sei o que, ...”. Então, é isso que precisa, precisa de gente fazendo e, então para isso precisa um executivo, talvez a Alice é tímida para isso, a Piccina poderia estar tal, precisaria estar fazendo um trabalho de convencimento de algumas famílias de começar a fazer história, porque não é aderir à Casa, mas fazer sua história e depois tal, ter a Casa da Memória Italiana. Então, você ter isso na Casa da Memória Italiana guardado, catalogado, você tem que ter lá uma sala de exibição que você possa, qualquer pessoa que chegue lá com a família, que você possa sentar e ver a história da família, essa ideia.

**N-** Sim, e essa ideia está na próxima questão também, que na verdade isso é uma idealização do senhor, de reunir, que a Casa da Memória Italiana reúna não só, então, a história da família do senhor, a família Biagi, mas de outras famílias.

**M-** Não, quando a gente fez a Casa da Memória, que por acaso fomos nós que fizemos a Casa e por acaso foi a casa do meu “nonno”, por acaso, por acaso. Mas não é para ser a Casa da Memória Biagi, não é, não é, tanto é que não tem. Claro que as lembranças que tem lá, tudo o que tem lá é da família Biagi, mas a medida em que isso e que você for tendo, então isso vai mudando, não é. Esse é um medo que eu tenho, as pessoas, às vezes, eu imagino, agora é imaginação minha, quando você vai falar com alguém e tal e fala “Ah é a casa deles, a casa da família deles, e não e tal”, e, às vezes, o sujeito se retrai em função disso e não, esse talvez, você tocou num assunto, que esse talvez, e você pode ajudar nisso, esse talvez seja o maior desafio nosso lá hoje de desvincular completamente isso da família Biagi, claro que sempre vai estar vinculado porque foi a casa do Pedro Biagi, e que por acaso foi meu “nonno” e tal, mas tem que desvincular, aquilo lá é, à medida que outras pessoas entrem, a Weimar podia fazer bem esse papel porque, mas outras pessoas, mas ela ainda tem um vínculo familiar, outras pessoas, amanhã um, qualquer outra família, o Vincenzo Spedicato, a Balbo, tantas tantas que tem por aí resolvam adotar isso e fazer, então precisa desvincular, a hora que desvincular vai andar mais rápido.

**N-** E como que o senhor vê essa possibilidade? Seria reunir, por exemplo, árvores genealógicas, fotografias, histórias, objetos, gastronomia, dança, música?

**M-** Não sei, não sei, veja bem, eu estou aqui, eu estou fazendo uma coisa Nicole, que é completamente, não esse bate papo com você, mas essa incursão na Casa da Memória Italiana, essa tentativa, eu sempre, quem gosta disso, na minha família é o Luís Biagi, ele tem um arquivo fantástico, sempre gostou disso, etc. Eu nunca, eu não tenho nada, não tenho nada, eu não tenho memória. Agora tenho alguma coisinha, depois vou até te mostrar, não tenho nada. Na família do tio Baudílio, é o Arthur Biagi, o Arthur sabe a árvore genealógica de todo mundo, conhece e adora isso, e para minha surpresa, e aí que eu digo que precisa, nenhum dos dois se incorporou a essa assim, comprou essa ideia para valer, você está entendendo, são pessoas então. Então eu tenho um perfil completamente, eu tenho dificuldade até de entender certas coisas e não é, não é do meu, nunca foi o meu perfil, tanto é que o lado da minha casa, dos meus irmãos, o Luís é que sempre fez isso, sempre teve a memória.

**N-** Ele é o autor daquele livro “Cem anos da Família Biagi”?

**M-** É, ele conseguiu compilar aquilo, etc., e tem outro livro que ele fez dele agora e tal.

**N-** Está bem. Bom, o senhor acredita, então, assim que a Casa da Memória Italiana, também, pode trabalhar em parceria com outras instituições?

**M-** Acredito, esses dias eu estava na Agrishow, aí nessa semana, e tinha lá o estande italiano, então tinha lá os diretores, o pessoal todo, depois encontrei com o Vincenzo, lá na quinta-feira, nós distribuimos aquele folderzinho, que foi feito

lá, e todo mundo ficou super entusiasmado com isso. Tem verba de governo italiano para isso, a gente precisa achar o jeito, nós não achamos o lado de montar ainda, você está entendendo.

**N-** O estande era do Consulado, do Vice-Consulado?

**M-** Não, era do ministro de, era do Ministério de Relações Exteriores Italiano e tal. Era coisa oficial da Itália mesmo. Super interessante. Eu não sabia, senão teria convidado vocês, a Alice, todo mundo para ir lá para conhecer, inclusive um lugarzinho lá um estar, mas ai já descobri isso no penúltimo dia da Agrishow.

**N-** E assim, de alguma forma também para participar, por exemplo, de eventos como FestItália, por exemplo, ela é organizada pela Dante Alighieri mas também em parceria com a Prefeitura.

**M-** Claro, ai a gente tem que se aproximar dessas entidades, eu não, por exemplo, até agora não vi nenhum, o Dante Alighieri, a gente estar junto desse pessoal, algumas coisas podem ser feitas na Casa da Memória Italiana, enfim, o Dante Alighieri tem que se sentir dono da Casa da Memória Italiana, quer dizer, tem que se sentir partícipe, tem que se sentir parceiro, tem que se sentir, quer dizer um projeto, o Dante Alighieri tem algum projeto de memória? Se tem ótimo, então vamos ver o que o Dante Alighieri tem e vamos, se não tem puxa, adote. Então, essas coisas é que precisam, agora, ver como faz para juntar, juntar o pouco que tem, você está entendendo, tem que juntar todos nós separados, se juntar um pouco fica melhor. O Consulado que é o Vincenzo, é a Dante Alighieri, você está dando uma ideia que é ótima, precisa passar ideia, eu vou deixar por sua conta para passar isso para frente e é isso, você está entendendo, precisa, é isso.

**N-** Temos outros níveis, também, fora do município, temos em São Paulo, por exemplo, o Museu da Imigração, que também poderia, de alguma forma contribuir ou alguma parceria, a Casa da Memória Italiana aqui ...

**M-** Claro, claro, claro. Eu, se depender de mim essas coisas não vai sair, porque eu não tenho, eu não tenho nem tempo para isso, mas nem tenho, nem tenho virtude para isso. Eu sou de impulsionar as coisas e depois, agora, esse dia a dia tem que ser alguém que se empolgue com isso. Já tem gente empolgada com isso.

**N-** Quando o senhor disse sobre a Agrishow, a última Agrishow que aconteceu na última semana e o estande italiano lá, na verdade era uma outra ideia minha que assim, eu pensei assim, porque então em certos eventos como, por exemplo, a Agrishow, que acredito que o senhor esteja muito, assim, inserido digamos assim neste evento, porque não ter então, por exemplo, algum estande que dê maior visibilidade cultural para a cidade, nessa questão cultural, turística?

**M-** É, você fazer um convênio com esse pessoal da Itália que vem aqui, você coloca lá alguma coisa da Casa da Memória ali, sem ônus nenhum para você. Então, essas coisas nós precisamos ficar atentos. Essa entrevista está interessante, depois precisamos mostrar, porque essa entrevista já está tendo uma porção de ideias que eu nunca tinha tido, por exemplo, isso de, o Vincenzo sabe exatamente como funciona essa questão, como é que a gente pode estar inserido numa

Agrishow, você está entendendo, mas muito difícil memória aqui, você pega, o pessoal não tem, não tem hábito de fazer nada adicional. Na Agrishow é salve-se quem puder, é tudo comercial, é para vender, não tem nada, por exemplo, você pega o setor mais importante dessa região, nem tanto hoje, mas já foi, a cana-de-açúcar, eles nunca fizeram, tudo italiano, eles nunca fizeram um estande institucional do setor para mostrar o que que é o setor, estou mudando de pato para ganso, mas o que que é o setor, etc., porque que eles vão fazer de uma coisa, de uma bobeira, vão ficar falando “sei lá eu de onde eu vim, como é que eu vim, sei lá eu, eu ouço dizer que meus pais são italianos, eu vou na Itália, adoro a Itália e tal”, mas não tem esse interesse, essa coisa, “vê aquelas fotografias desses “véio” feio, ah”, é um pouco por ai, você está entendendo.

**N-** Bom, e para encerrar, uma última questãozinha. Eu frequentei muito lá o Vice-Consulado, porque estudei lá na escola de língua italiana, muitos anos, então, eu me atentei que lá tem aquela placa que, na verdade, são os italianos beneméritos, digamos assim, e lá tem a mãe do senhor, seria isso, a Edilah Lacerda Biagi.

**M-** Que não é italiana.

**N-** Não?

**M-** Não.

**N-** É a esposa do pai do senhor.

**M-** É esposa, minha mãe, minha mãe, esposa do meu pai.

**N-** Sim. O senhor podia comentar um pouquinho sobre esse título, assim?

**M-** Não sei, você está vendo como é. Eu sou completamente desligado a essas atividades todas. Eu não sabia que minha mãe estava lá homenageada lá na Casa da Memória Italiana ...

**N-** Lá no Vice-Consulado.

**M-** Você está vendo como foi útil essa nossa conversa? Lá no Vice-Consulado. Mas é claro que ela está lá por causa do meu pai, é óbvio, óbvio, meu pai já era morto quando eles fizeram essa homenagem, puseram minha mãe.

**N-** É uma lembrança.

**M-** É, eu já, alguém já me disse, alguém antes de fazer essa homenagem falou comigo. Eu não lembro quem é, não lembro se foi o Vincenzo, se foi anterior ao Vincenzo, mas enfim. Você vê que eu não sou, eu não sou, eu estou fazendo um esforço muito grande em homenagem às pessoas que estão tentando cuidar disso, estão tentando fazer disso um fato, e uma coisa que possa ser útil e possa contribuir, porque o objetivo, porque nós queremos uma Casa da Memória Italiana? Se não for para contribuir, para trazer, realmente, uma, guardar toda essa história, não vale a pena, então, ai não tem nenhum ego de ninguém, não tem nada, nada, nada, é para tentar e porque que eu entrei nisso? Para tentar contribuir, eu nem ia, nem ia, eu queria encaminhar o assunto da Casa, meu objetivo, quando agora sendo muito claro, como você vai mostrar isso para, pelo menos quero que

você mostre na Casa da Memória, meu objetivo era encaminhar, eu não queria que aquilo se transformasse em mais um estacionamento, você está entendendo, aquele terreno, porque ali o destino certo da casa era aquilo que já aconteceu em tantos outros lugares, aqui em Ribeirão Preto, era demolir, porque lá, o imóvel vale muito pouco, o que vale um pouquinho é o terreno, e ali já tem, você vê, tem o terreno do lado, tem dois terrenos atrás, se você subir lá em cima da casa, você olha, tem um monte de terreno vazio atrás, tudo estacionamento. Ali, o destino daquilo era se tornar mais um estacionamento. E eu falei puxa, porque que a gente não consegue preservar isso, fazer, a casa estava tão preservada, tão em ordem, e afinal de contas minha mãe teve um carinho com aquilo extraordinário e tal, mas eu nunca, eu nunca pensei que eu fosse estar envolvido nisso, nunca, nunca, nunca, porque minha ideia era dar um encaminhamento, minha forma de trabalhar é incentivar as coisas e dar um encaminhamento, depois dali para frente tem que ter alguém que toque, alguém que faça e tal, e não era minha ideia estar participando como eu estou participando, mas estou muito, muito disposto a continuar e a tentar contribuir mas eu sou, eu tenho uma contribuição limitada a dar, eu acho que dei uma contribuição importante no startup.

**N-** Sim, tudo bem. Muito obrigada pela disponibilidade e pela atenção.

**M-** Magina, magina. Foi muito agradável conversar com você Nicole e como eu falei para você, eu fico à tua disposição, eu gosto de fazer isso sábado e domingo, se tiver mais alguma coisa que você queira falar, mas hoje eu estou me expressando mal, estou lento de raciocínio, estou pesado, você está entendendo, não estou me lembrando muito, mas era o que eu podia fazer nessa segunda-feira aqui, viu.

**N-** Sim, tudo bem. Muito obrigada!

**M-** Magina Nicole. (3º. Vídeo = 14:37)

## Anexo 4: Entrevista com Antonio Henrique Sartore



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor Antonio Sartore,

Sou estudante do Mestrado em História e Patrimônio – Ramo Mediação Patrimonial, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Dra. Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva, cujo objetivo é compreender as ações culturais e potencialidades de Ribeirão Preto para tornar-se uma Cidade Criativa, analisar o uso criativo da História e Patrimônio Cultural da cidade e investigar o papel e ações criativas que a Casa da Memória Italiana tem ou deverá ter na reconstituição ou no reavivar da Memória, da História e Patrimônio da Imigração Italiana e Período do Café.


Vossa participação é voluntária e consistirá em conceder uma entrevista que será gravada (audiovisual) e transcrita.

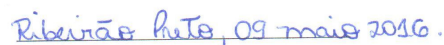
Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em minha dissertação de Mestrado, na publicação de artigos científicos e/ou na participação em eventos científicos.

A qualquer momento, o senhor, poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que estará sendo realizado. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, pelo telefone +55 16 988014202 ou pelo e-mail: nicoleasg@gmail.com.

Conto com vossa colaboração e autorização.

Atenciosamente,

  
Nicole Aparecida Santos Abbondanza  
Toth

  
Local e Data

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

  
Antonio Sartore

  
Local e Data



## **Transcrição da entrevista com Senhor Antonio Henrique Sartore**

**Local:** Sede da Società Dante Alighieri – Rua São Sebastião, 703 – A, Centro, Ribeirão Preto – SP, Brasil.

**Data:** 09 de maio de 2016. Horário: 10:00hs.

**Duração:** 18 minutos e 06 segundos

**N = Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth (entrevistadora)**

**A = Antonio Henrique Sartore (entrevistado)**

**N-** Hoje é dia 09 de maio de 2016, entrevistaremos o senhor Antonio Henrique Sartore, assessor da diretoria da Sociedade Dante Alighieri, em Ribeirão Preto. Bom dia, senhor Antonio.

**A-** Bom dia, Nicole.

**N-** Iniciaremos com a apresentação do senhor, a origem, formação, o que faz profissionalmente e na Dante Alighieri.

**A-** Bom, meu nome é Antonio Henrique Sartore, como você já disse, eu sou natural de Ribeirão Preto, eu sou filho de imigrante italiano. Meu pai migrou para o Brasil, ele nasceu em 1896, em Villa Estense na Itália, e migrou em 1924 para o Brasil. E, aqui chegando, ele já chegou casado, tinha duas filhas, mas a esposa dele faleceu, aí ele se casou com a minha mãe. Eu sou o nono filho de um total de onze. Na época o pessoal não tinha, não economizava, viu Nicole. Na minha formação, eu sempre estudei, trabalhei, cheguei até a Administração de Empresas, fui representante comercial a muito tempo e hoje eu sou aposentado. E aqui, na Dante Alighieri, eu tenho o cargo de assessor da diretoria da Sociedade Dante Alighieri, e eu coordeno a maioria dos eventos sociais realizados pela Dante Alighieri.

**N-** Explique-me, um pouco, sobre a história da Sociedade Dante Alighieri, quando foi formada, como é organizada e dirigida, se existe um organograma, um estatuto.

**A-** Muito bem. A Sociedade Dante Alighieri, ela foi fundada no dia oito de junho de 1910, como resultado da fusão de uma entidade, anteriormente, denominada “Patria e Lavoro” e ela se fundiu com o “Comitato Dante Alighieri”, e aí formou-se a Sociedade Dante Alighieri. Ela foi fundada, na época, com o escopo de dar um apoio ao imigrante italiano. Era uma espécie de uma sociedade de socorros mútuos, de “mutuo soccorso”, como se falavam. Ela cuidava, na época, da inserção social do imigrante italiano dentro da cidade de Ribeirão Preto e dando, até mesmo, apoio material quando necessário. Ela funcionou nesses moldes até o término da grande fase da imigração, que foi por volta de 1930 aqui em Ribeirão Preto. Daí por diante, o grande objetivo dela foi a promoção da cultura e dos valores italianos, aqui em Ribeirão Preto, e ela funcionou ininterruptamente até por volta de 1942 quando, por causa da declaração da guerra, ela ficou fechada até quase no final dos anos cinquenta. Ela voltou em atividade nos anos sessenta e continuamos, agora, desde aquela época, com esse objetivo. Nosso objetivo é promover e

divulgar a cultura italiana, em Ribeirão Preto. Nós somos regidos por um Estatuto, que é votado, aprovado, ele é atualizado conforme as necessidades legais e o último Estatuto que nós temos foi aprovado em 1980. Nós somos administrados por um conjunto de 21 Conselheiros, desses 21 Conselheiros saem a Diretoria que é composta de um Diretor Presidente, de um Diretor Vice-Presidente, um Diretor Tesoureiro, uma Diretora Secretária, um Diretor de Sede de Campo e um Diretor de Patrimônio. Daí saem, também, os Conselheiros que devem ser em número de sete, no mínimo, e saem os Suplentes. Essa é a nossa estrutura de funcionamento da Sociedade Dante Alighieri.

**N-** A Sociedade Dante Alighieri tem conhecimento, dados sobre a comunidade italiana e seus descendentes, em Ribeirão Preto?

**A-** É, na história de Ribeirão Preto, como você mesmo pesquisou, nós tivemos uma forte imigração italiana, principalmente depois da chegada dos trilhos da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro até por volta dos anos trinta. Por volta de 1900, nós tínhamos 52% da população, de Ribeirão Preto, composta de imigrantes italianos. Essa colônia cresceu, se desenvolveu, se miscigenou e hoje está bastante, assim, inserida na vida da sociedade ribeirãopretana, da vida da sociedade ribeirãopretana. Que fazem parte da Sociedade Dante Alighieri, hoje, são bem poucos.

**N-** Hoje, além da Dante Alighieri, o senhor tem conhecimento de outras associações étnicas, italianas, na cidade?

**A-** Em ativa, em atividade como a Dante Alighieri, eu acredito que não. Nós temos, ainda, aqui em Ribeirão Preto, a Sociedade Italiana de Socorros Mútuos, que funciona ali na Rua Florêncio de Abreu. Nós não temos tido informação sobre atividades dessa sociedade, mas ela é muito antiga, ela é até mais antiga que a Sociedade Dante Alighieri. É a única que nós temos informação de entidade de associação étnica italiana aqui na nossa cidade.

**N-** Quais são os requisitos para se associar à Dante Alighieri?

**A-** Nós temos dois tipos de sócios. Nós temos os sócios efetivos e os sócios colaboradores. Para ser sócio efetivo, a pessoa precisa ser, no máximo, neto de italianos. À partir daí, ele pode entrar como sócio colaborador. E o público em geral, a cidade toda pode entrar como sócio colaborador. A diferença básica é que, pelo estatuto atual, somente o sócio efetivo pode votar e ser votado. E o sócio colaborador apenas participa da vida da Sociedade Dante Alighieri.

**N-** Quais são os direitos e deveres dos sócios?

**A-** Muito bem. O principal dever do sócio é respeitar a cultura italiana. É uma coisa que parece até um, uma coisa simples, de se falar mas que vai se perdendo com o tempo, não apenas pela, por essa mistura, por essa miscigenação mas é respeitar e valorizar a cultura italiana. Esse é o principal dever. Agora, dentro da Dante Alighieri, o sócio tem o direito de frequentar

todas as nossas atividades sociais, nós temos não apenas a sede aqui da cidade como também nós temos uma sede de campo, nas margens do Rio Pardo, onde nós temos piscina, campo de futebol, área de churrasco, um salão de festas, lanchonete e isso o sócio tem todo o direito de frequentar.

**N-** Quantos sócios a Sociedade Dante Alighieri possui hoje?

**A-** Olha, em números redondos, nós temos cerca de 150 sócios efetivos e cerca de 30 sócios colaboradores, que dariam 180 sócios diretos. Considerando os dependentes, nós imaginamos que o público interno da Sociedade Dante Alighieri seja, hoje, de 600 pessoas. Um número muito pequeno para uma cidade de 650.000 (seiscentos e cinquenta mil) habitantes.

**N-** A Dante Alighieri disponibiliza alguma biblioteca ou algum tipo de exposição, com objetos, aos sócios ou ao público aberto?

**A-** Nós temos a nossa biblioteca voltada para os associados. Essa biblioteca ainda é remanescente da Sociedade Dante Alighieri original, de 1910, foi um acervo que nós conseguimos recuperar. Então, ele está disponível, são livros quase que na sua totalidade em língua italiana. Temos alguma coisa em língua portuguesa. Está aberto, unicamente, para os sócios ou para pesquisadores que tenham interesse em frequentar a nossa biblioteca. Além disso, nós temos uma sala onde nós temos uma TV que, eventualmente, não é de uma forma regular, nós exibimos filmes, documentários italianos e é onde o associado pode assistir a transmissão da RAI, que nós disponibilizamos através do serviço da NET.

**N-** A Dante Alighieri possui algum projeto relacionado à memória e à identidade italiana?

**A-** Muito bem. Os nossos projetos são, sempre dentro da identidade italiana, criar festejos que remetem a nossa cultura. Essa é a nossa atividade nesse momento. Nós perdemos muita coisa da nossa, do nosso arquivo no período entre 42 e 1960, basicamente. Então, muita coisa a gente gostaria até de recuperar. E, objetos, a gente tem feito campanhas junto aos nossos associados para que eles doem cópias e documentos, cópias de passaporte, objetos de uso, porém, muita coisa já se perdeu. Então, nós temos dificuldade. Nesse quadro que nós temos aqui atrás, você vai ver que da minha família, nós conseguimos doar o passaporte que o meu pai veio, uma certidão de nascimento. Então, são documentos que nós temos muito interesse de ter.

**N-** E, além do FestItália, que eu sei que é um evento que a Dante organiza, existe algum outro? Me fale, um pouquinho, também, sobre o FestItália.

**A-** Ah muito bem. Olha, além do, vamos falar então, dividir por partes. Além do FestItália, nós fazemos a comemoração do Dia da “Befana”, “data della Befana”, que sempre acontece no dia 6 de janeiro, é o dia da, dia da “Befana” lá na Itália, é o dia da Epifania, quando os três Reis Magos teriam chegado lá para oferecer os presentes ao menino Jesus, dentro da cultura e da tradição cristã. Então, nós comemoramos o dia da “Befana”, sempre por volta do dia 06 de janeiro, porque nós temos que fazer num domingo, então é um

pouquinho antes ou um pouquinho depois do dia 06. Nesse dia, uma personagem, no caso é minha irmã, a dona Marilena Sartore, ela se caracteriza como a “Befana” e a Dante Alighieri distribui presentes e guloseimas para as crianças, filhos de sócios. Ela, dentro da verdadeira tradição da “Befana”, ela leva um saquinho de doces e um saquinho de carvão e a pergunta que ela sempre faz para a criança, “dolce o carbone?”, doce ou senão presente ou carvão? E é claro a criança que for boazinha, ela ganha o presente, ganha o doce. Então, essa é a festa da “Befana”. Depois, nós fazemos o dia, comemoramos o Dia Nacional do Imigrante Italiano, que foi instituído na época pelo Vice-Presidente, o José Alencar, 2006 se não me falha a memória, sempre no dia 21 de fevereiro e até o ano passado nós fazíamos uma comemoração aberta ao público porém, à partir desse ano nós passamos a fazer uma comemoração fechada, voltada somente para a nossa colônia. Depois, nós fazemos a comemoração, também, do Dia Nacional da República Italiana no dia 2 de junho. Esse ano aqui nós vamos comemorar dia 5 de junho. E, geralmente, é uma sessão solene que nós fazemos na nossa sede de campo, aonde fala-se sobre a data, alguém fala sobre a data e como é uma comemoração italiana não pode faltar comida e um bom vinho, logo depois a gente faz um almoço regado a um bom vinho. Depois, no segundo semestre sim, aí a gente entra com o FestItália, que é o Festival da Cultura Italiana de Ribeirão Preto. Foi um projeto que nós começamos em 2006. Num primeiro momento foi em ambiente fechado, fechado ao público, só dentro da Dante Alighieri. Num segundo momento, nós fizemos junto com uma igreja aqui de Ribeirão Preto, a Santa Terezinha Doutora, aproveitando instalações e infraestrutura que eles já possuíam. E, à partir de 2010, com o apoio muito grande da Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto, nós passamos a realizar em ambiente aberto voltado ao público, no Alto do Morro de São Bento. Ele é um festival, acima de tudo ele não é apenas uma festa italiana, ele é um festival onde a gente procura desenvolver aspectos da cultura italiana, claro, como pintura, como palestra, como música, como dança e, claro, não podia faltar a gastronomia italiana, que é muito bem apreciada. Ela, geralmente, acontece na primeira quinzena de agosto de cada ano e esse ano aqui nós já vamos para a 11ª. (décima primeira) edição.

**N-** Bom, de atividades, então, aos sócios, seriam essas festas que o senhor, essas datas comemorativas que o senhor ...

**A-** Exatamente, muito eventualmente a gente consegue trazer algum palestrante que vem aqui e fala sobre, nós temos uma grande amizade com o escritor Carmelo Distanto que ele é um italiano radicado no Brasil, ele é um estudioso da língua italiana, ele já está bem idoso mas ele se dispõe e já nós fizemos duas palestras dele aqui, da Dante Alighieri, que ele fala sobre a formação da língua italiana. Ele é um *expert* no assunto. E, eventualmente, aparecendo alguma pessoa que tenha interesse, a gente promove a palestra.

**N-** Sim. E a Dante, também, oferece curso de língua italiana ou algum outro curso?

**A-** Isso. Nós oferecemos um curso de introdução à língua italiana. Ele é gratuito, ele é aberto ao público e esse curso, ele tem duração de uma aula semanal com duração de um semestre. Ele vai dar as noções básicas do curso, da língua italiana. A pessoa, depois, tendo interesse, ela pode se desenvolver através das outras escolas especializadas aqui em Ribeirão Preto.

**N-** Existem parceiros da Dante Alighieri, por exemplo, o poder público ou instituições privadas, dentre elas, Prefeitura, Universidades, Empresas, Vice-Consulado, e quais são as contribuições que são firmadas nessas parcerias, de repente, se existe alguma.

**A-** De todos esses agentes que você falou, Nicole, a gente tem apoio apenas da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, através da Secretaria Municipal da Cultura. Os demais, a gente gostaria muito de ter apoio, mas a gente sabe das limitações, hoje, provocadas pela atual situação financeira, não é, mas a Secretaria da Cultura tem dado o apoio possível e até o impossível para que a gente consiga desenvolver nossas atividades.

**N-** A Sociedade Dante Alighieri tem interesse em expandir sua atuação na cidade para além do FestItália, com novos projetos e parceiros? Por exemplo, atividades mais voltadas ao público que ainda não é sócio, atração de público para a Sociedade ...

**A-** É, nós estamos sempre em parceria com a Secretaria da Cultura, que é o grande agente catalizador das ações de cultura daqui de Ribeirão Preto, não tenho a menor dúvida. Nós já fizemos outros tipos de atividades mas não foram assim constantes como, por exemplo, o concerto que nós fizemos no Teatro Pedro II, nós apoiamos a realização de uma ópera que foi apresentada, também, no Teatro Pedro II e nós estamos abertos a qualquer tipo de atividade, qualquer tipo de ação cultural, que tenha como foco, obviamente, a cultura italiana.

**N-** Por exemplo, teriam interesse, então, de alguma forma, também, porque hoje, recentemente foi criada a instituição Casa da Memória Italiana, de repente se a Casa da Memória Italiana se interessar a criar atividades conjuntas com a Sociedade, então a Sociedade estaria disposta?

**A-** Muito bem. Desde o início do projeto da Casa da Memória Italiana, aqui em Ribeirão Preto, a gente tem acompanhado o desenvolvimento e a gente tem se disposto a atuar junto com eles. Não existe, ainda, nenhum projeto a ser desenvolvido em conjunto mas nós estamos dispostos, porque ambos, nós dois, ambos, tanto a Casa da Memória Italiana como a Sociedade Dante Alighieri, nós não temos, ainda, um espaço central, aqui em Ribeirão Preto, onde a gente possa desenvolver palestras abertas ao público. Eles não tem um espaço ainda lá dentro. A Casa da Memória Italiana é um grande exemplo de um imóvel preservado dos anos 40, que pertenceu a um imigrante, a família Biagi, e é um local que merece ser visitado. Só que lá, eles não tem um espaço, ainda, para fazer esse tipo. E nós, também, não temos aqui na cidade, nós temos apenas na nossa sede de campo, que dista mais ou menos uns 15 quilômetros daqui do centro da cidade, o que inviabiliza fazer atividades aberta ao público em geral. Mas sim, nós estamos procurando alternativa para criar um espaço aqui, no centro da cidade, onde a gente pudesse desenvolver

atividades conjuntas, palestras, concertos, tudo o que a gente puder desenvolver, projeto, a gente vai considerar.

**N-** Tudo bem. Eu gostaria de agradecer a disponibilidade e atenção do senhor.

**A-** Muito obrigado. Eu fico muito orgulhoso em poder participar desse seu projeto, porque tudo o que traz à volta, à baila, a cultura italiana, é o nosso foco.

**N-** Obrigada.

## Anexo 5: Termo de cessão de direitos de uso de material transcrito - Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração



### Termo de Cessão de Direitos de Uso de Material Transcrito

Pelo presente termo legal, o Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração (INCI), organização social vinculada à Secretaria de Estado da Cultura do Estado de São Paulo e gestora do Museu da Imigração, com sede na cidade São Paulo- SP, na Rua Visconde de Parnaíba, 1316, cede a Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth inscrito no CPF: 365.296.268-08, residente à Rua Itapura, 14, ap. 43; Bairro Jardim Paulista; Cidade de Ribeirão Preto CEP 14090-082 Tel.: (16) 988014202 adiante denominado(a) simplesmente CESSIONÁRIO, o direito de uso de material transcrito de entrevista de História Oral, relacionado a imigrantes e/ou descendentes de italianos integrante do acervo do Museu da Imigração

#### 1 - O OBJETO

O objeto central deste contrato consiste na cessão de direitos de uso, pelo Museu da Imigração ao CESSIONÁRIO, dos documentos relacionados em Anexo, que neste ato passa a fazer parte integrante e indissociável do presente contrato.

#### 2 - OS DEVERES DO CESSIONÁRIO

O CESSIONÁRIO se compromete desde já a utilizar o material de titularidade do Museu da Imigração, exclusivamente com a finalidade de pesquisa sobre os imigrantes italianos que o mesmo está a desenvolver na Universidade do Porto - Portugal, sendo proibida a comercialização das informações cedidas pelo Museu.

2.1 - O CESSIONÁRIO terá o direito de obter reproduções dos documentos de seu interesse cedidos pelo Museu da Imigração, obrigando-se a utilizá-las e fruí-las com absoluto conhecimento das recomendações porventura consignadas por autores ou indivíduos que constam no material listado em Anexo, observando a legislação nacional e internacional que rege os direitos autorais, bem como os direitos de personalidade;

2.2 - O CESSIONÁRIO se obriga a manter o Museu da Imigração incólume diante de quaisquer demandas de terceiros fundadas na utilização atual e posterior dos documentos de que trata este termo, obrigando-se a indenizá-los por eventuais prejuízos decorrentes da presente cessão;

2.3 - Na hipótese de utilização(ões) outra(s) dos documentos cedidos pelo Museu Imigração que ficarão em seu poder com qualquer outra finalidade comercial que não aquela(s) descrita(s) no caput desta Cláusula (2), o CESSIONÁRIO se obriga a solicitar previamente nova(s) autorização(ões) ao Museu da Imigração, detalhando os termos da(s) nova(s) utilização(ões).

2.4 - Excetuadas as hipóteses elencadas no *caput* e a prevista no item 2.3 supra, é vedada a utilização pelo CESSIONÁRIO do material que ficará em seu poder com qualquer outra finalidade comercial, quer de venda, quer de aluguel, quer de cessão a terceiros ou outras, acarretando o descumprimento desta determinação o devido ressarcimento por perdas e danos.

2.5 - É forçosa a menção, em qualquer das modalidades de utilização pretendidas pelo CESSIONÁRIO e a qualquer tempo, do seguinte crédito, legível e com destaque:

“Acervo do Museu da Imigração de São Paulo – Secretaria de Estado da Cultura”

2.6 - Os respectivos créditos dos autores e/ou titulares das obras intelectuais e documentos integrantes do acervo cedido deverão sempre ser apostos expressamente em qualquer utilização por parte do CESSIONÁRIO;



Destarte, por estarem justas e convencionadas, as partes firmam o presente termo em 02 (duas) vias de igual teor e conteúdo e para um só efeito.

São Paulo, 02 de fevereiro de 2016.

*cmbrnkl*

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

*Nicole Abbondanza Toth*

CESSIONÁRIO(A)



**TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE DOCUMENTOS – ANEXO**

- 1) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Adelmo Giovaninni
- 2) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Angelo Benigni
- 3) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Avelino Sulatte
- 4) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Agostinho Brandi
- 5) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Angelo Torrezani
- 6) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Annita Concetta C. Santos
- 7) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Antonia Meneghetti
- 8) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Bruno Caramelli
- 9) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Bruno Giovannetti
- 10) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Celestino Foltran
- 11) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Deuclides Belone
- 12) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Ephifania Laura
- 13) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Germana de Angelis
- 14) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – José Antônio Siqueira Lazzarini
- 15) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Mariana Dellarole Del Moro

- 16) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Oswaldo Cobra
- 17) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Vicente Fabbre
- 18) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Vicente Romano Neto
- 19) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Waldir Robbi
- 20) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Walter Radames Accorsi
- 21) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Domenico Laurenti
- 22) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Alfredo Di Cunto
- 23) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Angela Opido Alegria
- 24) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Carlo Aldigheri
- 25) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Francesco Romano
- 26) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Giovanna Nicoletti Facchinetti
- 27) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Giuseppe Facchinetti
- 28) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Giuseppe Farinaccio
- 29) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Guilherme Bellinato
- 30) Título: **Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Lucia Calabrese

**31) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Luigi Grande

**32) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Nicola Racioppi

**33) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Osvaldo Ernesto Felizi

**34) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Paolo Tognocchi

**35) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Pasquale Caporrino

**36) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Pietro Dalla Zanna

**37) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Umberta Kanasawa

**38) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Festa de Nossa Senhora das Neves

**39) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Festa de São Giacomo e Santana

**40) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Filomena Matarazzo Suplicy

**41) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Florio Ruberti Filho

**42) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Francisco Firmo P. Savoldi

**43) Título: Imigração Italiana**

Autoria: Depoimento – Giulia Gaggini Piastrelli

- 44) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Grandi Pierro Luigi
- 45) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Jocelir Chioatto
- 46) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Maria de Lourdes F. Camargo
- 47) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Maria Tulio Dias
- 48) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Maximiliano Alberti
- 49) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – Nunziato Petrizzo
- 50) Título: **Imigração Italiana**  
Autoria: Depoimento – San Giacomo 2

São Paulo, 02 de fevereiro de 2016.

*M. S. B. S.*

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

*Nicole Abbondanza Tatti*

CESSIONÁRIO(A)

## Anexo 6: Mapas da evolução da cidade de Ribeirão Preto

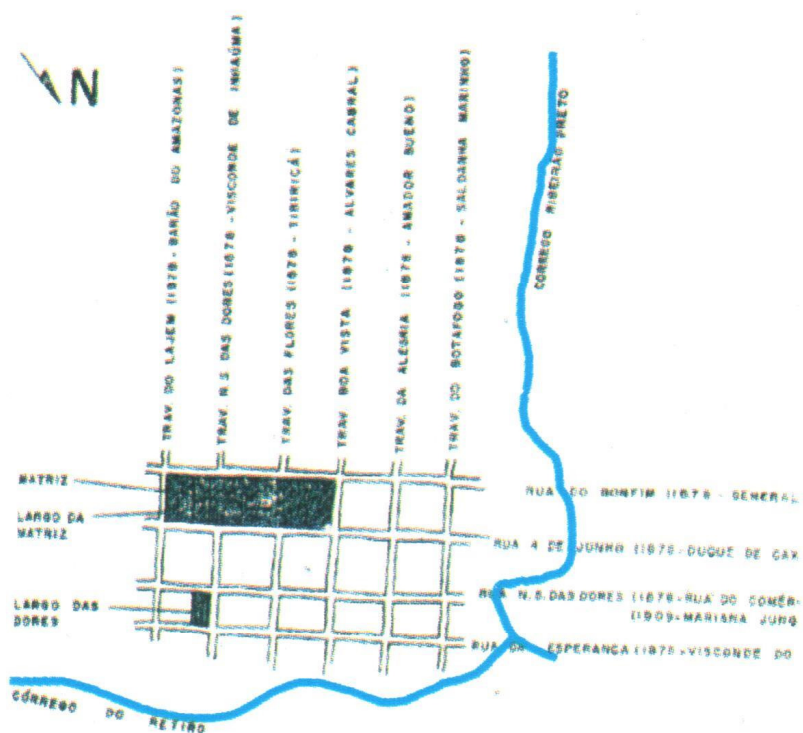
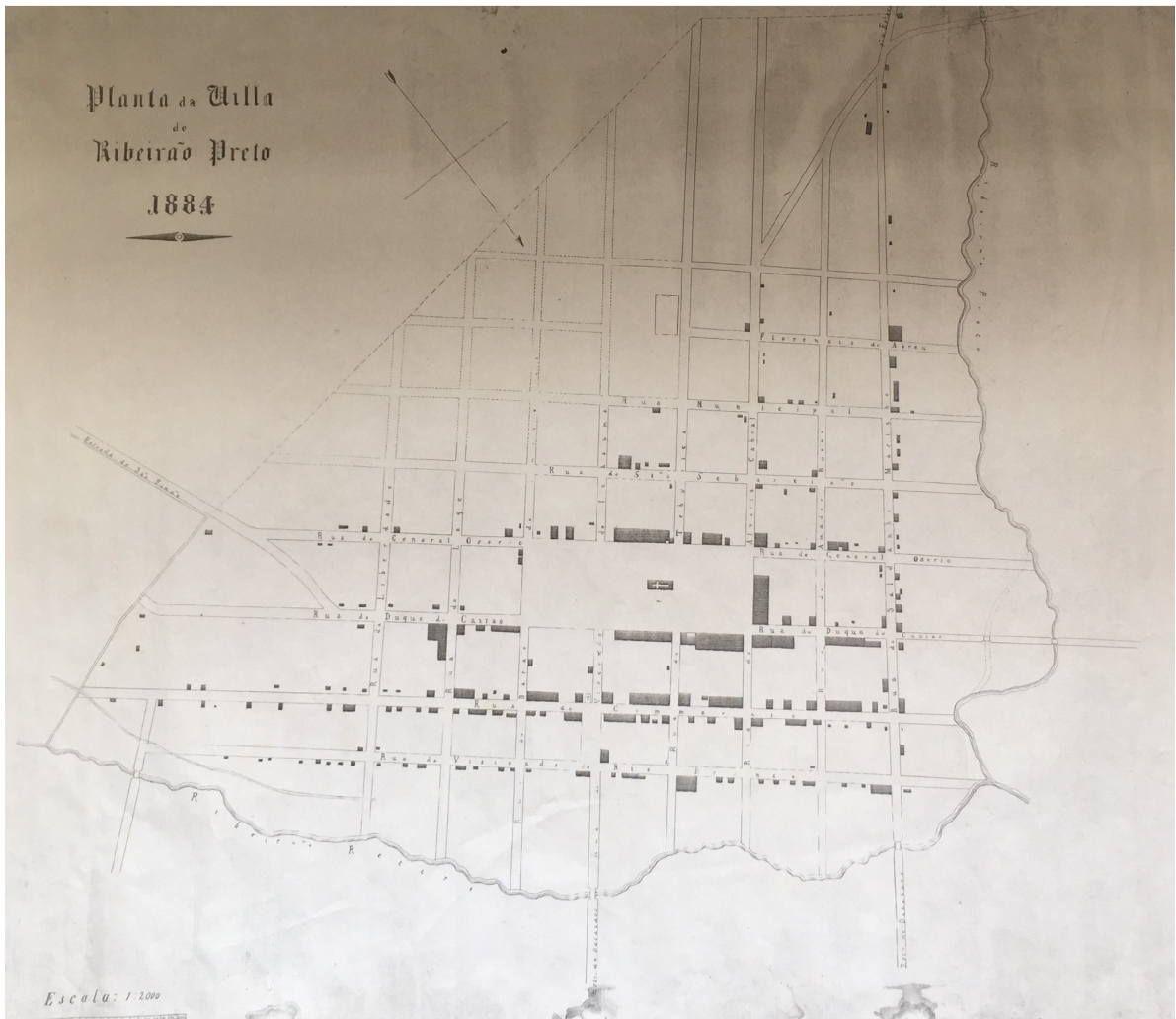


Figura 14: Mapa da cidade no ano de 1874.

Fonte: (MIGLIORINI, 1997, p.65, com alteração do autor).

Quadro 16: Mapa da cidade no ano de 1874. Fonte: Migliorini, 1997, como citado em Souza, Soriani; Zampollo, 2012, p.43.





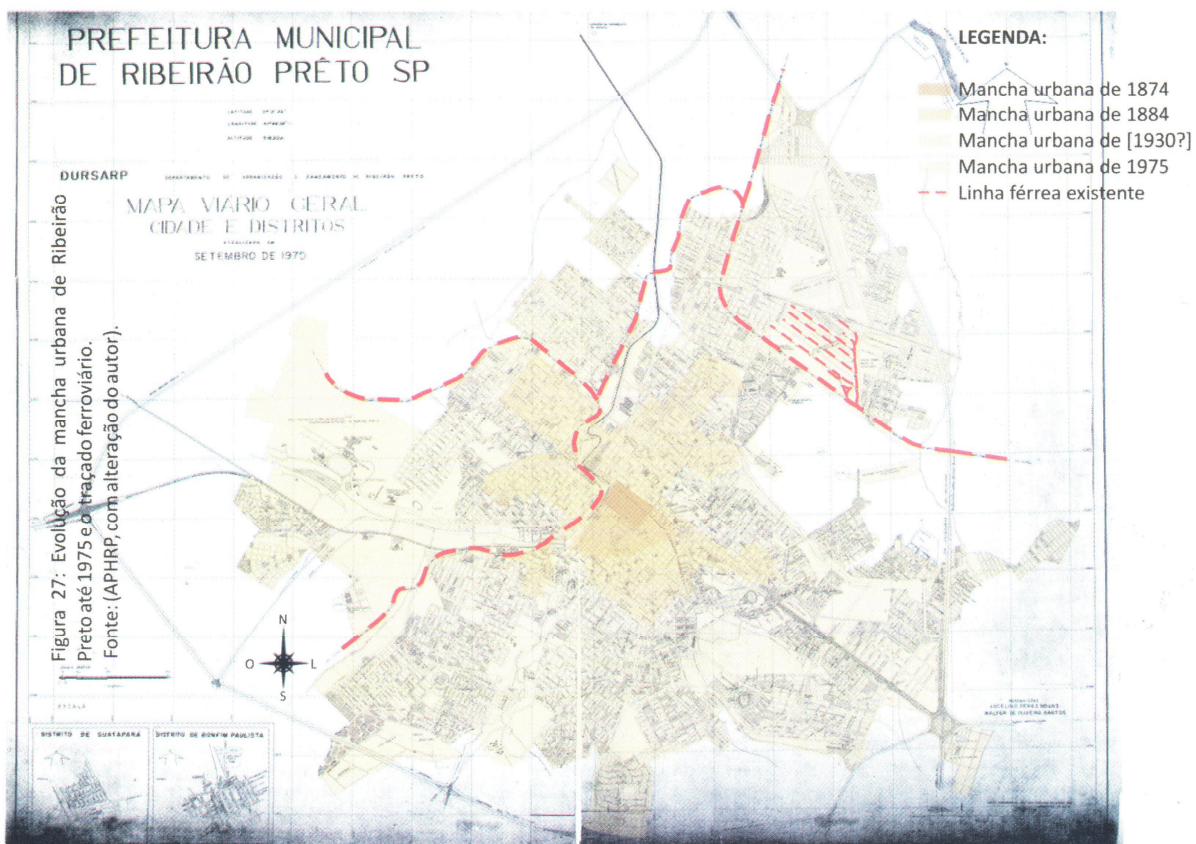
Quadro 17: Primeira planta oficial de Ribeirão Preto, em 1884, elaborada pelo Engenheiro da Companhia Mogiana Dr. Augusto Greimensen. Fonte: APHRP.



Figura 24: Mapa evolução da mancha urbana de Ribeirão Preto até o início da década de [1930?].  
 Fonte: (APHRP, com alteração do autor).

Quadro 18: Evolução da mancha urbana de Ribeirão Preto até o início da década de [1930?]. Fonte: APHRP como citado em Souza, Soriani; Zampollo, 2012, p.55.





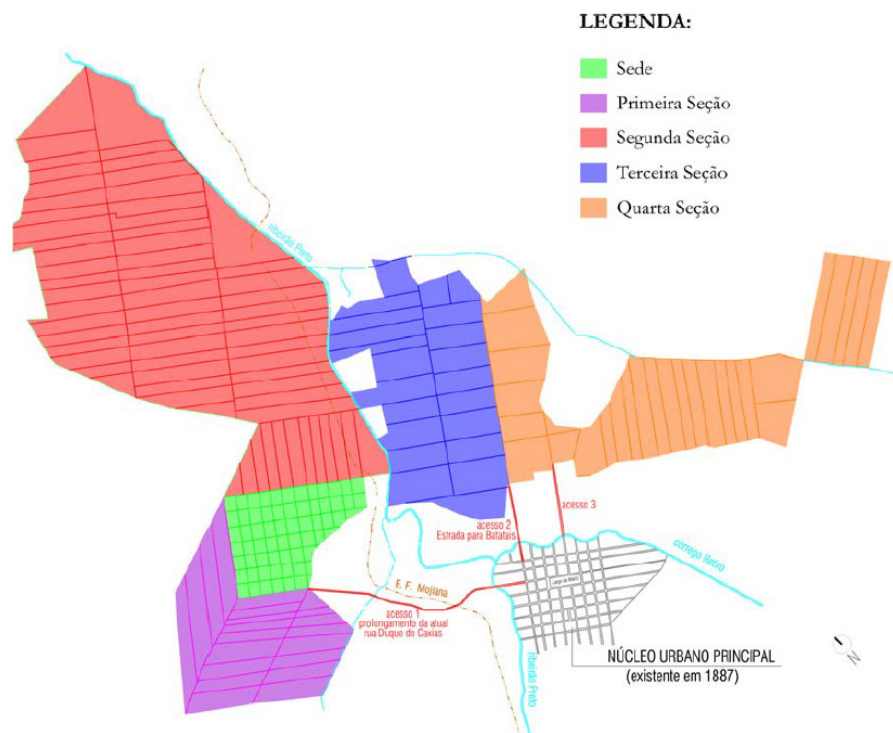
Quadro 19: Evolução da mancha urbana de Ribeirão Preto até 1975 e o traçado ferroviário. Fonte: APHRP como citado em Souza, Soriani; Zampollo, 2012, p.59.





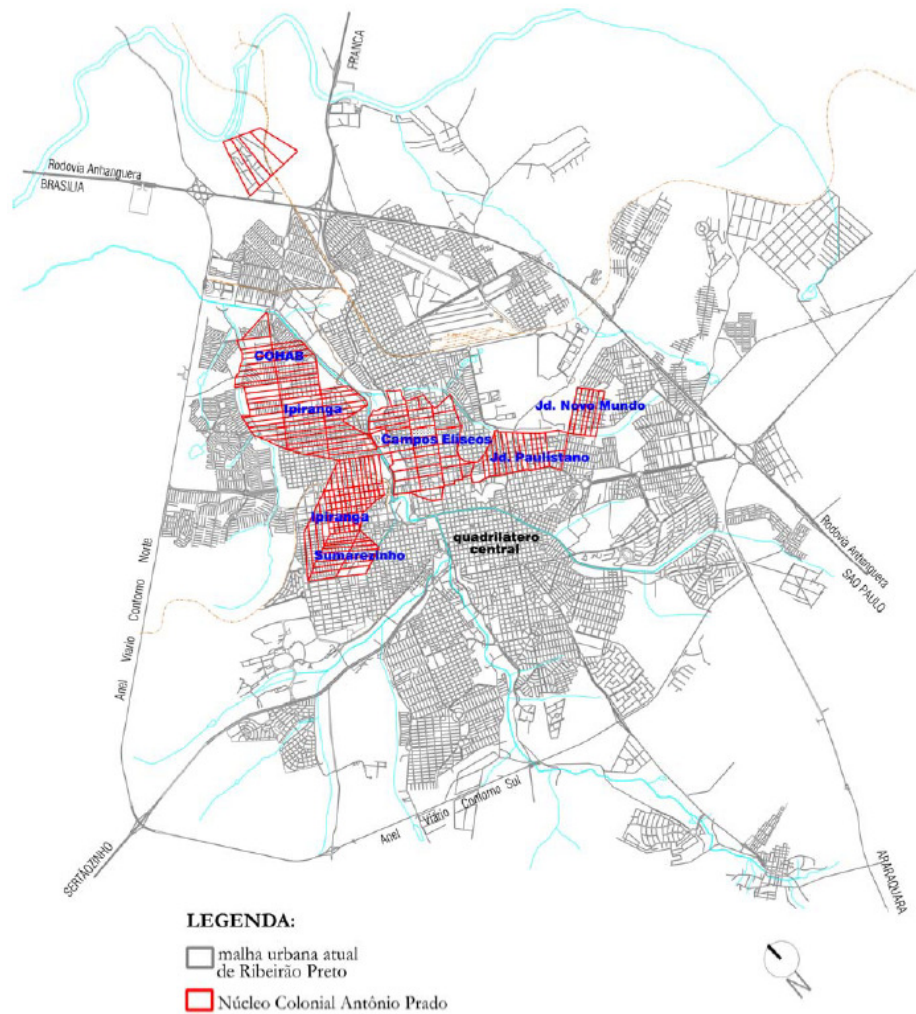
Fig. 15: Mapa original do Núcleo Colonial Antônio Prado (Fonte: APHRP)

Quadro 20: Mapa original do Núcleo Colonial Antônio Prado. Fonte: APHRP como citado em Silva, 2008, p. 58.



**Fig.17: Acessos da “cidade” ao Núcleo Colonial Antônio Prado (Fonte: SILVA, 2002)**

Quadro 21: Acessos da “cidade” ao Núcleo Colonial Antônio Prado. Fonte: Silva, 2002, como citado em Silva, 2008, p. 61.



**Fig. 01: Traçado do Núcleo Colonial Antônio Prado sobreposto à malha urbana de Ribeirão Preto (Fonte: SILVA, 2002)**

Quadro 22: Traçado do Núcleo Colonial Antônio Prado sobreposto à malha urbana de Ribeirão Preto. Fonte: Silva, 2002, como citado em Silva, 2008, p. 12.

## Anexo 7: Tabelas – População

TABELA 19. Evolução da População Urbana, Rural e Total segundo Municípios Polo de Ribeirão Preto, 1970/2007

Municípios	População Total					População Urbana				
	1970	1980	1991	2000	2007	1970	1980	1991	2000	2007
Altinópolis	10.819	12.744	13.619	15.463	16.973	5.241	7.337	9.509	12.532	14.520
Barrinha	8.430	12.563	18.736	24.150	28.403	6.850	11.497	18.205	23.888	28.184
Brodowski	8.328	11.201	13.756	17.104	19.516	5.268	9.164	11.765	16.252	18.803
Cajuru	13.725	16.237	20.183	20.755	22.555	7.462	10.348	15.600	18.382	20.570
Cássia dos Coqueiros	2.568	2.521	2.717	2.870	3.079	589	837	1.148	1.664	2.070
Cravinhos	14.230	16.942	22.417	26.349	32.777	9.937	13.809	20.439	27.123	31.751
Dumont	3.055	3.306	4.945	6.293	7.315	1.523	2.480	4.298	5.857	6.950
Guariba	11.448	18.893	28.619	31.061	33.118	9.144	16.234	27.301	30.200	32.398
Guataporã	*	*	*	6.365	7.088	*	*	*	4.140	5.226
Jaboticabal	38.779	46.985	58.936	67.325	73.028	29.592	40.869	53.733	63.761	70.045
Jardinópolis	16.992	19.677	24.053	30.660	35.725	10.933	15.601	20.955	28.003	33.502
Luis Antônio	3.083	2.933	5.777	7.146	8.141	625	1.254	3.753	6.545	7.638
Monte Alto	21.520	31.221	39.607	43.574	46.471	14.059	25.446	35.439	40.729	44.090
Pitangueiras	15.813	18.474	29.298	31.112	34.739	8.342	14.279	26.121	29.265	33.193
Pontal	13.731	16.742	22.694	29.608	34.714	7.309	12.317	20.696	28.515	33.800
Pradópolis	5.796	7.837	9.834	12.880	15.049	3.037	6.087	8.767	11.846	14.184
Ribeirão Preto	212.879	318.496	434.142	504.162	557.156	196.242	306.837	424.311	502.002	555.348
Sta Cruz Esperança	*	*	*	1.795	1.930	*	*	*	1.196	1.429
Sta Rosa do Viterbo	11.840	14.435	19.123	21.413	22.820	6.868	11.555	17.441	20.175	21.784
Sto Antonio Alegria	4.462	5.271	5.069	5.757	6.241	1.657	2.471	2.911	4.189	4.929
São Simão	12.728	10.670	11.955	13.658	14.963	7.681	7.977	10.246	11.925	13.513
Serra Azul	4.735	4.809	6.141	7.433	8.414	2.850	3.670	5.442	6.796	7.880
Serrana	8.995	14.336	22.997	32.499	39.668	6.692	12.657	21.998	31.718	39.015
Sertãozinho	31.066	51.544	78.266	94.499	105.879	22.878	45.130	73.039	90.373	102.425
Taquaral	*	*	*	2.721	2.861	*	*	*	2.580	2.743
Polo de RIBEIRÃO PRETO	475.022	657.837	892.884	1.058.652	1.178.623	364.779	577.856	833.117	1.019.656	1.145.990

(continuação)

(continua)

Municípios	População Rural					Grau de Urbanização				
	1970	1980	1991	2000	2007	1970	1980	1991	2000	2007
Altinópolis	5.578	5.407	4.110	2.931	2.453	48,4	57,6	69,8	81,0	85,5
Barrinha	1.580	1.066	531	262	219	81,3	91,5	97,2	98,9	99,2
Brodowski	3.060	2.037	1.991	852	713	63,3	81,8	85,5	95,0	96,3
Cajuru	6.263	5.889	4.583	2.373	1.985	54,4	63,7	77,3	88,6	91,2
Cássia dos Coqueiros	1.979	1.684	1.569	1.206	1.009	22,9	33,2	42,3	58,0	67,2
Cravinhos	4.293	3.133	1.978	1.226	1.026	69,8	81,5	91,2	95,7	96,9
Dumont	1.532	826	647	436	365	49,9	75,0	86,9	93,1	95,0
Guariba	2.304	2.659	1.318	861	720	79,9	85,9	95,4	97,2	97,8
Guataporã	*	*	*	2.225	1.862	*	*	*	65,0	73,7
Jaboticabal	9.187	6.116	5.203	3.564	2.983	76,3	87,0	91,2	94,7	95,9
Jardinópolis	6.059	4.076	3.098	2.657	2.223	64,3	79,3	87,1	91,3	93,8
Luis Antônio	2.458	1.679	2.024	601	503	20,3	42,8	65,0	91,6	93,8
Monte Alto	7.461	5.775	4.168	2.845	2.381	65,3	81,5	89,5	93,5	94,9
Pitangueiras	7.471	4.195	3.177	1.847	1.546	52,8	77,3	89,2	94,1	95,5
Pontal	6.422	4.425	1.998	1.093	914	53,2	73,6	91,2	96,3	97,4
Pradópolis	2.759	1.750	1.067	1.034	865	52,4	77,7	89,1	92,0	94,3
Ribeirão Preto	16.637	11.659	9.831	2.160	1.808	92,2	96,3	97,7	99,6	99,7
Sta Cruz Esperança	*	*	*	599	501	*	*	*	66,6	74,0
Sta Rosa do Viterbo	4.972	2.880	1.682	1.238	1.036	58,0	80,0	91,2	94,2	95,5
Sto Antonio Alegria	2.805	2.800	2.158	1.568	1.312	37,1	46,9	57,4	72,8	79,0
São Simão	5.047	2.693	1.709	1.733	1.450	60,3	74,8	85,7	87,3	90,3
Serra Azul	1.885	1.139	699	637	534	60,2	76,3	88,6	91,4	93,7
Serrana	2.303	1.679	999	781	653	74,4	88,3	95,7	97,6	98,4
Sertãozinho	8.188	6.414	5.227	4.126	3.454	73,6	87,6	93,3	95,6	96,7
Taquaral	*	*	*	141	118	*	*	*	94,8	95,9
Polo de RIBEIRÃO PRETO	110.243	79.981	59.767	38.996	32.633	76,8	87,8	93,3	96,3	97,2

Fonte: FIBGE. Censos Demográficos de 1970 a 2000; Fundação SEADE. Projeção populacional de 2007.

Quadro 23: Evolução da População Urbana, Rural e Total segundo municípios Polo de Ribeirão Preto, 1970/2007. (Destaque feito pela autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth). Fonte: Baeninger *et al.*, 2010, p. 180.



TABELA 21. Crescimento Absoluto Populacional, Crescimento Vegetativo e Saldo Migratório  
Polo de Ribeirão Preto, 1970/2007

Municípios	Crescimento Absoluto				Crescimento Vegetativo			
	1970/80	1980/91	91/2000	2000/2007	1970/80	1980/91	91/2000	2000/2007
Altinópolis	1.925	891	1.844	1.510	1.958	2.556	1.585	979
Barrinha	4.133	6.253	5.414	4.253	1.780	3.682	3.303	2.447
Brodowski	2.873	2.592	3.348	2.412	1.655	2.308	1.787	1.198
Cajuru	2.512	4.003	572	1.800	2.828	3.515	2.787	1.513
Cássia dos Coqueiros	-47	200	153	209	420	445	331	135
Cravinhos	2.712	5.551	5.932	4.428	2.958	3.660	2.939	1.898
Dumont	251	1.660	1.348	1.022	651	1.054	638	437
Guariba	7.445	9.850	2.442	2.057	3.275	7.028	5.082	2.625
Guataporá	*	*	*	723	*	*	*	500
Jaboticabal	8.206	12.124	8.389	5.703	6.689	9.452	5.620	3.575
Jardinópolis	2.685	4.441	6607	5065	3.077	4.084	3.257	2.285
Luis Antônio	-150	2.875	1.369	995	448	603	1.050	814
Monte Alto	9.701	8.506	3.967	2.897	4.252	6.275	3.759	1.819
Pitangueiras	2.794	10.824	1.814	3.627	2.755	5.450	5.135	3.218
Pontal	3.011	6.033	6.914	5.106	3.086	4.778	4.469	3.517
Pradópolis	2.041	2.026	3.046	2.169	1.394	2.118	1.352	1.111
<b>Ribeirão Preto</b>	<b>105.617</b>	<b>117.224</b>	<b>70.020</b>	<b>52.994</b>	<b>43.666</b>	<b>69.255</b>	<b>45.543</b>	<b>31.708</b>
Santa Cruz da Esperança	*	*	*	135	*	*	*	101
Santa Rosa do Viterbo	2.595	4.753	2.290	1.407	2.169	3.225	2.344	1.155
Santo Antonio da Alegria	809	-204	688	484	634	959	516	265
São Simão	-2.058	1.306	1703	1305	1.346	1.591	1.152	691
Serra Azul	74	1.351	1.292	981	741	1.105	1.012	625
Serrana	5.341	8.768	9502	7169	2.245	4.630	4.551	3.383
Sertãozinho	20.478	27.063	16.233	11.380	9.154	15.575	10.770	6.822
Taquaral	*	*	*	140	*	*	*	174
<b>Polo de RIBEIRÃO PRETO</b>	<b>182.948</b>	<b>238.090</b>	<b>165.768</b>	<b>119.971</b>	<b>97.181</b>	<b>153.348</b>	<b>108.982</b>	<b>72.995</b>

(continuação)

(continua)

Municípios	Saldo Migratório			
	1970/80	1980/91	91/2000	2000/2007
Altinópolis	-33	-1.665	259	531
Barrinha	2.353	2.571	2.111	1.806
Brodowski	1.218	284	1.561	1.214
Cajuru	-316	488	-2.215	287
Cássia dos Coqueiros	-467	-245	-178	74
Cravinhos	-246	1.891	2.993	2.530
Dumont	-400	606	710	585
Guariba	4.170	2.822	-2.640	-568
Guataporá	*	*	*	223
Jaboticabal	1.517	2.672	2.769	2.128
Jardinópolis	-392	357	3.350	2.780
Luis Antônio	-598	2.272	319	181
Monte Alto	5.449	2.231	208	1.078
Pitangueiras	39	5.374	-3.321	409
Pontal	-75	1.255	2.445	1.589
Pradópolis	647	-92	1.694	1.058
<b>Ribeirão Preto</b>	<b>61.951</b>	<b>47.969</b>	<b>24.477</b>	<b>21.286</b>
Santa Cruz da Esperança	*	*	*	34
Santa Rosa do Viterbo	426	1.528	-54	252
Santo Antonio da Alegria	175	-1.163	172	219
São Simão	-3.404	-285	551	614
Serra Azul	-667	246	280	356
Serrana	3.096	4.138	4.951	3.786
Sertãozinho	11.324	11.488	5.463	4.558
Taquaral	*	*	*	-34
<b>Polo de RIBEIRÃO PRETO</b>	<b>85.767</b>	<b>84.742</b>	<b>56.786</b>	<b>46.976</b>

Fonte: FIBGE. Censos Demográficos de 1970 a 2000; Fundação SEADE. Projeção populacional de 2007.  
(\*) Dados não disponíveis - municípios criados na década de 1990.

Quadro 24: Crescimento Absoluto Populacional, Crescimento Vegetativo e Saldo Migratório – Polo de Ribeirão Preto, 1970/2007. (Destaque feito pela autora da dissertação, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth). Fonte: Baeninger *et al.*, 2010, p. 187.

**Anexo 8: Lista de bens culturais tombados e em processo de tombamento, em Ribeirão Preto.**

Página 1

Denominação	natureza	endereço	Órgão de proteção	Tipo de proteção	Processo Adm/Expediente interno municipal	Instrumentos legais de preservação
Antiga Casa de Câmara e Cadeia		Rua Cerqueira Cesar, 383.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2002.073817-6	Resolução 14/04 - DOM de 26/07/04. Publicação de errata – correção do nº p/ 371 01/12/04. <b>Decreto Municipal</b> 060/03 de 17/03/03 Patrimônio Histórico e Decreto Municipal nº 443 de 22/12/04 -Tombamento. Tombo nº 0001.
Elementos remanescentes da antiga Cerâmica São Luiz		Rua Municipal, 32	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2003.015239-5	Resolução 01/03 – DOM 11/11/03. <b>Decreto Municipal</b> nº 012 de 28/01/04. Tombo nº 0002.

Página 2

UGT - União Geral dos Trabalhadores		Rua José Bonifácio, 59.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2003.028424-0	Resolução de tomb 02/03 – DOM de 11/11/03. <b>Decreto Municipal</b> nº 48 de 26/02/04. Tombo nº 0003.
Fachada/frontão e treliças da antiga Algodoeira Matarazzo		Rua Saldanha Marinho, 980	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.020536-0	<b>Decreto Municipal</b> nº 256 de 31/10/2007. Tombo nº 0004.
Estação do Alto		Rua João Delibo esquina com a Ernesto Petersen, s/n, Quintino Facci I.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2003.018602-8	Resolução 13/04 – DOM de 26/07/04. Publicação de errata (numeração do imóvel s/n) 01/12/04. <b>Decreto Municipal</b> nº 121 de 24/04/2008. Tombo nº 0005.

Palacete Joaquim Firmino		Rua Florêncio de Abreu, 411, esquina com a Rua Tibiriçá, 714.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.006587-8	Decreto Municipal n° 119 de 24/04/2008. Tombo n° 0006.
Túmulo de Veiga Miranda		Cemitério da Saudade, 1.775, sepultura n° 1.848, quadra 18.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.006588-6	Resolução 07/04 DOM de 16/07/04. Decreto Municipal n° 120 de 24/04/2008. Tombo n° 0007. Obs: decreto de tombamento 142/2007 tombou do tumulo Veiga Miranda, este decreto foi revogado por outro decreto n° 148/2007 e posteriormente veio o decreto n°120
Solar Francisco Murdocco		Rua São José, 606 complementos 610 a 624.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.015755-1	Decreto Municipal n° 131 de 06/05/2008. Tombo n° 0008.

Palacete Jorge Lobato		Rua Álvares Cabral, 716.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.011717-7	Decreto Municipal n° 219 de 11/07/2008. Tombo n° 0009.
-----------------------	--	--------------------------	---------	---------------------------------	------------------	--

Avenida 09 de Julho		Avenida 9 de julho.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.007613-6	Resolução 08/04. Decreto Municipal nº 220 de 11/07/2008. Tombo nº 0010.
Cervejaria Paulista		Rua Mariana Junqueira, 33.	CONPPAC E CONDEPHAA T	Tombamento definitivo municipal e estadual	02.2007.001653-0	Decreto Municipal nº 223 de 16/07/2008. Tombo nº 0011. Resolução Estadual SC nº 52 de 01/10/2007.
Museu de Arte de Ribeirão Preto "Pedro Manuel Gismondi" (MARP)		Rua Barão do Amazonas, 323.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2006.008166-6	Decreto Municipal nº 318 de 23/09/2008. Tombo nº 0012.
Bonfim Paulista			CONPPAC		02 2004 034596 0	
Primeiro Distrito Policial		Rua Duque de Caxias, 1048.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.017059-0	Decreto Municipal nº 365 de 06/11/2008. Tombo nº 0013.

Palacete Albino de Camargo Neto		Rua Visconde de Inhaúma, 241.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2004.027471-0	Decreto Municipal nº 132 de 06/05/2008. Tombo nº 0014.
Palacete Camilo de Mattos		Rua Duque de Caxias, 625.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02.2005.031909-0	Decreto Municipal nº 221 de 15/07/2008. Tombo nº 0015.
Edifício da Estação Barracão		Avenida Dom Pedro II esquina com Rua Rio Grande do Norte.	CONDEPHAA T	Tombamento definitivo estadual / tramitando tombamento de ofício no CONPPAC sob o nº 02 2009 052829 4		Inscrição nº 174, Livro de Tombo Histórico n. 01, p. 40, de 25/05/1982. Resolução SC nº 31 de 07/05/1982. Tombado de Ofício em reunião ordinária de 05/06/12 DECRETO Nº 335 de 29/dezembro 2014 publicado no DOM em 09/01/15
Remanescentes da antiga Fazenda Monte Alegre – edificações, o sistema viário e área verde		Campus da USP	CONDEPHAA T e CONPPAC /Processo de tombamento no Iphan-SP solicitados pelo então presidente do Iphan Dr. Carlos Heck	Tombamento definitivo estadual e Valor histórico e arquitetônico municipal	Processo 1470-T00-IPHAN	Resolução SC nº 07 de 22/03/1994. Proc. 24699/86. Homologação DOE 24/03/94, p. 69. Seção I. Lei Municipal 5341 de 20 de setembro de 1988 considera de valor histórico e arquitetônico os prédios dos Museus Histórico e do Café.



Antigo Solar Vila Lobos- "Casarão da Caramuru"		Avenida Caramuru, 230/232.	CONDEPHAA T e CONPPAC	Tombamento definitivo estadual e provisório municipal	02 2009 052819 7	Inscrição n° 285, Livro de Tombo Histórico, p. 73 de 08/06/1989. <b>Resolução Estadual SC n° 61</b> de 28/10/1988. <b>Lei Municipal n.º 4.881</b> de 06 de agosto de 1.986 considera de valor histórico e cultural.
Theatro Pedro II		Rua Álvares Cabral, 370	CONDEPHAA T	Tombamento definitivo estadual		Resolução n° 32 de 07/05/82 - DOE de 14/05/82 - Proc. 00297/73. Inscrição n° 186, Livro de Tombo Histórico 01, p. 44 de 17/06/1982.
Quartirão Paulista		Rua Álvares Cabral, 332, 354, 390, 396 e praça XV de Novembro.	CONDEPHAA T e CONPPAC Processo de Tombamento no IPHAN - SP Solicitado pelo então presidente do IPHAN Dr Carlos Heck	Tombamento definitivo estadual / em tramitação no município sob n° 02 2009 052841 3 / protocolo n° 01506001986 /2011 – 78 <b>IPHAN</b>	<b>Processo n. 1469-T-00 IPHAN / tombado de ofício em 03/07/12 conppac</b>	<b>Resolução Estadual SC 26</b> de 15/12/93. Proc. 29840/92. Homologação DOE 16/12/93. Inscrição n° 285, Livro de Tombo Histórico, p. 73, de 08/06/1989. <b>Lei Municipal 4584</b> de 13 de março de 1985 considera de valor histórico e cultural. Processo de Tombamento no IPHAN - SP Solicitado pelo então presidente do IPHAN Dr Carlos Heck

EE Otoniel Mota		Rua Prudente de Moraes, 764.	CONDEPHAA T	Tombamento definitivo estadual		Sessão Ordinária - 29/07/02 - Ata 1253 - Public. DOE de 25/09/02 seção I pag. 50. / <b>Resolução SC60 de 21/07/2010</b> publicada no DOE de 11/11/2010 reconhece valor cultural
EE Fábio Barreto		Rua Amador Bueno, 220.	CONDEPHAA T	Tombamento definitivo estadual		Sessão Ordinária - 29/07/02 - Ata 1253 - Public. DOE de 25/09/02 seção I pag. 50. / <b>Resolução SC60 de 21/07/2010</b> publicada no DOE de 11/11/2010 reconhece valor cultural
EE Dr. Guimarães Júnior		Rua Lafaiete, 584.	CONDEPHAA T	Tombamento definitivo estadual		Sessão Ordinária - 29/07/02 - Ata 1253 - Public. DOE de 25/09/02 seção I pag. 50. / <b>Resolução SC60 de 21/07/2010</b> publicada no DOE de 11/11/2010 reconhece valor cultural
EE Dona Sinhá Junqueira		Rua Conselheiro Dantas, 358.	CONDEPHAA T	Tombamento definitivo estadual		Sessão Ordinária - 29/07/02 - Ata 1253 - Public. DOE de 25/09/02 seção I pag. 50-- <b>Resolução SC-60 de 21/07/2010</b> DOE de 11/11/2010 reconhece valor cultural.

Edifício Diederichsen		Rua Álvares Cabral, 469.	CONDEPHAAT	Tombamento definitivo estadual		Resolução Estadual SC nº 33 de 08/08/2005.
Quarteirão Paulista		Rua Álvares Cabral, 332, 354, 390, 396 e praça XV de Novembro.	CONPPAC	Tombamento definitivo de ofício	02 2009 052841 3	tombado de ofício em 05/06/12 reunião ordinária - <b>Aguardando publicação de decreto</b>
Avenida Jerônimo Gonçalves		Avenida Jerônimo Gonçalves	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal em ata de 17/03/2009	02 2004 007614 4	Resolução 09/2004. DOM 16/07/2004 <b>Aguardando publicação de decreto</b>

Mercado Municipal		Rua São Sebastião, 130 - Centro - CEP 14015-140 Fone (16) 3610-8739	CONPPAC	Valor Histórico - municipal. <b>Tombamento Definitivo Municipal</b>	02 2006 034573 - 6	Lei ordinária municipal n. 6597 de 20/01/1993 Tombamento Definitivo Municipal Decreto nº 334 de 17/12/2010 / <b>Para inscrição em livro Tombo</b>
Capela do Marista		Rua Bernardino de Campos, n. 550	CONPPAC	Tombamento Definitivo Municipal	02 2008 017507 - 0	<b>Aguardando publicação de decreto</b>
Igreja Santo Antônio de Lisboa (Sto Antonio Pão dos Pobres)		Av. da Saudade 222. Cep: 14085-000.	CONPPAC	Tombamento definitivo municipal	02 2008 053834 3	<b>Aguardando publicação de decreto</b>
Imóvel Luiz da Gama		Rua Luiz Gama, n. 503	CONPPAC	Tombamento Definitivo municipal	02 2005 030064 0	<b>Aguardando publicação de decreto</b>

Imóvel n. 465/467 na Rua José Bonifácio - Casa Japão		José Bonifácio, 465/467	CONPPAC	Tombamento Definitivo municipal	02 2008 003130 3	decreto nº 039 09/02/2012 publicado no DOM do dia 10/02/12
Imóvel da Biblioteca Cultural "Altino Arantes"		Rua Duque de Caxias, 547	CONDEPHAAT e CONPPAC	Tombamento definitivo municipal ata de 04 de fevereiro de 2014. Área de ambiência - Estadual.	02 2009 052828 6	Resolução n. 03/2009. DOM:04/12/2009. Lei Municipal 4524 de 17 de agosto de 1984 considera de valor histórico e artístico. Reedição de tomb provis. Em 05/06/12
Acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto		Rua José da Silva, 915	Câmara Municipal de Ribeirão Preto / CONPPAC	Valor histórico / Tombado provisório em 06/09/11. Tombado definitivo em 16/03/12 em reunião ord. de 04/09/12	02 2010 053954 4	Lei n.º 8.445 de 20 de maio de 1.995 considera de valor histórico - Resolução nº03/12 DOM 16/03/12- <b>Aguardando publicação de Decreto</b>

Antiga Fábrica das Indústrias Reunidas Matarazzo		Avenida Costa e Silva nº 1111	Conppac	Tombamento definitivo Decreto nº 219 de 20/08/10 publicado no DOM em 23/08/10	02.2009.052825-1	Lei n.º 6.826 de 02 de junho de 1.994. Obs. Destombado- Lei n. 9.567 de 23 de maio de 2002: revoga em todos seus termos a lei 6.826/94 (projeto de lei n. 507/2002 – autoria de Cleoer Gomes da Silva). Decreto em aguardo. processo nº 1719/02 - 2ª Vara Cível desta Comarca, do Ministério Público do Estado de São Paulo. Resolução tomb. prov. 02/2009. DOM 04/12/2009. Decreto Municipal: 122 de 25/04/2008. Decreto Municipal Nº 219 de 20 de agosto de 2010 publicado no DOM 23/08/2010
Acervo dos jornais "Diário da Manhã", "A Tarde" e "A Palavra"			Câmara Municipal de Ribeirão Preto	Valor histórico		Lei n.º 6.514 de 16 de Outubro de 1.992 considera de valor histórico. Modificada pela Lei n.º 6.576 de 22 de
Hotel Brasil		General Osório, 20	Conppac	Valor histórico e arquitetônico. Tombamento Provisório. Tombamento definitivo em 06/11/12 em ata	02 2009 015342 8	Lei n.º 6.067 de 21 de agosto de 1.991 considera de valor histórico e arquitetônico. Tombamento provisório Resol nº 04/12 publicada DOM 19/07/12 - / <b>Aguardando publicação de decreto</b>

Palácio Rio Branco		Praça Barão do Rio Branco, s/nº	Conppac	Tombamento Provisório. Valor histórico e artístico. Tombamento definitivo sem decreto dia 06/09/11	02 2009 052816 2	Resolução n. 05/2009. DOM: 04/12/2009. Lei n.º 5.243 de 28 de março de 1.988 considera de valor histórico e artístico. Definitivo em reunião de 06/11/12 - <b>DECRETO MUNICIPAL nº 336</b> de 29 de dezembro de 2014 publicado no DOM
Capela e antigo pavilhão da santa casa de misericórdia		Av Saudade n.	Conppac	Tombamento definitivo	02 2009 052843-0	Resolução n. 04/2009. DOM: 04/12/2009. 04/02/14 faltando definição de elementos
Igreja Nossa Senhora do Rosário (Praça Coração de Maria)		R Martinico Prado, 599	Conppac	Tombamento provisório	02 2009 052815-4 reeditado sob nº 02 2014 012117 6	Resolução 02/2010 DOM 16/09/2010 - reeditado em 09/04/14 sob o nº 02 2014 012117 6 publ. DOM de 25/04/14
Antiga Fábrica de Refrigerantes Douradinha		Industrial, 98	Conppac	Tombamento Provisório - não tombado	02 2006 022283-9	Resolução 05/2010. DOM 26/11/2010
Conjunto arquitetônico da fazenda Santana (Fazenda Santa Iria)		km 53 Rdv Abrão Assed	Conppac	provisório	02 2004 041087-7	Resolução 03/2005 DOM de 04/10/2005

Igreja Santo Antonio de Pádua		Rua Paraíba, 767. CEP: 14080-020	Conppac	Tombamento provisório <b>Impugnado em 06/11/12</b>	02 2009 052820-0 anexado ao processo de tomb. nº02 2012 046751 4	Resolução: 03/2010. DOM 16/09/2010
Igreja Santo Antonio de Pádua		Rua Paraíba, 767. CEP: 14080-020	Conppac	Tombamento definitivo Impugnação em análise aguardando presidente	02 2012 046751 4	reunião de 06/11/12 em 04/02/14 foi levado em reunião para análise do pedido de impugnação de tomb definitivo e foi retirado da pauta para análise
Agrishow (Feira Internacional da Tecnologia Agrícola em Ação)		Rodovia Antonio Duarte Nogueira Km 321 - Ribeirão Preto - SP	Conppac	Registro provisório <b>IMPUGNADO em 03/06/14</b>	02 2009 008132-0	Decreto Municipal n. 024 20/02/2009 Não tombou dia 03/06/14 reunião ordinária
Companhia Penha de máquinas agrícolas (Sambra)		Av Brasil, 1724	Conppac	Tombamento Definitivo municipal	02 2003 026116-0	Resolução 12/2004, DOM 25/11/2004. Ata do CONPPAC de 5/07/2005. <b>def em ata 05/07/2005 .Aguardando publicação de decreto de tombamento</b>
Estação Ferroviária Silveira do Val			Conppac	tomb provisório	02 2003 034648-3	

Hospital Santa Tereza		Aldemo Perdizza, 495	Conppac	Tombamento Definitivo municipal	02 2004 015495-1	Resolução 03/2004, DOM 16/07/2004 - Aguardando Publicação de Decreto
Fazenda Aliança			Conppac		02 2009 014763-0	
Asilo padre Euclides		av Saudade 1577	Conppac	Tombamento provisório	02 2009 052826-0	Resolução: 04/2010. DOM 16/09/2010
Estádio Dr. Francisco de Palma Travassos (Franciscão)	para arquivar	Av Plínio de castro Prado, 35000	Conppac	Nenhum	02 2009 017378-0	Em reunião de 08/09/10 o CONPPAC votou contra o tombamento definitivo. Processo para arquivamento
Afoxé Orunmilá		Rua romano Coró sn /Rafael Defina	Conppac		02 2009 021889-9	

Imóvel da rua Nélio Guimarães		rua Nélio Guimarães, 983	Conppac		02 2005 034070-7	
Antigo imóvel da Estação São Paulo Minas (call center)		rua Antônio Grelet 121	Conppac	Tombamento Definitivo ?	02 2005 0232530	<b>Aguardando Publicação de Decreto</b>
Catedral Metropolitana de São Sebastião e Palácio Arquiepiscopal		Florêncio de abreu- Lafaiete	Conppac	Tombamento provisório	02 2006 0239468-0	<b>Resolução: 09/2010 DOM 17/01/2011</b>
Fazenda São Joaquim	finalizado	Rodovia Alexandre Balbo Km.333, CEP: 14040-800 Ribeirão Preto, SP	nenhum		02 2006 014284-3	em reunião ordinária do dia 03/07/12 decidiu-se pelo <b>Não tombamento</b> do bem



Sociedade Recreativa de Esporte		av Nove de Julho, 299	Conppac	Tombamento Provisório	02 2008 030134-3	Resolução 07/2010 DOM 26/11/2010
Conjunto de Obras de Bassano Vaccarini			Conppac	tombamento definitivo municipal	02 2006 019601 3	em reunião do dia 07/06/11 o conselho deliberou pelo tombamento definitivo
Mosteiro São Bento e Sete Capelas		Via São Bento s/n	Conppac IMPUGNADO	tomb provisório	02 2009 011595 0 anexado ao novo pedido de tombamento 02 2012 046752 2	Processo em tramitação sem tombamento
Bebidas Comandos - Refresco Douradinha		Rua São Paulo, n. 492, Campos Eliseos, Ribeirão Preto, SP. CEP: 14085-010	Conppac	Tombamento provisório	02 2006 022285 5	Resolução 05/2010 Ata de 05/09/2006 DOM 26/11/2010
Cemitério da Saudade e Sepulturas		Avenida Saudade, n. 1775, Campos Eliseos. CEP: 14080-000	Conppac		02 2009 052822 7	Processo em tramitação sem tombamento
Mosteiro São Bento e Sete Capelas		Praça Alto do São Bento s/n	CONPPAC	tombamento definitivo	02 2012 046752 2	tombado em 06/11/12. Foi levado para reunião de 04 /02/ 2014 para análise de imunização

Imóvel da Avenida Saudade n. 222		Avenida Saudade, n. 222	Conppac	Tombamento provisório/ definitivo reunião de	02 2008 053835 1 reeditado sob o nº 02 2014 014261 0 - tomb provis em 09/04/14- resol. Nº 07/14 publ DOM de 25/04/14	Resolução n.001/2009,
Conjunto artístico e cultural "Canteiro das Artes"		Praça Carlos Gomes	Condephaat e Conppac	ambiência estadual	02 2006 052145 3	Processo arquivado
Rua José Bonifácio		Rua José Bonifácio	Conppac	tombamento provisório	02 2008 035020 4	Processo em tramitação sem tombamento
Bens móveis e imóveis da ferrovia do município de Ribeirão Preto			Conppac	Tombamento provisório	02 2009 019376 4	Resolução 01/2010 - CONPPAC/RP- DOM 16/08/2010
Cia de Cervejaria Antarctica		Luiz da Cunha 192	CONPPAC	tombamento provisório em 06/09/11 Definitivo em 19/02/13	02 2011 035284 6	Resol 01/12 DOM 16/03/12 Tombado Definitivo em 19/02/13 aguardando Decreto
ETEC José Martimiano da Silva -Industrial		Rua Tamandaré, 520	CONPPAC	Tombamento provisório	02 2011 029661 0/ reedição processo nº 02 2014 0142530 provisório em 09/04/14	Lei que considera de valor histórico e artístico publicada no dia 06/07/2006. Resolução 02/12 DOM 16/03/12 - REEDITADO

Imóvel da rua Bernardino de Campos . 1071 - casarão Cury	para arquivar	Rua Bernardino de Campos n. 1071		Nenhum	02 2009 011596 8	Ata de reunião ordinária de 05/10/10 o Conselho votou <b>contra o tombamento definitivo</b> . Processo para arquivamento
Praça Aureliano de Gusmão (Sete de Setembro)		Quadrilátero formado pelas ruas Sete de Setembro, Lafaiete, Florêncio de Abreu e Floriano Peixoto	CONPPAC	Tombamento provisório municipal	02 2004 030436 8/ reeditado processo nº <b>02 2014 012122 2</b> -tomb provisório em 09/04/14 -resol. 04/14 DOM de 25/04/14	Ata de reunião ordinária de 4/10/2005, o CONPPAC votou favorável ao tombamento provisório. <b>Resolução de Tomb. Provisório 07/05. REEDITADO</b>
Praça Luiz de Camões		Rua Bernardino de Campos	CONPPAC	Tombamento provisório municipal	02 2004 030435 0 Cad. Mun.501825 - reeditado em 09/04/14 com o nº <b>02 2014 012120 6</b> - resol. 05/14 no DOM de 25/04/14	Ata de reunião ordinária de 4/10/2005, o CONPPAC votou favorável ao tombamento provisório. <b>Resolução de Tomb. Provisório 09/05. DOM 21/12/05 REEDITADO</b>

Praça Coração de Maria		Quadrilátero formado pelas ruas Martinico Prado, Conselheiro Dantos, Luiz da Cunha e Rodrigues Alves	CONPPAC	Tombamento provisório municipal <b>Definitivo 04/09/12</b>	02 2004 030437 6	reunião ordinária de 4/10/2005, tombamento provisório. Resolução de Tomb. Provisório 08/05. <b>Definitivo em 04/09/12 DECRETO MUNICIPAL nº 334</b> de 29/12/14 pulicado no DOM de 09/01/15
Praça Presidente Vargas (Vila Abranches)					02 2009 059953 1	
Igreja Vila Abranches					02 20010 026705 6	
Complexo Casa Amarela	público	fazenda baixadão	CONPPAC	Tombamento provisório municipal		Tombado Provisório em reunião ordinária de 19/02/13 -Resol nº 04/2013 DOM de 10/09/2013

Imóvel Rua Lafaiete	particular	Rua Lafaiete, 1149	CONPPAC	Tombamento provisório municipal	02 2012 047863 0 - Reedição de t provisório em 05/08/14 sob o nº 02 2014 031355 5	reunião de 06/11/12. Resol. Nº 01/13 Public DO de 13/05/13
Antigo HOTEL MODELO	particular	Rua Gal Osório, 64	CONPPAC	Tombamento provisório	02 2012 047876 1 Reedição de tombamento provisório sob o nº 02 2014 031355 5	reunião de 06/11/12. Resol. Nº 02 Public no DO de 13/05/2013
Casa Chiarello	particular	Rua Saldanha Marinho, 512	CONPPAC	Tombamento provisório	02 2012 047875 3	reunião de 06/11/12 Resol. Nº 03/2013 publicada no DOM de 13/05/2013
Casa da Cultura "Juscelino Kubitscheck	público	Praça Alto do São Bento s/n	CONPPAC	Tombamento Provisório	02 2012 047874 5	reunião de 04/06/13 - Resolução nº 05/13 DOM de 10/09/2013
Imóvel Rua Prudente de Moraes	particular	Rua Prudente de Moraes, 386	CONPPAC	Tombamento Provisório	02 2013 058304 5	reunião de 04/02/14 - Resolução nº 01/2014-DOM de 05/03/14
Imóvel Rua Álvares Cabral, 763	particular	Rua Álvares Cabral, 763	CONPPAC	Tombamento Provisório	02 2013 058303 7	reunião de 04/02/14 - Resolução nº 02/2014-DOM de 05/03/14
Entrada e Fonte do Bosque Fábio Barreto	público	Rua da Liberdade, s/n	CONPPAC	Tombamento Provisório	02 2013 058306 1	reunião de 04/02/14 Resolução nº 03/2014 - DOM de 05/03/14
Praça Sete de Setembro	público		CONPPAC	T. Provisório	02 2014 012122 2	reunião de 09/04/14 Resol. nº 04/14 no DOM 25/04/14

Praça Luiz de Camões	público		CONPPAC	T. Provisório	02 2014 012120 6	reunião de 09/04/14 - Resol nº 05/14 no DOM de 25/04/14
Igreja Nossa Senhora do Rosário	particular		CONPPAC	T. Provisório	02 2014 012117 6	reunião de 09/04/14 c- Resol. Nº 06/14 no DOM de 25/04/14
Imóvel Saudade, 222	particular	Av. Saudade 222	CONPPAC	T. Provisório reunião 09/04/14 - Definitivo em 07/04/15	02 2014 014261 0	reunião de 09/04/14 - Resol nº 07/14 no DOM de 25/04/14 - aguardando decreto
ETEC José Martimiano da Silva -Industrial	público	Rua Tamandaré, 520	CONPPAC	T. Provisório	02 2014 014253 0	reunião de 09/04/14 - Resol. Nº 08/14 no DOM de 25/04/14
Imóvel Bandeirantes cadastro nº 111.426 - Amazéns Reguladores de café	público	Av. Bandeirantes, 67	CONPPAC	provisório em reunião de 07/10/14 - Definitivo em reunião de 05/05/15	02 2014 035949 0	aguardando decreto
Lar Santana	particular	Rua Conselheiro Dantas, 85	CONPPAC	provisório	02 2014 052719 9	reunião de 04/02/15
edifício comercial da esq da Rua Visconde de Inhaúma e Florêncio de Abreu	particular	rua	CONPPAC	provisório	02 2015 010468 1	reunião de 07/04/15



## Anexo 9: Gráfico sobre a avaliação da importância das ações culturais propostas para Ribeirão Preto

Enecult

<http://www.slideshare.net/redeidentidadesculturais/enecult>

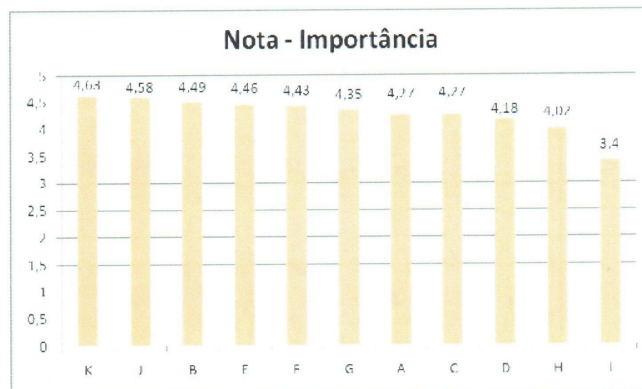


Gráfico 2 – Avaliação sobre a importância das ações culturais

### Escala

- ▶ Nota 1 – nenhuma importância
- ▶ Nota 2 – pouca importância
- ▶ Nota 3 – média importância
- ▶ Nota 4 – importante
- ▶ Nota 5 – grande importância

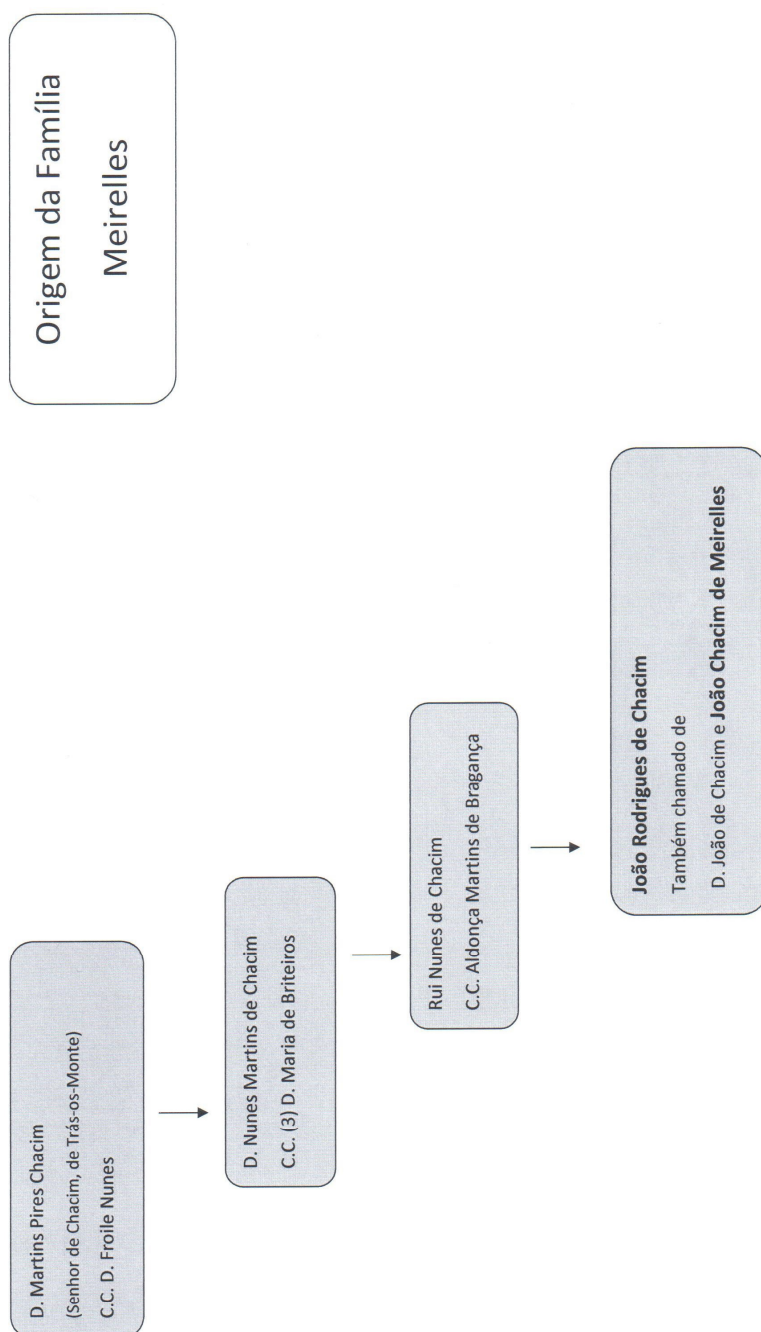
### LEGENDAS

- ▶ A – restauração do Casarão da Caramuru
- ▶ B – restauração do prédio do antigo Hotel Brasil
- ▶ C – restauração do prédio da antiga fábrica Cianê
- ▶ D – restauração do prédio dos antigos barracões do café da CEAGESP
- ▶ E – revitalização do Morro do São Bento
- ▶ F – revitalização dos Museus do Café e o Histórico
- ▶ G – realização de projetos que preservem a história da cultura negra e afro-descendente local
- ▶ H – realização de projetos que preservem a história da imigração italiana
- ▶ I – realização de projetos que preservem a história da imigração japonesa
- ▶ J – revitalização do Mercado
- ▶ K – abertura do prédio do antigo Hotel Palace como centro cultural

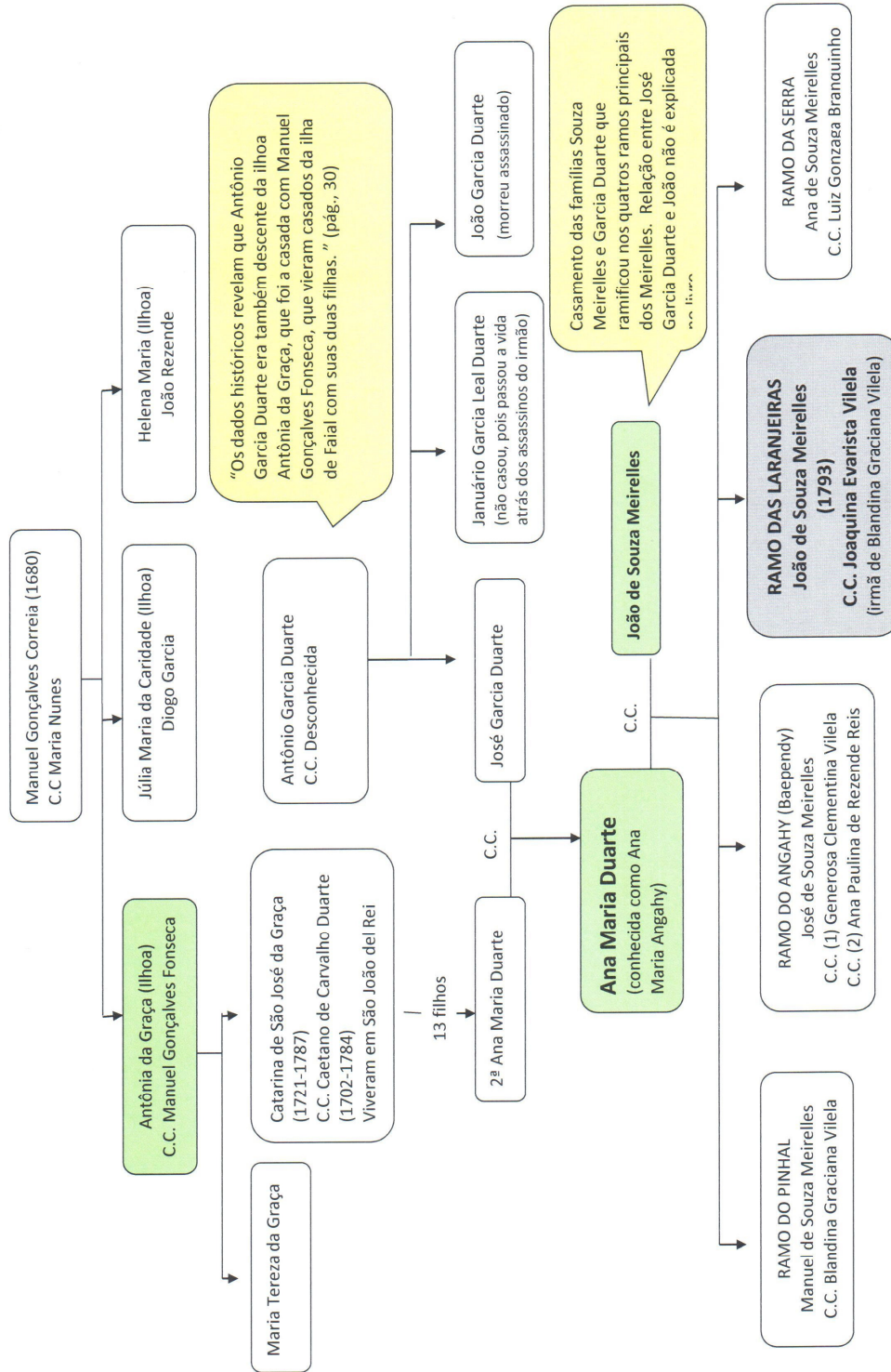
9

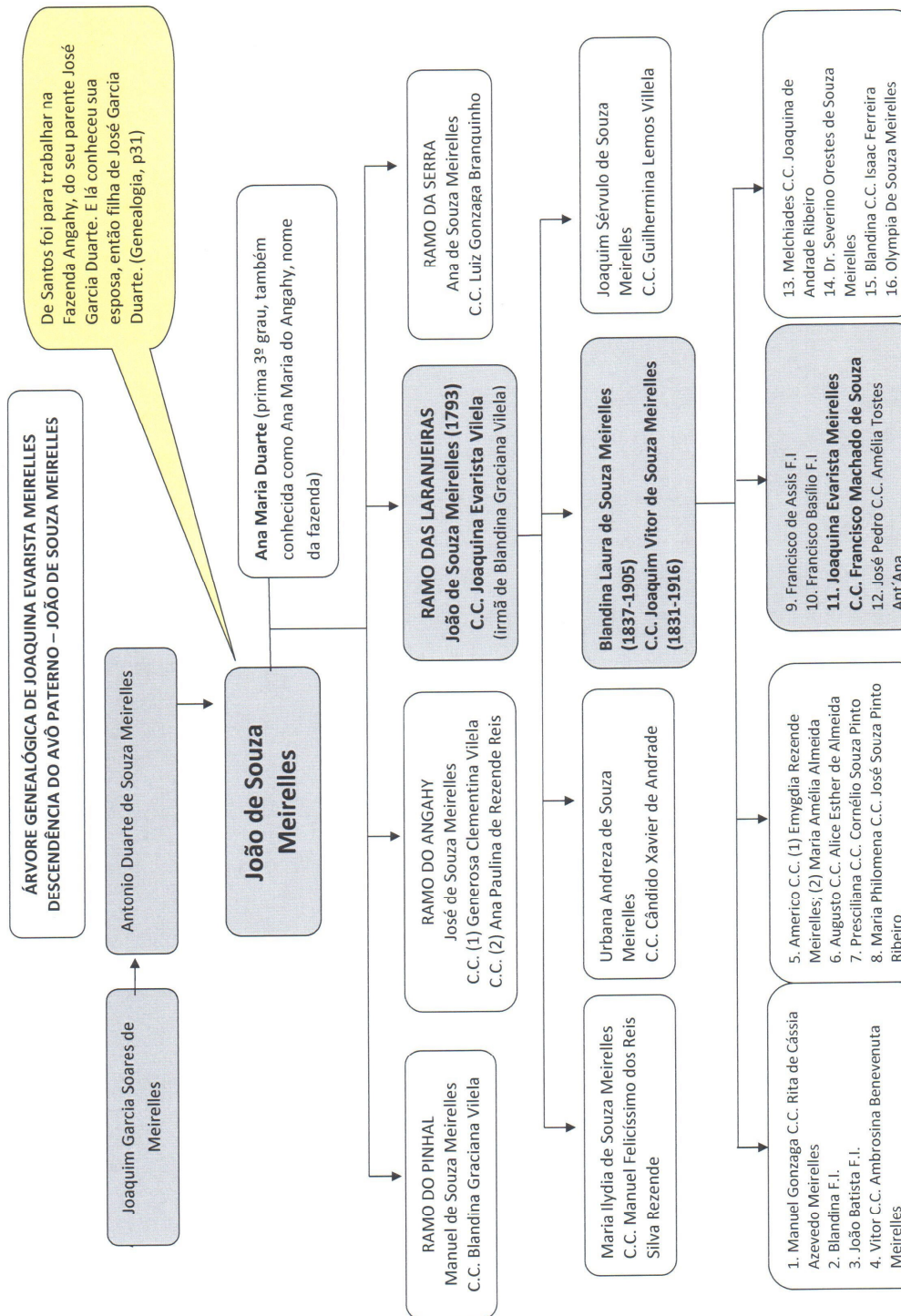
Quadro 25: Gráfico sobre a avaliação da importância das ações culturais propostas para Ribeirão Preto. Fonte: Tincani & Ferreira, 2011, p. 9.

**Anexo 10: Árvore genealógica da família Meirelles, criada pela Casa da Memória Italiana à partir de informações contidas no livro Santos e Meirelles, 1992.**



## FAMÍLIA GARCIA DUARTE + SOUZA MEIRELLES (DESCENDÊNCIA DE ANA MARIA DUARTE)





**Anexo 11: Entrevista realizada pela Casa da Memória Italiana com Francisco Machado de Souza Neto (neto de Joaquina Evarista Meirelles), sua esposa Regina Maria Carvalho e filhas Maria Marta e Carmem Rita. Transcrição cedida, amavelmente, pela Casa da Memória Italiana, em 08 abril, 2016.**

①

ENTREVISTA

Francisco Machado de Souza Neto, sua mulher Regina e filhas Maria Marta, Carmem Rita e Dulce

Data: 19 de maio de 2014

**Casa rua Tibiriçá:**

Todos confirmaram que o azulejo com ornamento de festão verde água é o mesmo que havia na fazenda Santa Rita, Bonfim Paulista –sede construída pela Joaquina Evarista Meirelles. Confirmaram que o azulejo tem origem portuguesa.

Apesar das reformas na fazenda Santa Rita a família ainda preservou alguns dos azulejos.

Confirmaram a história que a casa foi vendida com a porteira fechada. Contudo, provavelmente alguns dos móveis tenham sido retirados antes da venda.

A que tudo indica Joaquim Machado de Souza pode ter sim supervisionado as obras da construção da casa, pois foi ele que construiu varias edificações da fazenda Santa Rita.

O fato da casa ter como seu projetista um paulistano da capital talvez tenha sido influencia do parentesco de um dos irmãos mais velhos da avó da Lena, nora da Joaquina, o Antonio Dias de Gouveia, que estudou no exterior e tinha contatos e trabalhos na capital.

Weimar fala que é sabido por histórias contadas pela família Biagi, que a casa foi comprada com mobiliários. Carmem Rita fala que seu tio Mario contava que a casa foi vendida com porteira fechada.

A questão dos mobiliários serem de origem estrangeira foi discutida com Maria Marta, sendo afirmada que as imagens da capela na Fazenda Santa Rita foi importada da Europa, pelo seu tio Luiz Antonio Machado de Souza, quando



viajou trouxe para capela vitrais com a história de Santa Rita. A capela foi construída em 1951.

Alice pergunta para família o que a casa representava para família, sendo que havia a fazenda próxima a cidade, mas a residência era no centro da cidade de Ribeirão Preto.

Regina responde que a casa era o centro da família. Os filhos e noras de Joaquina, os irmãos dela e sobrinhos como Ferrerinha, conhecido como Vladimir Meirelles Ferreira e a mãe dele conhecido como "tia mim" Blandina Souza Meirelles Ferreira. Como toda a família morava em fazenda, quando precisavam ficar na cidade a casa da Tibiriçá era a referência.

Carmem Rita: A mãe do Dr. Eduardo Dutra de Oliveira é irmã da Joaquininha também. A Fazenda Santa Maria em Bonfim Paulista que pertencia a Marcio Meirelles, que agora está com seus filhos era sobrinho da Joaquininha. A região ao redor de Ribeirão Preto e em Bonfim Paulista era bem dizer tudo da família, da irmandade, porque todos eles receberam dote de casamento as terras.

A família tinha cinco fazendas, sendo todas de plantação de café. Na época Joaquina foi a segunda maior exportadora de café da região de ribeirão preto acima dela só havia Amélia Junqueira. Regina acrescenta que esse fato é afirmado com um quadro que eles tem e, que consta uma homenagem que o porto de Santos fizeram para ela.

Segundo Regina a fazenda era administrada primeiramente pelo seu marido, Francisco Machado de Souza. Depois que ele faleceu o filho mais velho com 15 anos "pegou o pião na unha e foi levando".

Weimar destaca como a Joaquina foi uma mulher aberta, contratando um arquiteto de São Paulo para fazer sua casa. Regina ressalta que esse fato é verdade, acrescentando ainda que ela havia uma casa em São Paulo.

Outro fator que contribui para o fato de ter um arquiteto vindo de São Paulo para construir a casa pode ter ligação com parentesco de um dos irmãos mais velhos da avó da Lena, nora da Joaquina, o Antonio Dias de Gouveia, era

formado em Engenharia civil nos Estados Unidos e quando ele veio para o Brasil construiu várias edificações. Carmem Rita liga aos fatos que ele possa amigo do Arnaldo Maia Lello e ter indicado para Francisco Machado de Souza. A casa em São Paulo ficava na rua Veridiana, no bairro em Higienópolis. Era um sobrado. Francisco lembrou de quando freqüentou essa casa ele tomava leite de cabra, pois eles passavam vendendo na rua, a própria cabra passava pela rua.

Alice perguntou: “Eu escutei falar que o filho mais velho, o Joaquim Machado de Souza, poderia ser engenheiro. Ele e sua mãe assinaram a planta como construtores. Vocês sabem de alguma referencia?”

Carmem Rita acrescenta que esse fato pode ter surgido, pois foi ele que construiu tudo na Fazenda Santa Rita –a primeira casa de madeira, a segunda de tijolo, a atual sede, a cocheira, a marcenaria, a colônia, o *terrão*, o esgoto. Tudo foi Joaquim que construiu.

Maria Marta explica que Joaquim construía as edificações, mas ele não era formado em engenharia.

Alice pergunta a Francisco se ele sabe se o Joaquim possa ter acompanhado as obras da casa? Diz não saber. Regina fala que ele tinha o dom da construção, mas não dá para colocar ele como responsável pela construção.

Francisco não sabia que a sua avó tinha construído essa casa, sempre acredito que havia comprado. Carmem Rita fala que ele e todos sabiam sim, pois seu avô Silvio Machado de Souza comentava esse fato.

Francisco diz que seu pai casou em 1925, mesmo ano em que a casa estava sendo finalizada. Regina lembra de uma fotografia do casal que estava no fundo da casa, na época que eles não ainda não tinham filhos e provavelmente deva ser dessa época.

Francisco acrescenta ter uma outra referência de imagem, mas desta vez é de sua bisavó. Uma raridade. Um quadro com a foto e envolta de desenhos com o cabelo dela.

Regina conta que o quadro já estava na fazenda quando passaram a morar na Fazenda Santa Rita. Sua sogra Madaglena passou a fazenda com esse pertence. O bordado com cabelo foi feito numa seda e com o tempo a imagem começou a ser modificada. Para estabilizar a situação Regina procurou um restaurador e colocou no vidro.

“Tem a foto dela e em volta a filha colocou um floral bordado com cabelo.”  
Carmem Rita.

#### Doação da casa:

Antes de terminar a casa a Joaquina doou para seus filhos com próprio usufruto. Tinha algum motivo para que isso seja feito?

Regina diz que a Dona Joaquininha era doente, tinha uma diabetes avançada o filho médico, Mario, que cuidou dela. Tanto que nos últimos anos de vida dela a nora dela, a Madaglena já morava na Fazenda Santa Rita. O Mario pegou a sua mãe Joaquina, não sabe se estava morando em São Paulo ou na casa em Ribeirão Preto, e instalou ela na Santa Rita num quarto preparado para cuidar dela. Nesse período, Mario sua mulher e três filhas também moraram na fazenda cuidando dos últimos tempos de vida da sua mãe.

Portanto, moraram na Fazenda Santa Rita provavelmente no ano de 1940 e 1941 as famílias dos dois irmãos Sylvio e Mario para cuidar da Joaquina E Meirelles.

Naquela época não tinha o controle de diabetes que existe hoje. Morria-se de diabetes.

#### **Fazenda Santa Rita:**

Maria Marta lembra de morar na infância na Fazenda Santa Rita e que todas as salas eram pintadas, de frutas (maçã, pera) e a parte marrom, como no barrado da casa, era uma pintura imitando madeira. Era uma pintura feita a mão com jornal, cerveja e tinta preta. Mas depois nós não conseguimos restaurar, porque não tinha quem fazia.



Weimar acrescenta que na época quem mexia com esse trabalho de pintura eram italianos. Lembra que os italianos eram envolvidos em arte citando os marmorarista que fizeram esculturas nos cemitérios. Weimar lembrou de quando criança os italianos mudavam para fazenda e faziam pinturas com stencil feito com uma espécie de rolo. Weimar acredita que as pinturas da casa tenha sido feita com essa técnica, porém aqui parece ser uma pintura mais sofisticada.

**Joaquina Evarista Meirelles:**

De família abastada ganhou toda a gleba de terra da Fazenda Santa Rita em Bonfim Paulista. Mas ela e o marido que construíram todas as edificações ao redor do córrego.

Sofreu da doença de diabete. Motivo esse que antes mesmo de findar a casa, em 1925, ela passa a casa para seus filhos.

Carmem Rita contou uma história quando a Joaquina E Meirelles ficava brava com os filhos, eles subiam com cavalo na entrada da casa da Fazenda Santa Rita, que na época não havia varanda, era apenas uma escada de cada lado. Eles subiam de um lado e desciam pelo outro e no meio do caminho ameaçavam entrar na casa. Como sabiam que Joaquina era brava faziam essa birra.

Os netos da Joaquina chamavam ela de *Vovó Quininha*. Da mesma forma, o filho dela, o Joaquim, é conhecido na família como *Quincas*.

Ao perguntar para Francisco sobre os hábitos de atividade da sua avó ele falou que ela não cozinhava na casa, pois tinha cozinheira. Batia o sino para chamar seus funcionários e trazer o que queria.

Dulce Maria fala da importância de Joaquina se destacar como mulher fazendária naquela época, pois todos eram homens. Ela carrega um valor importante para mulher daquele tempo, como também a Junqueira. Foram as duas mulheres que destacaram na sociedade.



**Francisco Machado de Souza Neto (memórias da casa e família):**

Nasceu em 1930, na cidade de Ribeirão Preto, sua irmã mais velha nasceu em Batatais. Não chegou a conhecer seu avô, a quem recebeu o nome.

As lembranças da convivência na casa são poucas. Lembra de visitar sua avó e brincar de *biroca* com o vizinho Zezinho Guimarrães. Brincavam de *biroca* ou bolinha de gude, no quintal grande da Dona Manuelita. Contou que Zezinho enterrava uma lata de baixo da terra e fazia uma mina.

O Zezinho Guimarrães depois formou em medicina e se tornou um importante médico. Ele já é falecido, em causa de acidente de trânsito.

Francisco brincava com vizinho, pois seus primos moravam em São Paulo.

Citou que já na época havia a oficina mecânica próxima a casa, Oficina dos Spadoni. Francisco lembrou que eram os irmãos *wilsons*.

Sua lembrança de infância na casa é quando dormia no quarto que dava para frente da rua Tibiriçá. Entre as frestas da janela de veneziana via as luzes dos carros passarem pelo quarto, lembra de ser engraçado. Foi até a sacada e ficou olhando para a rua que gerava esses momentos.

Disse que nesses quartos provavelmente tinham camas de criança, ou solteiro. Olhando para o jardim, disse que havia gramas baixas, mas era exatamente como estava agora.

“Você sabe né? Aqui foi meus tios Arlindo, Mario que venderam para os Biagi.”

“Eu não morei aqui na casa, nós vínhamos aqui para visitar minha avó. Depois que minha avó faleceu minha família foi morar no “Paraíso” na Fazenda Santa Rita.”

Francisco citou com muita ênfase a história de seu tio, o Quincas, o Joaquim Machado de Souza, filho da Joaquina que trabalhou muito na Fazenda Santa Rita, a partir de seus 16 anos. Por causa de um desentendimento ele foi para Campinas com ajuda da mãe e comprou uma fazenda em Jaguariuna. Criou oito filhos sendo todos eles tem nome com final CY.

A maioria dos filhos de Joaquina E Meirelles foram agricultores/lavradores, só o último filho, o Mario que foi médico. Ele tinha a Fazenda Mandujo em Restinga, que fez parte da herança deixada pela Joaquina E Meirelles. 26:10

Não lembra como era a disposição dos quartos entre os moradores da casa. Foi citado que o tio Arlindo morou na casa, mas por pouco tempo.

**Histórias na casa:**

Regina Maria Machado de Souza relatou uma história que sua sogra contou. Teve uma festa na casa, não sabe se foi a formatura do Mario, mas era um baile. O Sylvio Machado de Souza muito ciumento chamou sua mulher Maria Magdalena no quarto, assim que ela entrou ele trancou a e foi embora. Isso ela contava para mim.

Carmem Rita contou outra história do seu espirituoso avô Sylvio. Além dessa história do baile, a sua avó Madaglena contou que um dia Sylvio fez birra de ciúmes porque dançava com seus irmãos e ele tirou o sapato e ficou sentado na escada de meia.

O Sylvio Machado de Souza muito ciumento trancou sua mulher Maria Magdalena num dos quarto na casa, pois morria de ciúmes quando eles saiam e ela dançava com seus irmãos. Conta que Magdalena era uma exímia dançarina, pois vinha de uma família de músicos.

Carmem Rita conta que a Joaquina E Meirelles oferecia muita festa.

**Francisco Machado de Souza:**

Regina citou que segundo histórias que o neto de Joaquina, o Luiz Antonio, contava é que o seu avô Francisco Machado de Souza era na realidade Francisco Azevedo de Souza. Por causa de um desentendimento com a família mudou o nome.

O nome Azevedo foi substituído por Machado, nome esse que veio de seu melhor funcionário fiscal. Contudo, esse é uma história oral ainda não confirmada.

Regina aponta a necessidade de se estudar de que região o nome Machado de Souza surgiu. O que tudo indica é que ele deve ter casado com nome modificado.

Segundo a Regina, foi o Francisco que encontrou a Joaquina em Santa Rita do Passa Quatro.

**Fotografia do casal:**

Regina: 1:00:48: "Falando em fotografia, eu tenho uma fotografia da Joaquininha e do Francisco bem no começo da vida e são quadros grandes. Se interessar de tirar uma foto e colocar em algum lugar. Esses quadros estavam na Fazenda Santa Rita e certas quais Dona Madaglena, por saber que eu gostava e valorizava essas coisas deixou para mim na Fazenda. Agora que eu sai da Santa Rita comecei a restaurar algumas coisas e restaurei os dois. O Francisco ainda nem viu. Estão lindos. Coloquei moldura. Na época a moldura era estreita, mas agora me encantei com moldura grande."

É fotografia branco e preto e sem pintura colorindo.

**Fazenda Santa Rita:**

A história da Joaquina com a fazenda Santa Rita é que ela ganhou as terras, e precisou construir tudo. Inicialmente construiu uma casa bem simples na beira do rio. "Joaquina ganhou a terra, sem nada." "A última construção feita foi a sede." (Segundo Regina)

**Afrescos com imagem de fazenda:**

Nem a Regina e nem sua filha Dulce reconheceram as fazendas que estão nos dois pequenos afrescos descobertos na última pintura externa na casa.

Regina levantou a possibilidade de ser alguma fazenda da família em Santa Rita do Passa Quatro. A fazenda que a Joaquina administrava em St. Rita do Passa Quatro chama Bela Paisagem, e que atualmente está sendo reformada.

"Eu identifico nessas pinturas fazendas antigas. Se observar fotografias de fazendas de Minas Gerais é bem esse estilo."

**Histórias por Carmem Rita:**

A gleba de terra da Fazenda Santa Rita foi adquirida pelo pai de Joaquina em 1830, por José da Cunha Junqueira, sendo que a extensão de terra chega até a cidade de Luiz Antonio. Joaquim Victor de Souza Meirelles doa para sua filha Joaquina Evarista de Souza Meirelles essas terras como dote de casamento. (sendo essa passagem citada na história da Fazenda Santa Rita por Regina, como sendo o ano de 1890).

01:04:23 "Eu estava comentando que eu vou atrás dos nossos parentes em Campinas, filhos e netos da tia mais velha, já falecida, esposa do tio Quincas. Eu vou puxar história desse filho da Joaquina e ver se consigo fotos e histórias. Por que eu também vou escrever o livro da Fazenda Santa Rita."

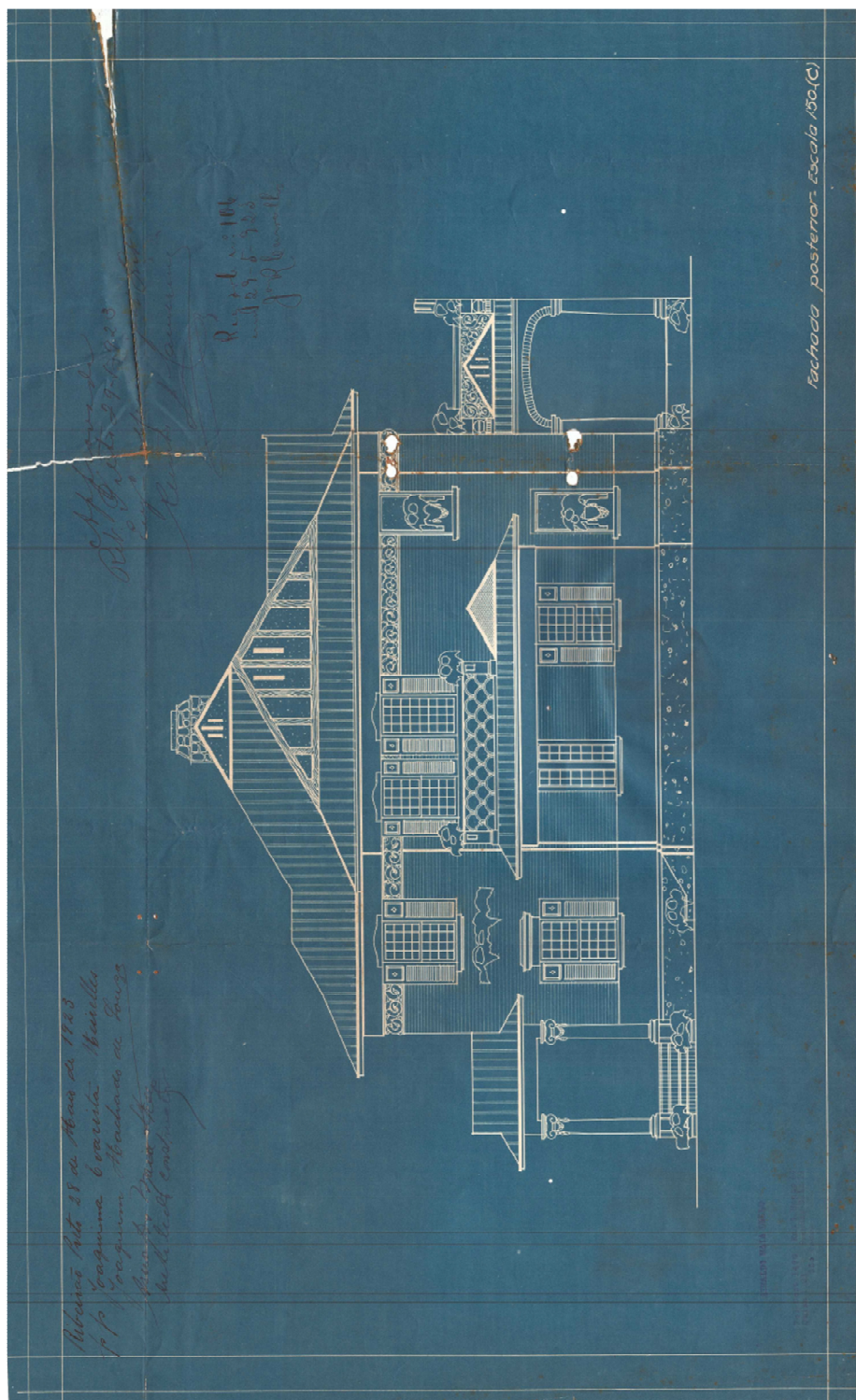
**PRESERVAÇÃO DA CASA:**

Weimar (57:30): "Eu sempre quis fazer isso. Eu quis comprar uma casa na São José para restaurar, mas o proprietário pediu um valor caro e a restauração ia ficar muito caro. Quando morreu a tia Angé eu vim ver a casa e não lembrava, pois quando vim foi num velório na salinha. Assim, que vi falei para tia Edilah que ela não poderia vender por causa da conservação da casa. Consegui convencer a tia Edilah a não vender. Como a Dea não quis doar eu comprei a parte dela e o Maurilinho comprou o móveis que eram das herdeiras. E agora aqui é um Instituto Casa da Memória Italiana e estamos levantando a história da casa, das famílias e da vizinhança. Trabalhamos também com a memória da cidade e não apenas italiano."

O fato é que em 1915 havia mais italiano que brasileiro. Apoiado ao Maurílio que queria fazer um museu da memória italiana decidiram que a casa seria esse espaço. Assim, juntaram as idéias e começaram os trabalhos de pesquisa, criação de um museu, preservação da casa e levantar a memória da redondeza da casa italiana. 01:00:29

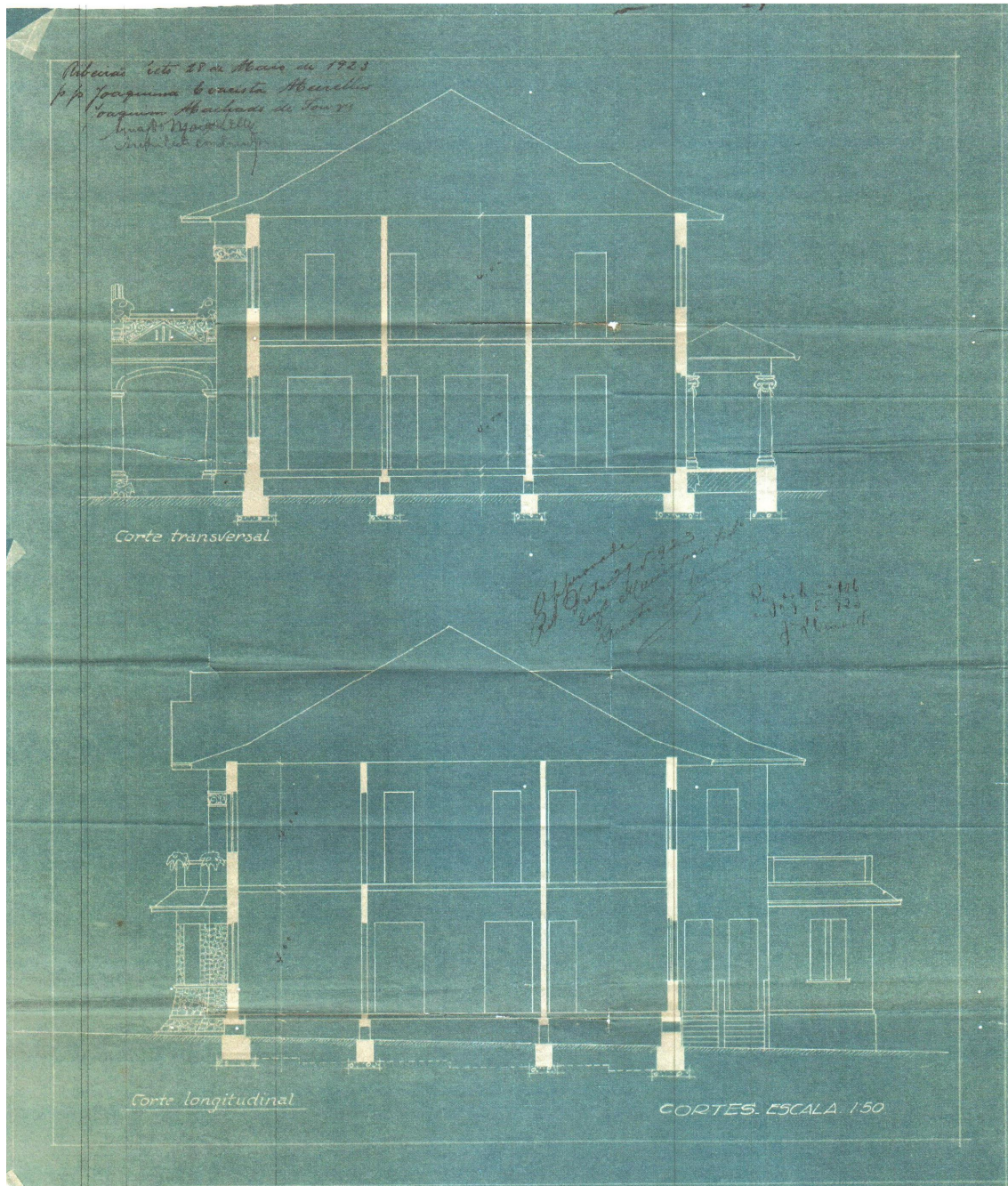


## Anexo 12: Plantas originais da Casa da Memória Italiana



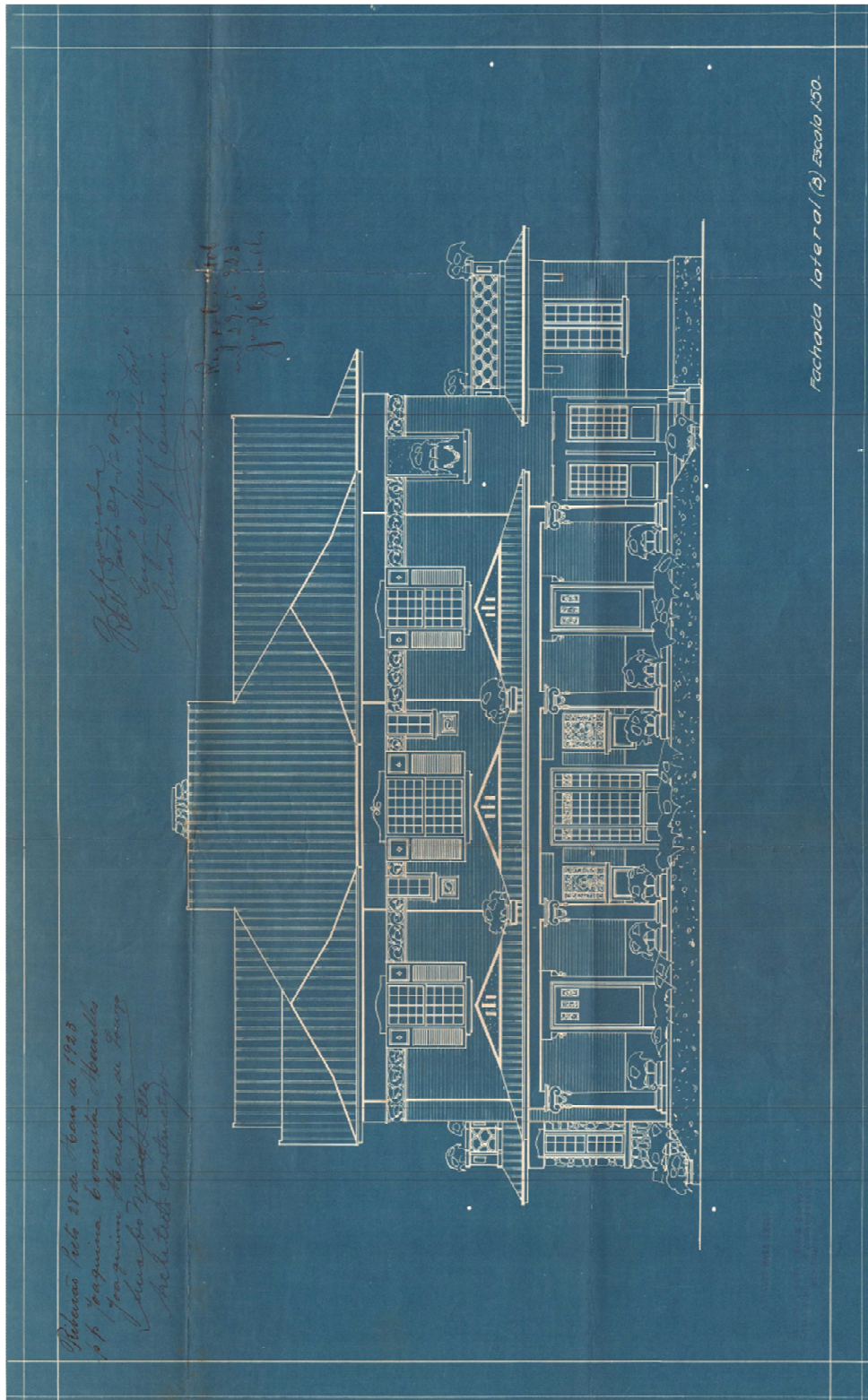
Quadro 26: Planta da fachada posterior, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.





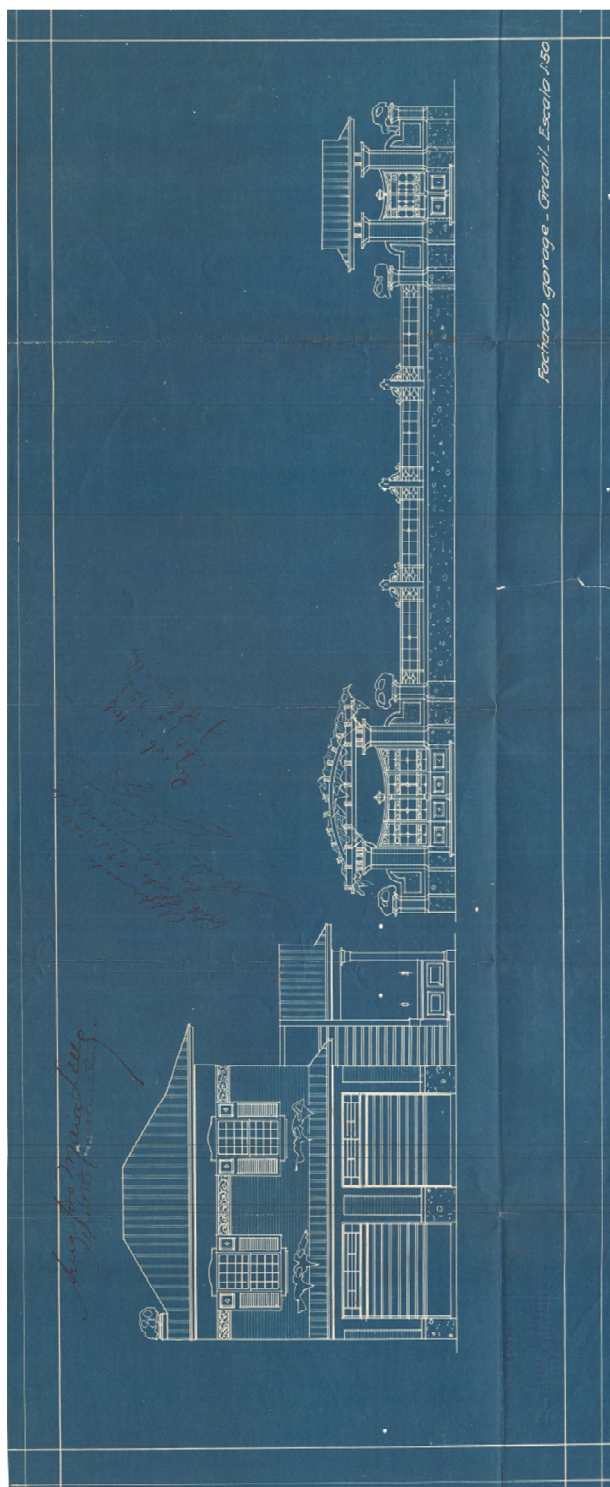
Quadro 27: Planta Cortes transversal e longitudinal, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



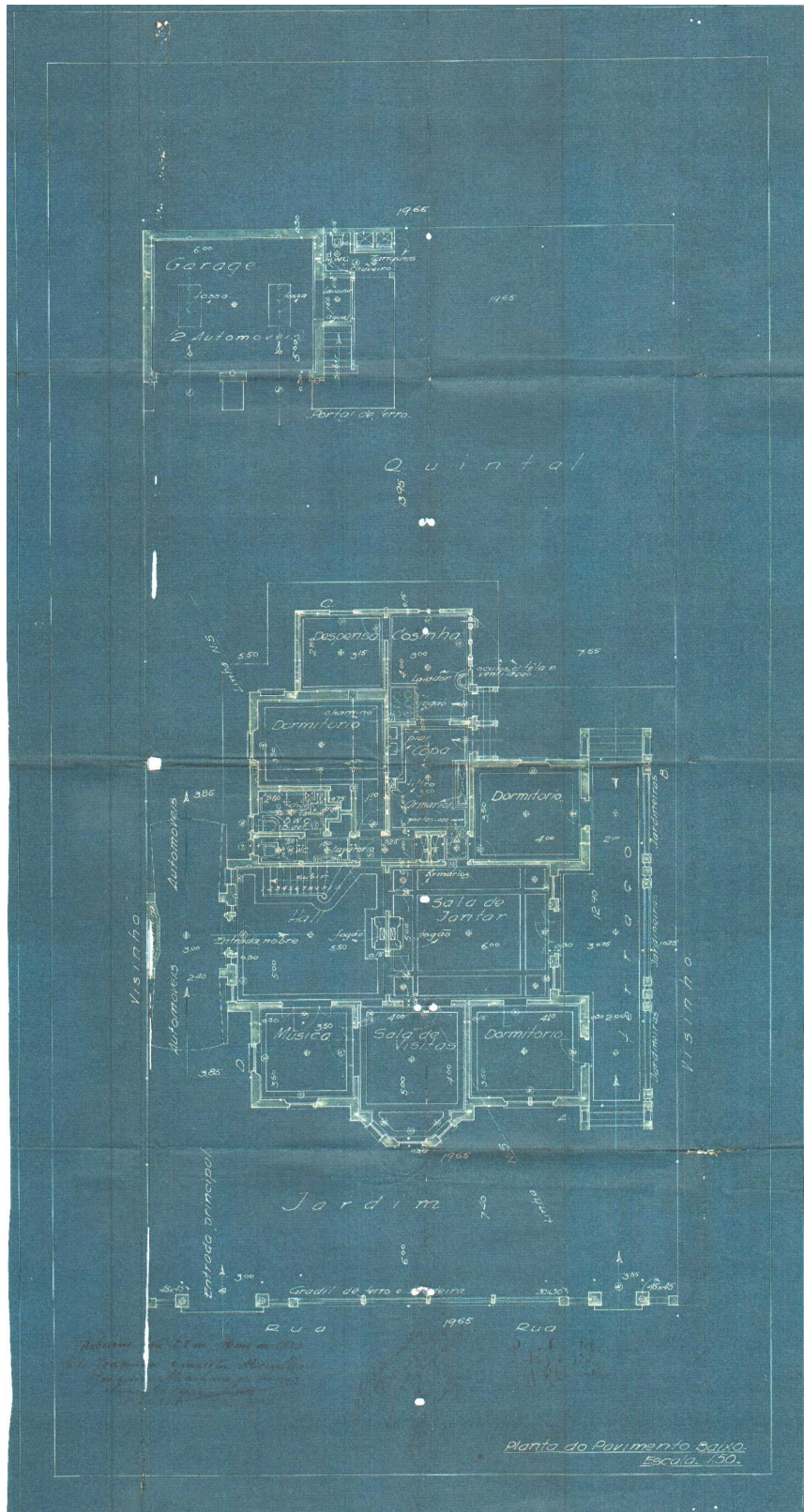


Quadro 28: Planta da fachada lateral, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



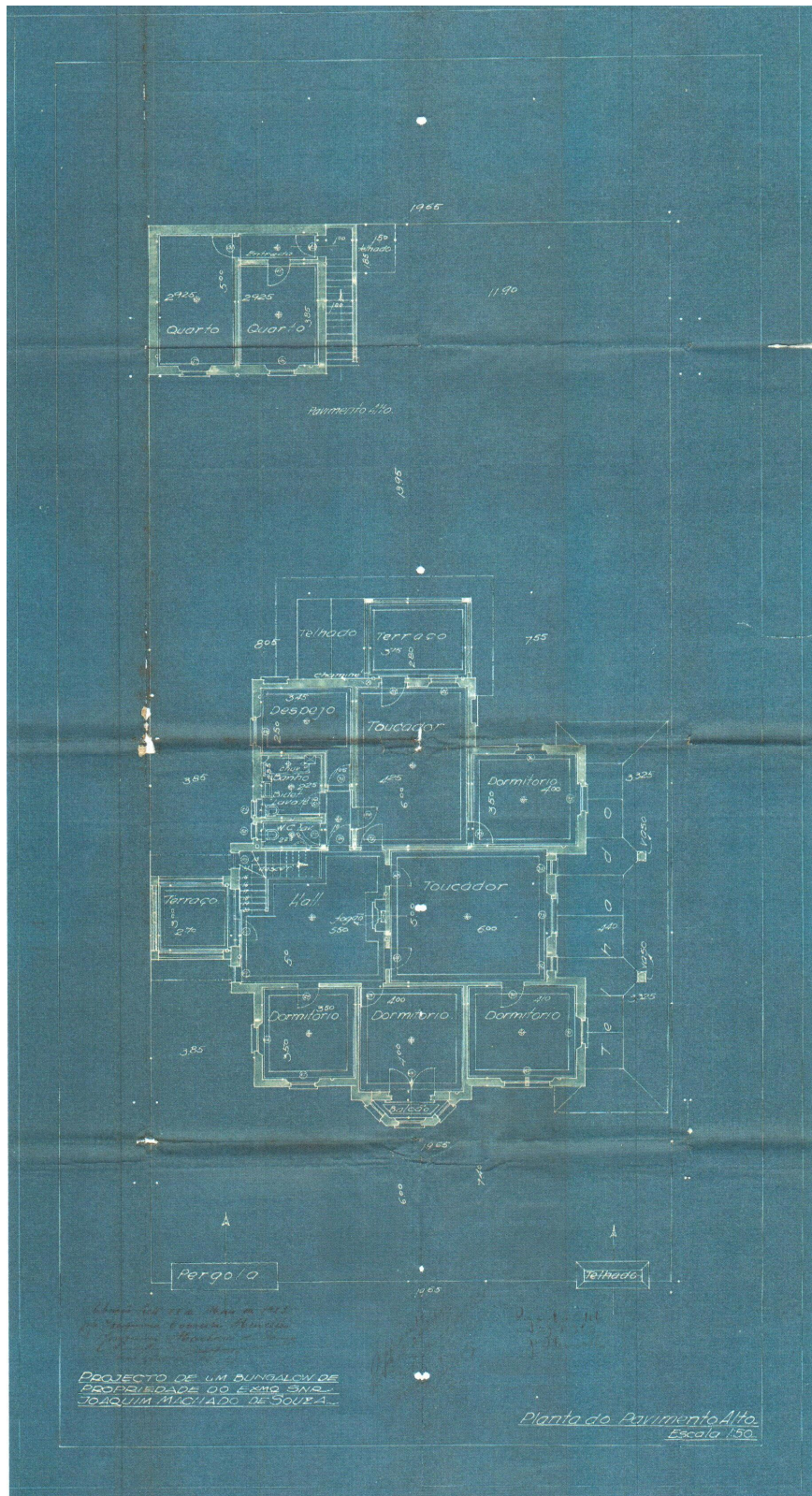


Quadro 29: Planta da fachada da garagem/gradil, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



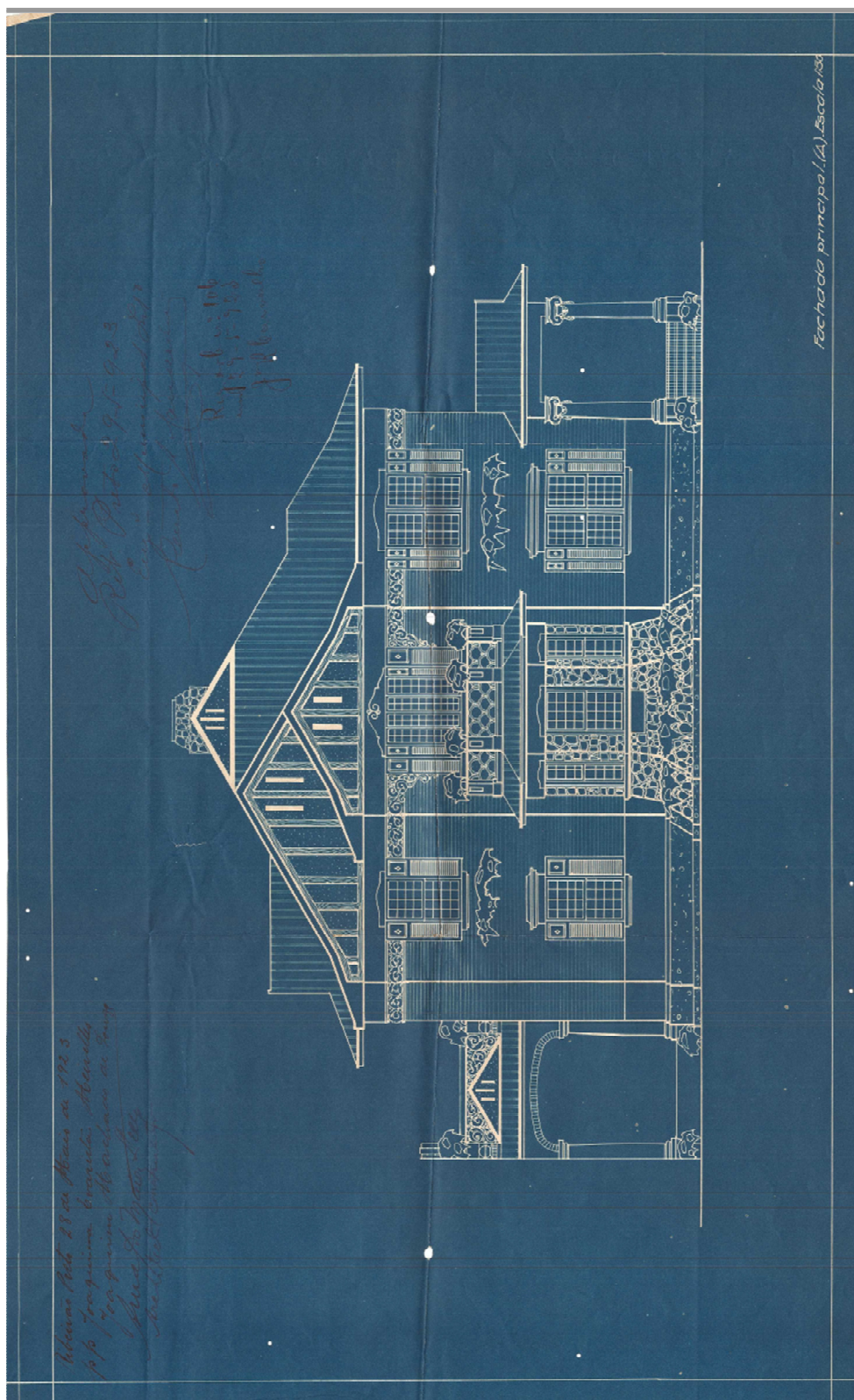
Quadro 30: Planta do pavimento baixo, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



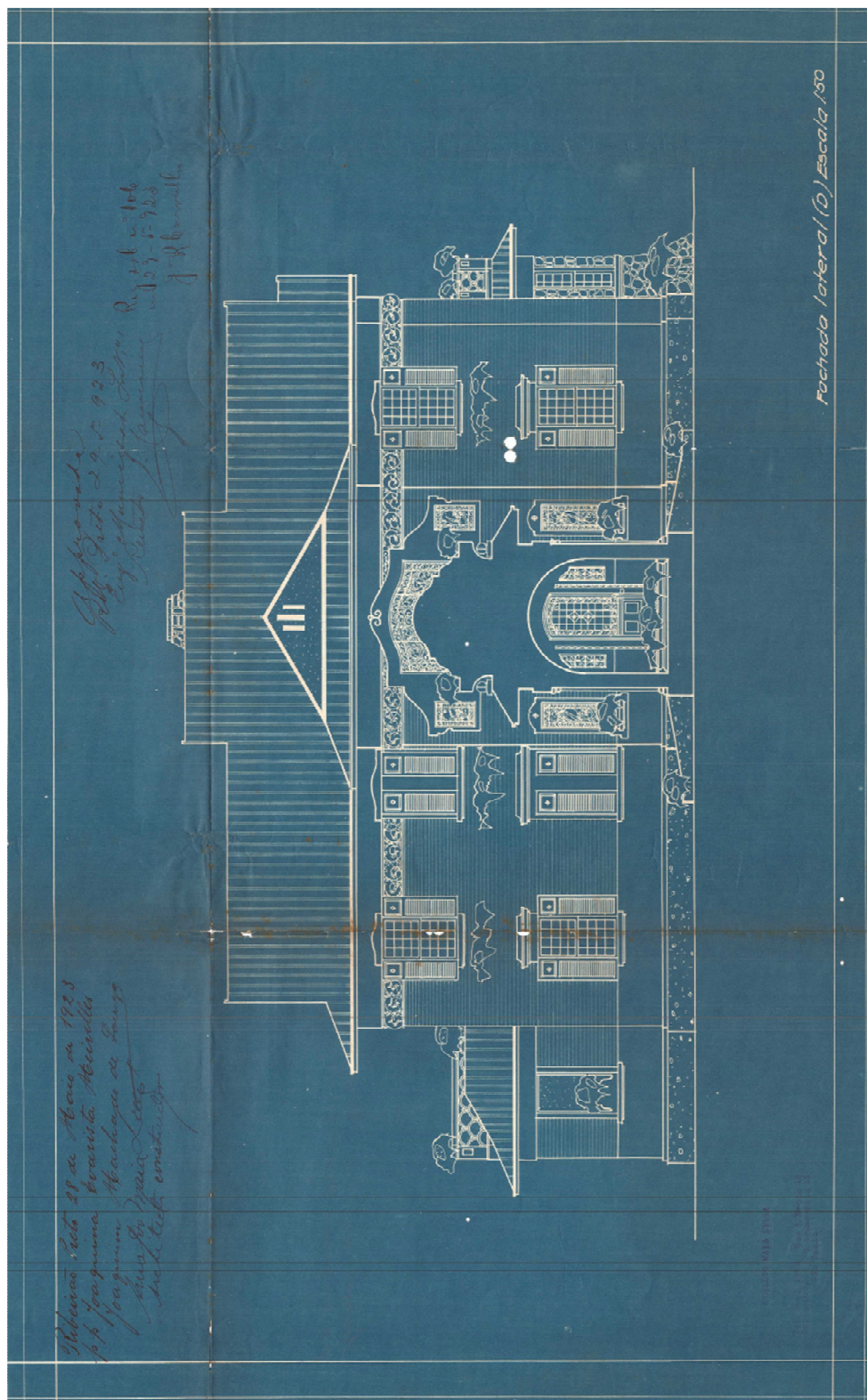


Quadro 31: Planta do pavimento alto, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.





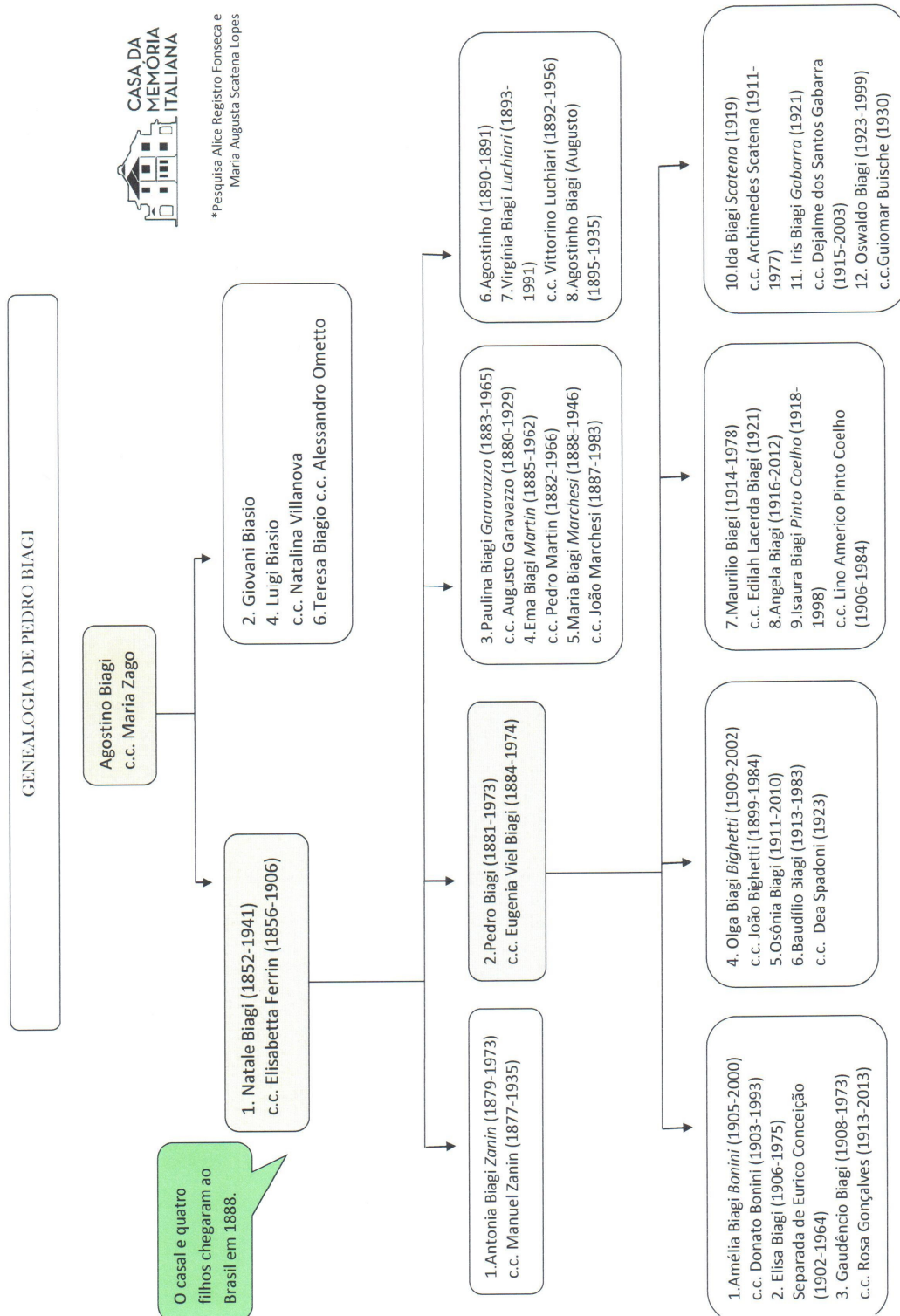
Quadro 32: Planta da fachada principal, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Quadro 33: Planta da fachada lateral, 1923. Fonte: Acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



## Anexo 13: Árvore genealógica da família Biagi, criada pela Casa da Memória Italiana à partir das informações contidas no livro Biagi, 1987.



**Anexo 14: Memórias escritas por Maria Augusta Scatena Lopes (Piccina), em 2014, sobre a Casa da Rua Tibiriçá, 776. Cedidas, amavelmente, pelo Instituto Casa da Memória Italiana.**

1

MUSEU CASA DA MEMÓRIA ITALIANA  
MEMÓRIAS: CASA DA RUA TIBIRIÇÁ, 776

Maria Augusta Scatena Lopes (Piccina)

Fevereiro de 2014

Localização:

Como ponto de referência pegaremos o quadrilátero que abraça a Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto – SP.

- Frente da Catedral – Rua Florêncio de Abreu

- Fundos da Catedral- Rua Lafaiete

-Laterais (de costas para a porta principal da Catedral) a esquerda Rua Tibiriçá e a direita Rua Visconde de Inhaúma.

A casa em questão situada a Rua Tibiriçá 776 ao lado da Catedral Metropolitana e tendo como vizinhança, nas décadas de 1950 a 1960, nesta quadra,partindo da Rua Florêncio de Abreu ate a Rua Lafaiete.

1. Pensão Brasileira
2. Belmacio – Venda e afinação de Pianos
3. Oficina mecânica
4. Bar Tibiriçá, antes deste era fabrica de molho de pimenta Sererê
5. Amolador de facas , alicates etc –( uma portinha )
6. Residência de Manoelita Guimarães 772
7. Residência de Pedro Biagi 776
8. Residência de Jose da Cunha Junqueira ( Sr Zequinha ) e Ana Lima Junqueira ( dona Biju ) casa 806.

Os itens de 1 a 5 e hoje a Embratel. O item 6 é estacionamento, o item 7 Museu Casa da Memória Italiana e o item 8 é residência de Nerina Bernardes viúva de Sebastião Bernardes.

A quadra situada atrás da Catedral Metropolitana a rua Lafaiete entre a rua Tibiriçá e rua Visconde de Inhaúma abriga até hoje o Palácio Episcopal, residência do Arcebispo da Diocese de Ribeirão Preto, o palácio avançava até

quase a esquina da rua Visconde de Inhaúma, onde se localizava a residência de Américo Batista, hoje Prédio dos Bancários um dos primeiros edifícios "altos" da cidade. Falando em Américo Batista e na sua residência, antes de adquirir a casa da rua Tibiriçá, Pedro Biagi foi visitar a referida casa que estava a venda pois o casal estava com os filhos já casados e a casa ficou muito grande só para os dois. Pedro Biagi gostou muito da casa, mas durante a negociação, recebeu o recado que os proprietários não venderiam a casa para italianos, talvez o motivo dos brasileiros quatrocentões fosse a Segunda Guerra Mundial que acontecia na época e os italianos foram muito hostilizados. Outro fato relacionado a este foi a cassação do título da Sociedade Recreativa e de Esportes. Pedro Biagi voltou a frequentar o clube em eventos em que era convidado mas não voltou a ser sócio do referido clube. Vamos adentrar a casa da Tibiriçá 776 na época de fim dos anos 50 e início dos anos 60.

O portão utilizado para entrar na casa era o de automóveis, pois dava acesso a entrada principal da casa, o hall, onde a família utilizava como sala de visitas. Este hall de pé direito alto, bem fresco, com bela escada que dá acesso ao andar superior se liga as Salas de Música, Visitas, Jantar e Almoço.

Pedro Biagi tinha sua poltrona cativa neste hall, logo na entrada a esquerda onde mantinha o rádio para informação e lazer (obs. Não havia chegado a TV a Ribeirão Preto). Gostava muito de um programa sertanejo as 18hs chamado "Luar do Sertão" e as 19hs ouvia a "Hora do Brasil" e após sempre que podia ia ao "Cine São Paulo" na rua São Sebastião, se divertir com o Gordo e o Magro, gostava desse gênero.

Neste hall de entrada tenho lembrança de muita alegria e movimento nas manhãs dos dias das mães, após a missa das 9hs na Catedral iniciava-se um aperitivo para a família inteira. Os preparativos começavam bem antes, pois as comidas servidas era todas feitas em casa, canapés variados, batata palha sanduíches de pão de forma com patês variados, salgadinhos tais como quibe frito, empadas, etc. As bebidas eram refrigerantes e sucos, não me recordo de bebidas alcoólicas.

Mas a lembrança do hall é que ficavam as portas abertas e muita gente sentada no mesmo, no abrigo de carro, na sala de música, a reunião se restringia a essa parte da casa. Perto da hora do almoço cada família se dirigia a sua casa para uma comemoração mais restrita. Recordo que meu núcleo



familiar íamos para a Fazenda Santa Rosa de propriedade da Tia Olga e Tio Joanim Bighetti para um jantar comemorativo muito alegre e muito farto de comidas e bebidas, também participavam Eugenia e Pedro Biagi e as tias que com eles moravam (Osonia, Elisa e Angela).

#### SALA DE MÚSICA

Esta sala logo a primeira a direita no hall de entrada tem o ar alegre e delicado de seu mobiliário e paredes que combinavam com as sessões de acordeão e piano que Angela Biagi proporcionava aos moradores e frequentadores da casa. Era também sala de estudo de piano para alguns eventuais moradores de passagem pela casa do *Nonno* e *Nonna*.

Pedro, Eugenia e as filhas que lá residiam gostavam muito de música, tanto popular como clássica e gostavam muito de opera. Não foram poucas as vezes que esta sala proporcionou bons e alegres momentos a família. Havia um cantor lírico Helio Gori afilhado da família que após fazer sua formação em Milão e lá trabalhar e residir por vários anos, ao se aposentar retornou a Ribeirão Preto e também colaborou muito para esses alegres momentos.

Em reuniões festivas era utilizada também como sala para os convidados, pois sua situação na casa assim permitia. Com o passar do tempo Angela foi ficando mais debilitada sem muitas forças e deixou de tocar acordeão e foi aos poucos se desfazendo dos dois que possuía e ate do tripé para apoiar partituras musicais. Anos mais tarde ela e Osonia se desfizeram também do piano que havia na sala, ficando somente a mobília.

Por volta do ano de 2008, Osonia já com bastante idade transformou a sala de musica em quarto, pois queria ficar próxima da irmã que a muitos anos já dormia em um quarto na parte térrea da casa e também a dificuldade de sempre que necessário ter que subir ate seus aposentos (ex. descanso após almoço, banho). Assim ficou a sala até seu falecimento em 2010 quando foi desfeito o quarto, restando somente um guarda-roupas que faz parte do Quarto 1-Elisa que por ser muito pesado ainda não retornou ao local de origem.

### SALA DE VISITAS

Esta sala ligada às salas de Musica, de Jantar e ao Hall de entrada da casa era também conhecida por nos os netos como a Sala Dourada ou de Ouro, misteriosa e muito rica para nos. Era pouco utilizada, somente em comemorações mais restritas em relação ao numero de convidados ou mais recentemente, (década de 2000) em datas expressivas das ultimas moradoras, pois as grandes festas, tais como aniversários dos donos da casa, Natal, Passagem de Ano era utilizado a garagem e o quintal.

Foi usada também para realizar os casamentos de Ida Biagi e Archimedes Scatena e de Iris Biagi e Dejalme dos Santos Gabarra ambas filhas de Eugenia e Pedro Biagi. O casamento do primeiro casal citado foi realizado em casa pelo fato de estar ocorrendo a "Segunda Guerra Mundial" e as famílias italianas estavam sofrendo algumas retaliações. Foram também realizados, como era de costume na época em que ocorreram, os velórios de Pedro Biagi (set/1973), Eugenia Viel Biagi (jul/1974) e Elisa Biagi (dez/1975).

### SALA DE T V

Lembro que antes de ser saleta de TV era um quarto com guarda roupas, sendo este com muitos lenços de seda para cobrir as cabeças femininas e guarda pó, semelhante a um jaleco de mangas compridas, sendo ele também com comprimento abaixo dos joelhos abotoado na frente e com gola esporte. O lenço e o guarda pó eram usados nas viagens, tanto para ir as fazendas e usinas como para estações de águas e São Paulo capital, pois não haviam estradas asfaltadas, eram de terra, e as roupas e os cabelos precisavam de proteção contra a poeira que conforme a época do ano não era pouca.

Alem do armário que ficava na parede onde hoje tem a televisão, haviam poltronas e uma mesa quadrada com cadeiras cujo tampo era um jogo de damas que jogávamos com a *nonna* Eugenia e as tias, alem de damas jogávamos torrinha e escopa simples e xv, este jogo era com baralho e a *nonna* gostava de jogar.

Nesta mesma sala o horário que antecedia o almoço e a tarde após o descanso as mulheres da casa se reuniam para atividades manuais tais como tricô, crochê, isto se não tivessem outros compromissos ou se não houvessem visitas, o que sempre ocorria, ai todos iam para o hall de entrada.

Com a vinda da televisão para Ribeirão Preto e também o asfaltamento da maioria das estradas o armário desceu para o quarto das funcionárias que também era quarto de passar roupas e foi arrumada a sala de TV, de visitas, onde a maior parte do tempo era passado nela. A *nonna* Eugenia ficou doente, as netas cresceram e os jogos terminaram assim a mesa de damas também foi para o quarto de passar roupas e o hall ficou somente como entrada principal da casa pouco utilizada, pois todos passaram a usar o portão pequeno e entrar pela varanda lateral.

O tempo foi passando faleceram o *nonno* Pedro, no ano seguinte a *nonna* Eugenia e no seguinte a tia Elisa, ficando Angela e Osonia absolutas na casa que foi se adaptando aos novos tempos e ao numero menor de moradores. As tias Ange (como era conhecida) e Osonia seguiram suas rotinas e o ponto de encontro das irmãs (esse diário) e dos amigos era na sala de TV chamada por elas de saleta, o centro da casa. Nos fins de semana gostavam de fazer aperitivos antes do almoço também na referida sala (gostavam de tomar um cowboy antes do almoço todos os dias). Todos os dias da semana após as atividades de cada uma pela manhã, se reuniam as duas e mais alguém que viesse almoçar com elas e aguardavam as 12hs, tomando seu dedinho de whisky sem gelo, puro (cowboy), horário este em que o almoço era servido invariavelmente. Após o almoço descansavam e assim que acordavam (descanso de +ou - 1 hora) se arrumavam e voltavam para a saleta para aguardar as irmãs e as visitas para um café com biscoitos, pão de queijo, etc. O movimento na casa era constante e intenso até o falecimento delas.

Esqueci de mencionar que antes de ser sala de lazer e TV, foi também quarto de costura e de dormir de uma funcionaria que ficou por muitos anos na casa (Quica). Isto foi mais ou menos na década de 40 e 50.

## VARANDA

Esta varanda de muitas histórias, era passagem para os familiares e amigos mais íntimos entrarem na casa desde que foi feita a sala de TV, que passou a ser a sala de visitas e continuou a sala de tricô e crochê durante o dia e a noite assistia-se TV, principalmente jornal e programas humorísticos (família trapo, viva o gordo Chico Anísio, Flavio Cavalcanti), após o falecimento do *nonno* Pedro eventualmente assistiam algumas novelas mas não eram muito ligadas, elas gostavam de prosa e de visitas, a TV era para quando não tinham companhia já o *nonno* Pedro gostava muito de TV já que não mais saía de casa a noite.

Voltando a varanda, situada na lateral da casa e que possui comunicação com o escritório, sala de jantar e sala de TV. A comunicação com o escritório se dá no primeiro estágio da varanda logo que se adentra ao portão pequeno e sobe os degraus, ela é coberta e possui uma mesa redonda e quatro poltronas de madeira, em uma delas que o *nonno* Pedro passava uma boa parte do dia sentado. Era rotina dele ficar na varanda das 11hs as 12hs, horário sagrado do almoço, o aviso vinha através do sino da Catedral com suas doze badaladas e a sirene da Cia. Cervejaria Paulista neste momento família e comida na mesa. Continuando na varanda sempre apareciam ou melhor passavam amigos e/ou conhecidos que paravam no portão em frente a varanda para um cumprimento e uma prosinha, agora me vem a memória algumas pessoas que lá passavam, Tereza Pizolli voltando do correio sempre dava uma paradinha, Dr Romeu Coltro, Dr Guião este as vezes entrava e sentava com ele na varanda e outros conhecidos que sempre faziam o mesmo trajeto para ir e vir do trabalho para casa. Isso também acontecia no período da tarde entre as 16hs e as 18hs. Algumas pessoas ele abordava da varanda mesmo e puxava conversa. Um exemplo é o menino que trabalhava na oficina mecânica ao lado da casa que se tornou um grande amigo dele possui o mesmo nome, o menino Pedro Bignardi que mais tarde se formou em Odontologia pela USP em Ribeirão Preto, foi professor da referida faculdade e não perdeu o contato com a família. Havia naquela época pessoas curiosas e populares na cidade, o Quinzinho, o Luciano, ambos sempre conversavam com ele no portão.



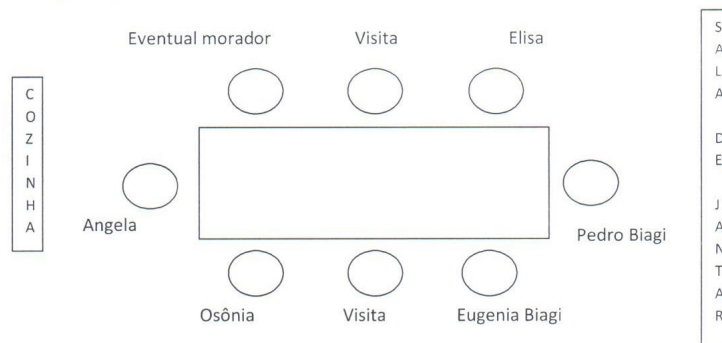
Desta varanda trago boas lembranças tais como reuniões familiares utilizavam a varanda, pois ela da continuidade as salas de jantar e TV e nós crianças tínhamos para nós a varanda e todo o quintal. No final desta varanda existe uma escada de sete degraus (a casa tem um desnível grande dos fundos em relação a frente) escada esta da largura da varanda e acompanham os degraus nas laterais, duas muretas inclinadas que por uns bons anos foram os escorregadores e a alegria das crianças que frequentavam a casa.

Ao longo da varanda, entre esta e o muro havia uma passagem estreita cheia de samambaias, este recanto tocava nossa fértil imaginação criando mistérios e esconderijos secretos. Ver o *nonno* Pedro sentado na varanda e ele não nos ver (era o que achávamos), ouvir a conversa das tias, da *nonna* Eugenia e eventualmente de alguma visita, são recordações prazerosas como um filme onde as lembranças tem dimensões ampliadas pela mente irrequieta e curiosa das crianças.

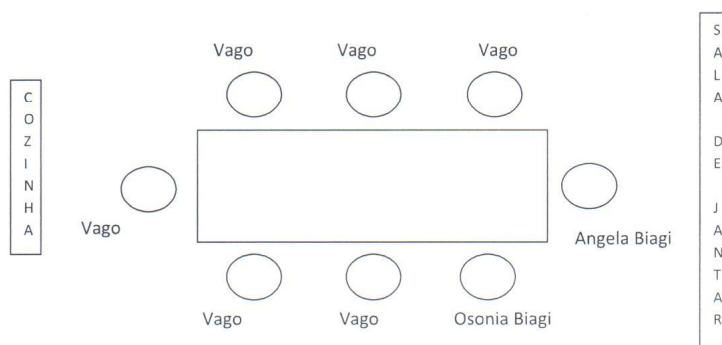
#### SALA DE ALMOÇO

Nesta sala eram servidos o café da manhã e o almoço. O café era servido a partir das 7hs até as 8hs +/- quando o *nonno* Pedro, que era o último a tomar café, era servido. Ele descia após fazer barba e tomar banho pronto para enfrentar dia.

O almoço era servido assim que o sino da Catedral tocasse as doze badaladas acompanhado da sirene da Cia Cervejaria Paulista. Havia na mesa lugares pré determinados.



Com o falecimento do *nonno* Pedro e a doença da *nonna* Eugenia (esclerose) que a impedia de se alimentar a mesa a formação ficou assim.



Quando faleceu a tia Elisa, Osonia e Angela mantiveram seus lugares ate o fim inclusive retornaram a jantar neste cômodo. Elas (Osonia e Ange) gostavam muito de movimento de parentes e amigos tendo sempre convidados para o almoço.

Olhando para a sala e vendo o antigo filtro de água encima da pia me lembrei que por muitos anos a água consumida para beber vinha da Fazenda Palmital, se minha memória não me engana, pois fui quando menina muitas vezes buscar água lá com o motorista Domingos Mininel, esta fazenda ficava na vizinhança do clube Vale do Sol em Sertãozinho, e a água era puríssima como diziam os da casa. Domingos levava galões de vidro e ia buscar água uma vez por semana.

Voltando as refeições falta a referencia do jantar. No jantar Eugenia e Pedro tomavam leite com café, torradas mas a mesa da sala de almoço era colocada só para os dois, os demais moradores da casa jantavam na despensa, mais tarde, e cada um temperava sua salada de folhas cruas alem do que havia ficado do almoço torta, carne, verdura refogada, pão e no inverno sempre havia sopa variada (cada um jantava no horário que achasse melhor e limpava e arrumava o que tivesse usado). Segundo o que contavam as tias, assim como o almoço havia também o jantar onde todos participavam tendo

cozinheira no horário e copeira para servir. A medida que os *nonnos* (Eugenia e Pedro) foram envelhecendo o hábito do jantar mudou.

#### SALA DE JANTAR

Esta bela sala me trás recordações mais recentes, Natal (último das tias ainda lúcidas) um almoço com toda a família da Ida B. Scatena, em 2005, pois antes desta data elas passavam com a referida família mas na casa da irmã Ida e a véspera com outros familiares, a partir da referida data as dificuldades de locomoção as impediu de saírem de casa. Osonia e alguns sobrinhos promoviam almoços comemorativos que eram festejados nesta sala após 2005.

As passagens de ano de mais ou menos 1998 a 2009, foram passadas aqui com todas as irmãs reunidas e seus sobrinhos filhos destas irmãs também davam uma passadinha para abraçá-las os que não tinham compromisso ficavam para comemorar até a meia noite, com muito Espumante Italiano, queijos, pães, frios, patês, castanhas portuguesas, frutas secas, panetone e muita alegria. Osonia entrava com todas as providências e arrumações e Ange com a animação e alegria. Realmente era muito alegre com gente entrando gente saindo e a maioria se encontrando.

Também foi usada nos últimos anos em datas marcantes das moradoras, tais como os 90 e 91 anos da tia Osonia respectivamente em 2001 e 2002, foram belas festas. Os 90 anos da tia Ange também comemorado com muita música, alegria, comes e bebes.

Uma lembrança mais lá atrás na minha infância e adolescência me trás uma imagem de uma sala sempre fechada, onde os armários guardavam biscoitos, bombons, bolos e doces de consumo da casa que não precisavam de geladeira. Era aberta somente em dias de faxina feita sempre após o almoço.

#### ESCRITÓRIO

Este cômodo era o local onde tia Osonia escrevia a tarde suas crônicas para o jornal "O Diário de Notícias", alguns ou melhor muitos registrados em um caderno, hoje de posse da irmã Iris B. Gabarra. Talvez a pessoa que mais usou esta parte da casa, pois como trabalhou muito em atividades ligada a igreja tais



como: Ação Católica, Obras das Vocações Sacerdotais, entre outras e como tinha o dom da escrita sempre que havia uma data comemorativa familiar importante, ela escrevia o que quer que fosse apresentado ex: Jogral (bodas de diamante dos pais, apresentado por netos), agradecimento as noras de Eugenia e Pedro Biagi pela festa que promoveram neste acontecimento citado acima e este agradecimento recebeu o nome de "Poema de Gratidão". Não tenho lembrança dos *nonnos* Eugenia e Pedro nesta sala, nem da tia Elisa. Tia Ange a outra irmã usava na época das festas de fim de ano pois era responsável pelos cartões de Boas Festas tanto para enviar como para responder e ela também trocava muita correspondência (cartas) com parentes e amigos residentes fora do país ou mesmo em outros locais pelo país afora.

Desde o falecimento da tia Elisa, Osonia, ficou também responsável pela administração financeira da casa e era no escritório que fazia toda sua contabilidade.

Também foi utilizada como sala de estudos por alguns netos que por lá residiram num determinado período.

#### QUARTO DO ANDAR TÉRREO

Este quarto foi sempre utilizado como tal. No inicio quarto dos filhos solteiros depois de filhos e filhas que morando fora viessem de visita a casa dos pais com crianças pequenas, pois ali até a década de 60 quando a *nonna* Eugenia ficou doente e veio para o andar térreo utilizar o quarto, havia um berço ao lado da cama que era de casal. Para ousou da *nonna*, foram colocadas duas camas de solteiro para a acompanhante noturna dela, que foram as três filhas que moravam na casa e se revezavam a cada noite por 10 anos.

No período de 1974 (falecimento da *nonna* Eugenia) até fins dos anos 80 e inicio dos anos 90, este quarto ficou desocupado, quando tia Ange que era portadora de paralisia infantil sentiu que estava muito difícil utilizar a escada transferiu-se para o referido quarto definitivamente ate seu falecimento em Outubro de 2012.

## COZINHA E DESPENSA

Minha lembrança da cozinha e que sempre foi um lugar de muito movimento, cestas de verduras e legumes chegando pelo menos três vezes por semana, das fazendas, além de leite e produtos da época como milho. Tudo tinha que ser arrumado, cozido, embalado, morto e limpo como no caso de frangos e galinhas. Fazia-se ricota, curau (época de milho), pão de minuto, biscoitinhos, *crustole*, bolos e doces, além das refeições propriamente ditas que nunca tinham menos de oito pessoas almoçando e/ou jantando.

Mas é na despensa que o melhor acontecia lá eram feitas todas as massas da casa, tenho lembrança da *nonna* Eugenia sovando a massa e passando no cilindro e cortando com uma faca afiada e com muita destreza na largura necessária: para sopa bem fininho, bem largo para macarronada, médio para macarrão com creme, também abrindo massa para pasteis, apesar de tanta massa era mesmo o frango com polenta de que o *nonno* Pedro e família mais apreciavam

Era neste cômodo que a noite a *nonna* Eugenia fazia uma bela gemada (gemas batidas com açúcar até ficarem claras e bem lisinhas), dissolvia em bastante leite e colocava grossas fatias de pão sovado neste leite com gemas para fritar as rabanadas no dia seguinte, ficavam a noite toda as fatias de pão sendo embebidas com um pouco de vinho do Porto no leite. A tia Elisa era especialista em *crustole* e roscas.

A doceira e boleira da casa era a tia Osonia, fazia tortas bolos e doces como ninguém, além de balas de coco até hoje insuperáveis e tudo era feito e montado na despensa. Foi também durante alguns anos a saleta de jantar da casa, tenho muitas recordações do jantar na “cantina”, como apelidamos eu e meu irmão que também morou por um curto período nesta casa.

Essa despensa ao lado da cozinha era também onde se armazenava os alimentos do dia a dia, os perecíveis, pois ali ficava a geladeira e ainda fica. O armário que até hoje se encontra lá era dividido para guardar talheres, louças, travessas, toalha de mesa em uso guardanapos, panos de prato e também mantimentos como grãos, açúcar, café, eletrodoméstico e ainda havia uma parte para materiais de limpeza, além de vassouras panos de pó, enceradeiras, escovão para lustrar o chão etc.

Há embaixo da geladeira um alçapão, um buraco que poderia ter sido usado pela família anterior como adega, na verdade nunca souberam qual a finalidade e isto sempre me intrigou.

#### QUINTAL (PARTE DOS FUNDOS DA CASA)

Esta parte da casa trás inúmeras recordações. As primeiras lembranças vem de quando eu vinha de férias para Ribeirão Preto, anteriormente a minha vinda para morar nesta casa.

Vou começar pela garagem que é do mesmo jeito desde sempre, duas portas e sempre um só carro um motorista e os que lá trabalharam, tinham lá os seus momentos de descanso, pois também lavavam o quintal uma vez por semana, faziam alguns consertos simples na casa e há um armário bem grande embutido onde guardavam caixas de ferramentas, material de limpeza do carro e suas roupas para sair e para trabalhar na casa. Mas tinha também funções bem mais alegres, era utilizada nas grandes festas feitas na casa, juntamente com o enorme quintal onde eram colocadas mesas já postas enfeitadas com arranjos de flores. As comidas eram todas feitas em casa e tinha um garçom, hoje seria dado o nome de maitre, que acompanhou todas as celebrações da família por varias décadas com sua equipe, seu nome era Sr. Augusto, mais para a frente ele montou com a filha um Buffet. As comidas eram mais ou menos padronizadas tais como cabrito assado e de caçarola, peru assado, mas com farofa e complementos salgados, arroz *Domdom* (temperado com frango, ervilhas, azeitonas verdes e presunto cru).

Em cima da garagem existem dois quartos, que acho deveriam ser para funcionários que dormissem no emprego, mas que eu me lembre não foram utilizados para tal. Um dos cômodos, o maior, entrando ele fica no fim de um pequeno corredor e era usado como maleiro, depósito de moveis não utilizados, ou melhor como rodízio de cadeiras, mesas de acordo com as necessidades da casa no momento. O outro cômodo era montado com mobiliário de quarto, possuía uma cômoda grande com espelho e pedra mármore que hoje se encontra no Hall dos quartos dentro da casa, um guarda roupas, uma mesa tipo escrivaninha com cadeira e uma cama patente.

Descendo a escada ao lado da garagem já vem o tanque e um banheiro que era para o uso de todos os funcionários. No tanque as bacias eram de cimento vermelho e tinha um fogão a lenha para ferver roupas, lembro que a lavadeira chamava-se D. Guilhermina e trabalhou por muitos anos neste ofício na casa. Continuando, hoje as cubas do tanque são de inox, o fogão a lenha foi retirado e no local tem uma máquina de lavar roupas.

Em frente ao tanque um enorme quarador todo gramado com postes de cimento em toda sua volta que sustentavam inúmeros varais, hoje ainda tem o quarador e as colunas de cimento, mas poucos varais se entrelaçando. Continuando, ao lado do tanque havia um galinheiro com paredes de alvenaria e somente a frente telada, isto porque as aves (frango, galinha, pato, peru) vinham vivas da fazenda e eram abatidas em casa. Nos anos 60 foi desativado e unido a um galpão já existente, feito pia com pedra de granito e armários embaixo dela e para maior conforto para limpar as aves e distribuir as verduras, legumes, limpar milho, mandioca etc. Este galpão era utilizado para secar roupas de cor e secar em dias de chuva, armazenar lenha para o fogão do tanque e possivelmente para o da cozinha quando a casa foi construída e nos primeiros anos de morada dos donos que a construíram. Mesmo desativado o galinheiro havia um engradado enorme com quatro pés elevados do chão, com uma abertura em cima, onde ficavam as aves vivas para o consumo, este engradado era conhecido como *Caponara*.

Seguindo o muro e vindo em direção a casa existem dois quartos, sendo o primeiro de passar roupas e das funcionárias guardarem seus pertences, se trocaram, foi também quarto de costura desde que o quarto da casa virou sala de TV. Ao lado, o outro cômodo com um armário embutido na parede a direita da entrada e outro sem ser embutido no lado oposto formavam a despensa da casa onde tudo que não era perecível era mantido estocado refrigerantes, gêneros alimentícios, de higiene, de limpeza e etc. Tudo a sete chaves e bem controlado primeiro pela *nonna* Eugenia depois pela tia Elisa e por fim pela tia Osonia.

Devo fazer uma observação, as bebidas tais como vinhos de todos os tipos (tintos, brancos), aperitivos (*carpano*, *vermout*) licores ficavam guardados em armários da sala de jantar para o consumo ,o restante nas próprias caixas na despensa.



### ANDAR SUPERIOR DA CASA

Partindo do hall de entrada, temos uma belíssima escadaria que nos leva a parte superior da casa. Esta escada é muito bonita com o corrimão de madeira escura toda entalhada.

Assim que termina a escada vemos a direita belos vitrais e a esquerda temos o hall de distribuição dos quartos. Este espaço tem quatro poltronas, mesa com telefone, interfone acima e uma grande cômoda onde se guardavam peças de uso esporádico da casa tais como toalhas e guardanapos de banquete, jogos novos de toalhas de banho etc.

#### QUARTO-1 TIA ELISA

Como todos os cômodos da parte superior este quarto possui as paredes com pinturas decorativas, uma cama de viúva (um pouco menor que a de casal-metragem da época), um toailete com banquetas, um guarda-roupas, dois criados-mudos e uma cadeira. Tem muita mobília para o tamanho do cômodo pois ainda possui duas janelas que ocupam duas paredes reduzindo o espaço, essas janelas possuíam ou melhor possuem até hoje floreiras com samambaias. Mas, o mais importante mesmo era a dona desse espaço a doce Tia Elisa.

Elisa era a segunda filha de doze filhos de Eugenia e Pedro, pequena na estatura, mas grande na doçura, no amor ao próximo, na humildade e nos dons manuais de que foi dotada

Primeiramente separada do marido e sem filhos ela retornou a casa dos pais para juntamente com as irmãs Osonia e Angela, formou o lar e porto seguro de Eugenia e Pedro na velhice.

Com a doença da *nonna* (Eugenia), tia Elisa assumiu as rédeas da casa no que se referia as compras de mercado, quitanda, manutenção e limpeza dessa área direção e orientação da cozinha, era ótima cozinheira. Fazia pães, roscas e *crustole* (massa de farinha, ovos, açúcar, frita e passada no açúcar), com essa atividade ela mantinha sua manhã bem ocupada.

Logo após o almoço, era a única da casa que não descansava, pegava uma bolsinha com uma tesoura e chaves e se encaminhava para a

Catedral para arrumar com flores, as vezes rosas do jardim da casa, o altar do Santíssimo.

Era a tarde que ela se dedicava ao crochê, alias o mais bonito e bem feito já visto, pois mesmo tendo a visita das irmãs e amigas ela participava mas não parava o trabalho, a não ser para arrematar algum quitute para o café da tarde.

Todas as sobrinhas que casavam recebiam uma caixa com aventais, toalhas de pão, toalhas de bandeja de diversos tamanhos, montadas em linho com barrado de crochê feitos por ela.

#### QUARTO-2 HOSPEDES

No inicio, quando o *nonno* (Pedro) comprou a casa este quarto possuía duas camas e era o quarto de Ida e Iris, quando elas casaram passou a ser quarto de hospedes. Também com bela pintura nas paredes e sacada com porta dupla abrindo para a praça da Catedral, isto me faz recordar pois foi meu quarto também por uns bons anos e quando o calor era muito dormia-se com as portas da sacada abertas, naquela época não havia problema e a casa tinha guarda noturno que trabalhou na casa muitos anos chamava-se Sr.Carlos.

Mas voltando as portas abertas, ouvia-se toda a conversa e o movimento de quem passava na calçada em frente a casa e onde hoje é o COC na rua Tibiriçá era a ASSOCIAÇÃO DE ENSINO que antecedeu a UNAERP e já possuía a faculdade de Direito e o curso era somente a noite e isto movimentava muito a rua em horários de entrada e saída da faculdade.

O quarto possuía um guarda-roupas grande, um toailete com banqueta, dois criados-mudos e uma cadeira, as camas de solteiro as vezes mudavam de local conforme a necessidade da casa, como no caso da doença da *nonna* (Eugenia) elas foram para o quarto do andar de baixo e a cama de casal do referido quarto subiu e esta assim ate hoje, o quarto de hospedes, já as camas de solteiro foram permutadas com uma cama de casal, de igual estilo e que havia sido dada a uma das filhas pela mãe no caso (D.Eugenia).

QUARTO 3 - VESTIR TIA OSONIA

QUARTO 4 - DORMIR TIA OSONIA

QUARTO 5 - DORMIR TIA ANGE

O quarto 3 é um cômodo muito grande ligado a dois quartos, um a direita que era o quarto de dormir da tia Osonia com duas camas e dois criados-mudos, uma das camas foi dada pela própria tia Osonia e não se sabe o destino. Na cama dela, na cabeceira, tem um foco de luz desde sempre e ainda esta lá, ele esquentava tanto que era difícil apaga-lo depois de um tempo de uso, tia Osonia gostava muito de ler antes de dormir e sempre com as janelas abertas.

Este quarto como possuía duas camas sempre que algum sobrinho/sobrinha estava de férias ou pedia aos pais para dormir uma noite na casa com as tias (isso era muito comum com as filhas das irmãs)era com a tia Osonia que se dormia. Tenho lembrança que mesmo a soneca que todos da casa tiravam depois do almoço, obrigavam as crianças também a descansar e isto era um martírio, quando eu achava que a tia Osonia já estava dormindo eu levantava pé ante pé, mas ela logo me mandava deitar novamente. Depois de algumas temporadas consegui ao invés de ir dormir após o almoço ir com a tia Elisa para a Catedral, arrumar o Santíssimo. Com isso conheci todos os cantos e becos da Catedral e quem me guiava era o Faustino o zelador da Igreja.

Voltando ao quarto de vestir este possuía a esquerda um guarda-roupas, uma mesa redonda no centro, a direita uma cômoda com gavetas e mais a frente um toalete com banqueta, ao fundo a esquerda uma poltrona já mais próxima da porta do quarto da tia Ange que ficava ao fundo a esquerda deste quarto de vestir que era somente de uso da tia Osonia, a tia Ange só usava como passagem, pois o quarto dela também se comunicava com o quarto do *nonno* (Pedro) e da *nonna* (Eugenia).

O quarto da tia Ange era completo, com um guarda-roupa, uma cama, um criado-mudo e um toalete com banqueta, como possuía somente uma cama ela mais cuidava e fazia festa para as crianças, dormia sempre sozinha.



## QUARTO 6 - CASAL EUGENIA E PEDRO

Este cômodo é bem grande, está ligado por uma porta ao quarto da tia Ange e sua entrada e saída se dá pelo hall num espaço entre este, o banheiro e a sala de banho. O quarto possui cama de casal, dois guarda-roupas, uma cômoda com gavetas e espelhos e uma poltrona hoje esta poltrona se encontra no quarto do piso inferior e no seu lugar esta uma cadeira. Este quarto tem janela e porta dando para um terraço com vista para os fundos da casa, junto ao quarto há outro cômodo que funcionava como roupeiro da casa, com janela, um armário grande e uma cômoda com gavetas, este espaço tem porta separando-o do quarto, lá se guardavam todo o tipo de roupa de uso da casa tais como cama, banho, cobertores, travesseiros, etc.

Minhas lembranças não são muitas do *nonno* (Pedro) e da *nonna* (Eugenia) dormindo neste quarto, pois em 1964, mais ou menos, ela passou a dormir no quarto do piso térreo, acompanhada, com os sintomas de esclerose cerebral, tais como: levantar de madrugada se arrumar e sair para ir a igreja para assistir a missa e o *nonno* (Pedro) não acordava com o movimento para impedi-la, quem a trazia para dentro da casa era o guarda assim ela passou a dormir embaixo com as filhas se revezando para acompanhá-la.

Voltando ao quarto e a *nonna* (Eugenia), ela costumava se pentear antes de dormir já de camisola, tinha o cabelo bem longo e não muito farto, ela usava repartido ao meio com um coque atrás, tinha muito pouco cabelo branco, penteava várias vezes e depois torcia todo o cabelo atrás perto da nuca e enrolava formando um coque, tudo isto ela fazia sentada na cama e sem espelho.

Já o *nonno* (Pedro), este dormiu neste quarto até sua morte aos 92 anos. Parece que eu fui a última pessoa a vê-lo consciente e perfeitamente saudável. Saindo cedo para uma visita a hospitais psiquiátricos na região, trabalho da faculdade, nós cruzamos no banheiro, ele estava bem e me desejou bom trabalho, juízo e voltou ao seu quarto para continuar a dormir, pois era muito cedo estando escuro ainda. Ele teve um A.V.C (acidente vascular cerebral) quando fazia a barba após o banho da manhã, antes de descer para tomar o café da manhã, como demorou muito para descer subiram para chama-lo e já o encontraram caído no chão do banheiro e semi-

consciente. Foi internado e veio a falecer no fim da tarde do mesmo dia. Quando eu voltei ele já havia morrido .

## 7- BANHEIROS

Esta no plural pela disposição das peças que compõem uma sala de banho, o vaso sanitário com uma pequena pia ficam em um cômodo separado do restante, chuveiro, pia, banheira e bidê (este sim devia estar no outro cômodo). A casa era servida por apenas dois banheiros este no andar superior e outro no andar térreo ao lado da sala de almoço junto ao quarto de baixo.

No banheiro do andar térreo o vaso sanitário esta só no menor cômodo e no outro cômodo tem pia, banheira com chuveiro em cima e bidê e formando um corredor a frente dos banheiros e indo para o quarto do andar térreo uma pia que funcionava como lavabo. Este banheiro do andar térreo servia a todo o movimento da casa como lavabo e para higiene e banho de quem estivesse ocupando o quarto ao lado. Já o de cima era para uso de quem dormisse no andar superior.

## LEMBRANÇAS LIGADAS A CULTURA ITALIANA

### 1-JOGO DE BOCHA

Duas vezes por semana, na década de 50 e inicio da década de 60, o *nonno* (Pedro) saía de casa por volta das 15hs com o motorista (Domingos) que o levava para jogar bocha, era somente um campo, nos fundos de um bar bem simples, situado a Rua Barão do Amazonas quase esquina com a Av. Francisco Junqueira, este bar ficava bem em frente ao auditório da Radio PRA-7 antiga emissora de radio da cidade.

Me lembro bem, pois quando estava de férias aqui em Ribeirão Preto eu ia leva-lo e buscá-lo com o motorista, a volta se dava em torno das 17hs e 30". Eu entrava com o Domingos para pega-lo e tomávamos uma caçulinha cada um (guaraná Paulista) e ia ao encontro do *nonno* (Pedro) nos fundos do bar onde se encontravam vários jogadores, todos amigos,italianos em sua maioria e com faixa etária próxima (entre 70 e 80 anos).

## **LISTA E INFORMAÇÕES DOS QUADROS E RETRATOS PELA CASA**

### **A. ESCRITORIO QUADROS E FOTOS NAS PAREDES**

Início lado direito da porta que se abre para a varanda – esquerda p/ direita

- 1- MÃOS DE ELISA- Homenagem póstuma publicada no jornal “O Diário de Notícias”, escrita por Otorino Rizzi , Dezembro de 1975.
- 2- MAURILIO BIAGI – foto colorida de Maurílio Biagi em sua sala na ZANINI S/A em Sertãozinho/SP
- 3- EUGENIA VIEL BIAGI - pintura - Suzanne Betous (gancho caiu da parede)
- 4- NATALE BIAGI - foto pintura (pai de Pedro Biagi)
- 5- PEDRO BIAGI - desenho em grafite - retrato feito por Branchini em 1979 (cópia de foto)
- 6- ELIZABETA FERIN BIAGI - foto da mãe de Pedro Biagi
- 7- FLORES - pintura a óleo - Zoraff
- 8- CASA DA RUA TIBIRIÇÁ 776 - foto década de 60
- 9- HOMENAGEM POSTUMA PARA PEDRO BIAGI - texto escrito por Acacio Palma Guião em 1973
- 10- PEDRO BIAGI - foto pintura - abril 1947.

### **B. SALA DE TV QUADROS NAS PAREDES**

- 1- Paisagem A- Pintura de Sílvia B. Benedini (1982)
- 2- Paisagem B- Pintura de Sílvia B. Benedini (1982)
- 3- Paisagem C- Pintura de Sílvia B. Benedini (1982)
- 4- Vaso com Hortências - Maycoy
- 5- Ladeira da Cidade de Tiradentes – MG
- 6 – Vaso Com Flores- Pintura de Sílvia B. Benedini (1984)
- 7- Papoulas S/ Assinatura Aparente
- 8- “Amar É Curtir A Tia Ange” Camiseta Enquadrada
- 9- Flores - Pintura de Zoraff
- 10- Marina – Pintura de Mirany Cavalieri

### **C. PORTA RETRATOS DA CASA**

#### **▪ ESCRITÓRIO (esquerda para a direita)**

1. Local - Sala De Tv – Osonia Biagi, Jose Artur, Angela Biagi e Luciane. Jovem Casal Amigo De Goiania - Go

2. Maria Lucia Biagi - Filha de Edilah e Maurílio Biagi (1 Ano)
3. Eugenia Viel Biagi - Esposa de Pedro Biagi
4. Maurílio Biagi, Edilah L. Biagi, Angela e Osonia Biagi, na praça de São Marco em Veneza (Itália, 1974)
5. Local Serra Negra SP; Radio Hotel - Angela Biagi, no momento do "Parabéns a você" (Março, 1986)
6. Os Irmãos Angela e Osvaldo Biagi, na Fazenda Sta Rosa / Cravinhos - SP
7. Local Sala De TV- Angela Biagi com Maria Clara Romano Bighetti, filha de Alessandra e Samuel Biguetti
8. Local Piscina Radio Hotel- Serra Negra-SP, Osonia Biagi, Maria Augusta Scatena Lopes (Piccina), Angela Biagi e Luzia Prado Scatena
9. Maurilio Biagi e as irmãs Amélia Biagi Bonini, Olga Biagi Bighetti, Iris Biagi Gabarra, Angela Biagi, Osonia Biagi e Isaura Biagi Pinto Coelho

#### D. SALA DE VISITAS - ESQUERDA PARA DIREITA

1. Angela Biagi, tendo ao lado esquerdo a irmã Ida Biagi Scatena e do outro lado a amiga Ignez Gouveia.
2. Em pé - Carmem C. Biagi Luz e Manoelita Biagi, Sentadas - Osonia Biagi, Rosa G. Biagi, Angela Biagi e Ida Biagi Scatena. Festa Junina na casa de Manoelita e Carlos Biagi.

#### E. QUARTO 1 - ELISA BIAGI

1. Foto de Elisa Biagi

#### F. QUARTO 3 - VESTIR DE OSONIA BIAGI

1. Maria Augusta S. Lopes (Piccina)
2. Luciana Gabarra - Filha De Maria Angela B. Gabarra

#### G. SALA DE TV

1. Porta retrato duplo com foto de Eugenia e Pedro Biagi
2. Residência de Iris e Dejalme dos Santos Gabarra, no sofá: Osonia Biagi, Iris Biagi Gabarra e Olga Biagi Bighetti, nas poltronas: Angela Biagi e Ida Biagi Scatena



### LISTA DE LIVROS HISTORICOS DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

- 1-Documentário Histórico de Sertãozinho (1896 – 1956)
- 2-Itália –Brasil – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand Fundação Giovanni Agnelli
- 3-Histórias da Imigração No Brasil – As Famílias. Serviço Nacional De Divulgação Cultural Brasileiro (Presente de Ana Maria e Artur Biagi) 1984
- 4-Filhos Do Fogo. Memória Industrial de Sertãozinho (1896 – 1996)- Geraldo Hasse.
- 5-Memórias de Ribeirão Preto - Rumo ao Novo Milênio (1999) (Presente de Maurílio Biagi Filho)
- 6-Os Desbravadores- Organizado Por Galeno Amorim - Personalidades que Fizeram historia no Interior Paulista. (2001)
- 7- Zanini S/A Equipamentos Pesados - História da Zanini em Homenagem a Maurílio Biagi nos 25 Anos de sua morte. (2003)
- 8-Ribeirão Preto- O Passado Manda Lembranças- Villimpress, Revista B. Fotos (2006)
- 9- Usina Santa Elisa - Sertãozinho (70 Anos 1936-2006)

### BIOGRAFIAS E MEMORIAS DE FAMILIARES E AMIGOS

- 1-João Marchesi - História de um imigrante - 1987 - Ida Pizzoli Marchesi.
- 2-A Família Biagi – (1888 – 1988) Luiz Lacerda Biagi - dois volumes sendo um com dedicatória do autor para as tias Osonia e Angela Biagi.
- 3-Manoel Penna – Centenário – Nice Penna de Barros Cruz - dois volumes sendo um com dedicatória da autora e amiga para Osonia e Angela Biagi
- 4- Maurílio Biagi – O sementeiro do sertão – Geraldo Hasse – Osonia e Angela Biagi recebem o livro da cunhada Edilah L. Biagi – Março/2003
- 5- Sempre começando... – Celia Bonini B. Simpson – 2008 Memórias
- 6- Edilah - Foto biografia de Edilah Lacerda Biagi - Março

### LIVROS – CRONICAS – POEMAS DE PARENTES E AMIGOS

- 1-Paulistania - Martins Fontes - (Nove de Julho de 1934) – Poemas Dado a Osonia Biagi no seu aniversario de 1935/set/13 por seus irmãos Iris e Baudilio.
- 2-Se o amor germinasse... – Julieta Taranto – Poemas /1988

- 3-O Clic - Nelson Bonini – 1997 (sobrinho de Osonia e Angela Biagi)
- 4-Deles eu tenho inveja - Neusa Bighetti /2000 - Cronicas
- 5-Nas emoções , a Razão - Julieta Taranto - Poemas Agosto/2003 Presente de Edilah Biagi para as cunhadas Osonia e Angela Biagi
- 6- A Igreja que brotou da mata - Os Cinquenta anos da Diocesede Maringa - PD Oswaldo Robles /2007 Livro enviado por Dom Jaime - Arcebispo de Maringa para as amigas Osonia e Ângela Biagi

## Anexo 15: Fotografias de cômodos da Casa da Memória Italiana



Figura 25: Entrada principal. Fonte: Fotografia de Otavio Leite, 2015, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.

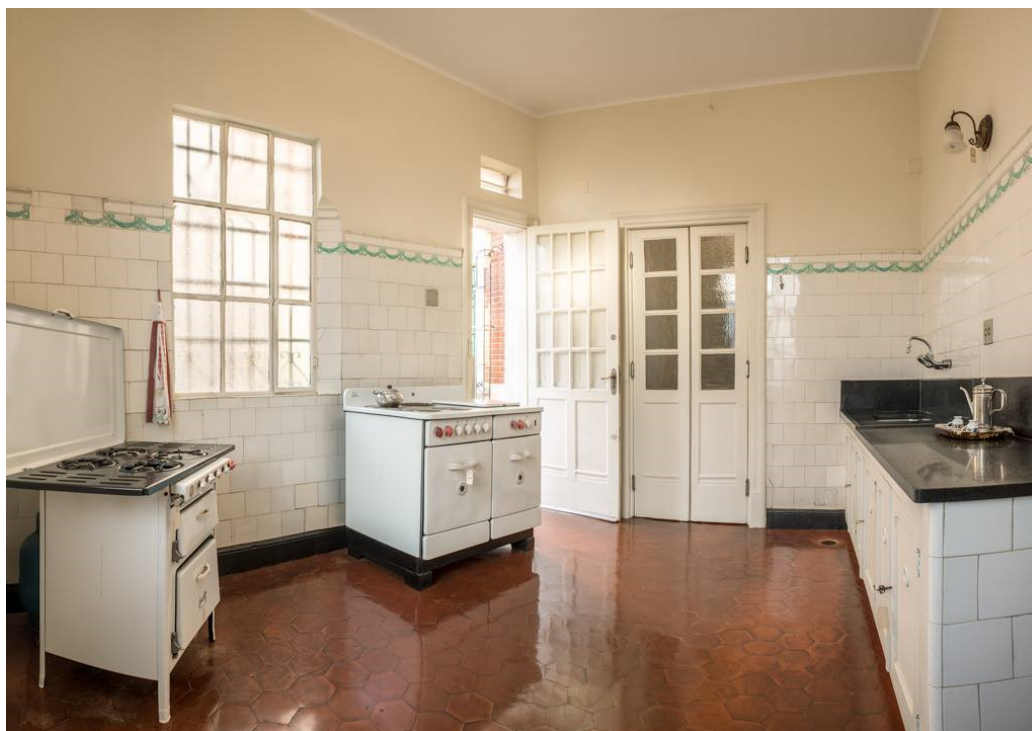


Figura 26: Cozinha. Fonte: Fotografia de Otavio Leite, 2015, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.





Figura 27: Sala de jantar. Fonte: Fotografia de Otavio Leite, 2015, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 28: Sala de visita. Fonte: Fotografia de Otavio Leite, 2015, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



Figura 29: Quarto do casal. Fonte: Fotografia de Beto Batista, 2013, acervo do Instituto Casa da Memória Italiana.



## Anexo 16: Partes dos materiais informativos (fôlderes) da Casa da Memória Italiana

### ACERVO

O GRANDE DIFERENCIAL DA CASA DA MEMÓRIA ITALIANA É A CONSERVAÇÃO DA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA, DAS PINTURAS DECORATIVAS E DOS CONJUNTOS DE MOBILIÁRIO ORIGINAL DA SUA CONSTRUÇÃO, NA DÉCADA DE 1920. A PRESERVAÇÃO DESSE PATRIMÔNIO FOI POSSÍVEL PELA CONSTANTE MANUTENÇÃO E CUIDADO QUE OS SEUS MORADORES TIVERAM AO UTILIZAREM COMO SUA RESIDÊNCIA ATÉ O ANO DE 2012.

O ACERVO DA CASA CONTA TAMBÉM COM UMA COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS DA FAMÍLIA BIAGI, OBJETOS DE USO PESSOAL E UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS.



### MOBILIÁRIO

O MOBILIÁRIO QUE SE ENCONTRA NA CASA É ORGANIZADO EM TRÊS GRANDES GRUPOS, DIFERENCIANDO PELO ESTILO, ARTESÃO E A ÉPOCA QUE FORAM ADQUIRIDOS. O MAIOR CONJUNTO FOI PRODUZIDO PELO FÁBRICA DE MÓVEIS MIGUEL NARDELLA - SÃO PAULO. O MOBILIÁRIO DA SALA DE JANTAR E QUARTOS FORMAM ESSE CONJUNTO DECORATIVO E FUNCIONAL COM DETALHES DA MARCHETARIA E ORNAMENTOS EM METAL.

O SEGUNDO CONJUNTO DE MOBILIÁRIO LOCALIZADO NA SALA DE VISITA É O DESTAQUE NA CASA PELO REFINAMENTO QUE TEM COMO REFERENCIA A REALEZA FRANCESA. A INFLUÊNCIA DE ESTILO PREDOMINANTE NA SALA É DO ESTILO LUÍS XIV, COMO MOTIVOS ORNAMENTAIS DE CONCHAS, FOLHAS DE ACANTO E TODO O ESPLENDOR E EXUBERÂNCIA DO DOURADO REAL. ESSE CONJUNTO FOI PRODUZIDO PELOS IRMÃOS GINO E RENATO GHILARDI, MESTRE DA OFICINA DE TAPEÇARIA DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DE SÃO PAULO. O TERCEIRO CONJUNTO NÃO SEGUE UM PADRÃO DE ESTILO, AS PEÇAS FORAM REUNIDAS POR SEREM PRODUZIDOS PELA FÁBRICA DE MÓVEIS DELLOIAGONO & CIA, OFICINAS DE RIBEIRÃO PRETO E TAMBÉM SEREM ADQUIRIDO PELA FAMÍLIA BIAGI.



## PROJETO PROAC –ICMS 2015-2016: MEMÓRIA ITALIANA

TRATA-SE DE UM PROJETO COM QUATRO VERTENTES:

- 1 DESENVOLVIMENTO DO PLANO DIRETOR PARA OCUPAÇÃO DA CASA SEDE DO RECÉM FUNDADO INSTITUTO CASA DA MEMÓRIA ITALIANA QUE ABRIGARÁ UM MUSEU COM CARACTERÍSTICAS DE MUSEU CASA;
- 2 REALIZAÇÃO DE PESQUISA E O REGISTRO DA MEMÓRIA ORAL DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO, COM EDIÇÃO FINAL EM FORMATO DE VIDEODOCUMENTÁRIO;
- 3 DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA DE OCUPAÇÃO FÍSICA DA CASA;
- 4 DIFUSÃO DA PESQUISA E DOS VIDEODOCUMENTÁRIOS POR MEIO DO SISTEMA ON-LINE, EM UMA PÁGINA NA INTERNET, ESPECIALMENTE CRIADA PARA DAR VISIBILIDADE AO TRABALHO DO INSTITUTO CASA DA MEMÓRIA ITALIANA E GARANTIR A VISITA VIRTUAL AO PRÉDIO HISTÓRICO, SEDE DA ENTIDADE.

## PROJETO MUSEU CASA + COMUNIDADE

O PROJETO MUSEU CASA + COMUNIDADE BUSCA ESTABELECEER UM DIÁLOGO COM A POPULAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO, ATRAVÉS DE AÇÕES QUE POSSIBILITEM SOCIALIZAR AS INFORMAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA ITALIANA. O PROJETO FOI IDEALIZADO PARA ACONTECER EM PARCERIAS COM GRUPOS ACADÊMICOS E SOCIAIS. AS AÇÕES IDEALIZADAS SÃO WORKSHOPS, EXPOSIÇÕES, BATE-PAPO, CONCURSOS CULTURAIS, CURSOS DE ITALIANO, ALÉM DE OUTRAS INICIATIVAS QUE POSSAM FOMENTAR A ARTE E CULTURA, COLABORANDO ASSIM PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE LOCAL. ATRAVÉS DAS PARCERIAS, APOIADORES E PATROCINADORES BUSCAREMOS OFERECER GRATUITAMENTE AS ATIVIDADES À POPULAÇÃO, SENDO ELAS:

- VISITA MEDIADA
- WORKSHOP DE GASTRONOMIA ITALIANA
- MÚSICA NO MUSEU CASA
- ARTE CONTEMPORÂNEA NO MUSEU CASA
- BATE-PAPO NO MUSEU CASA
- CURSO DE ITALIANO
- AÇÕES EXTRAMUROS



## Anexo 17: Seja um amigo da Casa da Memória Italiana

*Seja um*  
**AMIGO** da

**CASA DA MEMÓRIA ITALIANA**



Você e sua empresa podem se associar Casa da Memória Italiana tornando-se um mantenedor da instituição através do Programa Amigos da Casa Memória Italiana.

O Programa de sócios mantenedores é direcionado para pessoas e instituições que se identifiquem com a vocação social da instituição, participando com a doação de recursos e tendo como contrapartida sua imagem presente em toda divulgação institucional da Casa.

Consiste em uma doação mensal, semestral ou anual, cujas cotas de participação definem benefícios para o associado.

COTAS DE PARTICIPAÇÃO	MENSAL	SEMESTRAL	ANUAL
<b>Diamante</b>	a partir de R\$ 6.000	a partir de R\$ 35.000	a partir de R\$ 70.000
<b>Esmeralda</b>	de R\$ 3.000 a R\$ 5.000	de R\$ 18.000 a R\$ 25.000	de R\$ 36.000 a R\$ 50.000
<b>Rubi</b>	R\$ 1.500	R\$ 9.000	R\$ 18.000
<b>Safira</b>	R\$ 1.000	R\$ 6.000	R\$ 12.000
<b>Bronze</b>	a partir de R\$ 10	a partir de R\$ 60	a partir de R\$ 120

Qualquer pessoa, física ou jurídica, que se identifique com o Museu e queira contribuir, ainda que sem um vínculo ou compromisso formal, pode também fazer um depósito na conta do Instituto. Qualquer valor, será de grande ajuda para a manutenção da Casa da Memória Italiana!

## BENEFÍCIOS OFERECIDOS PELA CASA DA MEMÓRIA ITALIANA



Quadro de Honra do Museu para inserir os logotipos dos Sócios Mantenedores



Selo "Empresa Amiga da Casa da Memória Italiana" para utilização em materiais de divulgação da empresa

BENEFÍCIOS	DIAMANTE	ESMERALDA	RUBI	SAFIRA
Nome ou logo no Quadro de Honra	✓	✓	✓	-
Nome ou logo no site da Casa da Memória Italiana	✓	✓	-	-
Nome ou logo nos materiais impressos	✓	✓	-	-
Liberação de uso do selo "Amigo da Casa da Memória Italiana"	✓	✓	-	-
Divulgação da marca da empresa nos eventos de curta duração realizados pela Casa da Memória Italiana	✓	✓	-	-
Palestra da equipe de técnicos do museu, em local indicado pelo Associado, com posterior visita monitorada exclusiva ao museu	✓	✓	✓	✓
Medalha de honra de Amigo da Casa da Memória Italiana	✓	✓	✓	✓
Outros tipos de benefícios, definidos através de acordo com a direção da instituição	✓	✓	✓	✓

### Dados bancários do Instituto:

Instituto Casa da Memória Italiana  
 CNPJ 19.748.501/0001-89  
 Caixa Econômica Federal  
 Agência: 4710 | Conta corrente: 266-1



(16) 3625-0692  
 casadamemoriaitaliana@gmail.com  
 Rua Tibiriçá 776 - Centro  
 CEP: 14010-090 - Ribeirão Preto/SP

## Anexo 18: Formulário aplicado aos adultos

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Prezado Visitante,

Estamos realizando essa pesquisa para conhecer nossos visitantes e escutá-los, e assim melhorar a qualidade das exposições, serviços e atividades propostas, as informações coletadas são confidenciais.

Contamos com sua colaboração no preenchimento deste questionário. Desde já agradecemos sua participação!

### Dados Pessoais

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos. Gênero: ( ) Fem. ( ) Mas.

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Contato (Letra de forma): \_\_\_\_\_



( )

Escolaridade:

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Outros \_\_\_\_\_

Você é descendente de italianos? \_\_\_\_\_

Caso seja gostaria de dar uma entrevista?

- Sim
- Não





Deixe suas observações sobre a Casa da Memória Italiana:

É a primeira vez que você visita este Museu?

- Sim  
 Não. Quantas vezes você, sem contar hoje, visitou \_\_\_\_\_

(Nas perguntas a seguir, caso deseje, pode marcar mais de uma opção)

• Qual(is) o(s) principal(is) motivo(s) desta visita?

- Conhecer o Museu  
 Pesquisar/Estudar algum tema, qual? \_\_\_\_\_  
 Trazer familiares/ amigos  
 Acompanhar familiares/ amigos  
 Entrada gratuita  
 Outro motivo, qual? \_\_\_\_\_

• O que você mais gostou e/ou considerou interessante na Casa?

- Pinturas na parede  
 Utensílios domésticos  
 Outros, quais? \_\_\_\_\_  
 Arquitetura  
 Mobiliário  
 Lustres  
 Bordados

Observações: \_\_\_\_\_

• O que gostaria de saber sobre a cultura/história italiana?

- Arte  
 Imigração  
 Idioma  
 Outros, quais? \_\_\_\_\_  
 Arquitetura  
 História da Itália  
 Circo  
 História de Família  
 Literatura / Música  
 Culinária e Gastronomia

Observações: \_\_\_\_\_

• Quais atividades você gostaria de participar no Museu Casa da Memória Italiana?

- Palestras /Encontros  
 Workshop de culinária  
 Apresentações musicais  
 Outros, quais? \_\_\_\_\_  
 Seminários  
 Oficinas de Arte  
 Curso de Idioma  
 Apresentação teatral  
 Exibição de filmes  
 Exposições de Arte

• Quais os conteúdos e exposições você gostaria de encontrar?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

• Sugestões:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

• Qual a sua satisfação com a visita?



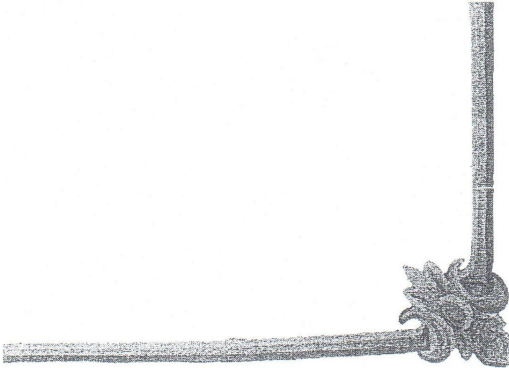

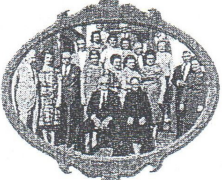
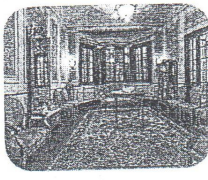

- Nenhuma  
 Pouca  
 Normal  
 Muita  
   

• Você gostaria de receber informações do Museu Casa da Memória Italiana?

- Sim  
 Não

Desenvolvido por Alice Registro, Natalia Elias e Raquel Jacob

## Anexo 19: Formulário (folha de atividades) aplicado às crianças

		<b>CASA DA MEMÓRIA ITALIANA</b>	<b>Folha de atividades</b> Rua Tibiriçá, 776 – Ribeirão Preto-SP (16) 3625-0692 casadamemoriaitaliana@gmail.com
Nome:			Idade:
Escola:			Dia da visita:
Onde encontramos essa imagem?	Escolha um objeto e desenhe ele.		
			
Complete o desenho.	O que é esse objeto?		
			
Assinale SIM ou NÃO nos itens abaixo que chamaram sua atenção durante a visita.			
História das Famílias	Espaços da Casa	Móveis e objetos	Outro? Qual?
			
<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	

## Anexo 20: Pannel apresentado por Alice Registro Fonseca, em 2016, na 24ª Conferência Geral do ICOM

CECA Committee for Education and Cultural Action



24th GENERAL CONFERENCE - 3-9 JULY 2016 - ITALY  
**ICOM MILANO**

### HOUSE OF ITALIAN MEMORY

Ribeirão Preto, São Paulo – BRAZIL | casadamemoriaitaliana@gmail.com | www.facebook.com/casadamemoriaitaliana/

## THE CREATION OF THE HOUSE MUSEUM OF ITALIAN MEMORY AND THE VISITORS

Alice Registro Fonseca (aliceregistro@gmail.com)

### Brief description

The House of Italian Memory (Figure 1) was created in December, 2013 and it is maintained by an Institute of the same name. Installed in a residential building of 1925 in Ribeirão Preto city, São Paulo, Brazil it has the purpose of preserving the building, its decoration and original items. The institution also has the objective of conducting research and dissemination of the history and memory related to Italian immigration in Brazil. Since 2014 the technical team have been performed museological activities such as inventory, research and conservation of the collection. Furthermore, since May 2015, also started guided visits and educational activities. The proposal is to admit the audience aiming to promote interaction between visitors and the institution.



Figure 1 – The House of Italian Memory

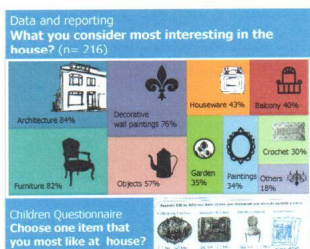


Figure 2a – Graphic illustration showing the highlights collection by the audience point of view in percentage.  
 Figure 2b – The drawing of a 8 year old child.

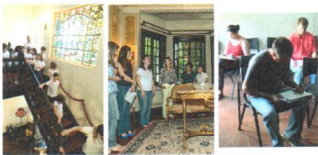


Figure 3, 4, 5 – Photos of a guided visit performed at House of Italian Memory with children, adults and the visitor's reports about the experience by the questionnaire.

### References

- BOYLAN, Patrick J. *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. Paris: ICOM, 2003 (portuguese version).
- DESVALLEES, André; et al. *Conceitos-chave de Museologia*. ICOM, 2013 (portuguese version).
- HOUSEN, Abigail. *Three Methods for Understanding Museum Audiences*. 1987. Access in: <www.vishome.org/system/.../3MethodsforMuseumAudiences.pdf>
- JENKINS, Sarah; DALY, Angela. *ICE Museums – Audience Research – Final Report*. Jenneys Associates, 2013. Access in: <https://www.ucl.ac.uk/museums/our-work/strategy-policy/museums-audience-research>

### Target audience

Visitors from the House of Italian Memory are represented by approximately 50% of local residents between 25-65 years old; 30% of university students and 20% of children. All visitors have the opportunity of reporting their opinions through a questionnaire developed by the technical team. The questionnaire consists in questions about the collection highlights and interest in participating in future events (Figure 2a). In addition, there is a space for comments. It was necessary to develop a specific questionnaire for children focused on their aesthetic experience. In the children's questionnaire there are spaces for drawing instead of written comments (Figure 2b).

### Educational goals

- To provide space for the visitors to express their point of view about the visit itself, the house and its collection;
- To identify the regular audience and develop new strategies to reach other audiences;
- To provide information for planning future exhibitions and cultural activities at the museum;
- To know if the house museum is serving its audience well;
- To promote visitor engagement.

### Actions

Since its foundation the House of Italian Memory develops projects with partnership and support of several commercial and cultural institutions such as:

- Exhibition "Dreaming and Doing: 100 years of Maurilio Biagi", partnership with Sugar Cane Museum, Pontal-SP.
- Christmas Recital, partnership with *Coro Memorie D'Italia*;
- Participations in workshops and guided visits during the *Brazilian Museums Week* in 2015 and 2016.

### Strategies and tools

The questionnaire was answered by the audience at the end of each tour (Figure 3, 4, 5). The technical team developed this questionnaire with pre-defined questions, to get "quantifiable" answers in terms of frequencies in percentages.

The technical team developed a simple data management platform with *excel*™ tool to analyse all the items in the visitor's questionnaires.

### Outcomes

The Figure 2a and Figure 2b demonstrate part of the quantitative and qualitative analysis of the questionnaire.

The Figure 2a is a graphic illustration that shows the quantitative results related to the question "What you consider most interesting in the house?". The visitors were allowed to answer more than one item. For this reason, the analyse of the graphic represents individual percentage for each item.

The Figure 2b shows a 8 year old child report for the question "Choose one item that you most like at house". He drew a frame as an extra item that he had most like.

### Evaluation

Audience voice – open ended question

"WHAT IS YOUR EXPECTATION FOR THE MUSEUM HOUSE ITALIAN MEMORY?"

- "I would like to see the cars used by the family at the time they lived here."
- "I suggest that could happen parties like they used to.";
- "In the next visit, I would like to find an exhibition about the clothes and fashion accessories used by this family." (*Local residents between 25-65 years old*)
- "Seminars on Italian immigration, art, cinema, music. Activities that correlate the historical development of Ribeirão Preto city and the immigration process." (*University student*)

ICOM MILANO 2016 | ICOM CECA CONFERENCE | MILANO, 2-9 JULY 2016  
 MUSEUMS AND CULTURAL LANDSCAPES - CECA ACTIVITIES BEYOND THE MUSEUM WALLS  
<http://network.icom.museum/ceca/>